

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



PARA ALÉM DA DICOTOMIA CUIDAR / EDUCAR
Sentidos e significados da intervenção no contexto de creche

Isabel Maria Tomázio Correia

APÊNDICES

**Orientadores: Professor Doutor Rui Fernando Saraiva de Matos Canário
Professora Doutora Teresa Maria Sena de Vasconcelos**

**Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Educação,
Especialidade Formação de Adultos**

2018

Volume II - APÊNDICES

Índice

Apêndice 1 - Instrumento de recolha de informação dos dados biográficos das educadoras de infância.....	5
Apêndice 2 - Instrumento de recolha de informação dos dados para a caracterização dos estabelecimentos educativos.....	9
Apêndice 3 - Carta de solicitação de autorização da realização da investigação	15
Apêndice 4 – Exemplo de registo da observação de uma reunião de pais e conversas informais.....	17
Apêndice 5 – Exemplo de registo da observação de um dia tipo e conversas informais	21
Apêndice 6 - Guião das entrevistas individuais	31
Apêndice 7 - Protocolos das entrevistas individuais	35
<i>Entrevista individual - Educadora Sara</i>	36
<i>Entrevista individual - Educadora Tina</i>	45
<i>Entrevista individual - Educadora Alice</i>	54
<i>Entrevista individual - Educadora Carla</i>	75
<i>Entrevista individual - Educadora Patrícia</i>	95
<i>Entrevista individual - Educadora Maria</i>	105
Apêndice 8 – Exemplo de registo das conversas de explicitação das reuniões de pais	121
Apêndice 9 - Protocolo da entrevista coletiva (<i>focus group</i>)	131
Apêndice 10 - Exemplo das grelhas de análise de conteúdo da informação recolhida	151

Apêndice 1 - Instrumento de recolha de informação dos dados biográficos das educadoras de infância

Educadoras de Infância¹

Estabelecimento

Sala

Nome (fictício)

Idade

Habilitações Académicas/Profissionais

Habilitações

Outras qualificações relevantes para a função educativa

Outra formação/habilitações certificadas

Tempo de serviço

Anos de serviço

Anos de serviço neste estabelecimento

Tempo de trabalho com crianças entre 0/1 –3 anos

Outra experiência relevante com crianças

Funções que desempenha neste estabelecimento educativo

¹ Adaptado de Bertram, P.; Pascal, C., & Oliveira-Formosinho (Cord. Adaptação Portuguesa), *Manual DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parceria*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.

Horários

Horas diárias de trabalho direto com as crianças

Horas de componente não letiva

Sim

Não

Como são utilizadas

Outras informações

Data de recolha da informação ___ / ___ / ___

**Apêndice 2 - Instrumento de recolha de informação dos dados para a
caracterização dos estabelecimentos educativos**

Caracterização do estabelecimento Educativo²

Identificação (fictício)

Concelho

Distrito

1. ESTABELECIMENTO

Tipo de Estabelecimento

Áreas de Atendimento

Creche Jardim de Infância ATL Outras

Tipo de Instalações

Construção de raiz Edifício adaptado Outro

Únicos Locatários

Sim Não porque _____

Condições do Estabelecimento

² Adaptado de Bertram, P.; Pascal, C., & Oliveira-Formosinho (Cord. Adaptação Portuguesa), *Manual DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parceria*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.

Estado de Conservação

Do Equipamento

Do Material Didático

Horários

Hora de Abertura

Hora de Encerramento

Hora de Almoço

Serviços prestados por:

Componente letiva

Período da manhã

Período da tarde

Outros

Componente não letiva

Período da manhã

Período da tarde

Outros

Duração de apoio à família

Período da manhã

Período da tarde

Outros

Atividades extracurriculares

2. CRIANÇAS

Número de crianças que frequentam o estabelecimento (total)

Creche

Jardim de Infância

ATL

Outra

Capacidade máxima de cada sala

Creche

Jardim de Infância

ATL

Outra

Organização dos grupos de crianças

Creche

Outra

3. PESSOAL

Funcionários	Creche (por sala)	Jardim de Infância (por sala)
Educadoras de Infância		
Pessoal Auxiliar		

Profissionais de apoio

Outros

Outras informações

Data de recolha da informação ___ / ___ / ___

Apêndice 3 - Carta de solicitação de autorização da realização da investigação



Sentidos e Significados da Intervenção no Contexto de Creche

Doutoramento em Educação

Isabel Correia

Exm^{o/a} Senhor(a)

Presidente da Direção

Lisboa, ____ / ____ / ____

Assunto: Autorização para recolha de informação para desenvolvimento de Tese de
Doutoramento.

Isabel Maria Tomázio Correia, doutoranda em educação, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, vem por este meio, solicitar autorização para recolher informação junto das educadoras de infância a exercer a sua atividade nas salas de valência de creche, para a elaboração da tese de doutoramento. O estudo visa descrever o modo como as Educadoras de Infância exercem a sua profissão no contexto de creche e, por conseguinte, perceber a sua identidade profissional. A recolha de dados será centrada na recolha de informação de caracterização dos estabelecimentos educativos e das práticas pedagógicas das educadoras de infância e recorreremos a observações e entrevistas.

Será garantido o anonimato do estabelecimento educativo e de todos os profissionais.

Agradeço, desde já, toda a atenção que venha a dispensar ao referido assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Isabel Correia

Apêndice 4 – Exemplo de registo da observação de uma reunião de pais e conversas informais

Observação - Reunião de Pais

Data: 26 de outubro de 2013

Local: Centro para a Infância I

Educadora de Infância: Sara

Elementos Presentes: educadora Sara, 2 auxiliares, 5 pais e 8 mães.

Fatores contextuais específicos a salientar: A sala foi organizada com as cadeiras colocadas em círculo.

Assunto da reunião – *Intencionalidades Pedagógicas - Partilhar com as famílias o que pretendemos fazer e articular com as expectativas que referiram quando inscreveram os filhos (Conversa informal).*

Conversa informal:

Preparamos tudo em conjunto, eu, as auxiliares e a estagiária também participou. Tive a ideia, partilhei com todas e depois, com a ajuda de todas, fizemos tudo isto. Olha, tenho pessoas a trabalhar aqui, que, embora sem formação, são muito válidas e têm-me ajudado a pensar e claro, para além de todas as colegas porque temos uma boa equipa na instituição. Tudo tem que estar bem organizado, é aqui que tudo começa, é aqui que nos damos a conhecer como profissionais. Eu, passados todos estes anos que já tenho continuo a entusiasmar-me e as atividades foram planeadas com cuidado, toda a equipa esteve envolvida

Estas coisas dão sempre muito trabalho, mas é muito importante fazê-las sentir que são esperadas, bem-vindas e importantes. Pela experiência de todos estes anos de trabalho acaba por ser muito compensador vermos as pessoas felizes, sentirmos que gostaram...

Vou por os pais a brincar é através do brincar que podemos tratar de assuntos muito sérios, onde todos teremos oportunidade de refletir sobre os nossos bebés e o que vamos fazer a partir de agora, todos juntos, sempre trocando, partilhando o que foi feito, o que vamos fazer... para que todos se desenvolvam de forma saudável

Enquanto se aguardava pela chegada das famílias, Sara colocou música e à medida que os pais foram chegando dizia que era a música que os meninos já ouviram milhentas vezes e que adoram ouvir. Os pais sorriram e alguns referiram que já conheciam, que em casa, os seus filhos cantarolavam a melodia. Também passou pequeninos filmes com coreografias feitas pelas crianças. Proporcionou momentos muito descontraídos, com muito boa disposição.

Foi dado o mote para se iniciarem relações de conhecimento e de confiança entre todos, sendo que o grande objetivo que esteve subjacente foi conseguir verdadeiras relações de participação e integração ao longo do tempo. Após reunidas as condições para proceder às apresentações de todos, solicitou que cada pai/mãe identificasse o seu filho(a) e falasse um pouco sobre ele(a) e também sobre as expectativas que têm em relação ao contexto. Duas mães ao falarem sobre os seus filhos emocionaram-se bastante, acabando por chorar. Sara agradeceu os testemunhos e propôs a realização de uma atividade – vamos transformar a sala numa cozinha, vamos todos ser cozinheiros. Novamente as famílias se mostraram participativas e muito bem-dispostas. Sara distribuiu aventais e chapéus de cozinheiro a todos os presentes. Solicitou que todos se colocassem de pé, para estenderem

a mão direita e esconder a esquerda. Colocou um bolinho na mão direita de cada participante e desafiou os pais para comerem o bolinho sem mexerem o braço. Foi um momento muito intenso, divertido, descontraído e “recheado” de gargalhadas.

Perante a dificuldade, acabaram por comer os bolinhos dos vizinhos. Posteriormente, propôs um momento de reflexão, de forma a levar os presentes a perceber o objetivo do jogo. Referiu que pretendia demonstrar que os objetivos são mais fáceis de alcançar quando se pensa em conjunto, quando se partilha as dificuldades e se tenta ultrapassá-las em conjunto, em parceria. Para reforçar esta ideia através da leitura de um pequeno texto “A fome de conhecimento um do outro” e todos conversaram sobre a mensagem do texto, que estava em consonância com o jogo que tinham realizado. Sara transpôs a mensagem para o contexto de creche e refletiram sobre a importância da participação das famílias, e sobre as formas possíveis de efetivarem essa participação.

Propôs a realização de outro jogo, desta vez a pares, que consistiu na montagem de puzzles de duas peças grandes em cartolina, que continham frases – umas peças tinham intencionalidades educativas, outras expectativas e desejos das famílias manifestadas aquando da inscrição, através do preenchimento de um documento. O objetivo foi o cruzamento entre aquilo que a equipa educativa pretende atingir e aquilo que as famílias esperam para os seus filhos. Após o término do jogo, os puzzles foram expostos na parede e conversaram sobre as intencionalidades educativas para o grupo de crianças e sobre a rotina diária. Visualizaram alguns filmes para dar a conhecer a rotina e as atividades que têm desenvolvido.

No final a educadora e as auxiliares conversaram individualmente com os pais. Alguns dirigiram-se aos trabalhos e fotografias expostas e a educadora Sara foi explicando o que fizeram, como fizeram...

Estavam todos muito bem dispostos.

Sara agradeceu a participação de todos, de forma calorosa, simpática. Os pais referiram que gostaram muito de ver os filmes e especialmente de realizar o jogo e de lhes darem oportunidade para participarem no planeamento de tudo quanto os seus filhos vão realizar na creche.

Penso que correu bem, parece-me que gostaram. Tivemos muita participação e assim acabam por perceber o que vamos fazer e como é que fazemos. Fazer estas reuniões é muito importante, acabam também por ver o espaço e tudo o que temos exposto. Estas paredes... os filmes... é através de tudo isso... Serve para nos fazermos representar, crianças e adultos... está cá tudo nestas paredes, nestes expositores, nos filmes, nas fotografias... está cá o que fizemos, como fizemos, o que valorizamos, o que aprendemos, o que pretendemos que os outros aprendam e que valorizem... Sei que podia melhorar uma das coisas que podia contribuir eram os registos, faço poucos registos, reconheço que é uma falha, sei que se tivesse esse hábito me facilitaria o trabalho, dava-me um maior conhecimento sobre cada criança. Sei que facilitava mesmo porque todos os dias há coisas novas a acontecer e claro que se não registo, sei lá, é sempre tanta coisa... já consegue chegar ao brinquedo, já dá o brinquedo quando se pede, dá beijinhos, faz adeus, já não entorna tanto a comida quando leva a colher à boca, já consegue dar alguns passinhos agarrado à cadeira...temos mesmo que observar e depois registar, pois só assim é que conseguimos planear de acordo com o desenvolvimento e depois avaliar para intervir melhor. Isto não é nada, nada fácil!

Mas... bem... mas foi bom... Temos mesmo que fazer este investimento, mas claro que tem que ser sempre com jogos, temos que ser criativas para que se sintam bem... (Conversa informal).

Apêndice 5 – Exemplo de registo da observação de um dia tipo e conversas informais

Observação – Dia Tipo

Data: 6 de dezembro de 2013

Local: Centro para a Infância I

Educadora de Infância: Tina

Quando chegamos, no início da manhã, estavam presentes na sala de atividades a educadora Tina, uma auxiliar e cinco crianças. A auxiliar estava com três crianças, duas exploravam um puzzle e uma modelava plasticina. A educadora Tina estava a acompanhar a exploração de legos com duas crianças, numa outra mesa.

Imediatamente fomos convidada por uma criança para explorar plasticina, sentamo-nos na mesa e acabamos por integrar o grupo.

Acolhimento

Chegou um pai com outra criança, rapidamente a educadora Tina dirigiu-se à porta para acolher a criança. Esta estava a chorar, não queria sair do colo do pai. Após várias tentativas para conseguir que ela passasse para o seu colo, a criança acabou por ceder e o pai saiu de forma apressada. Tina foi conversando com a criança, num tom de voz muito baixo, de uma forma afetuosa, sorrindo, fazendo umas festinhas na cabeça. A criança continua a chorar e Tina diz: *Pois é, estás triste, eu sei... mas sabes, o Pai foi embora porque teve que ir trabalhar. Mas é todos os dias assim, não é? Já estavas esquecida?* Tina está com o seu olhar fixo na criança e à medida que vai conversando com ela, vai acariciando o seu rosto e limpando as lágrimas que teimam em não parar. Ainda com ela ao colo, sentou-se junto das outras crianças que estavam a explorar peças de legos e procurou integrá-la, focando a sua atenção no jogo, dizendo: *Olha C. já viste a construção da J? Olha que bonita que está. Queres experimentar?* Pegou em algumas peças e colocou-as à frente da C. para que ela iniciasse a construção.

A educadora Tina acolhe outra criança: - *Olá B, bom dia! Dormiu bem? Está bem-disposto? Anda cá...* e a mãe, sem passar a cancela, à porta, passa o B para os braços da auxiliar, que imediatamente o conforta, pois o B começa a choramingar e, ouve-se, a voz da educadora Tina que, embora estando com outra criança, está atenta: *Não chora, então... então... está tudo bem com o B?* e a mãe responde: - *Ele não dormiu muito bem...tossiu muito, mas não tem febre...* Tina, com um olhar meigo, desloca-se até à criança e faz-lhe um carinho, passa a sua mão pela cabeça e diz à mãe: - *Mãe, fica tudo bem, já sabe... vamos estar atentas, vai correr tudo bem, vá lá descansada, bom trabalho! Até logo!* De forma rotineira a auxiliar entrega à mãe a folha das entradas e saídas, a mãe assina e despede-se do seu bebé e dos adultos, já mais tranquila.

Chegaram mais crianças, a educadora Tina e a auxiliar fizeram o acolhimento, sempre atenciosas e carinhosas, questionando os pais sobre como as crianças estão, se passaram bem a noite, comeram....

As crianças à medida que vão chegando, umas dirigem-se para as mesas, outras sentam-se no chão e dão início à exploração de materiais, individualmente ou em pequeno grupo.

Gestão de conflito

Tina dirige-se para junto de J e L, que estão sentados no chão a chorar. Estavam a brincar com carros. Tina sentou-se no chão e perguntou aos dois: *Então o que aconteceu? Querem contar?* Aguardou que as crianças reagissem, mas ambas continuaram a chorar. Tina diz: *Parece-me que os dois estão muito tristes. Onde dói J?* J apontou para o nariz. *Aí, muito bem, mas como se chama essa parte do teu corpo?* J diz que é o nariz. *E será que também dói o nariz ao L? Dói-te o nariz?* L responde abanando somente a cabeça. Tina diz: *Mas ainda não percebi o que se está a passar. Sei que estão os dois muito tristes, mas porquê?* J tenta explicar que o L lhe bateu com o carro no seu nariz. Tina pergunta ao L: *onde devem circular os carros? Será que é nos narizes das pessoas? Ora deixa cá ver se ele consegue circular no meu nariz. Pois, parece-me que é difícil. Então onde circulam os carros? Vamos perguntar aos nossos amigos?* Pergunta em voz alta: *Quem sabe onde circulam os carros?* Respondem: *na rua, estrada...* Tina diz: *bem me parecia que não era no nariz. É isso mesmo, os carros circulam na estrada. Parece-me que ninguém se vai esquecer disso, não é L?* Nesta altura já não choram. J e L estão ambos a brincar, cada um com um carro na mão e a fazerem de conta que estão a circular na estrada, imitando os sons dos carros em andamento.

Exploração de materiais/objetos/dinamização de atividades

Tina dirigiu-se a um grupo de crianças que estava sentado e perguntou: *querem apanhar bolinhas de sabão?* Rodearam a educadora Tina e aos pulinhos várias crianças começaram a responder: *Sim, sim, sim!...* A educadora dirigiu-se para o armário e foi buscar um copo que já tinha preparado para fazer as bolinhas de sabão. Foi uma aventura, um bom momento onde se divertiram bastante. Posteriormente, distribuíram-se por vários espaços, alguns foram modelar plasticina e, de repente, ouve-se a Tina a dizer em voz alta: *O M chegou, o M dos 3 anos chegou!* A mãe pôs o M no chão, e dirigiu-se à Tina e perguntou: *sabe do babete de plástico, será que ficou cá na sala?* Tina responde que não. A mãe, muito apressada diz: *então estou no ir, já está mais que na minha hora.* M estava agarrado a uma fralda, encostado à Tina. Esta pediu-lhe para ele ir buscar uma cadeira, ele trouxe a cadeira e posicionou-a ao lado da Tina, sentou-se e ficou muito juntinho, bem encostadinho a Tina, sempre agarrado à sua fralda. Tina diz: *és um grande mimocas! Essa fraldinha dá muito jeito, não é? Sabe bem, hum.... Deixa cheirar a tua fraldinha... hum... cheira tão bem.* Tina perguntou: *Queres brincar com a plasticina?*

A educadora Tina estava sentada entre a L e a M, apoiando as duas na modelagem da plasticina e perguntou à L: *fizeste o quê?* L respondeu que era uma árvore. Tina disse: *olha a L fez uma árvore e eu vou lá por uma maçã, bem lá em cima, no alto, no raminho mais alto da árvore? Estão a ver qual é?* M diz que está a fazer um caracol. Tina pergunta: *queres ajuda para fazer o teu caracol? Vamos pensar como são os caracóis? Têm cabeça? Olhinhos? Boca? O que têm na cabeça?* Foi colocando questões para o grande grupo, foram respondendo, criando-se um espaço de aprendizagem sobre os caracóis, o que comiam, como andavam... Acabaram por fazer uma família de caracóis, o pai, a mãe, os filhos e exploraram alguns conceitos: maior, menor, mais velho, mais novo, mais rápido, mais lento...

Uma criança foi buscar um livro e dirigiu-se à auxiliar e passou o livro para a sua mão, pedindo-lhe para que conte a história. Rapidamente várias crianças se dirigiram para junto da auxiliar, sentaram-se e começaram a imitar a voz de animais, de acordo com as imagens do livro.

Chega outra criança, a educadora levanta-se e abre os braços para a receber, passa do colo da mãe para o colo da educadora Tina. O E fica satisfeito, aninha-se no colo, coloca os braços em redor do pescoço da educadora e esta diz: *Olha eu também quero mimos, dá-me um miminho?* A mãe assina o livro. Tina pergunta se está tudo bem, a mãe refere que sim, diz que está com pressa e sai. O E choraminga, chama pela mãe, a mãe volta para trás e dá um abraço ao filho. O E ficou calmo e Tina levou-o para junto do grupo de crianças, sentou-se com ele ao colo e foi conversando com ele, de forma muito carinhoso, dando beijinhos.

O grupo de crianças vão rodando de mesa e de materiais e a auxiliar acaba por ir atrás arrumando o que vai ficando por arrumar.

Um grupinho de crianças acabou por se instalar na mesa onde estávamos sentada e exploraram um puzzle de encaixe. A C foi ter com a educadora com uma peça na mão e diz: *É o Nemo?* E a educadora responde: *Não, não é o Nemo, é um cavalo marinho.* C volta para junto dos colegas, encaixa a peça e a educadora, encorajando-a, diz: *Muito bem, muito bem, conseguiste.* C sorriu e com o puzzle na mão, correu para o armário, e arrumou o jogo.

Uma criança veio ter connosco com um jogo na mão e pediu-me para construir o puzzle com ele. Encaixamos todas as peças rapidamente e no final batemos palmas.

A auxiliar dirigiu-se para a bancada das mudas de fraldas e chamou o T: *Tens xixi T? Vem cá, para vermos essa fraldinha.* O T dirigiu-se à auxiliar, ela colocou-o na bancada e, conversando com ele, fez a mudança de fralda.

Outra criança veio ter connosco e com o jogo na mão diz: *Já está!* Tinha acabado de colocar a última peça do puzzle, estava terminado.

Chegou outra criança a D, ficou à porta, ao colo da mãe, agarradinha ao pescoço. A auxiliar foi ter com elas, a criança passou para o colo da auxiliar, estava bem disposta, colocou-a no chão e a correr foi ter com Tina e deu-lhe um beijinho e segredou-lhe alguma coisa ao ouvido, ela deu uma grande gargalhada e deslocou-se, aos saltinhos, para se juntar a um grupinho de crianças.

A educadora Tina levantou-se e dirigiu-se a um grupo de crianças que estava sentado e perguntou: *o que querem fazer? Ouvir uma história?* Rapidamente outras crianças se juntaram à sua volta, saltitando, vão dizendo: *Sim, sim, sim!...* Estiveram atentos e muito participativos.

Conversa informal:

A minha preocupação é diversificar a exploração dos materiais e realizar atividades curtinhas, ir colocando desafios... Para mim é muito importante que eles tenham conhecimento de tudo o que temos na sala e como se brinca com esses materiais...

Tina solicitou que arrumassem os brinquedos. De forma autónoma e muito ágil, deram início à arrumação dos brinquedos que estavam a explorar e dirigiram-se para as almofadas.

A auxiliar continuou com um grupinho de três crianças, uma ainda a modelar plasticina, e as outras duas a desenhar. Perguntou a uma criança: *o que estás a desenhar?* A criança espondeu: *Um cavalo.* A auxiliar disse: *muito bem. Está muito bem feito. Olha e fizeste as patas todas? Quantas patas têm os cavalos?* Imediatamente começaram todos a responder: *duas, três, quatro.* A auxiliar disse: *Pois é, ninguém acertou, os cavalos têm 4 patas.*

A porta abre-se e aparece uma senhora que deu os bons dias. Era a tia da L que trabalha na sala ao lado, dirigiu-se à Laura, conversou um pouco com ela, num tom de voz muito baixo, levantou a L, ficou um pouco com ela ao colo e depois passou-a para o colo da educadora e saiu. A L ficou a choramingar, a educadora conversou com ela de forma afetiva, muito baixinho e ela ficou tranquila.

A porta torna-se a abrir e desta vez as crianças levantaram-se e correram para a S, a outra auxiliar. A S ficou rodeada de crianças e todas quiseram dar beijinhos.

A educadora Tina começou a cantar uma canção do Capuchinho Vermelho e a fazer alguns sons e todas as crianças pararam o que estavam a fazer e juntaram-se à educadora a cantar e a imitar os gestos. A educadora pergunta; *para que serve a boca grande do lobo?* Todos responderam: *para comer, para comer.* A conversa continua; *comer quem?* Responderam: *A avó, a avó.* A maioria das crianças vão-se aproximando, as auxiliares ajudam a encaminhar as crianças para o tapete, após a arrumação dos materiais. Uma das crianças ficou na mesa a modelar a plasticina, Tina perguntou: *- Vais ficar aí? Queres vir para aqui para o tapete ouvir a história?* A criança abanou a cabeça. Tina disse: *- Muito bem, depois se quiseres vens, mas antes arrumas a plasticina, está bem?* A educadora Tina contou a história, numa grande interação, de forma a proporcionar a participação de todas as crianças, sentadas no tapete. As auxiliares também participaram, foi um pequeno momento em grande grupo.

Conversa informal:

Normalmente, no período da manhã, procuro criar um momento de grande grupo como este. Estes momentos são sempre curtinhos. Depois também nos organizamos em momentos em pequenos grupos e também individuais. Nestes momentos de grande grupo, contamos histórias, conversamos sobre o que está a acontecer aqui na sala ou sobre materiais/objetos que eles trazem... É aqui que procuro reforçar que devemos ouvir os outros, respeitar a vez de cada um, portanto saber esperar...E depois também combinamos as nossas coisinhas... os nosso projetos...

A educadora Tina verificou que uma das crianças estava deitada nas almofadas, foi ao seu encontro e perguntou: *- Então o que é que tens? Hum, parece-me que estás com muito soninho, não é verdade? Pois... a mãe tinha dito que ela não tinha dormido muito bem. Queres dormir um bocadinho? Parece-me que será melhor fazer um soninho antes de almoço. Ficas aqui nas almofadinhas?* Tina organizou o espaço para que a Maria ficasse confortável e dirigiu-se às outras crianças informando que a Maria estava a dormir, que teriam que a respeitar, e para isso era necessário fazer menos barulho.

Conversa informal:

Isto é um dos problemas, por vezes têm necessidade de dormir um pouquinho e não temos muitas condições para isso. Considero que temos que respeitar o ritmo de cada criança,

temos que estar atentas às suas necessidades, aos seus sinais... Temos sempre muitas crianças que precisam de dormir um pouquinho antes do almoço... Procuo uma solução, mesmo que não seja a ideal. Com o almoço é a mesma coisa... se alguma criança demonstra que necessita de repousar ou de comer antes ou depois, temos em atenção e vamos ao encontro dessa necessidade. Ajustamos da melhor maneira possível, estamos aqui para eles, não é? Devemos ajustar tudo em função de cada criança e eles são tão diferentes, temos que perceber o ritmo de cada um... claro que temos também que ajustar toda a organização e funcionamento, portanto... ter em conta os recursos, principalmente os humanos. E aí é tudo muito difícil, essa é uma parte complicada de gerir... quando alguma colega falta, aí já tudo tem que ser de forma diferente, menos recursos faz com que estejamos mais pressionadas e acabamos por estar menos disponíveis para as crianças. Procuo que tudo decorra da melhor forma, não é fácil, principalmente quando sabemos que a organização de todo o ambiente é uma marca da prática pedagógica, a forma como organizamos a rotina, como organizamos o espaço e os materiais, tudo isso reflete a pessoa do educador, aquilo em que acredita... como vê as crianças... elas também são pessoas que fazem e sabem fazer muita coisa. Ali na sala ao lado, com os bebês, consegue-se respeitar os ritmos, quer do soninho, quer da alimentação, aqui... tenta-se, tenta-se fazer o melhor possível.

Arrumar e higiene

A educadora diz para todos, tentando fazê-lo num tom baixo, para não incomodar a criança que está a dormir: *bem... está na hora de arrumar, temos que ir fazer xixi, mudar a fraldinha...* Começa a cantar uma canção para todos arrumarem os materiais, novamente num tom baixo, sensibilizando para não fazerem muito barulho. E todos, de forma bastante autónoma agarram em tudo o que vêm fora do sítio e começam a colocar nas caixas, nas prateleiras...

O M continuou a modelar a plasticina e a educadora diz: *Estavas todo entretido não é? Temos que ir ver se tens xixi e depois vamos brincar um pouquinho lá para fora.*

De repente uma criança vem a correr e esconde-se atrás de nós e a auxiliar S pergunta: *- J o que fizeste à M?* M está a chorar. O J continuou escondido. A auxiliar disse: *- Seu maroto, fizeste alguma e agora vens esconder-te. Ora vamos lé perceber o que se está a passar*

A educadora Tina levou algumas crianças para a casa de banho para fazerem xixi na sanita.

A auxiliar pediu que a restantes se sentassem no chão. Perguntou qual a canção que queriam cantar e responderam que queriam a do gato. Uma vez todos sentados, a auxiliar dirigiu-se para a bancada de muda de fraldas e a educadora foi chamando as crianças que já fazem xixi na sanita e a auxiliar foi chamando as que ainda usam fralda. A auxiliar foi cantando várias canções.

As crianças que fizeram xixi na sanita foram lavar as mãos

Conversa informal:

A maioria já não usa fralda. Temos um momento do dia, que é antes da sesta, em que vão todos à sanita, mesmo os que ainda usam fralda, é para iniciarem o desfralde, é para

imitarem os amigos. Tentamos passar para as famílias, para haver continuidade... nem sempre conseguimos, mas é importante...

A educadora foi buscar os casacos das crianças e começaram todos a saltitar junto à porta. Ela disse: - *Atenção, atenção... não é preciso ficarem aqui todos juntos à porta, eu chamo, vá sentem-se no chão numa roda para ser mais fácil, está bem?*

Foi retirando os casacos dos cabides, chamando e apoiando as crianças a vestir os casacos.

A outra auxiliar entra na sala com pratos e talheres na mão, poisa-os em cima do armário e começa a organizar a outra parte da sala para a sesta distribuindo as caminhas.

Conversa informal:

Enquanto estamos lá fora, a sala vai ser organizada com os catres e tudo o que respeita ao almoço, pois quando entrarmos, vamos lavar as mãozinhas e almoçar. Fazemos tudo aqui neste espaço, não é o ideal, mas... Esta sala tem uma organização muito boa, pois temos este espaço aqui e aquele... dá para diferenciar. Por isso é que é sempre mais fácil quando eles necessitam de ter alguns momentos para descansarem um pouquinho, aquele espaço dá para isso, ficam mais tranquilos.

A auxiliar S apoia a educadora a vestir os casacos às crianças

A auxiliar R continua na sala a organizar as chuchas das crianças

Exploração do espaço exterior

Conversa informal:

Sempre que é possível, vimos para o espaço exterior, utilizamos muito o espaço exterior, claro, sempre que o tempo o permite. É tão bom para eles, correm muito, saltam, sobem..., exploram materiais diferentes. Está a ver, assim que se fala em ir lá para fora, a carita de felicidade... E hoje em dia os pais não têm tempo, as nossas crianças passam a semana sem irem à rua, sem irem ao parque. Temos que lhes proporcionar estes momentos. Quando o tempo não permite para irmos cá para fora, vamos para o ginásio, vamos correr, fazer jogos... preocupo-me com o desenvolvimento motor das crianças

Uma vez no exterior, as crianças distribuíram-se pelos equipamentos e a educadora Tina e a auxiliar foram apoiando cada criança, conversando, chamando a atenção... Aproveitam também estes momentos para conversar sobre as dinâmicas da sala, sobre as crianças...

Conversa informal:

Aproveitamos também estes momentos para conversarmos sobre as crianças, com quem interagem o que mais gostam de fazer, quais as dificuldades, o que projetamos fazer. É muito importante partilharmos a nossa prática, ajuda-nos a crescer, a melhorar o nosso trabalho. Penso que todas nós pensamos da mesma forma, mas depois é difícil por em prática, criar esses momentos para estar e fazer em conjunto, por isso aproveitamos todos os bocadinhos.

Almoço, higiene, repouso

O almoço decorreu de forma muito tranquila. Distribuíram as crianças pelas mesas e os três adultos foram apoiando. Disponibilizamo-nos para apoiar e as crianças mostraram-se recetivas à nossa ajuda.

A preocupação em respeitar o ritmo de cada criança é uma constante, não se registaram pressões. A maioria iniciou a refeição de forma autónoma, posteriormente os adultos foram apoiando, dando uma ajuda aqui e ali...

Conversa informal:

Preocupo-me muito em fazer com que eles façam aprendizagens neste momento, conversando sobre os alimentos, como devem sentar-se e comer, como utilizar, de forma correta, a colher... a ideia é mesmo fazer da refeição uma atividade educativa, não é comer e despachar, é criar um momento de prazer... Claro que tenho que fazer eu... se eu o fizer, arrasto a equipa, sensibilizo as auxiliares e é isso que eu quero, que percebam que temos que respeitar as crianças. Estamos no bom caminho...

As crianças terminaram a refeição, e as auxiliares disponibilizaram-se para apoiar na higiene (mudança de faldas, xixi na sanita...), lavaram as mãos e dirigiram-se para a sua caminha para fazerem a sesta. A educadora Tina continuou a apoiar o almoço das restantes crianças.

As caminhas estão feitas com os lençóis e cobertores de cada criança e estas levam consigo para a cama os objetos de transição.

Veio outra auxiliar para apoiar na limpeza e retirar a loiça do almoço.

Correram as cortinas para a sala ficar com menos luminosidade e a educadora Tina pôs música muito tranquila, e sentou-se perto das crianças. Foi conversando muito baixinho com elas. O seu lugar foi ocupado por uma das auxiliares e a educadora Tina veio ter connosco.

Conversa informal:

E pronto, este período está terminado. Correu bem! Normalmente aproveitamos estes momentos enquanto vigiamos a sesta, para partilhar informação sobre a prática pedagógica. À medida que as crianças vão acordando, fazem xixi, mudança de fralda e passam para o outro lado da sala. Não pressionamos para acordarem, estamos por aqui e, de forma tranquila, eles vão acordando e como nos vêm, não há choros, levantam-se, vêm com os sapatinhos... O que é mesmo importante para mim é que em todos os momentos temos que atender à individualidade de cada criança, colocarmo-nos muitas vezes no seu lugar e depois temos que ser afetuosas, tem que haver carinho atenção, respeito...

Fomos almoçar...

Quando chegamos a maioria das crianças já estava a brincar, explorando os diferentes materiais.

Refeição – lanche

Uma das auxiliares foi buscar o lanche.

A educadora Tina revela uma grande preocupação com a autonomia das crianças. Sensibiliza as auxiliares para desempenharem somente um papel de apoio e para deixarem as crianças comer sozinhas. Esta sensibilização é feita com chamadas de atenção, mas fá-lo de uma forma carinhosa e também está presente a preocupação em passar conhecimento.

Conversa informal:

Tento sempre, em todos os momentos, que quem está comigo perceba o que está a fazer e porque é que se deve fazer assim e não de outra forma. Gosto que as pessoas aprendam, que saibam porque é que se faz deste e desta forma... Se todas estivermos por dentro de tudo, acaba por ser mais fácil, não é?

No final do lanche as crianças tiveram oportunidade de escolher o que queriam fazer. Os adultos, inclusive, uma estagiária, distribuíram-se para poderem apoiar todas as crianças.

Entrega das crianças

Começaram a chegar alguns pais para buscar os seus filhos. A educadora Tina conversou com eles de forma atenciosa, com a preocupação de dar a conhecer o que cada criança fez, se esteve bem, se comeu, dormiu, com quem brincou, o que gostou mais de fazer. Convidou a mãe da M para ver alguns trabalhos e registos.

Conversa informal:

Sabe Isabel, tenho sempre a preocupação de dar a conhecer aos pais o que se faz aqui, vou chamando a atenção, por vezes mando um textinho para casa ou ponho ali no placard e quando percebo que alguma mãe ou pai não tem vindo à creche, pois muitas vezes são os avós que trazem e levam as crianças, tento sempre dar um pouquinho mais de atenção, como foi o caso desta última mãe. Penso que é através destes momentos que temos a oportunidade de valorizar tudo quanto fazemos aqui na creche. As crianças contam pouco, não é? Não é como no jardim de infância... E também para nos valorizarmos a nós mesmas, já que, todas nós sabemos que para muitos pais, os meninos fazem pouca coisa na creche, ainda são muito pequeninos... Tento que eles percebam que os seus filhos são muito importantes, que participam em tudo o que se faz aqui e que eles são capazes.

Tudo corre bem quando temos os recursos humanos necessários, mas quando alguma colega falta, aí já tudo tem que ser de forma diferente, menos recursos faz com que estejamos mais pressionadas e acabamos por estar menos disponíveis para as crianças. Temos que ir ajustado... mas com menos pessoas é tudo muito mais difícil e... o grande problema é que quando falta alguma auxiliar, nem sempre é substituída.

Apêndice 6 - Guião das entrevistas individuais

Guião das entrevista individuais³

Ao construirmos o presente guião das entrevistas, colocamo-nos num quadro flexível defendido por Quivy e Campenhoudt (1995, pág. 194)

Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas – guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, ‘deixará andar’ o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier.

Ludke e André (1986) explicitam esta postura a partir da seguinte definição: *a entrevista semiestruturada, [é aquela] que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações* (pág. 34).

Tema: Identidades profissionais das educadoras de infância a intervir em contexto de creche

Objeto de estudo: Educadoras de infância a intervirem em contexto de creche

Objetivos gerais:

Conhecer as características organizacionais dos contextos de creche onde as educadoras exercem a sua atividade profissional;

Percecionar a influência dos contextos na atividade e identidade profissional das educadoras;

Perceber que finalidades as educadoras de infância atribuem ao contexto de creche como espaço de desenvolvimento das crianças;

Compreender qual a imagem que as educadoras de infância têm de si e da sua atividade profissional;

Percecionar os aspetos pessoais e profissionais que estão subjacentes à intervenção das educadoras de infância em creche;

Aceder aos significados que as educadoras atribuem às suas vivências, sentires, pensares e saberes sobre o seu desempenho profissional;

Desocultar os percursos formativos das educadoras de infância para o exercício profissional em creche.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas
A Legitimação da entrevista e motivação	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar as entrevistadas sobre os objetivos do estudo e da entrevista; - Motivar as entrevistadas para a entrevista realçando a importância da sua colaboração; - Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas (nomes e locais fictícios);

³ Adaptado de Estrela, A. (1986), *Teoria de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: INIC

		<ul style="list-style-type: none"> - Informar o a educadora que o texto depois de transcrito ser-lhe-á fornecido para verificar a sua precisão, acrescentar mais informações e/ou retificar o que considerar pertinente. No final do estudo, ser-lhe-á fornecida toda a informação recolhida, bem como a sua análise; - Solicitar autorização para gravar a entrevista em áudio e permissão para citar na íntegra ou pequenos excertos dos dados recolhidos, garantindo o anonimato e assegurando que os dados apenas vão ser utilizados nesta investigação.
<p style="text-align: center;">B</p> <p>Caracterização pessoal e profissional</p>	<p>Obter dados relativos ao percurso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar que se pronuncie sobre a sua opção de ser educadora em contexto de creche: <ul style="list-style-type: none"> - O que é que determinou essa opção? - Houve momentos em que pensou abandonar o contexto de creche? - Solicitar que descreva o seu percurso profissional; - Solicitar que descreva a sua formação académica; - Aquilo que é hoje como educadora e faz aproxima-se daquilo que pensava vir a ser e fazer enquanto educadora? - Quais as fases e momentos que considera mais significativas no seu desenvolvimento profissional? E porquê?
<p style="text-align: center;">C</p> <p>Representação de si própria enquanto profissional a desempenhar funções no contexto de creche</p>	<p>Recolher elementos sobre as concepções de educadora, acerca da sua profissão e do papel da educadora em contexto de creche</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir que dê a sua opinião pessoal acerca da profissão de educadora de infância em contexto de creche; Aspectos positivos, negativos; imagem social... - Como se vê enquanto educadora de creche? O que significa para si ser educadora de creche? - Como caracteriza (define) a sua profissão? Funções, características; <ul style="list-style-type: none"> - Competências pessoais e profissionais; - Como a diferencia de outras profissões; - Como a diferencia no desempenho de funções nos outros contextos de educação de infância; - Conhecimentos importantes para o seu exercício. - Como aprendeu/aprende esse conhecimento? - Quais as competências pessoais e profissionais que devem qualificar a sua profissão? - O que lhe é mais agradável, o que lhe agrada menos e o que lhe é mais difícil no desempenho das suas funções? Porquê?
	<p>- Perceber que representações tem do contexto</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar que se pronuncie sobre a influência do contexto de trabalho na pessoa, enquanto profissional:

<p>D</p> <p>Modos e estratégias utilizados pela educadora de infância na sua intervenção profissional.</p>	<p>de trabalho face às suas transformações pessoais e profissionais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a sua intervenção profissional - Conhecer a interpretação que a educadora faz sobre a sua ação, no que diz respeito às modalidades de produção dos saberes e às fontes de informação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar que se pronuncie sobre o modo de organização do trabalho: <ul style="list-style-type: none"> - Como organiza o trabalho com as crianças? A partir de quê? - Que objetivos e finalidades orientam a ação? - O que é privilegiado na relação com as crianças? Que espaços são privilegiados? - Existe um currículo explícito? - Que avaliação fazem? - Que dificuldades experimentam? Recursos mobilizados p/ as superar. - No seu trabalho que é mais significativo para si? E o mais difícil? - Apropriação de saberes e saberes-fazer (solicitar que se pronuncie sobre a relação entre formação e práticas): <ul style="list-style-type: none"> - O que é que teve que aprender para desempenhar funções no contexto de creche? - Onde é que foi buscar essa informação? - Que necessidades de apoio/formação sente como prioritárias? - Partilham experiências e saberes? Como?
<p>E</p> <p>Estabelecimento educativo: organização, gestão e desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recolher elementos sobre a forma de organização e gestão da creche; - Obter dados relativos ao papel/função da educadora na organização e gestão. - Compreender e analisar a influência da organização na intervenção profissional - Observações finais 	<p>Solicitar que descreva a dinamização e funcionamento da equipa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como é organizado e coordenado o trabalho? - Quais os órgãos de gestão? - Como se relaciona com a equipa? - Como se organiza o trabalho de equipa? <p>Solicitar que descreva os objetivos e finalidades da creche</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação entre os objetivos e finalidades da creche e a intervenção profissional; - Qual é a sua filosofia educativa? (princípio/objetivo que dá mais importância na sua intervenção) Onde a fundamenta? <ul style="list-style-type: none"> - Qual a participação da educadora na gestão e organização da creche? - Tem espaço de partilha das suas ideias? (Formas de cooperação e trabalho - gestão/educadora) - Famílias e meio <p>Problemas e dificuldades</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quer acrescentar alguma coisa?

Apêndice 7 - Protocolos das entrevistas individuais

Entrevista individual - Educadora Sara

Data: 10 de dezembro de 2012

Local: Centro para a Infância I

Duração: 40 min.

Sara já tivemos oportunidade de conversar quando recolhi informação para a realização do estudo exploratório e a Sara tinha feito algumas referências de como se tornou educadora. Gostaria de retomar esse assunto e perceber como tudo aconteceu.

Eu fui Educadora por, pronto foi efetivamente o curso que eu escolhi ser, sendo que toda a minha vocação enquanto criança, enquanto adolescente, todo aquele processo de (aquilo que queremos ser quando formos grandes), e eu estava com uma aptidão natural para coisas relacionadas com as Artes Manuais, uma das coisas que eu gostava de ser em criança era cabeleireira e eu recorde-me que na altura, engraçado as coisas que nós à posterior pensamos e eu recorde-me daquelas redações que nós fazíamos antigamente a dizer "o que é que eu quero ser quando for grande?" e efetivamente o "ser cabeleireira" fascinava-me um bocadinho, porque a minha mãe sempre foi uma pessoa que sempre gostou de se "arranjar", ia à cabeleireira e eu ia com ela. Lembro-me que ficava fascinada ao ver as mãos dos profissionais a trabalhar, lembro-me duma senhora que penteava os cabelos com as mãos e aquilo... até por brincadeira, fui para um salão de cabeleireira duma amiga nossa e ela ofereceu-me a primeira tesoura com que cortou... sendo que, isto na adolescência, aliás na primária ainda quando fiz essa redação e eu lembro-me que a minha professora quando eu faço a redação e que digo que quero ser cabeleireira, a expressão da professora quando leu, tal e qual e estas coisas ficaram e tanto que ficaram que eu hoje recorde na perfeição, "que horror, cabeleireira, mexer na cabeça das outras pessoas!" eu senti-me na altura como criança, tão... que aquela profissão era tão diminuída, achei que jamais poderia voltar a verbalizar que queria ser cabeleireira. A profissão de Educadora de Infância na altura, tomar conta dos meninos, era tudo muito bonito. Eu gostava muito de crianças, de dar aulas e de brincar com as crianças e então começo a crescer e a dizer "Vou ser Educadora de Infância". Pronto e assim foi.

Fez o curso...

Fiz o bacharel no Jean Piaget em Almada e depois, posteriormente fui fazer o Complemento de Formação já na ESE.

Com especialização...

Em primeira Infância.

Está com quantos anos de serviço?

20 anos.

Como é que se tornou Educadora de Creche?

Eu tornei-me Educadora de Creche através dum convite feito pela G que pertencia a esta Instituição e na altura estive a trabalhar oito anos noutra IPSS que pertencia à Caritas, relacionadas a um lado problemático e com umas características muito diferentes daquelas onde nós estamos inseridas hoje, sendo que isto já foi uma zona problemática, mas na altura trabalhei oito anos e quando iniciaram este Projeto a L fazendo parte da

direção e estando a C que trabalhou comigo noutra instituição, perguntaram-me se eu estaria interessada em participar com eles neste Projeto e eu na altura arrisquei, sendo que eu não vinha propriamente para trabalhar na creche, eu vim com o sentido de vir coordenar o Serviço de Amas, porque já tinha tido essa experiência também, embora temporária. Como foi um serviço que não avançou, eu fiquei com a coordenação da creche, sendo que a experiência na creche para mim era puramente maternal, era única e exclusivamente com a experiência que tinha com os meus filhos. Tinha trabalhado sempre praticamente em jardim de infância, tinha alguma experiência de sala de creche, entre aspas, porque na outra instituição onde trabalhei, nós tínhamos uma sala, que era nomeada sala de creche, sendo que só tinha duas crianças com dois anos, o resto do grupo era de três anos e pronto, a primeira experiência que eu tive propriamente de creche, o primeiro berçário foi quando vim para aqui em 99.

Desde que está a intervir no contexto de creche ainda não saiu, não fez intervenção em jardim de infância?

Não, não saí.

Porquê?

Não saí, porque... bem... nós aqui não funcionamos com sistema rotativo, porque uma das questões que se prende neste momento com a rotatividade, tem a ver com a legislação; depois temos educadoras que em jardim de infância têm uma progressão na carreira, em creche também, mas até um determinado nível, ou seja, neste momento, por exemplo, a minha subida para jardim de infância iria implicar também custos financeiros à instituição. Eu também nunca solicitei subir para jardim de infância. Nós pegamos num grupo da primeira sala e levamo-lo até à sala dos dois/três anos e as crianças depois sobem normalmente para o jardim de infância e são distribuídas.

A tabela salarial não é a mesma? Tinha possibilidade de ganhar mais se fosse para o jardim de infância?

Sim, sim, tinha, mas... é verdade, eu nunca solicitei ir para o jardim de infância, podia ter solicitado já há uns dois anos atrás e houve inclusive alturas em que eu sabia que havia pessoas que gostariam de terem trocado para experimentar a creche. Só que na altura quando vim, eu entrei em 99 e em 2001 ou 2002 já não tenho bem a certeza que iniciei o Complemento de Formação, ou seja, aquilo que eu senti foi que tinha começado a experimentar uma coisa nova, em que toda essa experiência, toda a possibilidade de fazer algum estudo... de intervenção e que me estava a dar um gozo tremendo em estar nessa situação e pronto e a partir daí, acho que... eu costumo dizer que me apaixonei pela creche, todos os dias há uma coisa nova! E pronto, continuo a gostar da creche, continuo a chegar aos dois/três e digo "é este ano que eu vou experimentar ir para melhor...", dou comigo a pensar ter outra experiência, que acho que nós precisamos às vezes de mudar; mas às vezes já faço uma provocação, "deixa lá ver se eu pedir para mudar, o que é que acontece?"

Diferencia a educadora de creche da educadora de jardim de infância?

A noção que eu tenho dessa questão é que... eu sou daquelas pessoas que considera que "ser Educadora, é ser Educadora", portanto uma educadora, é sempre uma educadora, seja em que contexto for, portanto é ser Educadora em todas as faixas etárias. Costumo dizer às vezes quando até partilho com as minhas colegas essas situações, das mudanças e das subidas, aquilo que eu costumo dizer é que forçosamente se eu sair dum contexto de creche e mudar para um jardim de infância, eu vou deliciar-me, eu vou continuar a ser

Educadora, mas vou ter que estudar mais um bocadinho e vou ter que me dedicar a perceber como é que funciona essas crianças com essas idades. Portanto, vou ter que ter essa formação inicial; mas uma coisa é ter essa formação inicial, outra coisa é estar implicada na ação e saber um bocadinho mais, porque entretanto as coisas também evoluem. Mas aquilo que eu acho que diferencia e talvez também... pronto, por aquilo que se observa, por exemplo quando vejo salas do Jardim de Infância, há uma coisa que acontece muito que é esta questão física, o facto de estar em contato físico, podermos trabalhar com a criança, o seu desenvolvimento, mas de uma forma mais de contato, não quero dizer mais próxima porque não sei se é, mas no fundo é sabermos que estamos ali com mais intimidade, talvez. No jardim de infância as próprias necessidades das crianças são outras e acabam por verbalizar as necessidades. Bem... na creche é... esta relação em que nós entendemos e cedemos e conhecemos através da relação. É sobretudo a relação que eu acho que... bem esta relação com as crianças, mas também com os pais também, porque nós sentimos e no fundo pelas conversas que temos com outras colegas que às vezes falamos, existe uma proximidade com os pais das crianças em idade de creche, porque eles vêm mais. Há o momento da entrega numa forma mais "cuidada", não sei se a palavra será essa. Mas por exemplo, um pai que me chega à creche quer saber do seu filho, se comeu bem, dormiu, o que é que ele fez hoje, se fez traquinices; hoje de manhã estava a falar com um pai que me dizia assim: "Ah, eu já sei que a Matilde anda a fazer aí muitas traquinices!" e eu tive a explicar ao pai, até esta questão de muitas vezes de passarmos a nossa opinião enquanto profissionais, que são processos de crescimento absolutamente naturais e que não há que dramatizar as coisas por aí. Portanto, os pais em jardim de infância descansam mais porque a criança também já sabe contar o que é que fez; em creche isso não...

Sente que o trabalho desenvolvido pela educadora a exercer em creche é valorizado? Sente-se valorizada?

Bem... eu acho que isso tem a ver um bocadinho com aquela questão do espaço de creche como um espaço de cuidado, portanto eles são ainda muito pequeninos e há aquela necessidade do cuidado, ver se ele ficou "bem cuidado", quando olhamos para o jardim de infância é "o que é que ele fez hoje? Já sabe as letras?...já sabe as cores?" Pronto há esta questão e ali como se aproxima mais talvez da escolarização, o educador em pré-escolar acaba por ser ali um bocadinho... tem uma maneira diferente de agir do educador em creche, este acaba por ser o cuidador, não é o educador, é o cuidador! Há uma bocadinho esta... apesar desta proximidade; daí que em muitos momentos que tenho oportunidade enquanto profissional de estar nesta aproximação com os pais, tento passar muito esta ideia que na creche não é só o cuidar, há coisas que acontecem e que fazem parte e que são importantes para o desenvolvimento da criança... é importante que compreendam que muito do que é feito não se vê.

E quais são esses momentos, quando é que faz isso?

Estes momentos informais, como acabei de dizer há pouco, as saídas, reuniões que faço. Às vezes acontece uma situação qualquer e tenho uns textinhos que posso mandar para casa. Com este grupo mais até que do ano passado, qual o papel da educadora de infância no contexto de creche, são coisas teóricas, mas que depois faço um textinho sem qualquer formalidade "...Olhe está aqui um..." e às vezes tenho feedback. Nos textinhos nem tanto, o feedback que eu tenho é quando às vezes conversamos.

Questões informais no placard...

sim, sim. Pomos questões de informação geral, como coloco também às vezes os próprios textos... porque às vezes não são só os pais, às vezes passa ali uma avó que está à espera que o bebé coma por exemplo, não entra na sala para não interromper e enquanto está ali pode ler. Tenho as intencionalidades educativas que definimos no início do ano, também estão no placard o ano inteiro e depois as atividades que muitas vezes vamos fazendo... as fotografias... porque eu acho que a imagem no contexto de creche conta muito, os pais têm essa necessidade de visualizar os acontecimentos. Nós podemos falar, mas acabam depois por ver comportamentos da criança em casa, o espelho daquilo às vezes do que acontece em creche. Mas uma coisa é saber que o bebé meteu a mão na digitinta, chegou a casa com os dedinhos sujos de... mas outra coisa é passar uma imagem de que efetivamente aquilo aconteceu, têm a possibilidade de ver que as coisas acontecerem; essencialmente é isso.

Sente-se crescer neste contexto?

Sinto, sinto Isabel. Sinto e a razão porque me sinto crescer quer pessoalmente, quer profissionalmente... bem... eu às vezes tenho necessidade, tenho alturas em que sinto que estou a parar e daí às vezes sentir a necessidade de conhecer outros contextos, de perceber outras formas de trabalhar e às vezes do ponto de vista profissional conto muito com a participação de alunas da ESE que estão a estagiar na creche e que me vão trazendo novidades e vão olhando o meu trabalho, vão olhando o trabalho de equipa, vão olhando a sala e que vão dando contributos, vão fazendo críticas e neste sentido sinto-me a crescer... Mas há alturas que queria mais!

E enquanto equipa, vocês trabalham em equipa?

O projeto é construído em equipa porque nós vamos trabalhando informalmente, porque efetivamente não temos o hábito de nos juntarmos todas e construirmos todas. Não, não existe, existe talvez aquilo que eu costumo dizer que estou muito feliz de estar no meu local de trabalho, estou muito feliz de estar nesta instituição, porque sempre tive oportunidade de expor a minha maneira de ser, portanto não estou aqui oprimida, porque não me posso mexer para um lado ou para o outro. As condicionantes que eu tenho, será do ponto de vista económico, é quando queremos fazer uma coisa e não há; mas nesse aspeto eu estou muito feliz. Nós temos um problema que efetivamente há muitos anos ainda não conseguimos alcançar, que é nivelar o nosso trabalho enquanto equipa. Nós temos um bom trabalho de equipa do ponto de vista relacional, a equipa contribui para um ambiente relacional muito próximo. Temos uma equipa jovem na creche, em que o educador é um elemento de referência em que passa todos os seus conhecimentos, e não há aqui aquela questão em que o educador diz para fazer, ou "faz-se deste modo" e vai uma auxiliar... que contraria, acontece em muitos sítios e contraria a opinião do Educador... não, não temos isso aqui, de todo. Sinto muita confiança na equipa, quando não estou sei que tudo vai correr bem Temos muitas informações das conquistas das crianças, do desenvolvimento, do espaço, portanto existe nesta equipa uma relação muito saudável neste aspeto. Falta-nos a formalidade das questões, isso falta. Devíamos lançar-nos sobre determinadas temáticas, falta-nos essa parte, devíamos... é assim, temos vontade e no início do ano vem tudo cheio de "garra", mas depois passa. Acaba por ser difícil disponibilizarmo-nos para aquele dia e aquela hora.

E atribui isso a quê?

Eu não sei se é fisicamente, eu não sei se direi fisicamente, aquilo que sinto e falo da minha experiência pessoal, porque tem a ver com questões da vida familiar, nós deixarmos os problemas à porta e isso é uma verdade subjetiva porque nós não nos

conseguimos dividir. Nós tentamos que os nossos problemas não interfiram negativamente no nosso trabalho, mas eu não consigo! Se alguém consegue, eu não consigo. Por isso é que eu estou sempre a dizer que trabalhar na creche não é fácil, a exigência é muita e depois como não consigo esquecer-me que tenho três filhos e que estão com problemas... mas depois aqui tenho que estar toda, por inteiro... não é fácil. E aquilo que eu digo muitas vezes é um grupo de creche exige-nos tanto, tanto... não é só do ponto de vista físico é também psicológico. Aquela questão de tentarmos perceber o que se passa, o que têm, o que os incomoda... Temos que estar constantemente a pensar, porque eles não falam não é? Temos que perceber através do olhar, do choro... exige muito do adulto, muita atenção, muita presença, muita disponibilidade... E depois os cuidados, tem que se estar muito atenta... o próprio barulho, os choros angustiantes, trudo isso acaba por ser... não digo que seja tanto físico, mas um cansaço psicológico E depois chegar a casa, eu às vezes digo assim "ah, eu hoje não... não gritem, não falem alto!".

Aspetos mais positivos e aspetos menos positivos no exercício da intervenção no contexto de creche?

Os aspetos mais positivos têm a ver precisamente com esta oportunidade que nós temos de nos relacionarmos desta forma com outros seres humanos. Esta forma de proximidade que é única. Nós podemos viver uma vida inteira a recordar situações vividas com estas crianças e que não nos conseguimos esquecer. Lá está, da mesma forma que não nos conseguimos dividir da nossa vida familiar, como já tinha referido, quando chegamos a casa, levamos estas emoções para casa. Um dos aspetos que eu acho mais negativo, tem a ver precisamente com esta desvalorização que nós temos enquanto profissionais de educação no contexto de creche que não é tão só, socialmente não é valorizado, é nós no fundo sabermos quanto é importante estes primeiros anos, a importância no seu desenvolvimento e... pronto não ser reconhecida. Está provado! E não se fazer nada por... pronto eu às vezes... sou sincera há uma dualidade nesta questão de subir para jardim de infância, porque "é um querer e não querer" e às vezes custa-me perceber que há profissionais que não querem experimentar creche, dizem que não têm perfil! E eu às vezes gostava de lhes dizer... gostava que às vezes sentissem um bocadinho daquilo que é efetivamente ser educadora em creche, daquilo que é estar numa sala de creche! É uma coisa única, não tenho palavras para descrever.

E o que é isso do "perfil"?

É assim, eu acho que esta questão do perfil é muito discutível, porque o perfil... uma educadora tem que ter perfil independentemente do contexto. Tem perfil para educadora, ou não tem perfil para educadora! Aquilo que falava há pouco é que, ao fazer uma mudança para um contexto diferente, o educador tem que se envolver e tem que voltar a "aprender a ser" naquele contexto, porque tendo em conta as necessidades e as exigências e as características dum grupo de jardim de infância, o educador tem que se adaptar a essas exigências. No fundo é uma adaptação; eu acho quando as colegas dizem que "não têm perfil para..." é porque têm medo da mudança! Têm medo de experimentar uma coisa nova! E agora existe também o outro fator que é vir para a área menos valorizada.

O que considera mais difícil no seu desempenho?

O que é que é mais difícil... o mais difícil são os momentos em que nós não nos sentimos com a disponibilidade que eles exigem. É isso. Porque a exigência é maior na creche, temos que estar sempre, sempre disponíveis. É que quando eles são mais crescidos nós podemos dizer... olha vai ali, ou vai... é passarmos um bocadinho "a bola para o outro lado", como se costuma dizer. Aqui não há como passar a bola para outro lado e às vezes

é isso, é nós sentirmos que não estamos bem, que não estamos do ponto de vista físico ou psicológico, que não estamos disponíveis para as exigências que um grupo de creche exige. E depois há todas as situações pontuais de crianças que têm efetivamente uma necessidade muito próxima. Eu tive algumas situações do ponto de vista da relação que estabeleci com algumas crianças no meu grupo e que havia alturas em que eu já não conseguia e... contra todas as questões corretamente pedagógicas, posso assim falar e houve alturas que tive de sair e deixar uma criança a chorar. Porque a exigência, a necessidade que ela tinha da minha presença física era tal, que eu às tantas já estava esgotada, já não podia. Nesse sentido tenho de passar a criança para outra colega, porque tenho que me afastar porque já não se consegue e pronto são essas situações assim as mais complicadas.

Como é que organiza a intervenção com as crianças?

É assim, eu funciono muito... a minha maneira de ser enquanto educadora é, seguindo aqueles princípios de quando acolho uma criança em que procuro manifestar o maior afeto possível de forma a que a criança possa de alguma forma à medida que os dias vão passando e que vou correspondendo às necessidades dela, do ponto de vista das necessidades básicas, do ponto de vista do afeto e que ela vá ganhando confiança e partindo do pressuposto que fazendo-se este trabalho, eu e as minhas colegas, no momento da adaptação, no momento do acolhimento, logo de manhã, com a criança, durante o dia. É através da observação quando estou em relação com as crianças que me vou apercebendo de necessidades, de dificuldades que cada um deles vai tendo. E então nesta relação individual vamos explorando as coisas do dia a dia, com os objetos que temos nas salas, nos próprios cuidados básicos, vou-os desafiando para uma série de coisas, no domínio da linguagem, no domínio da motricidade, naquela fase da aquisição da marcha em que ainda não estão, mas já gostam e querem e nós estamos ali e vamos trabalhando. Vamos trabalhando as questões do desenvolvimento global, naturalmente, no dia a dia as coisas vão surgindo naturalmente. Depois existem situações que através desta observação guiada do que vai acontecendo a cada um e do grupo em geral, há necessidades de mudança. Há necessidades de lançar um novo desafio, por exemplo, nós temos uma sala pequenita, que passamos ali muitas horas. O exterior normalmente só utilizamos quando o tempo assim o permite. Temos também aqui o ginásio que também é um dos espaços que muitas vezes utilizamos, mas o nosso dia a dia é passado, são passadas muitas horas ali naquela sala. E o que é que acontece? A partir da observação que faço das crianças, da exploração que eles fazem, dos objetos por exemplo, noto uma saturação; já exploraram o que tinham a explorar, já não lhes diz nada. Então nessa altura, quando eu sei que isso está a acontecer, muitas vezes o que acontece é que vou remodelar a sala com eles, com todo o cuidado que isso exige, mas faço mudanças na sala, dos próprios móveis, dos próprios brinquedos, introduzo brinquedos novos. Faço esta mudança com eles, para que eles também não percam a noção de orientação dos espaços, onde é que eles estão, onde é que... e o facto é que eles vão descobrindo, com os mesmos brinquedos, outras formas de explorar o espaço. De maneira que é muito neste sentido que eu organizo o trabalho. Depois existe uma planificação de atividades que tem a ver com a calendarização, com coisas que tem a ver com o domínio institucional, portanto esta questão do Natal e aí eu estou também a ter este princípio que é, aquilo que acontece na sala, que a criança está a explorar, por exemplo, a canção que o grupo mais gosta de ouvir, agora seria um bocadinho complicado, é aquela famosa música do "gungle stile", e eu o que costumo fazer para estes encontros que têm a ver com uma calendarização institucional, eu aproveito aquilo que já aconteceu na sala, pronto, eu aproveito aquilo que eles gostam. "Então vamos levar isto para a festa; isto vamos fazer na festa". Gostam

de andar entronchados, então pronto, fazemos umas coisas assim. Aproveitando sempre estes pontos de interesse dos miúdos.

Apoia-se em algum modelo pedagógico?

Nós, os princípios que seguimos são os princípios do modelo High/Scope que tem a ver precisamente com esta interação que nós definimos como calorosa, positiva; portanto estes são os princípios que nós utilizamos... as rotinas, haver a sequência dos tempos, de momentos e esta relação, esta participação de... embora muitas vezes informal das famílias, das equipas, no desenvolvimento das crianças, portanto, nós baseamo-nos muito nos princípios da abordagem ao High/Scope, sendo que o modelo em si, o currículo em si, não é na sua totalidade seguido, portanto nós temos ainda também alguma dificuldade na questão de trabalharmos com a metodologia e com a sistematização de observar, registar, tendo em conta as experiências-chaves do modelo. Considero que tudo o que se passa, bem... tudo quanto uma educadora faz com as crianças, tudo o que realizam com as crianças é importante para o seu desenvolvimento, tudo é importante na vida destes bebés, tudo é importante para os conhecermos melhor, por isso tentamos fotografar e filmar os vários momentos de exploração dos diferentes materiais e também nos diferentes espaços: na sala, no ginásio, no exterior... Eu consigo, eu faço algumas anotações, mas pontuais, não é uma sistematização de observações. Eu hoje observo uma atividade que ele está a desenvolver e vou identificar ali o sentido de si próprio, se tomou a iniciativa da experiência que está a fazer, se comunica com o seu par. E faço algumas anotações dessas, mas não há a sistematização e o lançar o desafio para observar se aquelas... e ver se aquilo está a ser alcançado ou não alcançado, não passa por aí. E depois cruzamos também com alguns princípios que nós vamos lendo noutros documentos; este por exemplo tem a ver com os princípios que a Gabriela Portugal refere na revista GEDEI do papel do Educador e isso é um bocadinho daquilo que eu escrevi aqui, que também é uma das coisas que nós temos, temos em conta da importância destes princípios que eles referem do...também se cruzam com os princípios do High/Scope, que é o estar disponível, permitir que a criança se envolva nas coisas dela própria, todas estas coisas, entre o currículo e outros documentos que nós vamos lendo, mas os princípios básicos são os do High/Scope.

A Sara coordena a valência de creche?

Sim, sim. Esta questão da coordenação da valência de creche é muito subjetiva porque eu inicialmente comecei por fazer efetivamente trabalho de coordenação e nós aquilo que fazíamos era, eu marcava encontros com a equipa para ir percebendo no fundo o trabalho do projeto e depois o que é que cada uma de nós fazia em cada uma das salas com a sua equipa; fazia reuniões com o pessoal auxiliar, portanto isto ainda inicialmente quando iniciei mesmo o trabalho de coordenação. Sendo que a coordenação deixou de existir, portanto nós deixámos... a colega que era eu, de creche, a colega que era coordenadora de Jardim de Infância, portanto essa função deixou de existir, deixou de ser remunerada, portanto há a Diretora Pedagógica e depois nós como responsáveis de sala, sendo que a coordenação que eu faço é voluntária e vou por a coordenação entre aspas, prende-se mais do ponto de vista de questões práticas, situações que são necessárias resolver pontualmente, por exemplo em que a Diretora não está, por exemplo uma das coisas que acontece, a Diretora ausenta-se, muitas vezes as colegas já sabem, se a Diretora não está é comigo que vêm ter para colocar alguma questão, a nível de horários, alterações de pessoas que faltam, informações... portanto, tem mais a ver com isso, não tem tanto a ver com a coordenação pedagógica, sendo que nós vamos tentando, nós educadores, fazendo a coordenação, bem... de forma informal, entre todas, vamos gerindo.

Com a Diretora, têm reuniões formais?

Vamos lá ver... temos... e não temos. É suposto ter, nós no início do ano até marcamos, calendarizamos algumas reuniões para ter com a Diretora, depois do ponto de vista prático, essas reuniões muitas vezes vão caindo por questões mesmo profissionais. Temos uma reunião marcada e em cima da hora a Diretora não está e então já não nos reunimos e isto lá está, são outras formas que nós temos. Acho que o nosso grande problema, e há bocado quando eu dizia que gosta muito de aqui estar, era isto que eu queria dizer; a nossa questão da formalidade, dos encontros para formação é aquilo que nós... sentimos muito isso, sentimos a necessidade de percebermos o que é que nas outras salas está a acontecer. E que dificuldades é que as colegas estão a sentir... e na partilha, é neste momento aquilo que eu sinto, que é o aspeto menos positivo que nós temos na nossa Instituição e que agora vamos colmatando um bocadinho com esta possibilidade de nós termos outras pessoas a entrarem na sala que nos vão trazendo outras ideias e o facto de nós termos as estagiárias connosco, se nós somos obrigadas a vir aqui um bocadinho e a estar e como temos esta obrigação, como nos questionam, nós temos que pensar sobre as coisas.

Diga-me Sara, do ponto de vista teórico, onde fundamenta a sua intervenção?

Bem... do ponto de vista teórico... eu quando leio identifico-me com "aquele" currículo, eu quando leio um documento que me fala da autenticidade da criança, da importância da relação afetiva, da relação pedagógica das crianças, é com esse documento que eu me identifico. E a minha filosofia é esta mesmo, eu acredito profundamente que se eu me envolver do ponto de vista afetivo com todos os conhecimentos que possa ter no domínio do desenvolvimento da criança, mas se eu acredito que esse desenvolvimento acontece numa forma relacional e este relacional numa forma afetiva, acredito que o crescimento, quer da criança, quer o meu crescimento é mais saudável e por isso é que eu gosto numa das intencionalidades que surgem normalmente no projeto... e que são as intenções que os pais manifestam, que é ajudar a criança a ser feliz, a crescer feliz e a minha filosofia é esta, é eu estar neste domínio da afetividade e de relação... acredito numa relação muito natural! Temos que estar para eles, sentirmos o que eles sentem, mas... claro que não nos podemos esquecer de quem somos. Isso é que é aquilo que eu acho, eu digo sempre, eu devo ser aquilo que sou, com os meus sentimentos e com todos os defeitos que a minha pessoa possa apresentar ao grupo de crianças. E eles sabem bem quando é que eu estou bem, quando é que não estou bem, mas que nesta relação de afeto e nesta cumplicidade digamos assim, posso ajudar a que a criança e eu possamos estar felizes; elas crescendo saudavelmente como seres humanos e eu continuando a crescer como pessoa e profissional. Depois Há outra coisa muito importante que é sabermos e não é só sabermos é termos sempre na nossa cabeça que os bebés são muito competentes e que merecem todo o respeito. Isso é das coisas mais importantes... E ainda vou dizer outra coisa que é o seguinte Isabel, é que os bebés estão cada vez mais curiosos, mais ativos o que faz com que tenha que estar sempre a pensar em mudanças, as coisas não podem estar sempre da mesma forma, introduzo materiais diferentes, mudo a disposição do mobiliário... até porque eles desenvolvem-se muito rápido, aquilo que lhes desperta a atenção hoje, amanhã já não é bem assim.

Quais as fases ou momentos que mais a marcaram ao longo do seu desempenho enquanto educadora?

Talvez a fase em que nasceu o meu filho. Porque eu vim para cá trabalhar e ao fim duns meses descobri que estava grávida do terceiro, foi assim um "bac", talvez toda aquela

questão da ausência, da maternidade e depois o regressar. Era quase como sentisse que regressava dum Planeta distante e que... talvez tenha sido assim a mais complicada. Eu costumo dizer, eu tenho três filhos e tenho uma dose! Mas eu sempre tive esta questão maternal desde sempre, acompanhou-me toda vida muito cedo. Eu costumava dizer até num aspeto muito negativo, porque eu tinha pessoas na altura bem mais velhas do que eu, uma senhora até já com bastante idade que dizia que eu tinha tendência para ser mãe da minha mãe; portanto eu fui durante muitos anos mãe da minha mãe, do ponto de vista até dos papéis, inverteram-se, eu em casa é que fazia tudo, eu nem ia sair... nem era só a minha mãe, eram os meus pais, mas no caso da minha mãe que foi sempre uma pessoa mais frágil e sempre tive esta característica maternal. E tive a minha primeira filha e ao fim dum ano já estava pronta para ter outro filho, já sentia o "bichinho" de voltar a ter um bebé pequenino. E a segunda filha, até que não estava à espera, mas aconteceu e fiquei num drama; mas ao mesmo tempo... porque tinha iniciado também o meu percurso aqui na creche, aquilo foi muito próximo. Entretanto o Sérgio nasce, vivencio todas estas experiências, creche e bebé. Acontece muito com o meu marido, o meu marido diz muitas vezes "se nós já não tivéssemos esta idade e se a vida tivesse melhor, ainda tínhamos mais um..." Pronto e eu acho que tem a ver um bocadinho com isso, com esta vivência de estar estes anos todos... vai voltando um bocadinho, vou saciando esta vontade de...

Só para terminar, aquilo que é hoje como educadora, aproxima-se daquilo que pensava vir a ser e a fazer como educadora?

Eu quando decidi seguir o curso de Educadora também não sabia... eu gostava de criancinhas, para mim o ser Educadora era uma perspectiva que não conhecia. Vou tomar conta de criancinhas... Não tinha uma perceção da educação nem nada. Para mim, perante estas perspectivas que eu tinha, eu considero que realizei muito mais nestes anos todos de profissão e hoje é obvio que também foi a própria maturidade, todo o percurso... uma maneira de ver as coisas diferentes, mal seria também!

Não tenho mais nada para perguntar. A Sara quer acrescentar mais alguma coisa?
Não, não.., Eu gosto mesmo destas conversas, fazem-me crescer!

Fico muito contente por ter gostado de participar. Resta-me agradecer a sua disponibilidade. Muito obrigada! A entrevista será transcrita e depois devolvo para a Sara verificar se está tudo de acordo com o que conversamos e caso pretenda fazer algumas alterações.

Entrevista individual - Educadora Tina

Data: 22 de fevereiro de 2013

Local: Centro para a Infância II

Duração: 35 min.

Tina, em primeiro lugar agradeço o facto de se ter disponibilizado para participar no estudo. Gostava de começar por perceber as razões da escolha da profissão.

Foi uma escolha no final da secundária, no 12º ano em que fiz a candidatura à Universidade e nessa candidatura entre outros cursos, candidatei-me a Educadores de Infância e sou sincera, não tinha conhecimentos nem sabia muito bem o que é que era a profissão duma Educadora.

Não frequentou nenhum jardim de infância?

Não, em pequenina não tive essa experiência e não tinha assim muito a noção do que é que era. E foi o curso onde consegui entrar na Universidade, entrei para Educadores de Infância.

Onde fez o seu curso?

Na ESE de Setúbal. Fiz o curso na ESE em Setúbal, a partir desse momento, fizemos o primeiro ano e comecei a ler algumas coisas e a informar-me e a conhecer, apaixonei-me e disse "bem, é isto que eu quero". Eu tinha... nessa altura... concorri também para professores de primeiro ciclo e tinha na minha perspetiva ou no meu projeto de vida, tinha equacionado o curso de professores de primeiro ciclo e pensei "mesmo que eu não consiga entrar professores, se entrar noutra curso depois peço a transferência", mas acabei por não o fazer porque me apaixonei pelo curso. Achei que tinha tudo a ver comigo e gostei!

Quantos anos tem de serviço?

12 anos.

Quer comparar as representações que tem presentemente e as expetativas que tinha quando terminou?

Alterei profundamente, aliás, logo na formação inicial, fiquei logo com uma perspetiva da profissão e do curso que me fez continuar e avançar nesta área. E passados estes anos não me arrependi de todo de ter feito esta escolha e acho que tenho a perspetiva que na altura aquilo que eu achava que era ser educadora de infância, não tinha nada a ver com aquilo que é realmente ser educadora de infância.

Porquê?

Porque eu acho que ainda se vê muito o educador de infância como um prestador de cuidados, não é?... "Ah, eu preciso de deixar o meu filhote em qualquer lado, não tenho onde o deixar, tenho de o deixar neste sítio..." e acaba-se por não se valorizar muito a profissão de educadores. É um "cuidador", digamos assim, na cabeça da maior parte das pessoas, provavelmente, acharão que qualquer pessoa consegue! "Tomar conta de crianças, o que é que isso tem de especial, ou o que é que isso tem de dificuldade?".

Sentiu isso no seu percurso?

Senti um bocadinho. Até mesmo em termos da própria família. "Ah, conseguiu entrar em educadora? Se fosse professora não era melhor?" E depois conforme vou aprofundando

os meus conhecimentos e vou conhecendo a área e começo a explicar às pessoas "pensa lá bem, o educador tem a base da vida..., as crianças começam a crescer, a florescer, a contatar com o mundo e nós somos os primeiros a lhes proporcionar essas experiências. Isto é importante, não é de todo de minimizar, temos que valorizar isto". E as pessoas depois, quando nós falamos e explicamos, fundamentamos a nossa profissão, acabam por "ah, se calhar eu não estou bem dentro disto". Porque eu acho que ainda há muito este desconhecimento do que é a profissão do educador de infância.

E considera que havendo esse desconhecimento neste contexto, o de creche, também se passa o mesmo no jardim de infância?

Eu acho que o educador é pessoa e tem a sua forma de estar, de ser, envolta numa série de circunstâncias e de vivências e de experiências que nós vamos tendo e acho que a diferença... não sei se pode haver aqui uma diferença de educador. Eu sou uma educadora em creche e sou uma educadora em jardim de infância, eu sou a mesma pessoa, acho que os nossos princípios e a nossa base de trabalho é igual... eu não consigo definir isso muito bem, porque aliás a minha experiência é só em creche. Tenho anos de trabalho em creche e tenho pouca, muita pouca experiência em outra valência. A experiência que tenho em outra valência é uma experiência de estágio. Portanto é um bocadinho complicado para mim responder a essa pergunta, porque não sei como é que eu me diferenciaria noutra valência. Não sei se seria "outra" educadora ou se continuaria... eu acho que a gente tem que ter os nossos princípios e o nosso valor ser o mesmo ... De qualquer forme estive sempre a trabalhar em creche, não sei muito bem como é que diferenciaria...

E na sua formação inicial, considera que adquiriu os conhecimentos suficientes para intervir neste contexto?

No contexto de creche? Sim, penso que sim. Até porque na ESE nós tivemos muita informação sobre creche, tivemos inclusivamente estágio em creche. A formação inicial deu-me conhecimentos para iniciar o meu percurso, foi muito importante, até porque nós ouvimos muitas colegas a dizer que no curso pouco teve sobre creche, eu não posso dizer isso, foi lá que eu adquiri os primeiros conhecimentos e... bem... Sendo que eu tenho uma perspetiva de que nós precisamos sempre de nos ir informando, conhecendo, falando com outras pessoas para não estagnarmos e não cairmos na mesma rotina, fazemos sempre as mesmas coisas. Acho que embora o dia a dia vemo-nos envolvida... os dias vão passando, as rotinas são quase sempre as mesmas, mas penso... (perdi-me agora um bocadinho).

Não faz mal, estava a perguntar se considera que tinha tido formação para intervir neste contexto... O que é que faz para se manter atualizada?

Eu fiz já desde que estou a trabalhar, fiz uma formação no início, não sei precisar bem há quanto tempo fiz, mas foi quase no início, fiz uma formação sobre os Direitos da Criança, também na ESE e fiz há relativamente pouco tempo a formação do DQP, também com uma professora da ESE e que fiz juntamente com a nossa Diretora e tento depois também ir estando a par de algumas novidades que possam sair em termos de Ministério e da envolvimento no País. Depois acho que é muito importante a questão de nós falarmos com outras colegas, a partilha... de podermos perceber que há contextos completamente diferentes dos nossos e como é que funcionam nesses contextos. E isso dá-nos outras perspetivas. Eu preciso mesmo disso, dessa partilha porque eu... bem, inicialmente era um bocadinho insegura e achava "eu não vou ser capaz". No início achei que tinha muitas dúvidas e "eu não sei se vou conseguir fazer isto durante muito tempo", foi o meu

sentimento quando iniciei esta minha vida profissional. Achei realmente "eu não sei se vou ser capaz" e mesmo durante o estágio contactámos com muitas realidades e tive várias cooperantes que tinham anos de serviço e eu pensava "tantos anos!" fazia-me uma certa confusão de como é que uma pessoa conseguia estar tantos anos a trabalhar na mesma coisa.

Mas nas outras profissões isso também acontece!

Exato, exato, mas eu não sei, logo ao início tudo me parecia muito confuso, a tal insegurança que eu estava a falar, achava-me... achava-me e era com toda a certeza insegura na minha... não sabia se iria estar à altura...

Porque considera que é uma profissão exigente?

Porque é uma profissão muito exigente...

Em que aspeto?

É muito exigente em todos os aspetos. Acho que nós temos um grupo de crianças à nossa responsabilidade e isso não é de todo pouco, termos um grupo e eu este ano estou com um grupo de um-dois anos e acho que nós temos que estar cientes que estes bebés são parte da nossa vida, não é? Vivem connosco, partilham do nosso dia a dia e nós partilhamos do dia a dia deles e isto não é pouco. Depois também temos a vertente com as famílias que também é fundamental e temos a responsabilidade para com os pais, o conseguirmos que eles confiem em nós, porque a maior parte dos pais quando trazem o seu bebé não nos conhece, portanto é um... é difícil confiarmos nas pessoas que nós não conhecemos à partida, não é?

Pois, confiam os seus *tesouros*...

Concordo plenamente com essa frase e acho que deve ser muito custoso entregar os seus tesouros a pessoas que não conhecem, que nunca viram, que não sabem quem são! E eu costumo nos primeiros dias quando a criança está a fazer a adaptação e nos primeiros dias de creche, costumo inclusive dar mais atenção, tento minimizar este processo, dando uma palavrinha à mãe... "se houver alguma coisa nós ligamos, fique descansada...".

Esse tipo de cuidados também terá de ser feito no jardim de infância...

Claro, claro... Eu acho que sim porque os nossos tesouros não vão deixar de o ser quando passam para o jardim de infância. Continuamos a sentir... embora eles sejam mais crescidos.

Quais são os marcos ou as fases que considera que são mais significativas no seu desenvolvimento profissional?

Primeiro logo a fase inicial, não é? Porque eu acho que nós, tal como há pouco estava a dizer, senti muito isso logo no início, eu acho que é normal nós sentirmos, porque a experiência dá-nos uma certa confiança e uma certa estabilidade e quando iniciamos é normal que sintamos uma dificuldade, eu acho essa insegurança inicial normal, mas eu acho que também o facto de nós começarmos a vivê-la, a viver esta experiência profissional e vamos fazendo coisas e vamos cometendo alguns erros iniciais que depois vamos aperfeiçoando com o tempo e com a experiência. Eu acho que esse é o primeiro marco.

No seu percurso houve mais marcos?

Sim, houve o marco da experiência de ser mãe que me deu outra perspetiva de tudo, penso eu. Não só da profissão mas também a nível pessoal, eu acho que quando nós somos mães

ficamos com uma perspectiva da vida completamente diferente, a nossa vida dá uma volta de 380°, pelo menos eu senti isso. E depois...

A nível formativo, há algum marco?

Da formação inicial não. E penso que depois mesmo nas formações, o que nós dá são complementos, ajudam-nos a melhorar, a inovar.

Realizou mais alguma formação?

Tirando as pesquisas que eu faço, algumas pesquisas a nível da internet, tento estar informada sobre se sai alguns autores novos, algumas situações, mas é muito pesquisa minha.

E aqui na instituição, o trabalho de equipa como é que funcionam? Há essa partilha, há essa preocupação?

Há alturas que também temos mais oportunidades de partilhar, há outras alturas que não temos tanta facilidade de o fazer.

Mas isso é porquê?

É a questão da organização do trabalho no sentido de "haver tempos para" não que a Direção nos coíba nesse sentido, de todo, até acho que temos uma Direção que valoriza bastante estes momentos e essas partilhas, mas por vezes nós no dia a dia não conseguimos, não conseguimos os tempos, efetivamente.

Se isso é importante para vocês, porque é que não conseguem?

Eu pessoalmente também não consigo explicar muito bem o porquê, porque nós sentimos efetivamente essa necessidade de nos juntarmos mais, de partilharmos mais, de conhecermos melhor o trabalho uma das outras. É muito importante partilharmos a nossa prática, ajuda-nos a crescer, a melhorar o nosso trabalho. Penso que todas nós pensamos da mesma forma, mas depois é difícil por em prática, criar esses momentos para estar e fazer em conjunto. No dia a dia, o trabalho é muito absorvente e nós, pelo menos eu funciono assim, em primeiro lugar está sempre o grupo e se eu vou prejudicar o grupo para ir fazer uma partilha com colegas, eu se calhar penso duas vezes, mas depois também sinto, temos aqui um... Eu às vezes penso que vamos deixando correr... "ah, a gente tem que fazer!", mas o tempo vai passando e acabamos por não concretizar as coisas. Não sei explicar-lhe o motivo pelo qual as coisas funcionam assim, pronto há várias circunstâncias, por vezes há uma colega que falta e já não temos a disponibilidade de estar a ausentar-nos da sala para prepararmos alguma coisa ou para fazer alguma reunião... Isso é um dos aspetos, mas há outros ... o que nem sempre é fácil, são processos difíceis porque as pessoas têm formações diferentes, experiências diferentes e nem sempre estamos em sintonia.

Vocês têm sempre duas auxiliares na sala?

Exatamente, nós temos em cada sala uma educadora e duas auxiliares.

Quantas crianças tem no seu grupo?

Na sala de dois anos nós temos doze meninos, doze bebés e temos... se nós quisermos, lá está, se nós nos debatermos e dissermos "não, eu tenho que fazer e vou fazer!" eu acredito que nós o faremos e nós temos mais empenho porque nós temos este sentimento no final de cada ano temos sempre este sentimento... Nós fazemos sete horas e meia de trabalho e eu quase ---- depois do trabalho que eu preparo... onde é que eu arranjo tempo para

preparar o trabalho? É por vezes muitas vezes em casa e por exemplo naquela altura em que os meninos estão a dormir a sesta, que aproveito ali aquela horinha para preparar alguma coisa. Também para fazer alguns registos, mas não é fácil, não há muito tempo para isso. Quando há algum buraquinho... Também às vezes para fazer as reuniões de sala também aproveitamos muitas vezes a hora de almoço, a hora da sesta dos meninos. Vamos partilhando nesses momentos... não é fácil... estamos muito sobrecarregadas, é muito desgastante... Talvez seja por isso que depois não nos dispomos a marcar um dia, uma hora... vamos aproveitando pequenos momentos.... Mas sei que não é a mesma coisa, sei que faz muita falta, eu sinto mesmo...

O que considera como reuniões de sala?

As reuniões de sala é a equipa da sala, as três pessoas da sala.

O que é que conversam?

Nas reuniões de sala normalmente eu costumo fazer uma avaliação do trabalho que foi feito até à altura e propomos novos desafios a partir daquele momento, "Queremos alcançar isto e isto a partir daqui."

Realizam essas reuniões com que periodicidade?

Eu tento fazer uma vez por mês, pelo menos, por vezes pelas circunstâncias às vezes não consigo fazer. E depois tento fazer quando possível; eu este ano até foi o ano que tive mais dificuldade nesse aspeto porque tive algumas ausências prolongadas das colegas e até de mim própria, durante o ano. Eu este ano tive em licença de maternidade até janeiro, tive uma ausência prolongada e quando regresssei tive uma colega com um problema de saúde que também teve uma ausência de algum tempo e depois estranhamente, a outra colega também foi. Uma equipa com um ano complicado, nós conciliarmos o direito de não podermos descorar do quotidiano das rotinas no direto e conciliar com todo o trabalho que nós precisamos de fazer, que não é trabalho direto.

Tina, sinalize, por favor, aspetos que considera positivos e aspetos que considera menos positivos da sua intervenção?

Aspetos positivos, eu para mim o mais positivo é o próprio reconhecimento da criança, porque nós temos um laço muito próximo, um laço afetivo muito próximo com os bebés e o facto deles chegarem de manhã, correrem para nós, darem-nos um abraço, darem-nos um maminho, isso para mim é do melhor que pode haver na nossa profissão. O facto de nós por exemplo encontrarmos uma criança fora do contexto por exemplo, vamos à praia encontramos uma criança, vamos a um sítio qualquer e encontramos e eles correrem para nós, acho que é... enche-me o ego, se posso dizer assim; o fato de às vezes os papás chegarem ao fim do dia e eles não terem vontade ainda de ir embora, querem ficar mais um bocadinho. Acho que isso também é sinal que eles se sentem bem, estão bem, estão felizes e estão connosco! E isso para mim é um dos aspetos mais positivos que nós podemos ter na nossa profissão. Depois aspetos negativos... os aspetos negativos serão as dificuldades que às vezes nós temos de por exemplo, aquilo que eu estava a dizer e que senti muito este ano, as ausências. Os recursos humanos, se bem que nos adaptamos às situações, mas se tivermos três pessoas, falta uma pessoa... aquilo que nós podemos dar será mais difícil com duas pessoas do que com três pessoas, não é?

Tina, um dos aspetos que muitas educadoras sinalizam como menos positivo é a permanência diária do choro. O que é que você acha?

Eu não vejo o choro como um aspeto negativo, eu vejo o choro, especialmente em creche, como a forma que a criança tem de comunicar connosco, por isso não indico o choro

como um aspeto negativo, porque não o é! Um aspeto negativo seria para mim, será quando eles estão doentes, o facto de no contexto de creche haver mais probabilidade de o bebé adoecer, porque se um tem tosse o outro também pode apanhar, portanto nesse aspeto...

Relativamente à imagem social do educador em contexto de creche, sente que é diferente da imagem do educador de jardim de infância?

Não sei, nunca pensei muito sobre isso, tal como eu estava a dizer há pouco eu senti isso no início quando dizia às pessoas "Vou ser educadora" e as pessoas "ah...", agora não sinto tanto isso, não sei se também por mim, pelo crescimento que eu fiz ao longo destes anos e que se calhar eu própria já encaro de forma diferente, não é? O que eu acho é que existe a perceção das outras pessoas sobre o educador, que é uma autoridade? isso eu acho que sim, agora educador de creche ou educador de jardim de infância, não sei se haverá uma diferença assim tão grande, ou se as pessoas a consideram. Penso que em creche, estamos sempre mais ligadas ao lado maternal, aos cuidados... Mas... acho que há características na profissão que são evidentes, agora eu acho que a profissão de educador, para mim será o início... comparar a profissão de educadores com a de engenheiros acho que não tem nada a ver, não há comparação possível.

E exige mais de si enquanto pessoa?

De mim exige, eu sei que de mim exige. A mim eu exijo-me, agora se um engenheiro exige a ele próprio mais que aquilo que eu me exijo como educadora, não sei. Temos que ser exigentes e ter conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, as pedagogias... que pedagogias existem... o que é que abordam cada uma delas, os princípios fundamentais para o exercício das nossas funções e acho que nesse aspeto nós não podemos descorar.

Quais são os princípios?

Nós na creche seguimos os princípios orientadores da pedagogia High/Scope para crianças e bebés, embora não sigamos esses princípios à "risca", como são aplicados na abordagem High/Scope. Depois também nos fundamentamos muito nos princípios da Gabriela Portugal, também é uma referência na nossa prática. Nós temos linhas orientadoras, não existe propriamente um currículo a seguir, temos estas linhas orientadoras que fundamentam a nossa intervenção.

O que é que mais privilegia na relação com as crianças?

Em primeiro lugar sempre o lado afetivo, a relação com a criança. Os laços são fundamentais para que a criança se desenvolva de forma harmoniosa e feliz. Eu acho que se a criança tiver o laço afetivo estabelecido, ela vai estar mais feliz, vai sentir-se mais segura, vai estar mais disponível para as aprendizagens, vai estar mais motivada.

Como é que organiza a sua intervenção com as crianças?

Ao início do ano, quando... o nosso ano começa em setembro, a seguir às férias do verão, bem... no início do ano existe logo uma série de intencionalidades que são definidas para estabelecer durante aquele ano.

E quem estabelece essas intencionalidades?

Sou eu, sou eu.

Em consonância com o projeto que existe na instituição?

Em consonância com o projeto de valência e que se articula com os princípios da instituição.

Esse projeto de valência é estabelecido de x em x tempo? Todos os anos?

Todos os anos nós desenvolvemos o projeto da valência que é constituído por partes que são comuns às três salas de creche e por partes que são específicas de cada sala de creche. Posso dar-lhe o exemplo de um dos capítulos do projeto que são específicos, são por exemplo os objetivos, ou as intencionalidades...

Quem é que estabelece, são vocês, equipa?

De sala para o grupo é o educador de sala que estabelece, claro que sempre em equipa, com a equipa da sala.

E de valência?

De valência é em equipa, foram definidos em equipa... da valência de creche, exatamente.

Qual o papel da Direção?

Sem a direção. Somo nós, educadoras, auxiliares...

E a coordenação desta valência?

Nós temos na valência de creche uma coordenadora que é a Sara e que nos acompanha na elaboração do projeto. Depois, esse projeto é entregue à nossa Diretora que também fica a par e dá o seu parecer. Depois em termos de direção eu penso que a direção só irá ver esses projetos, se tiver essa intenção.

Portanto, acabam por não se manifestar, porque a parte pedagógica é mesmo da vossa responsabilidade.

Exatamente, deixam-nos à vontade para nós trabalharmos, sem nos dizerem "não podem fazer isto, ou não podem fazer aquilo", não. Dão-nos liberdade para nós aplicarmos os nossos conhecimentos e desenvolvermos o nosso trabalho. E isso é muito bom, pois sei que não é assim que se passa na maioria das creches.

O que é que é mais difícil para si?

Bem... é se calhar um bocadinho... o não... as pessoas não valorizarem a nossa prestação, o nosso papel... o desconhecimento daquilo que se faz aqui. Eu às vezes costumo dar o exemplo duma coisa tão simples, acontece no dia a dia e que é tão normal para nós. Mas depois para as pessoas de fora causa estranheza. Eu por exemplo vi uma vez, uma mãe que entrou na sala, olhou assim para o quadro, eu tinha uns desenhinhos das crianças e a mãe comentou-me assim "ah... a minha filha é que fez isto?" E eu respondi, "foi sim senhora". "Ah, eu não sabia que ela conseguia fazer estas coisas..." e isto é tão evidente para nós que é esquisito para mim, pensar... então o que é que as pessoas acham que nós fazemos, não é? O facto de nós proporcionarmos imensas experiências ao nível das sensações aos bebés, aliás, nos bebés as primeiras experiências são experiências sensoriais e nós proporcionamos-lhes tantas experiências e eu acho que a maior parte das coisas as outras pessoas não têm noção. Por isso é que é tão importante dar a conhecer e eu faço isso, ponho aqui e ali, no expositor e acabam por estar um pouco de tudo... estão presentes trabalhos realizados pelas crianças, e os pais conseguem perceber o que os filhotes são capazes de fazer e o que é feito diariamente na creche. Passar esta mensagem é muito importante, mostramos o trabalho que é desenvolvido no dia a dia com as crianças e desta forma, também estamos a reforçar a nossa profissionalidade

Tendo esse conhecimento, o que é que vocês fazem para que as pessoas se apercebam do que é feito aqui?

Para já, as reuniões de pais, acho que é um veículo ótimo nesse aspeto, para nós divulgarmos e mostrarmos aquilo que fazemos, não é? Também as próprias conversas do dia a dia que nós vamos tendo, quer com as famílias, e até mesmo com as nossas famílias lá em casa, porque falamos "ai, olha, hoje tive um menino que me fez isto assim, assim...", "olha fiquei tão contente porque ele conseguiu, alcançou esta competência..." e a gente vai falando com os outros e eu acho que nestes momentos que nós estamos nestas conversas informais, que nós vamos tendo com as pessoas, estamos a passar um pouco daquilo... Nas reuniões de pais com mais formalidades porque preparamos...

Quantas reuniões realizam?

Bem... normalmente três. Uma inicial em que nós transmitimos aos pais aqueles que são os propósitos para o ano, aquilo que nós pretendemos alcançar, depois uma reunião intermédia a meio do ano em que... um ponto da situação; como é que estamos, o que é que ainda pretendemos fazer e também saber um pouco o feedback dos pais, quais são as próprias expectativas dos pais, se estamos a ir de encontro a essas expectativas ou não... e depois uma no final do ano para fazer a avaliação do ano letivo, aquilo que nós nos propusemos no início se conseguimos alcançar ou não; o desenvolvimento dos meninos se ficou de acordo com as nossas intencionalidades, ou não... e perspetivar o ano a seguir que será uma continuação do trabalho desenvolvido durante esse ano, não é?! Para mim é muito importante estabelecer relação com os pais, com as famílias para conhecer melhor as crianças e assim eu consigo trabalhar... acabamos por ter formas de atuação e relação idênticas.

Um balanço destes doze anos...

Olhe Isabel... eu iniciei numa outra instituição que estive lá pouquíssimo tempo, porque eu acabei o curso e nesse verão consegui logo colocação noutra infantário, que é o R. não sei se a Isabel conhece?...

Conheço, conheço...

Conseguí colocação também numa sala de creche, 1/2 anos. Estive dois meses a trabalhar nessa instituição, quando fui convidada para vir abrir a sala de 1/2 anos aqui da creche. Eu na altura, se quer que lhe seja sincera, estive assim um bocadinho... fiquei sem saber muito bem o que é que haveria de fazer, mas optei por arriscar a mudar e não me arrependi... agora perdi-me....

Estava a fazer o balanço...

O balanço. Eu acho que cresci imenso, como profissional e também como pessoa. Cresci nesta casa, todos me ajudaram a crescer. Existe partilha. Não sei... acho que agora sou uma melhor pessoa e uma melhor profissional, mas também acho que nós precisamos de estar em constante conflito connosco próprias "continuo a fazer isto bem...", mas porque é que eu continuo a fazer isto?". Para não entrarmos naquela "onda", "pronto, isto faz-se bem assim, então vamos continuar a fazer assim... porque assim está bem, pronto assim está bem, assim não há problema", não é? Tento não entrar nessa "onda" do parar e do achar que estamos a fazer tudo bem. Porque eu acho que nós temos que estar sempre atentas e ir pensando "espera, eu estou a fazer isto assim e está bem, não está a correr mal, está a correr bem. Mas será que eu posso fazer melhor?" e tento sempre melhorar nesse aspeto. Há coisas que nós podemos achar que estamos a fazer muito bem e não estar.

Portanto, acho que temos de estar sempre aqui... até para nós próprias nos reciclarmos um bocadinho de vez em quando...

Quer acrescentar mais alguma coisa?

Não.

Muito obrigada! Depois de transcrever a entrevista envio a transcrição para poder corrigir ou alterar o que considere necessário.

Entrevista individual - Educadora Alice

Data: 18 de janeiro de 2013

Local: Centro para a Infância II

Duração: 1h 10 min.

Alice já tivemos oportunidade de conversar um pouquinho sobre a sua trajetória pessoal e profissional quando fiz o estudo exploratório, mas não a questioneei sobre como é que aconteceu escolher a profissão de educadora de infância? Quer contar?

Bem... eu queria ser médica mas... convidaram-me para fazer um part-time, para fazer a carrinha, portanto eu fazia duas horinhas de manhã, duas horas à tarde. Ao fim dum mês disseram-me "tu tens a certeza que é para médica?..." e eu "tenho...", mas as pessoas aqui diziam "ah, a Alice devia ser Educadora!...". Pronto, esta relação e gostar de miúdos e foi daí que eu então ao fim de três anos já a trabalhar aqui, ainda andei a contrariar um bocadinho essa questão, a pensar "será mesmo isto?..." e de facto aí disse "não, de facto é disto que eu gosto, eu vou para casa vou bem, gosto do que faço" e então foi aí que eu resolvi ser Educadora. Foi um percurso um bocadinho.. uma vocação! Que eu já tinha, mas que os outros viam e eu não via, achava sempre... eu gostava de pensar por mim própria...

E o mais engraçado sempre nesta instituição.

Sempre no centro....

Há quantos anos?

Faz 30!... 30 anos para o mês que vem!

Alice e no contexto de creche, trabalha há quantos anos?

Eu trabalhei... durante estes trinta anos, eu devo ter trabalhado aí durante uns cinco, seis anos em creche, numa situação diferente até porque não havia este edifício... e devo ter trabalhado durante uns cinco seis anos, mas sempre naquelas idades até de transição, dos dois/três anos... que lhe chamavam antigamente a sala de transição. Depois tive a maior parte do meu tempo foi em Jardim de Infância e este é o meu quarto ano agora aqui nesta creche. Descobrir a creche já foi uma coisa que surgiu já depois de ter feito aquela especialização, já sabe na ESE, o complemento na primeira infância, portanto aquele momento muito importante na minha formação, ainda tive pelo menos alguns sete anos ou assim, lá em baixo até que pronto... tive que vir para cima, porque agora somos obrigadas a mudar; o que eu na altura achava mal agora já acho bem, porque a mudança faz falta.

Porquê?

Porque cada vez que nós mudamos, e eu comecei a perceber que a mudança não me atrasava, porque eu tinha um bocadinho "...ah, mas eu já tenho tudo desta maneira organizado e agora?..." é verdade que se por um lado tem isso, por outro lado tem um lado muito positivo, distancia-nos e faz-nos ver questões e depois quando voltamos, eu estou convencida que quando voltar ao jardim de infância vou fazer coisas novas, que se calhar já não conseguia fazer se lá continuasse, não sei, acho que nos dá... quando a gente se distancia dos contextos, depois quando voltamos levamos outro ar fresco.

Então aquilo que as pessoas dizem: "ah, mas os educadores de creche são diferentes dos educadores de jardim de infância!..." ou "intervir com crianças dos quatro meses aos três anos é completamente diferente de crianças dos três aos seis!"...

É, é diferente mas o educador pode ser o mesmo; eu acho que isto tem a ver um bocadinho com... o ser Educador é a tal coisa é um ser pessoal e um ser profissional e estas duas questões, há de facto pessoalmente, personalidades mais adaptadas ao contexto de creche, não sei... eu acho que isto tem muito a ver com a disponibilidade, embora eu ache que um educador quando é disponível é disponível em qualquer contexto e consegue chegar no fundo, à raiz do seu trabalho. Eu acho que isto só tem a ver com disponibilidade; com uma capacidade de se pôr também no lugar dos outros, a criança pequena, os bebés necessitam de outra forma de estar dos adultos, temos que estar mais disponíveis, temos que ser mais pacientes, eles muitas das vezes ainda não conseguem verbalizar o que querem, o que sentem... Temos que passar muita confiança à criança e é através da afetividade que se consegue passar confiança à criança para ela partir à descoberta do mundo e crescer a todos os níveis. Temos que tornarmo-nos profissionais mais tranquilas, aqui não pode haver muitos stresses, tem que ser ao ritmo deles, sem grandes preocupações com os trabalhinhos, temos que nos preocupar com o bem-estar deles. Bem e com as famílias também temos que estar mais disponíveis, temos que construir uma relação diferente com as famílias, porque são elas que nos terão que passar a maioria da informação, terá que haver outro tipo de entendimento, uma maior confiança. Temos de pensar primeiro na criança e não só... que eu acho que às vezes há esta coisa do Jardim de Infância pode ser aquela forma formal que os educadores têm da sua profissão estar mais pública, de que "... eu sou o Educador." E muitas vezes acho que é a identidade que nos faz fugir da creche e eu acho que a creche não nos tira identidade, temos é que saber colocarmo-nos em creche, sabermos continuar a ser educadores e a defender a nossa intencionalidade, seja qual for a idade com que a gente trabalhe, porque é isso que nos faz diferentes. Eu vejo assim as coisas, não sei se me faço entender... mas é verdade que eu cheguei cá e com tantos anos de Jardim de Infância e de facto as práticas são muito valiosas, por muita teoria que a gente tenha, a gente precisa das práticas! E claro que de início eu confrontei-me com a diferença da faixa etária mas depois a gente vai descobrindo e descobrindo... eu costumava dizer que estava a descobrir tanto a creche!... porque temos que ser bons observadores e temos que estar atentos, porque só observando é que a gente consegue intervir.

E mais observadores e mais atentos do que no jardim de infância?

É igual... bem... se calhar a forma de estar relacional é diferente porque aqui há mais colo, não quer dizer que no Jardim de Infância, porque essa história... uma criança pode ter colo com cinco, seis anos... não é por aí! Eu acho é que o nosso envolvimento em termos físicos é um bocadinho diferente, mas é assim, eu tanto rebolei no chão da creche como rebolei no Jardim de Infância como vê eu nunca tenho a roupa de andar na rua, eu tenho sempre... pronto porque acho que... e aqui mais ainda não é? Porque acho que a observação... quando a pessoa é atenta... mas há diferenças... é mais físico na creche, há mais contato, como eu dizia há mais colo e também há a questão de não falarem, principalmente com os bebés, não é? Temos que os conhecer, por isso é que eu dizia que temos que ser boas observadoras, estar muito atentas, intuir... perceber o que se passa porque eles não dizem. Diria que aqui é mais cansativo, choram mais e depois são menos autónomas não é? Tudo passa por nós. No jardim de infância elas já fazem muita coisa, aqui é dar de comer, é mudar a fralda, é lavar as mãos, é atar os sapatos, é... são todos estes cuidados... e temos que os intencionalizar, pois é através destes momentos, destas

atividades, destas tarefas que elas aprendem, que se desenvolvem e tudo isso não é fácil... para além de fazermos as tarefas ainda temos proporcionar desenvolvimento...

A Alice estava-me a falar das questões da intencionalidade e isso é mais visível onde, no contexto de creche ou no contexto de jardim de infância?

No contexto de Jardim de Infância os Educadores têm a vantagem de muitas vezes como eu lhe chamo, "do placar". A creche tem menos "placar", o que não quer dizer que o educador não tenha outras estratégias de mostrar o seu trabalho e de saber identificar-se e posicionar-se neste contexto. São estratégias diferentes!

Quais estratégias?

Bem... olhe não temos muitos trabalhinhos para mostrar não é verdade? Os pais valorizam muito e essa falta, porque temos necessidade de ter coisas para mostrar, essencialmente aos pais, eles procuram, focam o seu olhar nas paredes à procura do que os seus filhos fizeram, mas nem sempre temos trabalhinhos e então mostramos as conquistas das crianças, podemos filmar as conquistas, podemos fotografar o conseguir calçar o sapato, o comer sozinho, o pintar... podemos diariamente passar essas conquistas aos pais. Claro que temos muito menos coisas para expor e às vezes... mas é isso mesmo, é isso que eu estava a falar quando dizia que descobri a creche, não estava preparada, sentia que não tinha conhecimentos, não foi fácil, tive que investir, pesquisar, para valorizar tudo quanto é feito aqui, em dar a conhecer o que a gente faz aqui, a importância da planificação, da observação, dos registos... porque aqui o que as crianças fazem não é visível, é necessário organizar tudo de outra forma, dar a conhecer o quanto é importante ir fazer o xixi no bacio, o quanto é importante aprender a não morder, a não estar sempre a retirar os brinquedos ao amigo... Eu investi muito nos dossiers, penso que deve ser por aí, documentar... ter registos... é a nossa identidade, é também valorizar o nosso trabalho. Isso tem sido muito gratificante, inclusivamente, sinto-me reconhecida. E tudo isto não é só para os pais é também para quem trabalha connosco, portanto para a equipa, para as auxiliares isso também foi um grande investimento que tive que fazer. Foi muito trabalho, tem sido difícil, mas penso que só assim se consegue dar valor à creche, o quanto é importante para as crianças e também o quanto é importante o trabalho que a educadora faz. Penso que é aqui que o Estado falha, terá que haver aqui algumas alterações, é necessário orientações, não se valoriza o que é feito na creche, não há valorização deste profissional e isso acaba por trazer alguma desmotivação, alguma insatisfação. Perceber que é preciso valorizar a criança, perceber que são pessoas, não são só bebés, não são só crianças pequeninas, temos que as valorizar e isso passa também por valorizar quem trabalha com elas.

E a relação com as famílias?

É talvez diferente, de qualquer forma temos que ter sempre presente que cada criança nasce numa família e num meio único. A creche tem que ter muita, muita parceria com a família, eles são muito pequenos. Há muita coisa que muitas vezes não é verbalizada, até porque alguns deles nem falam e se nós não falamos diariamente... é importante saber se esta criança passou bem a noite, se teve alguma coisa... porque qualquer sinal que ela nos dê, nós vamos perceber "bem, hoje ele é capaz de estar assim porque não dormiu bem, teve uma febre...", porque nestas idades que até aos três anos as crianças adoecem muito mais vezes, têm estes estados com muito mais frequência. Mas nós no início do ano procuramos saber o máximo sobre as crianças, temos encontros com os pais, não é bem uma entrevista, procuro que sejam encontros informais, a partir desse momento, do primeiro encontro tento criar empatia... criar relação porque a relação é a base, é um dos

aspectos que mais valorizo na creche, e algo muito específico do trabalho em creche, é a base de tudo, é quase como a construção de uma casa e a relação é a base, são os alicerces para que confiem em nós... que sintam que os seus filhos estão em segurança, que somos boas profissionais. Precisamos de ter muita informação sobre as crianças, precisamos conseguir o máximo de informação para as conhecermos para podermos promover desenvolvimento, Depois também mostro o espaço, como tudo funciona e tento que não saiam daqui com dúvidas. Depois registo a informação mais importante, até porque temos fichas de registo para esta primeira conversa, a dita entrevista. É muito importante esta troca de informação, é a primeira interação, o primeiro contato e é aqui que começamos a conhecer-nos, a procurar entendermo-nos para conseguir proporcionar o melhor para as crianças e também para as famílias e também para nós, para a equipa. Depois é a adaptação da criança. exige muito de todas, tem que haver uma grande sintonia, tudo tem que ser bem planeado, bem pensado... são trinta crianças e não estão divididos por sala, portanto as crianças são de todas, não há aquele adulto de referência. Temos mesmo que estar muito organizadas para todas termos conhecimento de tudo.

Como é que se organizam?

Registamos tudo nos placards, não recebemos as crianças todas, vai sendo gradual. Conversamos muito quando estão a dormir, aproveitamos para partilhar informação. E depois também temos a rotina, tem que ser ainda mais flexível porque as crianças e também as famílias vêm com os seus horários, os seus hábitos e não se pode mudar tudo de um momento para o outro, não é? É um período difícil para todos, é para nós. Saímos exaustas, é para as crianças e também para as famílias.

Depois... depois vai com calma, outras etapas vêm por exemplo se está na hora de começarmos com uma introdução dos alimentos, é bom que se faça nos dois sítios, é bom que os pais e os educadores consigam discutir estratégias para que a criança se desenvolva de forma harmoniosa, porque senão não faz sentido uma série de coisas, não é?...

Como fazem esse planeamento?

Fazemos no dia a dia quando isso é necessário, pontualmente é necessário, normalmente as pessoas sabem que devem falar connosco "... olhe hoje ele não deve estar muito bem, mas se houver alguma coisa, telefone..", ou então "ele agora anda-me a fazer não sei quê... observe... eu noto isto, ou noto aquilo...", pronto diariamente há sempre uma passagem de informação, uma partilha, ou de manhã ou no final do dia, e nós temos que passar os tais cuidados diários, o sono, a sesta, se dormiu bem, se foi agitado, se não foi, se comeu... o que comeu, como é que comeu, se fez cocó se não fez... se tem diarreia, todos esses placards aqui são... verbais, têm que ser ditos. Os pais todos têm de saber o que se passou com o filho, a passagem de informação aqui tem que ser diária, a criança não conta E também ao contrário, nós também temos que saber o que se passou em casa. Acabamos todos por ter mais informação e isso ajuda-nos a melhorar o nosso trabalho e de certeza que também ajuda os pais.

É por causa disso que vocês fazem este horário diferenciado? Há sempre uma educadora de manhã e à tarde...

É mais por causa deste sistema de ser um grupo de trinta. É mais por isso, porque estou convencida e ainda hoje se falou isso na reunião, se a lei não obrigasse se calhar seria apenas uma educadora e em vez de seis, sete auxiliares; era o mesmo número de adultos, porque um grupo tão grande com duas educadoras, sejam elas quais forem nestes anos todos que a creche tem funcionado assim pelo menos, há sempre questões que não são fáceis, porque as pessoas nunca são iguais, o rumo que uma tem não é o rumo que a outra

tem. Eles são muitos e de facto há sempre divergências... somos pessoas diferentes, com percursos diferentes, com formação diferente...

Vocês são três de manhã...

mas essas três variam, porque os horários são rotativos. Eu hoje por exemplo estou com a L. e com a M., o que não quer dizer que quando voltar a estar com este horário, semanalmente eu troco, não é? não esteja por exemplo com a A. e com a E. Só eu e a Carla é que estamos de facto... estamos as duas, portanto estamos... como direi...

Par pedagógico?

Sim, sim... portanto estamos praticamente sempre as duas.

Considera que é facilitador para a intervenção?

Não, não considero que traga muitas vantagens. Como referi, a lei obriga... mas ... por mim... podia estar somente uma educadora... com duas educadoras nem sempre é fácil, como referi somos pessoas diferentes, com formação diferente e... nem sempre estamos em sintonia... e obriga, por vezes, a fazer muitas cedências... e nem sempre consigo fazer o que gostaria, uma vez que não posso planear seja o que for se a colega não concordar. Temos conceções educativas diferentes, valorizamos coisas diferentes, vemos a criança de forma diferente e também o nosso papel, a nossa função também é vista de outra forma. Ora tudo isso acaba por ter implicações na nossa prática não é? Temos que ter mais atenção, procurar estarmos em sintonia, pois esta organização exige da equipa um elevado grau de continuidade, temos que ter o cuidado de não passar para as crianças as nossas grandes diferenças, é em sintonia, temos que planear em conjunto.

Acabam por ser as duas Educadoras e as quatro Auxiliares. Mas há sempre uma Educadora desde que abrem até que encerram?

Não, a educadora não está presente desde que abrimos até fechar porque isto abre às sete e meia e a primeira educadora entra às oito. É só meia hora. E à tarde fechamos às sete e o último horário da educadora é até às seis.

Tentam que esteja presente uma educadora no início do dia e no final do dia.

Sim, eu pessoalmente nunca tive nesta organização, portanto quando cheguei aqui, as coisas já estavam... até defendia que havia de haver a Educadora que abria e a que fechava, para podermos de facto apanhar aqui mais as famílias, mais este contacto, mas foi feito assim e as coisas...

Também têm muito feedback...

Temos, temos, porque depois há muita partilha. Há muita partilha entre nós todas e como elas rodam... e de facto há muito contacto, isso existe todas as semanas reunimos, nem que seja meia horinha, temos sempre que reunir. O facto de reunir todas as semanas é muito importante porque como não estamos todas nos mesmos espaços, estamos a maioria das vezes a fazer coisas diferentes, não nos vemos, não vemos todas as crianças, logo temos mesmo que partilhar o que fizemos, como é que as crianças reagiram, se houve dificuldades, se tudo decorreu como tínhamos planeado....

A Alice coordena esses momentos? Estipula uma ordem de trabalhos ou é um espaço de partilha informal?

É assim, nós reunimos semanalmente e às vezes não há propriamente uma ordem de trabalhos e eu quero ouvir um bocadinho... "... então esta semana há alguma questão? Há

alguma coisa que querem partilhar... que correu muito bem ou correu mal?", porque há sempre um espaço, alguém pode ter alguma coisa para colocar na mesa e partilharmos e discutirmos sobre isso. Agora andamos por exemplo a observar os meninos, cada uma de nós, eles são trinta, ficou com cinco. Depois o que é que nós fizemos? fui juntar, há sempre aspetos que uma não... porque em trinta não é?... nós não conseguimos diariamente conhecer os trinta e estar com os trinta da mesma forma, interagir assim, e então foi "olha, eu não sei se este menino já consegue pedalar...", isto é um exemplo, aquelas fichas que nós temos, " e este, notas se já leva a colher à boca, ou não?", discutir isto entre todas, porque umas observam umas coisas, outras observam outras. Em equipa, porque cada uma conta. Isto também ajuda a que as pessoas que não são educadoras, também percebam que a creche não é só dar de comer e mudar fraldas. Muitas vezes ficamos só por aí e é isso que muitas vezes desvaloriza os profissionais. Muitas vezes "ah eles são pequeninos, não fazem nada, é só...". Não é bem assim, não é? E eu penso que este envolvimento e as próprias avaliações, como elas têm que identificar ali aqueles itens faz pensar "eh pá, afinal eu preciso que isto vá um bocadinho mais além..." conhecemos e depois definir um bocadinho então "precisamos de trabalhar com esta criança se calhar mais este aspeto ou aquele...", por exemplo, é preciso mais a linguagem ou... Acabam por ser momentos formativos, estas reuniões semanais são muito importantes, todas saímos mais ricas desta partilha. Como a Isabel já tem referido, é a formação em contexto, não é? Penso que muitas vezes estes espaços são os mais importantes, às vezes mais importantes do que as conferências, os seminários, as formações mais formais porque estamos mesmo a partilhar informação sobre a nossa prática, as nossas crianças, as nossa famílias... É a partir destes momentos que eu depois defino a planificação porque é a partir daqui que percebo onde é que temos que fazer um maior investimento e esse planeamento é feito com a Educadora Carla e nem sempre é fácil por todos os aspetos que já mencionei. Mas temos que aprender a estar com os outros, a fazer cedências, a conciliar e a fazer convergir opiniões

Esses instrumentos para realizarem os registos das observações foram construídas por vocês?

Foram adaptadas.

A partir de...?

Bem... olhe uma traz, a outra traz, tenho feito pesquisas e muita coisa a partir do complemento, da minha formação no contexto de creche lá na ESE, mas são fichas simples, mas sempre com base no modelo da Segurança Social, não podemos sair muito daí.

... qual o modelo pedagógico...?

estamos muito mais ligados ao High/Scope e depois é aquele célebre modelo que a Segurança Social editou e que todas as inspeções quando temos, é segundo aqueles parâmetros, portanto tentamos como, salvo erro foi na última inspeção, nos deram hipótese de podermos readaptar aquelas fichas de observação, que havia ali coisas que de facto eram muito complicadas e não estavam muito acessíveis, com outras que fomos recolhendo, fizemos um bocadinho, eu costumo dizer "uma salada", tirámos aspetos dum... criámos uma com base em duas ou três que achámos que estavam melhores, que eram muito mais acessíveis e pelo menos tínhamos algum objetivo com aquilo, porque estar a preencher por preencher e não nos levar a nada, também não vale a pena, não é? Mas o modelo é muito complicado, para mim não tem aplicação direta, não veio facilitar,

só complica, é tanta coisa, quase que temos que deixar as crianças para nos dedicarmos só aquilo.

Claro e depois vocês fazem o quê? Atendimentos individuais com os pais e dão esse feedback periodicamente ou...

Não, por acaso... se os pais nos solicitarem, sim, nós podemos dar e devemos dar. Normalmente não fazemos isso por sistema, mas no final falamos sempre...

No final do ano letivo.

Sim, sim, sim. Aliás, ou porque o interesse surge das famílias, ou mesmo da nossa parte, acaba sempre por se conseguir criar momentos para partilhar informação... às vezes são eles "oh Alda, preciso duma palavrinha, como é que está o meu filho, ou..." pronto às vezes surge assim só "como é que está?..." e do "como é que está?..." nós aproveitamos nessa conversa obviamente chegamos aí, com facilidade se consegue, sem estar ali aquela questão do final do ano ser só para avaliações, vai acontecendo ali naquela... acabamos por criar momentos informais, sem ser reuniões marcadas... estou sempre disponível e, a qualquer momento, sento-me com os pais e tento dar resposta a todas as questões, as todas as dúvidas...

E o vosso currículo, como é que o definem? Como é que o planeiam? Como é que definem o vosso projeto pedagógico?

É assim, nós o nosso projeto aqui em creche, eu quando eu vim para cá, eu não tinha aqui basicamente nada. Foi feito assim um Projeto Educativo rapidamente até por causa duma inspeção, nesse ano eu cheguei aqui e nem sabia o que é que me iria ser exigido e foi o ano da tal inspeção, em que havia um relatório que não estava a ser muito favorável, porque faltava isto, faltava as presenças individuais, não estavam feitos segundo o acordo que eles queriam, na altura a inspetora, isto depois também depende de quem está, era daquelas pessoas que era o que estava na lei, portanto não há ali flexibilidade nenhuma, é assim, é assim! E na altura eu lembro-me que a diretora veio no final do ano, eu ainda estava no Jardim de Infância, mas como ela já sabia que eu vinha para a creche, chamou-me "ah, para o ano, é isto e isto...", disse-me assim uma série de coisas. Como a pessoa ainda não está no contexto... "Bem, depois logo me entendo, logo vejo o que é". E de facto quando cheguei aqui vi que havia muito trabalho para fazer, a diretora entretanto viu o relatório, "Ah Alice, falta isto, falta aquilo..." E eu disse "bem eu só vou responder de setembro para a frente." E pronto foi "meter a mão na massa" nos processos, fazer os processos segundo o que de facto eles nos exigiam e começar a trabalhar um bocadinho no projeto, portanto andei a ler imensas coisas, eu também me estava a integrar na creche, vi que era preciso fazer... e consegui obras que não havia, pronto, não havia refeitório, não havia... havia espaços que eu não concordava dentro deste regime de sala aberta, mudar o chão, redecorar isto porque o chão estava muito danificado e criar estes espaços com mais centros de interesse para estas idades. E o projeto foi nascendo assim, daquilo que se ia construindo, fui lendo muito; não tive por acaso muito acesso a projetos, que às vezes não é fácil encontrar projetos de creche e eu "agora como é que eu faço, como é que isto vai acontecer", agarrei um bocadinho na ideia do modelo High/Scope, tentar ver "isto e isto tenho que conter... de que forma é que eu vou pôr isto...e como é que eu me vou organizar?.." Resumindo, os objetivos foram definidos no projeto de acordo com a faixa etária e de acordo com o grupo de crianças e também definimos as atividades a desenvolver, essencialmente os dias comemorativos com as respetivas estratégias. Depois vamos fazendo o planeamento semanal, vamos reajustando. Portanto definimos as nossas intencionalidades, estão definidas no projeto pedagógico e todas as atividades, mesmo a

higiene, o almoço o dormi, mudar a fralda, todos os cuidados têm que ser intencionalizados, é através de todos estes momentos, destas atividades que elas aprendem, que se desenvolvem, não é? Também é através da organização do espaço, do tempo, do próprio grupo de crianças que as intencionalidades se definem.

Não frequentou nenhuma formação?

Não, não frequentei nenhuma formação para planejar o trabalho aqui na creche, nada, não tinha propriamente muitos conhecimentos para planejar toda a intervenção, mas... olhe... nasceu, o projeto nasceu e pronto, eu costumo dizer que é assim, foi um parto que naquele ano tinha que acontecer, depois naquele ano iríamos ter outra inspeção para ver se de facto tínhamos as coisas em dia! Não tem sido fácil, tem sido um grande esforço da minha parte mas... A partir daquela estrutura, eu todos os anos, mexo naquilo, altero a caracterização do grupo, altero um bocadinho... aquilo que eu já fazia no Jardim de Infância... Portanto, procuro estar informada, pesquiso...costumo dizer que é por conta própria.

E vocês depois, vão “beber” ao projeto educativo da instituição?

Sim, sim. Definimos, planeamos a partir do projeto educativo e depois de acordo com o grupo das crianças, portanto a faixa etária e também de acordo com as necessidades, todos os anos vou alterado o projeto pedagógico, vou melhorando e também tenho que ajustar ao grupo

Essa construção é feita conjuntamente com a educadora Carla?

enho sido eu... ah, e em relação ao projeto educativo eles exigem um para a creche só, portanto nós ainda por cima temos que ter uma parte só de creche, pronto eu achava que havia o educativo da instituição toda e depois havia o da creche, o do jardim de infância e do ATL. A Carla, pronto ela foi tomando conhecimento dos outros três anos dos projetos, mais ou menos, eu disse-lhe mais ou menos como é que fazia, o que é que agora tínhamos que alterar ali... e ela como se está a integrar, essa parte normalmente sou eu. Podemos conversar, mas depois na escrita normalmente sou eu que faço, como fui eu que tenho aquela estrutura no computador, acabo por ser eu que mexo.

Então mas no fundo como é que organiza o trabalho com as crianças, a partir de quê?

O trabalho com as crianças é organizado a partir das nossas planificações, nós sabemos o que é que vamos fazer... mas isso é discutido, agora no projeto, o escrever, o pôr ali no dossier como se costuma dizer, isso é uma coisa, agora o debate aqui é entre as duas. Procuro debater, analisar com ela a informação...partilhamos conhecimentos e depois sou eu que organizo essa informação e que elaboro os documentos.

Portanto os objetivos que orientam a vossa ação estão relacionados com os tais projetos e como é que vocês fazem? Fazem um diagnóstico inicial e depois definem o que é que pretendem?

Não... isto não é muito fácil., a organização para planearmos o nosso trabalho não é fácil Neste momento a Carla está muito centrada no Jardim de Infância, como ela diz, ela "ah, no Jardim de Infância...", ainda hoje nós por acaso na reunião de avaliação falámos um bocadinho sobre isto. Ela continua com muita dificuldade em se distanciar do jardim de infância e aqui é diferente... temos crianças de 1, 2 e 3 anos, logo tudo o que planeamos, tudo o que organizamos tem que ter em conta essas idades. Eu como acho que a creche tem parâmetros muito próprios independentemente das características individuais, os espaços têm que ser pensados para eles, o que lá colocamos, portanto os materiais, porque

não podemos planejar atividades, atividades como fazemos nos jardins de infância. Temos que os deixar explorar mas para explorarem têm que ter o espaço e os materiais organizados, têm que ser planeados de acordo com aquilo que eles precisam. O planejamento passa muito por aí, comemorar alguns dias festivos, o natal, o carnaval,, dia do pai, dia da mãe... para esses dias planeamos atividades de pintura, desenho, modelagem... e depois passa por explorar muitas histórias, muitas canções, muitos jogos de imitação...escutar muito, conversar muito, dar-lhes tempo para fazerem o que mais gostam. Muitas vezes temos que ficar num só espaço, mantê-los em grande grupo, eles não podem fazer as suas escolhas como era suposto, não temos capacidade para lhes dar uma atenção individualizada e também não conseguimos respeitar os ritmos de cada criança, têm que seguir o grupo, mesmo nas refeições, no dormir... é difícil, nem sempre conseguimos fazer o que consideramos correto. O Educador e os adultos que trabalham aqui na creche têm que estar muito mais disponíveis, ter sentido de interação com os meninos, individualmente, em pequeno grupo e as crianças na creche para preparar atividades, eu costumo dizer, são dois minutos, temos sempre que planejar tudo para ser explorado num curto tempo. Nestas idades temos que valorizar o momento, são pequenos momentos, portanto não conseguem estar durante muito tempo a fazer a mesma atividade... aqui é tudo muito rápido. Parece que estamos na presença de borboletas, as crianças são "borboletas", mudam constantemente, pegam e largam, mexem em duas, três peças e vão buscar outras coisas. Claro que nós aqui temos um papel muito importante, estamos cá para os ensinar a explorar, mas nem sempre o conseguimos, pela organização, como estamos organizados, portanto em espaço aberto e depois pela escassez de adultos, como já disse temos muitos momentos que não estamos as seis, logo o acompanhamento mais individual acaba por ser difícil de fazer. Faz-se o que se pode, mas às vezes é frustrante e os pais acabam também por ver isso. Perguntam e tal... mas nós vamos passando sempre outra imagem, claro. Temos que as deixar explorar no ritmo delas. Queremos que todas elas aprendam, se desenvolvam em todas as áreas e para isso organizamos tudo em função das nossas crianças, dos seus interesses, das suas dificuldades, daquilo que elas mais gostam. Temos que as apoiar nas suas explorações, ir dando coisas novas, temos que ser criativas para elas se irem desenvolvendo. Temos que valorizar o momento, são pequenos momentos, portanto não conseguem estar durante muito tempo a fazer uma atividade... aqui é tudo muito rápido. Portanto, a creche tem esta característica e isto faz com que tenhamos que estar mais disponíveis e haver mais adultos porque exigem outra forma de estar, mais atenção individualizada, exige que esteja sempre um adulto por perto, mas como todo este espaço, eles acabam por circular e nem sempre conseguimos manter a nossa organização de espaço aberto, muitas vezes temos que ficar somente num espaço. Aqui na creche é importante que o adulto esteja perto deles...verbalize... agora a linguagem é qualquer coisa que temos de trabalhar sempre!! Porque são idades fundamentais para... eu costumo dizer "banhá-los" em linguagem. E parti do princípio que havia aqui uma série de questões, portanto, sabendo "o que é que nós pretendemos com esta rotina?...", "porque é que organizámos uma rotina desta maneira?... Até porque esta rotina é organizada por serem trinta, por sermos seis e temos que arranjar estratégias de conseguir ser o melhor possível! São todos estes aspetos, penso eu, que nos distinguem dos pais, pensamos, planeamos, temos a tal intencionalidade educativa, somos nós os responsáveis, somos nós. Eu vou para casa e estou sempre a pensar e se eu fizesse assim, se mudássemos isto se... elas assim já conseguiam fazer isto, aquilo... acabo por andar sempre a pensar em como posso fazer diferente e como é que isso pode ajudar as crianças. Fazer mudanças no espaço, criar, inventar coisas para as crianças explorarem é algo que gosto bastante e eu aqui tenho essa liberdade, ninguém interfere, posso fazer todas as mudanças, criar, claro que, desde que

não implique custos, não é?. No fundo o que eu procuro é organizar o ambiente de acordo com o que acreditamos que deve ser a educação destas crianças. Como eu acredito que elas devem fazer as suas escolhas, que devem ter liberdade, tento organizar um espaço em que elas possam circular, que não estejam todas a fazer o mesmo e também para que o adulto possa ter disponibilidade para ter um contacto mais prolongado com determinada criança e se estiverem todas em grande grupo não tenho essa possibilidade.

No lugar de serem trinta, qual seria o ideal?

Nestas idades que tenho? Tendo este grupo tão heterogéneo? Devia ter... com este número de adultos... não devia ter mais de vinte crianças.

Pelo que tem vindo a referir, uma das grandes dificuldades é precisamente a escassez de recursos humanos e têm mais dificuldades?

Bem a diferença de idades é uma, portanto, com um grupo grande e num espaço aberto. Mas por outro lado também é positivo terem idades diferentes, acabam por interagir uns com os outros e isso é muito bom para eles. Além desta... são muito poucos adultos no tempo grosso... eles vão chegando, vão chegando, mas o que é facto é que... por volta das nove e meia, se não temos trinta andamos por lá perto. E isto leva-nos a que muitas vezes temos espaços e nem sempre podem usufruir porque sendo o grupo tão grande, dividi-los e ficar uma numa sala, outra noutra... mas depois estão a chegar pais e muitas vezes não se consegue. Eu muitas vezes tenho que ter estratégias à tarde, ou de muitas brincadeiras de grande grupo e de movimentos e coisas assim, porque nem sempre consigo ter adultos suficientes para.. vá... estes estão aqui, outros estão a ouvir uma historinha, outros a fazer uns joguinhos de mesa. Por exemplo, hoje estávamos as três porque estavam poucos, mas hoje curiosamente que estavam poucos e íamos dividi-los, eles foram todos para ali. porquê? Porque eles são imprevisíveis nestas questões, não é? E nós deixamos que eles façam opções, que escolham para onde querem ir, o que querem explorar... Estamos cá para apoiar, mas eles podem fazer as suas escolhas... fazemos atividades mais orientadas... mas a maioria das vezes são eles que decidem o que querem fazer. Nós temos os objetivos, sabemos o que queremos para cada criança e os nossos espaços estão organizados em função das aprendizagens e desenvolvimento que queremos proporcionar mas, para isso, temos que ter pessoas em todos os espaços, o que nem sempre acontece e dificulta a nossa ação e não podemos colocar em prática aquilo em que acreditamos.

Quando estão na presença dessa dificuldade o que fazem para a superar?

Não há muito a fazer não é? Acabamos por orientar a criança para a exploração dos espaços onde estão adultos.

Estas dificuldades são do conhecimento da direção?

Era mais fácil antigamente do que agora.

É?...

Eu penso que é assim, ah... a outra Diretora não é Educadora mas tinha uma capacidade de entender o trabalho pedagógico de uma forma muito assertiva, ela conseguia alcançar e perceber as dificuldades que as pessoas apresentavam, independentemente do espaço onde estavam. Com esta, as coisas já não são da mesma maneira, aliás outro dia dizia. "não sou educadora, não sei muito bem o que é ser Educadora, também não queria ser...", portanto, qualquer coisa não era capaz de estar com meninos, portanto, não é sensível às dificuldades, acaba por não ter tanta noção destas dificuldades práticas. E isso faz com que muitas vezes estas coisas se vão acumulando, houve alguns erros este ano na altura

da admissão, que foi erros de secretaria, com as idades, eu fui lá e "isto não pode ser, isto vai ser um problema com esta divergência de idades...". "Mas está feito, está feito! Este ano calha assim!", Portanto, sinto que não houve ali uma consciência da prática. "Isto assim é duro, isto não vai dar, isto não vai resultar!" E obviamente os problemas começaram a acontecer e eu lembro-me quando foi a primeira reunião, estávamos ansiosas e... porque isto depois transparece muito a insegurança; uma mãe chega aqui, onde estão tantas crianças, onde só já há três, está uma a recebê-la e as outras não têm já braços para dar colo ao choro ou acalmar crianças... não é muito agradável, eu não gostaria de ser uma mãe... "Eh pá, aquilo é só choro... elas não... estão tão poucas, não é?..."

... como é que dão conta disto?

E é mesmo! Bem... a adaptação é o pior da creche, é o momento mais difícil para todos, para as crianças, mas também para as famílias e também para nós. E é o momento que é fundamental também para conseguirmos criar relações de confiança com as famílias. É logo onde nós, neste período de adaptação das crianças, não temos capacidade de resposta com qualidade, não temos os recursos humanos, não são suficientes. E isto é um aspeto que é pouco valorizado pela direção, "Ah, está bem...", mas isto não é bem "Está bem". Isto de facto é uma imagem complicada e é uma imagem que não é fácil de ultrapassar, fica...

Mais uma pessoa aqui, principalmente nesse período da manhã, seria muito bem-vinda, não é verdade?

Claro, e depois se nós não tivéssemos que fazer a abertura e o encerramento, não é?... Enquanto que no Jardim de Infância temos seis salas e elas rodam, portanto, há uma auxiliar que faz a abertura das seis salas; aqui não, calha à mesma equipa, calhando à mesma equipa, mais espaçamento de horários tem. A verdade é que eu tenho seis adultos das onze à uma, só! Para almoços, praticamente. Nestes anos eu tenho-me confrontado com algumas atividades que quero pôr em prática e que é complicado! Por exemplo, quero fazer uma digitinta, "hoje queria fazer uma digitinta, eles..." Eu não tenho pessoal, mesmo que eu queira, muitas vezes não tenho pessoal para fazer uma digitinta, uma coisa básica. E muitas vezes opto pelo tempo melhor, para ser na rua, para ver se as coisas... está uma a lavar... porque como temos um lavatório lá fora... mas não é fácil!!

Acaba por ser muito stressante.

É, é. Este modelo de organização das crianças é um modelo que não funciona com este número de crianças. É muito interessante, mas só funciona com menos crianças e com mais adultos

Será o modelo?

Não é o modelo. É o número para o espaço.

Relativamente ao modelo, acho que é interessante do ponto de vista de ser uma casinha adaptada, é um aproveitamento do espaço. Diversifica porque aí podemos ter espaços diferenciados e mais enriquecidos, do que ter só uma sala de atividades. E principalmente porque eles podem optar, não precisam de estar a fazerem todos o mesmo. Respeita-se as suas escolhas. É um bocadinho aquilo que eu muitas vezes cheguei a ver nalgumas salas de Jardim de Infância, o cantinho da cabeleireira, o cantinho da cozinha, o cantinho... tudo ali em menos metros quadrados só para se ter tudo. E aqui não é necessário, conseguimos ter... de facto isso é bom. É bom, mas é o espaço, eu a única coisa que valorizo neste modelo é o enriquecimento do espaço e a diversificação das hipóteses...

Pois essa tal hipótese de aumentar o número de recursos humanos...

Sim, se tivéssemos mais adultos, já libertaríamos adultos porque poderíamos ter, de facto, facilidade em poder fazer coisas que normalmente estamos limitados. Nós não podemos muitas vezes fazer determinadas experiências porque não temos adultos suficientes, porque nestas idades eles precisam muito de nós, não são autónomos para nada, não é como no jardim de infância, aqui precisam sempre do adulto para tudo.

E os pais apercebem-se da situação?

Sim.

No que respeita às reuniões com a Direção, está definida a periodicidade?

As reuniões com a diretora são mais formais, mas não está definida a periodicidade. Sempre que é necessário... de acordo com as situações... Olhe por acaso este ano foi a primeira reunião acho eu... ou a segunda. Foi a segunda que aconteceu, uma até foi por causa de uma situação pontual que temos aí, que é um caso complicado duma mãe e como ela está sinalizada ali no Centro Comunitário, pertence ao Centro Paroquial, daí ter sido necessário, mas normalmente a Diretora não reúne, deixa-nos um bocadinho essa liberdade de prosseguirmos. Portanto, aqui no nosso trabalho nós vamos avaliando, vamos fazendo as reuniões.... desta, de facto, achei proveitoso ela vir, porque outras questões requerem a sua presença, como ela tinha mexido na equipa, tinha mudado a equipa... de facto fazer com a presença dela...

Identifica-se como educadora de creche? Que imagem tem de si?

Sim, sim... Eu acho que é uma imagem que vou construindo; eu tenho a sensação que quando cá cheguei há quatro anos atrás, devo ter começado a pôr "o primeiro tijolo", tenho um bocadinho essa ideia... mas acho que é qualquer coisa que nós construímos no nosso dia a dia, não é como a bata que se veste, não é por vestir uma bata que sou Educadora de Creche, assim como no JI, quer num contexto quer noutra, nós vamos construindo e estamos sempre a construir, ou então... a demolir, não é?... nós só temos essas as duas hipóteses. Mas tenho uma boa imagem, gosto do que faço, gosto de estar aqui... gostaria de ser mais respeitada, mais valorizada e... penso que aqui... talvez sejamos menos valorizadas... aqui todas fazemos o mesmo e às vezes as pessoas para valorizarem o outro, para valorizarem o que o outro faz necessitam de ver explícito a diferenciação de tarefas... não sei...

E estando aqui estes quatro anos, o que é que sobressai como aspetos mais positivos? E menos positivos?

Eu acho que há uma coisa que a creche me ajudou muito, portanto foi adquirida aqui e é mesmo uma das coisas que me traz uma grande satisfação. Eu lembro-me que o professor Augusto dava um nome que eu não me recordo qual é, que é aquela capacidade de estarmos aqui e quase que sabemos o que está a acontecer nas nossas costas, não é?... o Educador consegue gerir uma sala e consegue ver quando precisa de olhar para ali e dizer qualquer coisa. Sentimos! Portanto, parece que ficamos mais sensíveis... A creche traz ainda outra capacidade, outra competência... ou desenvolve-se, isto desenvolve-se, que é quase ver e ler a linguagem não verbal, ficamos com uma capacidade de desocultar... É muito giro, acho que é uma das coisas que a creche me ensinou, moldou a minha maneira de ser, ajudou-me a desenvolver, é ouvir no silêncio. Escutar e ler nas entrelinhas o que as crianças e os adultos têm para nos ensinar, colocarmo-nos no lugar do outro. Ah... diferenciar choros, emoções naqueles choros, conseguir perceber o que está bem o

que está mal quando a criança não diz "dói-me isto, ou tenho isto, ou quero aquilo". No jardim de infância... não é assim... As crianças aqui não verbalizam e isso é muito giro. É olharmos, cruzarmos os olhares por aqueles pequenitos e percebermos o que ele quer quando estica os braços e percebermos que quer um colinho ou quer que eu me sente apenas com ele para brincar com um livro ou com um jogo, isso é muito giro, é uma calma, uma tranquilidade... É ler nas entrelinhas... é um bocadinho isso e acaba por ser uma calma... é muito giro. Nesta agitação de serem muitos, também acho que há esta calma, que é... um dia na creche é um dia sereno neste aspeto. Também posso referir que é tudo muito físico, muito contacto corpo a corpo, uma grande proximidade e intimidade.

A Alice refere que um dia na creche é mais sereno, mas também já referiu que na creche o choro é constante. Como é que vocês lidam com isso?

Não é um choro constante, ele é constante no período da adaptação é! Eu costumo dizer: mal da creche se o setembro e o outubro fossem referência para um ano, acho que ninguém aguentava, não é? Nem fisicamente nem psicologicamente, agora a certeza que aquelas tempestades vão passar, ajuda-nos também a conseguir caminhar naqueles dois meses. Agora, verdade seja dita, que o Educador na Creche ao fim desse tempo de adaptação, precisava dumas férias, precisava! Porque nós todas, nós dizemos isso e estou a falar dos Educadores, as seis, neste caso a equipa. Quando finalmente eles estão adaptados, estamos nós com vontade dumas boas férias, porque chegámos àquele ponto de cansaço, mas não é só físico é também psicológico. São períodos muito stressantes. Agora que choram todos os dias, não! Mal de nós se a creche fosse assim.

Como é que diferencia a sua profissão das outras profissões?

Ah, em muita coisa! Muita coisa... não ter dias iguais, todos os dias acontecem coisas diferentes... as crianças crescem e hoje uma já diz mais uma palavra e outra já trepa para cima da cadeira e outra já não faz xixi na sanita... embora as rotinas sejam uma... nós costumamos dizer que é muito importante a rotina e depois acabamos por dizer que os dias não são iguais. Porque podemos ter rotinas sem os dias serem iguais, não é? Eu acho que a nossa profissão tem uma coisa muito especial: é tão bom chegar de manhã, abrir aquela cancela e ter tantos meninos a correrem para nos dar abraços e beijinhos. Eu acho que nas outras profissões, temos colegas enjoadas, temos pessoas sisudas... e aqui temos crianças autênticas que nos dão muito de tudo, mas essencialmente muito carinho, muita atenção... fazem com que a gente se sinta valorizada, importante... e isso é como se logo pela manhã bebêssemos um estimulante quando recebemos "o bom dia" deles, é um bom dia de beijinhos, de lambidelas, de ranhocas na cara, de babas, ficamos todas babadas quando nos dão aqueles beijinhos, mas que sabe bem, sabe muito, muito bem!

Mas de qualquer forma há competências pessoais e profissionais que têm que existir e que se diferenciam?

Há sim senhora!

Quer sinalizar algumas?

Por exemplo, eu normalmente agarro num exemplo que é muito básico, que é as refeições. Eu posso dar de comer e muitas vezes se eu não tiver a intencionalidade educativa só me preocupo com o que a criança come, se eu tiver intencionalidade educativa eu preocupome como é que ela come, não é? Isto falando em Jardim de Infância e levando para uma série de situações do dia a dia, que é a forma, como e porquê, diferencia-nos de facto dos outros profissionais, portanto eu tenho obrigação de saber porque é que faço e tenho objetivos.

O que é que mais lhe agrada e o que é que menos lhe agrada?

O que é que menos me agrada? Na profissão?...

Aqui em creche.

Aqui na creche, nesta creche?

Nesta, eu digo nesta, porque você também não tem experiência em mais nenhuma

O que menos me agrada na creche e não só nesta é a forma como os próprios profissionais, os próprios educadores muitas vezes olham para quem está na faixa anterior. Isso para mim é qualquer coisa que... que me irrita, porque não se é nem menos... não se tem menos capacidade, ou menos competência, ou menos qualidade, só porque se está na creche, mas as Instituições são culpadas também disso, durante muitos anos, quem tivesse menos qualidades profissionais era encostada à creche e isso desvalorizou em muito os Educadores. Eu este ano foi dos anos que mais me confrontei com isto e nunca me aconteceu, eu já trabalhei aqui, este ano é o quarto ano e a colega que trabalha comigo só me dizia "Ai a minha mãe, diz que eu estudei tantos anos para vir mudar fraldas...". Isto irritava-me e cada vez que a colega, ela coitada, não é que ela diga isto com intencionalidade, mas aquilo irrita! "Já viste filha, andaste a estudar e agora andas aí a fazer o quê? Achas que mereces isso?" enquanto ouvir uma colega de igual dizer-me isto, eu fico tão triste! Tão triste e digo assim "como é que nos podem reconhecer se nós próprios fazemos isto, dizemos estes disparates. Estas barbaridades! Quando as nossas próprias colegas dizem: "Aqui não se faz nada, não sei o que é que hei-de fazer! Ai a minha filha goza comigo porque eu vim para aqui!" Por amor de Deus... isto tem-me desgostado sinto-me muito mal. De qualquer modo, bem tive que motivar a colega, partilhar muito e acima de tudo tentei que ela percebesse que estar aqui é tanto ou mais importante que estar no jardim de infância, que é aqui que as crianças iniciam os seus percursos. É aqui que tudo começa e somos nós, somos nós educadoras de creche que estamos lá. Num contexto ou noutro somos sempre educadoras e que temos que ser nós a dar a conhecer o trabalho válido que fazemos. Temos que dignificar a nossa imagem, a nossa função, a nossa profissão. Os próprios Ministérios, quer da Educação, quer da Segurança Social têm aqui um papel a desempenhar na valorização do educador de creche, deviam promover a profissão e penso que o facto de não haver orientações curriculares também contribui. Seria importante, mesmo dentro das instituições, promover a imagem do educador de creche, porque a desvalorização começa mesmo aqui, pelas nossas colegas, pela direção, pelas famílias...

Sente que o próprio contexto a influencia?

Ah sim, sim, sim, influencia.

Em que aspetos?

Ah... eu acho que, olhe eu se calhar também estou numa fase da vida que estou a dizer que é o contexto e podem ser vários fatores. A gente vai envelhecendo, já são trinta anos aqui de casa e vamos amadurecendo aqui algumas questões, depois fica a dúvida se foi só a creche, ou se é os meus anos que me estão a dar formas de estar diferentes de ver os outros, de estar com os outros. Bem... penso que o contexto de creche tem tido uma grande influência, pois qualquer coisa que corresse mal eu "saltava-me a tampa", com muito mais facilidade, hoje não, acho que consigo ter muito mais calma, daí eu dizer aquela serenidade, esta calma, podem ser os dois fatores, podem ser influência do contexto de creche. Os próprios anos de serviço, eu não sei explicar, mas... que sinto

diferença, sinto. Mas às vezes não sei muito bem se é só duma coisa, se é das duas. Mas aquela calma, aquela tranquilidade que referi há pouco, portanto a calma que a creche me traz, penso que me tem influenciado enquanto pessoa e enquanto profissional. Mudei... mudei muito, já não ferve em pouca água como o fazia anteriormente. E isso talvez se deva aos bebés, a estas idades, que exigem de nós, portanto uma maior capacidade para aceitar o outro, sermos mais tolerantes, mais serenas, a capacidade de darmos mais tempo e espaço, estarmos mais disponíveis... Contribuí para me tornar uma pessoa diferente, mais humanizada, mais sensível, mais respeitadora pelas características do outro. Penso que também o facto de ter introduzido outros hábitos, tive necessidade de pesquisar muito, porque a tarefa de trabalhar com seis pessoas, trinta crianças, fez-me começar a ler muito numa área que eu não lia, que é organização e gestão de tempo. A "carrada" de livros que eu já comprei e que tenho lido, ainda agora recebi mais uns tantos, o meu marido já goza comigo, eu acho que nunca li tanto sobre isso. E também ser coordenadora aqui. Tenho tido necessidade de passar informação às pessoas que estão na equipa sobre questões éticas, sobre o desenvolvimento da criança, as características do desenvolvimento típico...

Que tipo de formação é que teve para coordenar uma equipa?

É um "jogo de cintura" muito grande para agradar a todas.

Onde vai buscar esse seu conhecimento para gerir a equipa?

Pois não é fácil gerir uma equipa, procuro ser um modelo correto, não só para as crianças, mas também para os adultos e principalmente para as auxiliares. Eu costumo dizer: tenho lido muito sobre isso porque para já, porque eu não sabia delegar trabalho, eu sempre concentrei tudo em mim. E nós no Jardim de Infância com uma Educadora e duas auxiliares, havia uma série de tarefas que era eu a responsável, era eu que as fazia e de facto, depois eu fazia já o que até poderia dar aos outros a fazer e não dava. Eu também não sou uma pessoa fácil, o meu feitio não é muito fácil, eu gosto das coisas muito certinhas e aquilo que outras pessoas acha "ah, está bom assim", eu não, irrita-me. E muitas vezes para não me irritar com os outros acabava por fazer eu. Aprendi a ter mais calma nisso e a conseguir delegar. E muitas vezes, ainda agora vamos fazer agora para o Carnaval, há várias etapas, não é? Então umas têm jeito para isto, outras para... e divido tarefas e responsabilizo; no ano passado na festa de final de ano havia vários trabalhos que tínhamos aqui para fazer da creche, para uma venda que ia haver da Instituição toda. Então eu dividi, duas ficaram responsáveis por fazer os saquinhos com os meninos, outras ficaram responsáveis por fazer marcadores, outras... pronto e já tenho essa facilidade, eu acho que foi de ter começado a ler e a informar-me sobre isso. Este ambiente de creche, esta tranquilidade tem vindo a ser um marco no meu percurso, o desempenho aqui ajudou-me a ser mais eficiente, mesmo com os adultos, ajudou-me a ser capaz de ver o que é que eu consigo fazer e o que é que eu posso deixar também que os outros façam para não estar tão sobrecarregada e depois não ser má colega, que a gente quando está sobrecarregada não tem paciência! E isso é um fator que nós temos de ter muita consciência. Eu acho que a creche me tem ajudado a ver isso, eu se vier de mau humor e se vier sobrecarregada, por muito esforço... a pessoa não é tão tolerante, não é... não sei... nem sequer tão boa colega e isso ajuda. Este ambiente da creche tem ajudado a ser mais tolerante não só com as crianças mas também com os adultos. Tem vindo a moldar a minha maneira de ser. No início, quando vim para a creche tudo me intimidava, receava melindrar as colegas, se por um lado não dizia nada, não estava a exercer o meu papel de coordenadora, mas se dizia, tinha dificuldade em fazê-lo, é difícil não irmos pela negatividade e claro, depois corria tudo mal. Mas não é fácil coordenar uma equipa de forma correta pois, por vezes,

as pessoas esquecem-se que são profissionais e transportam o seu modelo maternal, agem como se fossem os seus filhos e acabo por me deparar com situações difíceis de dar a volta e resolvê-las da melhor forma, sem entrar em conflito.

O que é hoje como Educadora e aquilo que faz, aproxima-se daquilo que pensava vir a ser?

Não, não. Nada.

Porquê e em que aspetos? O que é que pensava e porque é que refere que não?

Eu quando acabei o meu curso, eu trabalhava com pessoas tão boas, tão boas aqui nesta instituição! Foram uma referência para mim. Ajudaram muito a ser a educadora que sou hoje. daquelas que nós nos sentimos muito pequeninas; isto é, já dizia a Lilian Katz, "os estádios de desenvolvimento dos educadores" e eu dizia assim "ai, meu Deus, nunca vou conseguir, nem fazer isto, nem ser capaz daquilo...", porque elas eram tão assertivas, com umas linhas de orientação... e não havia escritos, pouco registos havia naquela altura, elas não escreviam muito, mas elas sabiam defender de tal maneira o seu trabalho, eram tão boas, e eu dizia assim "incrível!". Era uma equipa muito coesa, com as linhas orientadoras muito bem definidas, seguiam o mesmo rumo, o mesmo caminho. E isso via-se, era uma coisa muito gira, as crianças mudavam de sala, de educadora para educadora e curiosamente os pais não estranhavam e eram pessoas diferentes, profissionais diferentes, mas as competências eram muito parecidas, porque eram muito unidas, valorizavam-se, construía em conjunto e era aqui na instituição, no contexto, formavam-se umas às outras, construía em conjunto sobre as suas dificuldades e partilhavam. Acredito nisso, é assim que deveria ser, todas, em conjunto, ter a mesma base. E penso que é isso que se pretende nestas instituições, a partilha, a troca... penso que até mais na creche, não havendo as tais linhas orientadoras vindas do Ministério, então deveria haver nas equipas uma maior coesão, com uma forma de fazer mais explícita, mas comum, construída por todas. É um trabalho sério muito importante porque aqui, nesta instituição temos um papel muito importante, estamos a trabalhar com muitas crianças que necessitam de um grande apoio social e educativo, somos um centro paroquial cuja missão é apoiar crianças e famílias com dificuldades. Era assim... uma educadora estava mais por dentro disto, outro sabia mais daquilo... e então... e isso fazia com que eu olhasse para aquelas pessoas e sentisse que elas estavam lá naquela montanha muito alta, muito alta, que a gente nunca lá chega! Então eu achei que, quando acabei o curso lembro-me perfeitamente, no Piaget, e eu só dizia assim "foi a pior escolha", ter tirado ali, quatro anos, não gostei de ter tirado ali, considero qjue aprendi pouco, precisava de mais. Tirei o curso no Piaget porque dava jeito era aqui em Almada e os horários, era pós-laboral. Nunca vou ser como aquelas pessoas, como aquelas profissionais. Penso que aprendi pouco na formação inicial, aprendi mais a trabalhar com aquelas pessoas. Com aquelas educadoras onde realizei o meu estágio, aqui. Valorizo muito a partilha, o construir em conjunto, mas sobre as nossas dificuldades, aquelas que surgem todos os dias, com as crianças, com as famílias, com a própria equipa... E se não fosse o estágio, o estágio foi muito importante e também aquilo que eu aqui aprendi com as colegas, trabalhava e aprendia com as colegas, porque eu acho que deveria ter ido tirar outro curso de Educadora, portanto a formação inicial, mas noutra sítio, o Piaget não me preparou. A formação inicial deve dar conhecimento para intervir em todos os contextos e haver uma grande articulação entre a teoria e a prática, mas eu tive muito pouco, inclusivamente a teoria estava desfasada da educação de infância. Foi uma decepção a minha formação inicial. Quando comecei a ser cooperante da ESE de Setúbal, foram as alunas que me ajudaram imenso. Cresci muito com elas. É giro que quem vinha "aprender" comigo, me fez descobrir onde estavam as minhas falhas e onde

é que eu precisava de investir, onde estavam as minhas dificuldades, precisava de ler mais e aprender mais. A gente vai aprendendo, umas vezes mais por um lado, outras vezes mais por outro, mas nunca pensei ser o que sou hoje, pensei que se calhar conseguia ir um bocadinho mais à frente, trabalhar mais, mas são os nossos limites! Tinha outras expectativas, ir mais longe... gostava de ter outras responsabilidades, ter mais responsabilidade... mas... não é fácil... Não sei o que vai acontecer, penso que vou sair daqui do contexto de creche e... irei para o JI e também não penso sair da instituição, acabarei por aqui... Também temos muitas inseguranças e eu pensava que quando tivesse tantos anos de profissão, estava mais confiante, como achava eu que aquelas pessoas daquela altura estavam. E eu continuo a ter muitas dúvidas sobre o que faço, sobre o que devo fazer, sobre... Sou uma pessoa que tem sempre que ir à procura de mais, nunca estou conformada, por isso é que eu dizia que precisava de estar integrada nalgum grupo para pensar sobre o meu trabalho e ter a ajuda de outras colegas com as mesmas dificuldades e, em conjunto, podermos superar essas dificuldades. E depois a creche... quando pensava que estava mais segura, trocaram-me as voltas, o vir para aqui... foi um pouco o voltar atrás, o ter que reforçar competências, o ir à procura para me sentir mais confiante e também porque sou muito exigente, quero sempre mais, quero fazer bem, quero ser reconhecida pelo trabalho que faço e, para isso, tenho que lutar. Mas não é fácil, tem sido um percurso muito solitário.... Inscrevi-me na ESE de Setúbal para tirar o complemento em creche. Era uma novidade e eu sabia tão pouco, Foi muito importante. A ESE, com o complemento de formação, foi uma grande âncora para mim, foi um grande reforço, uma grande âncora, deu-me ferramentas, mas não foi suficiente, que a creche tem muitas especificidades que é necessário atender e que nem tudo foi abordado Isso sim que foi uma verdadeira formação, principalmente para estar aqui na creche, não é? Deu-me ferramentas. Também partilhamos muito. Todos aqueles trabalhos que fizemos, juntávamo-nos e trabalhávamos mesmo à séria. Gostava de conseguir ter isso novamente, ter esses espaços formativos que tive na ESE, construir em conjunto... mas aqui é impossível, as pessoas são muito invejosas, competitivas... à muita rivalidade e não se consegue fazer um trabalho em equipa. Já estou a divagar, não é?

Alice porque não procura esses espaços de partilha?

Não tenho muito tempo, tenho pena, tenho pena, mas não tenho muito tempo. Tenho muita falta de ouvir outras coisas, de ver outras coisas, de ver outros profissionais a fazerem coisas diferentes daquelas que eu faço. Nesta altura precisava de integrar grupos de educadoras para partilhar, para beber... estou a precisar de saber mais, mas não queria espaços formais, era mais trocar experiências, porque muitas vezes aquilo que eu sinto outra colega também já assentiu e penso que podemos partilhar para crescermos em conjunto.

Claro, claro!...

Enquanto tive alunas, eu consegui ter isso de forma indireta, essa partilha, mais informação, mais conhecimento... isso não me fez falta na altura; para já nós também íamos lá muito à ESE, tínhamos orientações e havia sempre partilha e depois porque as alunas já estagiaram aqui, já estagiaram ali... eu costumava dizer "elas eram mensageiros das outras Educadoras, das outras Instituições" e eram também lufadas de ar fresco, lufadas de informação, de novos conhecimentos e mais ou menos eu ia tendo uma ideia do que por aí se ia fazendo... das novidades, perguntávamos sempre que novidades havia em termos de bibliografia, de livros. A partir do momento em que deixei de ser cooperante, isto apaga um bocadinho mais, acho que sim, fiquei com menos referências, menos onde me agarrar. É como o facto da Isabel vir e pode participar na investigação,

tudo isto, estas conversas são muito boas, fazem-me pensar, enquanto estou a responder, estou a pensar sobre o meu percurso, sobre as minhas dificuldades e isso é muito bom. É isso, o podermos estar com adultos que pensam como nós, parece que falamos todos o mesmo, a mesma linguagem, estamos todos no mesmo barco..... e isso ajuda a melhorar a nossa prática, a fazermos melhor... porque a creche... a creche acaba por ser limitadora.... não sei se vou conseguir dizer o que penso mas... com os bebés às vezes parece que é aquilo... é muito físico... muita relação... muito rotineiro... às vezes sinto que precisava de outros desafios... por isso é que tento pesquisar para poder fazer mais, para poder dar mais às crianças e às famílias... e também às colegas. Não sei se vou ficar por aqui, mas... caso fique necessito de fazer mais, introduzir muitas mudanças.

O MEM tem feito tantos Sábados Pedagógicos aqui no nosso lado... talvez tivesse aí, nesses grupos aquilo que procura.

O facto de não as seguir, não quer dizer que não seja bom ouvi-las.

Era isso mesmo. Porque esses espaços são efetivamente espaços de partilha. Implica disponibilidade de tempo mas não financeira.

Mas a minha grande dificuldade é muito a disponibilidade de tempo, neste momento é. Não tenho tempo para integrar esses grupos para a partilha. Já tive tempo, engraçado, quando fiz a licenciatura, o meu filho era mais pequeno, o segundo e eu tinha mais disponibilidade, até porque o sítio onde tinha o P. a trabalhar e isso dava-me uma margem que eu estava segura. E agora o P. mudou de sítio e fiquei eu mais sobrecarregada, portanto as coisas já não são tão fáceis, a família, o termos que dar atenção à família, o meu filho precisa de ser apoiado.

E outros espaços formativos dinamizados pelos centros de formação, por exemplo o da APEI?

Não, eu não tenho tempo. São sempre no final de tarde, sábados de manhã e eu não tenho disponibilidade. Sei que me faz muita falta, o estar com outras colegas é muito importante, seriam momentos para refletir sobre o que tenho vindo a fazer mas... até porque muita coisa nova tem surgido, e eu gostava, gostava muito de ter conhecimento de novas formas de estar com as crianças, novas estratégias para lidar com as famílias, para planear, para avaliar... sei que esses momentos seriam muito importantes para melhorar as minhas práticas mas... não posso, não posso. Talvez consiga ir e estar com muitas colegas a falar do que fazemos, talvez daqui a uns tempos, quando o meu filho já for mais autónomo, talvez aí já consiga integrar esses grupos, poder estar mais informada, adquirir mais conhecimento. Gostava muito, mesmo muito de participar nessas formações. Até porque eu, a Isabel sabe, eu gosto de fazer tudo bem feito, sou muito exigente e acho que uma educadora tem que ser exigente com as crianças e com todos os adultos, mas principalmente com as crianças na creche porque estão a iniciar as interações, a saírem do mundo só delas e a interagir com os outros e com diferentes espaços e materiais, logo tem que haver regras, tem que haver limites e somos nós que temos essa tarefa de impor regras e limites, temos que ser assertivas, mas claro, ao mesmo tempo muito afetivas, porque são pequeninos, não é?

Gostava ainda de lhe colocar a seguinte questão: considera que há conhecimentos essenciais ou importantes para intervir no contexto de creche? Que tipo de saberes, é que considera necessários para intervir neste contexto? Ou são os mesmos do jardim de infância?

Eu acho que são os mesmos, específicos, porque no Jardim de Infância nós temos conhecimentos específicos de várias áreas, não é? E eu penso que na creche é a mesma coisa. Escreve-se pouco sobre creches se calhar, há muito pouco. E como há muito pouco, agora já vai aparecendo mais, assim mais qualquer coisa, mas que a formação dos Educadores deveria ser pensada também em contexto de creche, deveria. Penso que agora isso já se faz.... precisamos de saber muito sobre desenvolvimento da criança, as várias etapas, como é que as crianças se desenvolvem, como é que elas aprendem... também sobre trabalho de equipa, trabalho com as famílias, organização do tempo e dos espaços...

Você já fez um complemento...

Era isso que eu a dizer, aí sim. Eu consegui perceber que havia diferença quando fiz a minha formação complementar. Portanto aí tem a ver com a nossa formação, no fundo se a formação tiver já a abranger estes contextos, o Educador pelo menos sai com bases para trabalhar... sai com as ferramentas; que as ferramentas depois vão-se aplicando e vão evoluindo na nossa prática, porque só a teoria não chega e só a prática não chega, não é? Temos que andar sempre neste... mas eu acho que se a formação nos der esses conhecimentos, agora antigamente não e de fato depois as pessoas se calhar em contexto de creche fica assim uma coisa mais desconhecida... e é os níveis, continuamos socialmente a pôr níveis e quando há níveis...

Até porque nalgumas Instituições as tabelas são diferentes. Vocês embora sendo uma IPSS...

Mas há IPSSs que não faz o que esta faz, diferenciam.

Portanto, têm tabela para as Educadoras de creche e têm tabela para as Educadoras de Jardim de Infância, o que não acontece aqui com vocês. Portanto, não acontecendo nem nunca poderiam fazer esse tipo de trabalho rotativo, não é?... portanto, a rotatividade teria que deixar de existir.

Exatamente, aqui não, aqui é rotativo, bem.... Não é bem rotativo porque nem todas as educadoras passam por aqui. Bem mas as pessoas não perdem nada, as regalias são as mesmas, tanto faz estar na creche como no JI. Mas ainda foi aqui pensado; aqui há uns anos, quem cá estava, por acaso eu não estava e lembro-me na altura... que não foi fácil logo, mas depois havia a abertura... para isso. Portanto aqui a carreira é a mesma, tanto faz estar na creche como no JI, a tabela é a mesma, não há qualquer diferença. Mas toda a história da Instituição dá-nos o outro parecer (risos). E dar-nos o outro parecer, fica sempre essa sensação um bocadinho frustrante, não é? Mas é assim, às vezes é a postura de quem está à frente das Instituições que pode criar ou retirar mérito ou qualidade também aos profissionais. Continua-se a desvalorizar quem aqui está na creche, como já referi, até pelas próprias colegas.

Vocês costumam reunir com as colegas do Jardim de Infância?

Raramente, é muito raro reunirmos com as colegas do jardim de infância. O ano passado reunimos uma vez por trimestre, este ano já passou um trimestre e ainda não reunimos. Penso que se isso acontecesse todas tínhamos a ganhar. A direção deveria promover esses encontros, portanto todas de creche e de JI, para todas percebermos o que estamos a fazer, mesmo no que respeita à valorização profissional, à imagem que se tem e também para partilharmos informação sobre as crianças, não é?

Porque pelo menos as crianças que irão transitar...

isso também é qualquer coisa que nos faz estar numa ilha. Eu sinto que a partir do momento que vim para a creche, é a ilha e parece que isto não pertence ao mesmo. Deveria haver articulação entre as valências... não são promovidos esses espaços.

Planificam a transição das crianças?

As transições fazem assim: normalmente no último trimestre nós já sabemos mais ou menos as vagas que há, porque é assim, entre a Creche e a creche familiar, temos amas de Creche Familiar, temos às vezes temos aqui alguns problemas, por exemplo temos quarenta para descer e lá em baixo há trinta e sete vagas, nós tentamos dividir, eu faço normalmente a reunião em equipa, sei que há cinco vagas para esta sala, quatro para aquela, sete para a outra... e entre as seis, até utilizo as fotografias, estamos a ver os meninos, quem é que a gente não deve separar e tentamos agrupá-los, a partir da altura em que os grupos estão feitos, das salas lá em baixo, passamos a ir manhãs lá abaixo, para eles passarem um bocadinho naquela sala... conhecerem as pessoas, convidamos os pais também a irem lá. Mas nós também vamos com os meninos, para eles começarem a integrar os novos espaços. A conhecerem as pessoas, a criarem laços...

Mas entre profissionais, não há uma continuidade? Não planificam em conjunto esses momentos?

Não.

Bem... estou a referir-me ao currículo ...

Não, não. Até porque são passagens que têm de ser muito bem cuidadas, estas transições... porque às vezes as famílias reagem... e mesmo assim não há diretrizes para ser feito um trabalho conjunto, planeado com a qualidade que o momento exige.

E a Alice como coordenadora deste espaço não considera pertinente a dinâmica de um trabalho conjunto, no sentido de conseguirem uma efetiva continuidade educativa?

Eu acho que sim, só que é muito difícil. Os Educadores, essa tal partilha, não é uma coisa fácil nesta Instituição, é das coisas mais difíceis e não é fácil partilhar algumas coisas, é curioso que agora que houve mudanças, por exemplo e as pessoas chegam cá acima, as que começaram este ano a trabalhar aqui na creche e dizem-me assim, isto ao fim de pouco tempo, "ah, mas vocês trabalham isto, ah, que giro...", porque queres é conversa. Porque durante o mês de agosto esta Instituição está fechada e no mês de setembro, as pessoas que recebem os meninos na creche, quais são os comentários "eh, eles não sabem fazer isto, eles não sabem fazer aquilo...", então as pessoas que este ano estão cá e que tiveram lá em baixo "ah, mas vocês afinal... eles fazem isto e fazem aquilo...", pronto e eu pergunto, então mas...

Bem... mas ... tudo isto consiste em sistemas que têm de ser instituídos e neste momento o sistema que foi instituído com esta nova Diretora, pronto havia as reuniões disto, as reuniões daquilo e agora de repente parece que não há reuniões nenhuma e se calhar ficamos aqui um bocadinho sem reuniões. Passamos ali um período de tudo muito certinho, muita coisa, muita coisa e de repente, "acalmou a poeira...", pronto e aqui o espaço é outro; também estamos a falar, como eu já disse no início, estamos a falar de pessoas que se eu for propor... "mais reuniões?", de certeza que não é com uma resposta dessas. Pronto, nós já percebemos, se já começaram a cortar reuniões, se dantes se fazia... mas isto é muito complicado, porque depois as Auxiliares queixam-se que as Educadoras fazem muitas reuniões, depois as Educadoras, estou a falar do contexto lá de baixo porque aqui estamos todas juntas, não é? Aqui nesta equipa pequena, na equipa de creche

funcionamos, reunimos, partilhamos... estamos todas a fazer o mesmo, auxiliares e educadoras, é mais fácil definirmos o trabalho e definimos todas as semanas.

Está a dizer que não há muita diferenciação entre o desempenho da Educadora e da Auxiliar?

A creche tem essa característica... Sente-se, no entanto no dia a dia quem está de fora, se calhar não sente tanto, mas é o que eu digo, como eu já disse aqui na creche é diferente, as coisas sentem-se não é? Porque se eles estiverem muito agitados a auxiliar começa a cantar para eles e acalmam, para eles se entreterem, isso é uma hipótese. O educador se dinamiza porque tem uma intencionalidade de desenvolver a linguagem é porque tem objetivos para isso, há intencionalidades diferentes. Não quer dizer que as pessoas não façam as mesmas coisas, mas por vezes são de formas diferentes. Sim, talvez seja isso, fazemos, mas talvez de formas diferentes. A nossa função é saber porque é que estamos a fazer isto, a fazer aquilo, temos que intencionalizar... temos que cuidar e educar, tudo ao mesmo tempo, diria em paralelo, porque não se faz uma coisa sem a outra, não é? E é isso que temos que passar a todos os adultos da equipa. O trabalho é planeado e todas sabem o que há para fazer e como se faz, definem-se estratégias... Eu costumo fazer para as pessoas verem e chamo a atenção para a forma correta, para a utilização das estratégias corretas. É isso que nos compete. Sermos modelo para as auxiliares, modelo correto, Orientar o trabalho das auxiliares, mas, claro, o planeamento deve ser feito em conjunto e saber aproveitar o melhor de cada um. Temos o papel de formar a equipa, informar sobre a importância de fazer determinadas atividades, o que é que isso contribui para o desenvolvimento das crianças, informar e preparar a equipa para observar, o que é importante observar, planear o que observar para depois, quando reunimos todas termos informação sobre determinada criança. Combinamos o que queremos observar e são muitos olhos a ver, é completamente diferente de ser só uma pessoa. Cabe a nós fazer esses registos, organizar a informação, avaliarmos para termos informação para passar aos pais e também para sabermos o que fazer, queremos que as crianças cresçam, que aprendam e para isso temos que saber o que é que elas já sabem, o que é que já fazem para depois... para depois... poderem fazer outras atividades, para aprenderem outras coisas, para se desenvolverem. Também temos que organizar os dossiers e toda a informação que colocamos nos expositores, isso é da nossa responsabilidade, bem... é da minha. Como já disse partilho com a Carla mas depois sou eu que organizo.

Portanto tem uma grande autonomia na organização e gestão deste espaço educativo, certo?

Sim, sim, as diretrizes são dadas pela Diretora, mas depois, no dia a dia, sou eu que dinamizo, mas é só neste espaço, o da creche, porque na instituição, portanto em todo o centro, não tenho qualquer função.

Neste momento não tenho mais questões a colocar, quer acrescentar mais alguma coisa?

Não. Eu espero ter ajudado nalgumas das questões! Isto é um bocadinho assim.

Tenho a certeza que ajudou. Tivemos uma boa conversa. Agradeço muito a sua disponibilidade. Muito obrigada. Após a transcrição da entrevista, devolvo para a Alice verificar se está tudo de acordo com o que conversamos e se pretende fazer alterações.

Entrevista individual - Educadora Carla

Data: 19 de março de 2013

Local: Creche para a Infância II

Duração: 1h 05 min.

Carla, agradeço, desde já a sua disponibilidade para participar no estudo. A primeira questão que lhe coloco é como aconteceu escolher a profissão de educadora de infância?

Fui experimentando, andava ali muito baralhada, que rumo é que havia de dar à minha vida, entretanto terminei o 12º ano, dei umas explicações a miúdos e percebi que gostava mesmo de miúdos! Meninos que já andavam na escola. Depois entretanto tive oportunidade de vir experimentar, para o ATL aqui do X, na altura era na Torre da Marinha, à experiência e fascinei-me. Estive lá um ano a trabalhar e decidi tirar o curso de educadora. Fiz o curso no Piaget.

Mas trabalhando e estudando?

No primeiro ano fui experimentar ver se gostava realmente antes de mergulhar mesmo na educação, perceber se era mesmo aquilo que eu queria; cheguei à conclusão que sim, que realmente me sentia muito bem na área da educação, se bem que fossem idades completamente diferentes, não é, miúdos de escola em idade escolar e pronto e arrisquei e fui e sinto-me muito realizada porque é mesmo isto que eu gosto, a área da educação, independentemente das idades. Sabe, umas experiências influenciam as outras, estamos sempre a aprender e aquilo que aprendemos com umas idades podemos sempre aproveitar para os outros contextos, para o trabalho com crianças de idades diferentes.

A Carla desempenhou sempre funções neste estabelecimento educativo?

De trabalho, no mercado de trabalho, sim, sempre trabalhei aqui nesta casa, sempre na educação, mas com idades diferentes.

E quantos anos tem de serviço?

Então terminei o curso em 95, comecei o curso em 91, desde 89 que trabalho com crianças.

Portanto desempenhou funções no ATL e no Jardim de Infância?

Não. Primeiro tive em ATL dois anos, um ano antes de começar o curso, a tal experiência, depois comecei o ano 0 no Piaget com crianças em idade escolar, depois vim para Jardim de Infância fazer estágio, depois trabalhei o último ano do curso numa salinha de creche com crianças de um ano e meio/dois anos em estágio. Depois trabalhei com a Alice, já educadora, mas como auxiliar. Depois fiz ATL, aqui no X e Jardim de Infância em quinze, dezasseis anos. E agora aqui estou, novamente creche, nesta resposta social.

Há quanto tempo está a desempenhar funções no contexto de creche?

Aqui em creche desde setembro.

Todas as outras experiências que teve influenciam a sua intervenção aqui no contexto de creche? Como?

Sim, sim. Em todos os anos que trabalhei, embora sejam idades diferentes, mas podemos sempre aproveitar conhecimentos de trabalho com outras idades, noutros contextos, porque estamos sempre a relacionarmos com pessoas, sejam elas bebés, de 3, 4... 6, 7 anos. Depois também temos todo o trabalho com os pais, com as famílias e também com as nossas colegas e tudo isso, claro que há diferenças e são muitas, mas muita informação, muitos dos conhecimentos podem ser sempre aproveitados. Ao fim e ao cabo é a experiência e a experiência é muito importante, aquilo que nós vamos aprendendo ao longo dos anos é muito importante ..., estamos sempre a aprender, aprendemos com as crianças, aprendemos com as nossa colegas, aprendemos com as famílias.

Trabalha em parceria com a Alice?

Com a Alice que na altura pronto, já tinha trabalhado com ela e com a Ana, enquanto estagiária, tinha já trabalhado com ela e este ano voltei a esta equipa. Já conhecia as outras colegas, mas nunca privei com elas, nunca trabalhei com elas.

E o que é que sente?

Primeiro sinto saudade daqueles anos no jardim de infância, sinceramente sinto saudade, porque sinto... sinto insegurança! Sinto-me muito insegura... não me sinto preparada para estar aqui na creche. No início senti-me perdida, acho que já me encontrei um bocadinho, mas ainda não tenho a minha autoimagem formada propriamente em creche, mas pronto tenho a experiência de ser mãe que é muito válida e o ser mãe, ter o ar maternal, pronto acho que me ajuda imenso. Mas sinto que ainda sou um bocadinho, bem... ando um pouco sem chão, sem base... ainda tenho uma parte de mim em Jardim de Infância. Foram muitos anos, mas gosto deste contexto, tenho curiosidade em conhecer melhor este contexto, estas idades são curiosas também, são idades que exigem muito de nós, muitos conhecimentos, a parte emocional e física, não falam... temos que os perceber, temos que ser intuitivas... as dinâmicas são completamente diferentes, mas sinto que sim, que me estou a integrar devagarinho.

Em que aspeto é que considera que as dinâmicas são diferentes?

É assim, as dinâmicas aqui são mais rotineiras, em todas as respostas sociais é necessário uma rotina, mas aqui, enquanto a rotina é mais sequencial no Jardim de Infância é mais sequencial aqui tem períodos em que, pronto e nós podemos prolongar um bocadinho mais os momentos, aqui não, estamos muito limitadas pelo sono deles, a meio da manhã às vezes há crianças que têm sono e têm que se deitar! É nesse sentido que eu acho que são mais repetidas e no Jardim de Infância o balanço que eu faço, as rotinas eram necessárias, são necessárias, em todas as valências são necessárias, mas são mais flexíveis! Isto é a perspetiva que eu tenho, não sei se é a correta, mas é aquilo que eu sinto. Aqui as dinâmicas são mais rotineiras, não há tanta flexibilidade, são aqueles períodos em que não podemos fugir deles. "os meninos têm sono?". "Têm que se deitar." "os meninos têm fome" Fazer esperar? Não, isso para eles não é nada, não se pode esperar, tem que ser na hora, porque são as necessidades deles, temos que os respeitar. Não é como no JI, aqui a preocupação não são as atividades, os produtos, acaba por ser um trabalho invisível, aqui a preocupação é mesmo a criança, as suas necessidades, respeitar cada criança, as suas preferências, os seus interesses,.. mas isso não quer dizer que não é cansativo, pelo contrário, é mais cansativo, é até mais ativo e também é criativo. Ainda são muito eles, são muito egocêntricos e exige de nós uma atenção redobrada, disputam muito os brinquedos, mordem... e tudo isso não é fácil, às vezes é muito difícil conseguirmos gerir tudo isso e eu não tenho formação, ainda é mais difícil. Olhe, por

exemplo com os pais quando eles mordem, não é nada fácil dar essa informação, nem sempre percebem que nestas idades... olhe e eu também tenho muita dificuldade em dizer. Depois também temos que organizar o espaço, os materiais sempre de acordo com o grupo. Temos de nos adaptar e é importante para o nosso crescimento, para a nossa formação pessoal. Não vim para cá porque quis, isso não, portanto vim porque a diretora assim o quis, mas... está a ser enriquecedor, estou a aprender coisas novas, tenho pesquisado para conseguir inteirar-me das minhas funções e também estou a aprender com as colegas no dia a dia. É muito enriquecedor aprender com as colegas, acaba por ser de acordo com as necessidades do momento e depois observamos como fazem e se tenho dúvidas pergunto, não me importo nada de perguntar.

Considera que os conhecimentos que tem são suficientes para exercer neste contexto?

É assim... eu vou ser sincera, acho que pouco de creche nos foi dado na formação inicial. Depois em licenciatura, portanto no complemento de formação, falámos também em creche, mas muito pouco, mas a licenciatura não foi específica em creche, tal como foi com a colega Alice que teve uma formação em creche, ela fez o complemento em creche, pronto eu tenho algumas ações de formação... mas eu acho que é assim, em creche depende muito do nosso "eu" o nosso "querer" o nosso bom senso, a nossa vontade, a nossa disponibilidade e também a nossa experiência como mãe. Claro que é importante ouvir coisas, temos que ouvir sempre e estamos sempre a aprender, quer seja mesmo em formação, nas ações de formação, quer seja aqui, mas acho que o aprender é mesmo na prática, no campo, com eles, porque cada criança é um ser individual, temos que respeitar cada uma, é diferente aqui, e aquilo que eu faço com uma criança não faço com outra. Isso acontece também no Jardim de Infância mas aqui eles pedem, o rostinho deles pede, olhando para eles, o rosto pede e nós temos que dar, por isso temos que estar muito mais atentos, muito mais atentos, o educador de creche tem de estar muito mais atento do que em Jardim de Infância. Em Jardim de Infância eles verbalizam, basta eles verbalizarem. Aqui não, eles não verbalizam, é muito o gesto, é muito a empatia do olhar, pronto primeiro eu cheguei a cada um, acho que já cheguei ao grupo. Um dos grandes objetivos quando eu vim para a creche foi não tanto perceber logo as rotinas, mas sim chegar a cada um e depois ao grupo, chegar, cativar, ganhar a confiança, relacionar-me... Penso que uma das especificidades da creche são as relações que se estabelecem com todos, principalmente com as crianças (...) temos que ter uma grande relação, uma relação forte, uma relação de confiança, uma relação de entrega, uma relação de empatia, uma relação de atenção, uma relação de afeto... aqui vai tudo pela relação. Conseguir que eles viessem para o meu colinho, tranquilizá-los, conseguir "calá-los" quando se separam da mãe, foi muito difícil para mim essa parte da adaptação, foi muito desgastante, saía daqui exausta. É um dos períodos mais desgastantes, agora tudo está bem mais calmo. Se fosse sempre como nos primeiros meses, penso que não aguentava, exigem muito de nós, temos que estar muito disponíveis, e nós, enquanto pessoas temos que estar muito bem, emocionalmente, fisicamente... para podermos estar para as crianças de corpo inteiro, mesmo para as famílias, também exigem muito de nós, também não é fácil atender a todas, agradar a todas, são todas tão diferente, com formas de estar na vida, culturas diferentes, religiões diferentes, valorizam coisas diferentes. Esta intervenção aqui na creche é mesmo isso, é estarmos de corpo inteiro em todos os momentos do dia com todos, com as crianças e com os adultos. Não é uma tarefa fácil. Depois temos que valorizar a exploração de todos os materiais, de tudo quanto temos aqui, organizar de acordo com as idades, sabemos que temos crianças só até aos 3 anos, darmos toda a liberdade para eles explorarem- Têm que ser materiais seguros, não coisas muito pequenas, eles ainda são pequeninos e podem meter na boca. Também temos que ter

atenção onde colocamos os brinquedos, é importante que estejam ao alcance deles para que os explorem livremente, mas temos que estar atentas, temos que observar, temos que ser criativas, organizar tudo, é assim que aprendem não é verdade? Por isso temos um papel muito importante na organização de todo o espaço. No JI organizamos as atividades, aqui não é bem assim, bem... também organizamos algumas mas é principalmente a organização do espaço, dos materiais... eles exploram de livre vontade, eles aprendem através da descoberta, mas claro, temos que ser nós a apoiar, a orientar... não é como em casa, aqui temos que ter intencionalidade educativa, essa é a nossa função intencionalizar tudo quanto fazemos com as crianças. A colega Alice passa a vida a dizer isso, que em casa é uma coisa, a família tem um papel e nós temos outro, nós temos a parte educativa. É necessário muito conhecimento em tudo o que mencionei, este fazer profissional exige muito conhecimento.

São momentos diferentes do Jardim de Infância?

Completamente, porque eles no Jardim de Infância até já vão tendo a noção do tempo, já têm noção da rotina, portanto como o dia está organizado, nós dizemos: "olha, a mãe já vem..." mas isso aqui para eles o que é isso "da mãe já vem", "eu quero a minha mãe aqui, agora"...é o aqui e agora, nada pode ser adiado, tudo tem que ser feito no imediato. O tempo não existe para as crianças, enquanto que no jardim de infância... pronto, eu noto, sinto grandes diferenças, já me estou a conseguir adaptar um bocadinho melhor, mas... Aqui temos que organizar o tempo de forma muito diferente, sempre em função das necessidades deles. E depois o que é para um não é para o outro, Nem todos comem e dormem ao mesmo tempo. Temos crianças que chegam muito cedo, essas, a maioria das vezes têm que dormir de manhã; mas temos outras que chegam mais tarde e já não precisam de dormir. O mesmo se passa com o almoço, pois se está a dormir, se se deixou dormir, tem que comer mais tarde. Aqui temos que saber ajustar tudo a cada criança. Aqui temos que ser muito flexíveis...

Mas há pouco disse que a rotina na creche era menos flexível...

Sim, sim... mas eu se calhar não me soube explicar, bem... o que quero dizer é que temos que ser flexíveis porque temos que respeitar cada criança, portanto a nossa organização tem que ser de acordo com as necessidades deles; mas, por outro lado, ao termos que respeitar as necessidades de cada um, não podemos flexibilizar a nossa rotina, portanto se uma criança tem sono ela tem mesmo que ir dormir, não podemos adiar e dar continuidade por exemplo à pintura ou ao conto de uma história, Não sei se me fiz entender?

Fez, fez. E considera que há mais diferenças na intervenção entre creche e jardim de infância?

A minha postura, a minha forma de agir é muito mais física na creche que no JI, para já é muito mais física, não é? O aspeto físico aqui é fundamental, porque temos de ter um contacto, muito contacto, muito colinho, muita festinha, muito abracinho, estar muito atenta, de um momento para o outro eles caíem, um menino arranha, eles choram, choram e não sabem dizer quem foi. Por muito atenta que esteja, não temos olhos em todas as partes do corpo, que muitas vezes seria o ideal, mas não conseguimos ver tudo e perceber porque é que a criança está a chorar, se é por dor, se é por desconforto. A minha atenção, acho que quando eu falo em precisar de estar mais atenta, é isso. Mas também temos que repreender, muitas das vezes é preciso chamar a atenção porque nem sempre É nesse sentido e o não verbalizarem tanto, vão verbalizando, vão aprendendo, mas gradualmente... mas temos muitas crianças que ainda não verbalizam e se nós não

retirarmos do rosto, do conhecer, do sentir, pronto, também a conversa com as famílias é fundamental o contacto com as famílias em qualquer resposta social, mas em creche então é estritamente necessário, acho que não se faz nada sem a família, sem o feedback da família, porque eles têm de ser parceiros ali mesmo para não quebrar laços, são eles que nos dão toda a informação e... se não tivermos conhecimento sobre a criança não podemos fazer um bom trabalho, principalmente não podemos ir ao encontro do que ela precisa e isso é o mais importante, não é?

E considera que é diferente do Jardim de Infância?

A família deve estar presente também no Jardim de Infância, só que se calhar é muito mais oportuno ter a família sempre ao lado aqui, eu acho que é sempre! É assim, há pequenas diferenças, eu se calhar estou a vê-las como grandes agora porque ainda é o meu primeiro ano aqui, mas se calhar para o ano, ou no fim do ano se tivermos esta conversa, vou falar de forma diferente, agora como eu própria ainda não me sinto muito segura, ainda não me apropriei, se calhar tenho esta ideia, se calhar é errado. De qualquer forma considero que aqui na creche temos que ter uma maior relação com a família, mais coesa, mais estreita, um contacto permanente, diário, porque precisamos mesmo de trocar informação diariamente, seja verbalmente, seja por escrito. Quanto digo trocar informação, também estou a pensar na partilha das conquistas feitas pelas crianças, não é somente nas necessidades deles. Aqui usamos muito o placard para expor o que as crianças fizeram, o que já conseguem fazer, mas também partilhamos verbalmente, porque muitas das conquistas individuais são partilhadas verbalmente, por exemplo: "Olhe mãe ele hoje já conseguiu lavar as mãos, ele já comeu sozinho... hoje fez xixi na sanita..." Eu acho que a família deve ser sempre nossa aliada, seja em que contexto for, mas em creche muito mais! E isso traz implicações para a equipa, se queremos ter uma boa relação com a família, tem que haver uma abertura muito grande entre a equipa que trabalha, não é? a equipa de responsáveis pelas crianças, a abertura tem de ser muito maior e a colaboração de educadoras e auxiliares tem de ser muito mais intrínseca, tem de haver ali um "nozinho" muito apertado, tem de haver muito mais coesão de ideias, muito mais partilha. Aqui ainda tem que haver mais coesão, as crianças estar a cargo de todas, Não estão divididas por sala, estão todas com o mesmo grupo de crianças. Precisamos mesmo de ter conhecimento de tudo de igual forma, até porque temos que agir de igual forma, tem que haver aqui uma forma de fazer as coisas que seja idêntica, por isso é que somos uma equipa não é? Não sei se me estou a explicar.

Como é que é que partilham a informação?

Partilhamos nas reuniões, nós fazemos reuniões semanais e vamos partilhando ao longo do dia, sempre em cima do acontecimento, da situação.

Vocês são duas educadoras e quatro auxiliares, para quantas crianças?

Trinta crianças.

Funcionam em regime aberto, só uma sala...

Funcionamos em regime aberto, portanto não temos a sala de 1 ano, de 2 anos ... não sei bem em que é que se baseia, em que teorias, até porque não conhecia. As crianças circulam pelos espaços livremente, no fundo acho que isso tem prós e contras, a organização do trabalho é um bocadinho mais, mais complicada para quem nunca trabalhou num modelo aberto. Eu no início fazia-me assim um bocadinho de confusão, mas agora já me integrei mais nesta dinâmica, porque é assim, pensando bem como é que está organizada a nossa casa? Também é assim, isto é a aproximação quase, quase fiel a

uma casa! Eu vejo isso, no início fazia-me confusão, normalmente as creches funcionam com uma sala de 1/2 anos, 2/3 anos, não conheço muito, mas tenho esta ideia, grupos estanques; aqui não, aqui eles são todos, todos de todas! Todas têm obrigação de conhecer todos, num aspeto, outras noutra aspeto, para isso é que existe as tais reuniões e a tal partilha. E não sinto essa discrepância como se calhar noutra creche se possa sentir ou não, "são os meus e os meus", não aqui as crianças são de todas. No início fazia uma certa confusão, mas acabo por comparar com a minha casa e penso: "como é que está organizada a casa?", tenho só uma filha, mas se tiver duas, três? Os meus filhos tinham que circular pela sala, pela cozinha, pela cada de banho. Eles aqui circulam, têm o espaço onde dormem, têm o espaço onde comem, que no fundo é como se fosse a cozinha. Eu acho que este modelo, não quero dizer o ideal, mas tenho uma ideia muito mais positiva agora, percebendo melhor a dinâmica, sinto que me apropriei mais à medida que vou conhecendo, mas há muita coisa que eu tenho que me inteirar... quantas vezes eu pergunto a mim própria: "será que faço, será que posso, será que está correto?" e depois acabo por perguntar às colegas. Ainda me sinto insegura, não gosto de errar e também não quero entrar em contrariedade com o trabalho que foi feito o ano passado e existem crianças do ano anterior, não quero contrariar isso mas há muita coisa que eu também ainda não percebo bem, o porquê de acontecer. Tem a ver com a relação que tenho com as crianças, portanto como me relaciono com elas e também com a organização do próprio espaço, com a organização e a utilização dos materiais. Uma das tarefas muito difícil é também as famílias, o informar de tudo quanto aconteceu, por vezes coisas menos boas, com algum acidente, portanto quando se magoam, às vezes os pais não entendem: "Estão cá tantas e mesmo assim deixam que isto aconteça? Mas afinal o que é que estão cá a fazer?" Nem sempre compreendem o nosso trabalho. Não percebem a dificuldade, a organização... acabam por comparar tudo com o que fazem lá em casa. Esta é uma das grandes dificuldades o não perceberem o nosso trabalho. Bem... mas eu quando me sinto mais insegura acabo por questionar, perguntar às colegas, temos que perceber e às vezes nas atividades sinto que vou conseguir, portanto é dar tempo, experimentar, o não ter medo de errar, o que é muito difícil. Socorro.me sempre da Alice, tenho dificuldade em passar aos pais a importância da creche, o nosso papel, as funções da educadora de creche. Hoje em dia trabalhar com crianças não é fácil, eles mexem em tudo, eles não respeitam... são muito agitados, não estão muito habituados a serem contrariados, têm poucas regras... não é fácil... porque tenho sempre medo de errar, medo de fazer de igual forma, como não estive cá no ano passado e tudo foi organizado e eu não estive desde o princípio e quero dar continuidade, porque há crianças que continuam cá e nós temos que dar continuidade ao trabalho, penso que isso é das coisas mais importante. Eles estão a aprender e se cada uma fizer de forma diferente, acabam por ficar baralhados... Temos mesmo que os conhecer e estarmos todas por dentro de todas as dinâmicas para podermos apoiá-los, ajudá-los a crescer e para isso temos mesmo que partilhar a informação e também os conhecimentos, uma sabe mais disto, mais daquilo... Já somos muitas, é uma equipa grande e... bem se estivessem divididos por salas, por idades, aí seria só a educadora e a auxiliar, nesse aspeto seria mais fácil, mas penso que assim é mais enriquecedor para eles, esta organização permite que as crianças possam estar com todos os adultos, criam relações alargadas, podem circular por todos os espaços, têm mais liberdade, podem escolher o que querem e não precisam de estarem todos a fazerem o mesmo. Penso que aqui podemos ir ao encontro dos interesses deles. Se não gostam, se não têm interesse porque é que os temos que obrigar a fazer, não é? E depois o estarem com todas, a relação entre adulto e criança também é muito interessante, habitua-se a diferentes adultos eu acho que isso também é importante para eles.

Mas não é mais difícil planejar a intervenção? Como fazem? Planeiam, enquanto educadoras primeiro e depois com as auxiliares, ou fazem o planejamento conjunto?

Fazemos as reuniões todas em conjunto, a equipa das seis, sim. À segunda-feira conversamos sobre o que aconteceu, o que é positivo o que não foi, o que é que há que mudar, o que vai acontecer!... Primeiro conversamos sobre o que aconteceu, se correu bem, se correu mal, o que é que ficou por fazer, porque é que não fizemos... o que observamos, porque muitas vezes definimos o que vamos observar e quem observa o quê. Depois conversamos sobre o que vamos fazer com as crianças, com as famílias, o que há para por nos placards, o que há para construir... A Alice depois divide tarefas e também organiza tudo para por no placard, portanto faz os textos e também, se for necessário, alguma informação para enviar aos pais. Eu penso que até funcionamos bem. Penso que devia haver uma maior abertura e articulação entre a da direção a equipa, penso que devíamos reunir com todas as colegas da instituição. Até porque aqui na instituição eu acho que somos a equipa que está melhor organizada e sendo assim sempre podíamos partilhar

E fazem isso fora do vosso horário, dentro do vosso horário?

Fazemos, portanto elas ocorrem sempre às duas horas, fazemos aqui dentro do horário.

É? Enquanto eles estão a dormir...

Enquanto eles estão a dormir fazemos, deixamos a porta entreaberta, claro que não fechamos as portas, as portas não estão fechadas aqui, não é? Às vezes alguns acordam e vão ter connosco, pronto, no fundo é como se fosse uma casa.

E é uma conversa.

É uma conversa, meia hora, trinta e cinco minutos... é muito informal, estamos todas muito à vontade e conversamos sobre a nossa prática, o nosso dia a dia. Planeamos tudo, todas juntas nestas pequenas reuniões semanais. Considero que são momentos muito bons, muito formativos para todas. Todas as semanas temos possibilidades de esclarecer dúvidas e é também aqui que nos organizamos para podermos fazer todas da mesma forma. Mas, claro, nem sempre se consegue que todas façam da mesma forma, não é? Somos pessoas diferentes... muito diferentes até, e também temos formações diferentes, por isso é que são importantes estes momentos.

Esses momentos são suficientes?

Sim, chega, são suficientes para conseguirmos trabalhar bem "olha, se calhar vamos mudar a mudança das fraldas..., esta pessoa está mais disponível...", pronto, vamos aferindo os aspetos que achamos que temos de remodelar e que no ano passado, segundo o feedback das colegas, havia coisas que funcionavam e que este ano não funcionam, tivemos que aferir e mudar e vamos fazendo assim.

E ao nível dos referenciais pedagógicos, apoiam-se nalgum referencial, nalgum modelo?

É assim, eu acho que aqui é mais o modelo High/Scope embora não seja, pronto, fiel, fiel, fiel. Que eu acho que não existe um modelo próprio para a creche, pelo menos eu não encontro, tenho feito imensas pesquisas e, mas eu parece-me que é mais a aprendizagem ativa, a criança experienciando, a experiência sensorial da parte... o mexer nas coisas, o ir ter com as coisas, o interagir, eu acho que tem mais a ver com o curriculum High/Scope.

Como é que o colocam em prática?

O modelo é discutido na equipa, também com as auxiliares. Quantas vezes eu me aconselho imenso, também com elas, quando estão comigo à tarde, porque depois não tenho a colega, a outra colega educadora; nós fazemos horários rotativos semana a semana, tal como elas, mas há sempre duas auxiliares que ficam comigo à tarde, são auxiliares que já cá estavam; uma delas é que entrou comigo também, veio do Jardim de Infância e pergunto, "olha, acham que resulta?", pelo facto de ser educadora não me preocupa nada pôr em causa "será que funciona, olha não costumam ir tantos para aquela sala..." são perguntas que eu faço frequentemente "olhem, quando é que posso ir fazer isto?..."

Mas como é que efetivam o modelo que referiu?

Bem... eu se calhar não sou bem a pessoa indicada para falar do modelo High/Scope mas... eu já fui falando na organização da rotina, na organização do espaço e dos materiais e também na relação que temos com as crianças, eu penso que o que falei em dar continuidade ao que foi feito, o respeitar as escolhas deles, o ritmo de dormir e de comer, apoiar nas zangas nas disputas dos brinquedos, fazer com que elas confiem em nós, estarmos disponíveis, sermos afetuosas, os afetos são a base para tudo... bem tudo isto penso que está relacionado com as relações entre os adultos e as crianças. Depois na organização dos espaços e materiais já falei, mas muito importante a arrumação ser tudo no mesmo lugar e estar ao alcance deles e irmos tendo coisas novas... eles aprendem experimentando, brincando. Não nos podemos esquecer da segurança, tudo tem que ser seguro, mas também diferente não é? Porque queremos que eles se desenvolvam em todas as áreas, mas segundo o tal princípio da aprendizagem ativa do modelo High/Scope. Tentamos fazer atividades em grande grupo e pequeno grupo, Também apoiamos a exploração dos brinquedos sozinhos. Depois o observar, a importância do observar e sei ... a importância do planear e do recordar, que aqui é muito difícil, eles são muito pequeninos. Por isso é que eu dizia, o modelo aqui não é fiel, até porque temos o modelo aberto e no modelo High/Scope o espaço não se organiza assim. Mas temos alguns aspetos do modelo e tentamos colocar em prática.

Está a ser um momento marcante no seu percurso profissional?

Está, está. Não é pela negativa, não sei se era isso que me ia perguntar...

Não, não era...

... não é pela negativa, mas como lhe digo, não me sinto ainda à vontade, não posso dizer que é negativo, diria difícil, sinto-me expectante!... Tenho aprendido muito com todos, até com as crianças. Necessito de rentabilizar muitos conhecimentos em diferentes áreas. Se me perguntar para definir a creche neste momento, é uma expectativa, está a ser uma expectativa para mim, no início foi aquela angústia! Inicialmente posso dizer que foi muito complicado, penso que até posso afirmar que senti... bem senti uma penosa sensação de frustração no trabalho. Era tudo diferente, não me sentia bem, não me sentia valorizada e depois, depois os meninos. Deixar os meninos do jardim de infância, o deixar a minha colega auxiliar, com quem tenho vindo a trabalhar, o apego, aliás qualquer pessoa, pronto, qualquer educadora que sinta e que goste realmente daquela resposta social, mas foi uma surpresa para mim vir para a creche não estava planeado; mas com a questão da rotatividade e acho que sim, porque só faz é bem! No início foi assim um bocadinho bahhh!

Esta imposição da rotatividade, foi com a nova direção?

Sim, dantes não era tão amiúde, mas agora parece-me que sim, pelo menos foi o que foi falado, que era para ficarmos durante dois anos.

Então a Carla vai permanecer aqui durante dois anos.

Em princípio, pelo menos dois anos estou cá, senão também não conhecia a creche, menos que isso também não é nada, não é, um ano não se conhece a creche. Eu acho que num ano não se conhece a creche. E vamos ver até se não será mais, se eu até gostar, ainda posso pedir para ficar mais um ano.

Aspetos mais positivos que tenha vivido aqui.

Aspetos mais positivos... (pausa) o acolhimento que tive no início, acho que foi assim um apoio muito forte, talvez por conhecer já as colegas aqui a trabalhar, isso foi muito positivo; é o que nos salta assim como primeiro ponto. Depois no fundo é reviver um bocadinho a minha maternidade, o lembrar-me outra vez o passar por "oh meu Deus, as fraldas". No início ia buscar uma fralda, levava a criança e não trazia a fralda! voltava atrás. Pronto, a mexer outra vez nas fraldas! As fraldinhas, aquelas papinhas, pronto o aspeto maternal.

Acha que o facto de ter sido mãe a ajudou agora neste seu papel?

Sim, sim, o ter sido mãe ajudou-me muito, muito. A vontade do abraçar, do mimar, (que já o fazia claro) qualquer educadora que se preze gosta... mas aqui não sei, é mais o agarrar, aquelas carinhas... A experiência contribuiu para me sentir um pouquinho mais segura... pouco, porque aqui não é como lá em casa, mas... ajuda, ajudou bastante. Foi o relembrar a mudar a fralda, o acalmar no choro, o dar a comidinha, o dormir... Fez com que emocionalmente estivesse mais tranquila, mesmo com as famílias, sinto que fui buscar conhecimento para estabelecer uma boa relação e ultrapassar algumas dificuldades

O afeto, o afeto está mais presente.

O beijinho. Sim.

E aspetos negativos, o que é que sente, o que é que sobressai? Se é que os tem, não é?

É assim, não vejo assim nada que eu possa chamar negativo, há se calhar situações menos boas, às vezes as exigências de algumas famílias, que às vezes é um bocadinho excessiva, em relação a aspetos que quanto a mim não são tão prioritários, tão de valorizar. Basicamente é isso, acho que as famílias estão cada vez mais exigentes e têm o seu direito porque aliás o sistema de qualidade implementado assim o exige e acho que sim, que temos de ser bons profissionais e temos de saber avaliar e perceber. Mas às vezes sinto que dão valor a um certo número de coisas e às vezes eu não queria dizer algumas coisas, que eles próprios se demitem, mas isso já acontecia no Jardim de Infância. Mas aqui mais pequenos, acho que essas exigências são mais flagrantes. E às vezes é mais importante o saber como passou o dia, o saber o que aconteceu, do que propriamente às vezes se o sapatinho vai com a fivelinha mais mal abotoada. São aspetos que eu como mãe, também tive a minha filha na creche... não sei, eu acho que não tem a ver com o facto de eu pertencer à educação e de fazer parte dum grupo da educação. Acho que tem a ver com o ser pessoa. E não exigir tanto estas "coisinhas", mas ver se a criança está feliz, se se está a desenvolver, se está a aprender coisas novas. Ou às vezes não ir com a boquinha bem limpinha, é um exemplo que se calhar me estou a lembrar e não está assim muito fiel a questão da boquinha ou não, por exemplo a fivelinha do sapato não corresponder

exatamente ao sítio como veio de manhã, porque são trinta. Aquelas pequenas coisinhas, que são tão peculiares e que para mim não são tão válidas.

E diga-me outra coisa Carla, quando planeava as atividades no contexto de jardim de infância, sabia que resultavam sempre produtos, não é? Aqui, na creche, isso normalmente não acontece, esse aspeto assustou-a, continua a assustá-la, como é que ultrapassa essa questão? Ou não é vivido por si?

Foi, foi vivido por mim e às vezes vinha aquelas datas, pronto e o Natal. E eu dizia "Oh Alice, então o que é que vamos fazer?.." Depois ela disse "Olha eu também passei por isso, também me aconteceu... mas acho que isso aqui não interessa, não é assim tão importante, vais ver que enquanto não conseguires a tua autoimagem..." e é verdade aquilo que ela disse é bem verdade, já não ligo tanto a isso. Mas ainda sinto aquela faltinha daquelas atividades, aqueles trabalhinhos todos... vêm aquelas datas (...) o Natal por exemplo, e eu dizia; "Oh Alice, então o que é que vamos fazer? E ela respondia:" Eles também fazem! mas é muito básico, claro!". Agora já não vivo absorvida por isso, mas no início, nos primeiros meses, chegou por exemplo o Outono: "Ai, fazer o quê? Pronto, tinha aquela falta, fundamentalmente no início, hoje já encaro um pouco de outra forma, portanto...falar do... Dia de Reis, o que é isso de Dia de Reis? O que é que tem a ver com os meninos? As coroas, isto, aquilo... agora já não me faz muito sentido, mas ainda tenho inseguranças, ainda não sei bem o que fazer, mas sempre cá estão as colegas, não é?

E o que é que faz sentido, então?

Faz sentido organizar a intervenção segundo determinados princípios, segundo determinados valores, segundo determinadas atitudes... a atenção, faz sentido o cuidar bem! Porque acho que as primeiras aprendizagens válidas e têm de ser muito válidas, são na primeira infância. Todas elas são válidas, mas as aprendizagens mais...as primeiras aprendizagens que eles estabelecem é aqui, é aqui nesta resposta social creche e que são válidas para o percurso futuro e se aqui eles não tiverem os alicerces, se não formos bons cuidadores, bons educadores, isso vai-se refletir no Jardim de Infância. E depois na entrada do 1º ciclo. Aqui faz sentido respeitá-los, valorizá-los, apoiá-los... mas nos cuidados, portanto em tudo o que é básico.

E será que os pais valorizam isso, de serem bons cuidadores, bons educadores?

Há pais que valorizam; hoje em dia a educadora de creche já é mais reconhecida porque como sabe tão bem como eu, mas acho que sim que é fundamental uma Educadora em Creche, porque a intencionalidade que nós depositamos em cada atividade, em cada ato, o simples ato de vestir é com intenção e já vai havendo algumas pessoas que percebem Tem que ser com intenção, o vestir bem, o cuidar bem, o estar atento, o apertar, o desapertar... é tudo!...

E será que vocês conseguem passar isso para os pais?

Tentamos passar, se chega lá ou não... mas tentamos passar. Penso que a alguns pais continua a não entenderem o nosso trabalho porque acabam por ver a creche como um local onde colocam os filhos porque eles não podem ficar com eles. Portanto acabam por ver os educadores como aqueles que cuidam dos seus filhos, independentemente de serem ou não educadoras. Valorizam o que não devem valorizar, valorizam se o filho vai sujo, se foi mordido, se a xuxa não foi esquecida, se os sapatos vão bem apertados... mas quando se pede para darem continuidade ao trabalho que se está a fazer no controlo dos esfíncteres por exemplo, aí, aí já tudo muda. Bem são só exemplos...

E quais são os outros momentos?

Olhe, eu pessoalmente, pronto fazemos as conversas individuais, mas de uma forma informal, à entrada, no final do dia... ainda agora o fiz com uma mãe, tranquilizar a mãe que a menina teve uma adaptação difícil, quando me cruzei, quando regresssei de lá de baixo, "pronto, olhe a criança x, não nota que ela?..." "Ah sim, é muito feliz...!" pronto, tentamos passar alguma tranquilidade, confiança... "vê mãe no início?" eu converso sempre mais, pelo menos eu faço isso e vejo que as minhas colegas também fazem. Quando é oportuno, quando vemos que os pais estão mais inseguros ou não; no início foi aquele início de ano, que os pais estavam mais desconfiados, como foi falado que os pais estavam um bocadinho de "pé atrás", isso a mim chocou-me um bocadinho porque eu não estava assim tão acostumada que as famílias... talvez porque eles no JI falam e aqui não falam, não é? Eles lá contam, sabem contar, aconteceu isto, aconteceu aquilo, aqui não contam. Para já não contam, mais tarde contarão. E se calhar isso aflige muito as famílias, eu percebo, o confiar os tesouros deles a pessoas que não conhecem é complicado, é um pedacinho de nós. Também sou mãe também sei ver isso, mas cabe-nos a nós enquanto educadores, enquanto profissionais de educação desmistificar esse fantasma que às vezes está um bocadinho mal resolvido, mal tratado.

Os pais consideram-vos um recurso? Refiro-me mesmo a situações básicas ligadas ao sono, à alimentação... Eles questionam-vos sobre tudo isso?

Alguns pais sim, os pais às vezes esclarecem dúvidas relativamente à fralda ou tirar a xucha, isso sim, mas nas questões da alimentação às vezes somos nós, somos transparentes e passamos "olhe hoje comeu bem" estão os registos também ali afixados, "comeu, não comeu, olhe gosta disto... não gosta disto". Como há este diálogo constante eu não tenho reparado, pelo menos não tive ainda essa perceção dos pais nos questionarem, pelo menos a mim não me questionam assim tanto, porque somos nós às vezes a abordar quando existe algum problema... com a alimentação alertamos logo "olhe hoje não comeu muito bem...", apesar de nos dizerem às vezes na primeira abordagem, na ficha da entrevista "olhe, não gosta disto, não gosta de carne" apesar de nós dizermos "olhe ele aqui não anda a comer muito bem, ou ele ou ela..." e pronto e essa questão passa logo é imediata, daí se calhar eles estarem esclarecidos ou terem logo o feedback e não me questionarem "olhe hoje não comeu tão bem, se calhar não gosta muito". Lembro de uma vez me virem perguntar "olhe veja se come o elemento x porque em casa estou a ter dificuldade" e depois o nosso feedback é "olhe não, por acaso até não, até comeu bem", como vai havendo essa comunicação diária não sinto que eles se sintam assim tão perdidos, aqui pelo menos eu não noto.

Como é que se vê como educadora no contexto de creche?

Como é que eu me vejo?

Diferente de educadora de Jardim de Infância?

No início acho que atuava de forma diferente, um bocadinho a medo. Mas eu acho que eles... neste momento a minha postura não é assim tão diferente.

Acha-se igual, uma educadora igual?

Mais ou menos, se calhar desço um bocadinho mais ao nível deles mas não noto assim, eu às vezes dizia "ah, isto afinal não é assim tão diferente!" Foi a conclusão a que eu cheguei; há coisas que eu tenho que adaptar, atividades e formas de chegar a eles ou de lançar uma atividade ou de explicar ou de vocabulário, mas não é assim tão diferente! O "bichinho" que me contaram não é assim tão diferente! Talvez esteja mais atenta, mais preocupada em perceber o que necessitam, também mais apegada, dou mais miminho,

mais colinho... sou menos rígida, mais tolerante... mais preocupada, estou talvez mais por inteiro, com os sentidos todos a funcionarem...

As suas funções, as características, as competências pessoais e profissionais... já me falou aí nalguns aspetos, quer referir mais aspetos que considera diferenciadores ou semelhantes

Mais aspetos... eu acho que a disponibilidade tem de ser maior, a atenção também, mas aqui tem de ser redobrada por causa dessas questões todas, às vezes estão muito bem sentados de repente cai um para trás e nós não percebemos bem como é que aquilo aconteceu. Temos de estar muito atentas, se foi um menino que puxou... se...a atenção tem de ser redobrada. Temos que ter um olhar atento, registo e reflexão permanente, é um grande desafio. A disponibilidade tem de ser total, total. Fisicamente é um trabalho mais árduo que exige mais de nós, claro. Há muita coisa que é comum com o JI, mas nem tudo é comum, mas no início parecia-me mais estranho, parecia-me tudo muito diferente, mas há diferenças, mas não são tantas como me pareceu no início.

Estávamos a falar das características... já agora diga-me outra coisa Carla, considera que deve haver conhecimentos diferentes... outro tipo de conhecimentos para intervir na creche?

Tenho a experiência de ser mãe que, para intervir na creche, é muito válida e o ser mãe, ter o ar maternal, pronto acho que me ajuda imenso. Este fazer profissional exige saber, exige muito conhecimento e temos que nos agarrar a tudo e eu, em primeiro lugar agarrei-me ao facto de ser mãe, fui buscar conhecimentos a essa experiência. Olhe há temas que temos que ter um conhecimento mais profundo... estou-me a lembrar agora do desfralde, quando desfraldar? Como desfraldar? Eu fui buscar esse saber da minha experiência com a minha filha. Depois é muito importante termos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, sabermos as etapas do desenvolvimento, até para ajudarmos os pais, não é? Sabermos como agir com determinada criança de acordo com a sua idade, adequar as atividades à idade das crianças. Temos que saber como organizar os espaços e os materiais porque aqui na creche é diferente, lá está, temos que organizar tudo de acordo com as idades. É muito importante ter conhecimentos sobre a organização dos trabalhos das crianças e de todas as suas conquistas, tudo o que ela vai aprendendo e dar conhecimento dessas aprendizagens às famílias para também nos poderem valorizar e reconhecerem aquilo que a gente faz. Eu acho que acima de tudo é estarmos muito disponíveis e sermos afetuosas, porque isso também se aprende e conseguirmos estar bem na equipa, com vontade de aprender coisas novas

E não sabendo, onde é que pensa que vai adquirir esse conhecimento?

Com as colegas, com a partilha de saberes, com as colegas, com as auxiliares, com a educadora e com as famílias, sempre com as famílias! Eu acho que não tem que haver um curso para saber desfraldar, não tem que haver um livro que me ensine a desfraldar. É assim, há temas que... que isto faz parte também da curiosidade pessoal não é? que eu comecei a ler sobre creches desde que soube que ia para a creche, eu nas férias li sobre creches e nunca tinha lido sobre creches, só para a minha formação. O facto é, parei completamente, se calhar isso aconteceu a outras colegas, profissionais também...

Acabou por fazer autoformação.

Claro, fui ao manual, ler... de vez em quando, ainda lá tenho. Mas é assim, eu acho que isto é muito, muito intuitivo, tem de ser intencional e intuitivo. Mas acho que tem de partir

muito do nosso "eu", eu trabalho assim... perceber e conhecer bastante bem a criança, planificando bem as coisas, tendo intencionalidade quando se propõe alguma atividade.

Neste contexto o que é que lhe agrada mais e o que é que lhe agrada menos?

Neste contexto o que é que me agrada mais e o que é que me agrada menos?... o que me agrada menos... não tenho assim nada que me agrade menos! Não, neste momento não. Gosto de cá estar, haaa... o que me agrada mais é descobrir o dia a dia. No fundo é ver a evolução ali muito mais rápida; um aspeto muito positivo na creche é a evolução muito mais rápida, portanto de semana para semana basta trocar de horário já vejo que os lanches correm de forma diferente, as autonomias são mais rápidas, eles adquirem as coisas com mais rapidez e são mais rápidas, o que me agrada menos não,... são essas questões que às vezes digo, um bocadinho a sensação de desconfiança de algumas famílias

Considera que os contextos a influenciam enquanto pessoa?... Influenciam-na enquanto profissional?

Estar numa resposta social diferente, já estive em jardim de infância e influenciam sempre, eu acho que todas as experiências influenciam e modificam a pessoa e quando influenciam a pessoa também influenciam a profissional que somos, esta experiência está a ser marcante, mas também o foi os anos que estive no JI, vamos aprendendo, nem que se seja com os erros aprendemos, para já ganhamos mais confiança, conhecemos mais pessoas, mais famílias, mais crianças, logo aí alargamos os nossos horizontes e pronto o nosso grupo de contactos... e vamos sempre aprendendo com as famílias com as crianças, com as colegas e temos que nos adaptar a estas mudanças.

Quais são as grandes finalidades ou os grandes objetivos que orientam a vossa ação?

Os nossos objetivos é tentar que, pronto... sobre essa questão posso-lhe adiantar um bocadinho ainda, mas acho que um dos grandes objetivos é levar a criança a descobrir o mundo em que esta inserida, brincando, interagindo com as outras crianças e conosco e que seja feito com muito prazer. Temos que lhe proporcionar bem-estar. Uma coisa muito importante é começar a respeitar os outros e as regras e limites. Bem... mas o grande objetivo é mesmo o bem-estar e a satisfação das crianças, o desenvolvimento global, afetivo, social, intelectual das crianças. A satisfação das famílias, o bem estar, a segurança, a felicidade e o prazer que eles têm. No fundo tornar válido o tempo que eles passam aqui conosco e passa muito pelas autonomias, pela independência

Referiu que frequentou alguma formação, gostava de saber se o fez porque sentia necessidade de adquirir alguns saberes...

Sim e também fui com colegas porque nós depois podemos ir parar... nem sempre temos que estar...

Algumas mais vocacionadas para a creche?

Sim, fiz uma em Setúbal, o "Ser Bebê", fiz no Piaget também sobre a Primeira Infância, já há alguns aninhos... agora a última que fiz foi no início logo do ano, foi só um workshop em Setúbal, com a minha colega a outra auxiliar a que entrou também de novo para esta... era um bocadinho sobre os cuidados básicos. Estava a precisar de mais conhecimento, um novo contexto este da creche e esta última foi muito útil, a atenção, alguns aspetos que devemos estar atentas, os perigos, alguns acidentes infantis. Foi muito válida para este contexto, no fundo foi lembrar algumas coisas, fizeram acordar coisas que eu já sabia, foi dada por um médico, aliás por dois médicos, uma assistente social,

enfermeiras... foi interessante, foi um dia em que eu e a colega, como eramos novas na creche e já não fazíamos formação em creche há muito tempo, foi um workshop foi engraçado, foram trabalhos de grupo em que existiam psicólogos, os grupos eram formados por pessoas das mais variantes... outras pessoas que estavam desempregadas mas que estavam a especializar-se, pronto a tirar formações para serem amas, aqueles cursos do Centro de Emprego. Depois eramos todas distribuídas, não fiquei com a minha colega no grupo e depois partilhávamos. Era-nos dados uns temas para abordar e para discutir e depois era apresentado, foi engraçado.

Isso foi selecionado por vocês ou foi por indicação da Direção?

Foi, foi indicado pela direção. Fomos nós em creche... quem queria e nós achámos oportuno irmos as duas, uma auxiliar e uma educadora, foi importante, foi muito focada na segurança, organizarmos espaços e materiais seguros, alertou-me para uma série de coisas que às vezes não estamos sensíveis, portanto a questão dos perigos dos ganchos, essa questão que, como a Isabel ouviu, foi até abordado na reunião de pais, portanto partilhamos com os pais alguma informação da formação.

Pois foi.

Passámos esse testemunho às famílias, portanto algumas das coisas que aprendemos na formação e, de certa forma, foi cumprido ou não mas isso é como tudo, as coisas não são como nós desejaríamos, mas acho que é importante. Devíamos ir a mais formação, mas de acordo com as nossas necessidades, portanto é muito bom ouvirmos, aprendermos e podermos logo aplicar e partilhar com as famílias, as colegas... Só que nem sempre há sobre a primeira infância, sobre a creche.

Como é que é que está organizada a coordenação do trabalho, portanto vocês as duas são as educadoras, a Alice coordena o contexto de creche e depois a nível lá de baixo, da Direção?

Existe uma coordenadora também para o Jardim de Infância e ATL, aqui é a Alice a coordenadora e depois é feito um feedback, um intercâmbio...

As coordenadoras costumam reunir?

Sim.

... as diretrizes depois vêm da Direção?

Sim, existe uma coordenadora responsável pelo Jardim de Infância, outra pela creche que é a Alice e a passagem de informação normalmente é feita pela Alice, se em algum momento for necessário eu estar presente, vou, mas por norma é sempre a Alice; pronto, para também sabermos um bocadinho do que se passa lá em baixo e elas também do que se passa aqui, também haver um intercâmbio e estão previstas também reuniões de encontro, no ano passado eram feitas reuniões de inter valências também... No ano passado eram feitas e este ano ainda não aconteceu, mas o ano passado foram feitas reuniões de inter valências em que as educadoras de creche, (eu estava em J.I.) também iam as duas à reunião no fundo para partilhar aqueles acontecimentos comuns, tipo o Carnaval...

Pois porque vocês acabam por estar em edifícios distintos... e nem sempre se apercebem do que é feito.

É, no fundo é.

Participam em atividades conjuntas?

Sim, sim, as atividades conjuntas normalmente são as festas no final do ano, o ano passado lembro-me da creche ter participado na festa do final do ano. O Carnaval... os meninos mais crescidos também vão ao desfile, estou-me assim a lembrar... este ano também, claro. Isso tem de ser comum, tem a ver com o projeto também e tem de ser planificado em conjunto.

Quais foram os momentos mais marcantes no seu percurso profissional?

Mais marcantes?... os primeiros dias de trabalho aqui no Jardim de Infância foram engraçados, foram caricatos. No ATL também, no ATL foi no último dia, fartei-me de chorar quando me vim embora, no fundo foi o chamado primeiro emprego e costuma-se dizer que o primeiro emprego quando é válido deixa sempre saudades! Foram atividades engraçadas, alguns teatros, situações engraçadas com os miúdos... há sempre coisas marcantes.

E esta entrada aqui foi marcante?

Foi. A entrada aqui também foi muito marcante, foi um marco. Não foi muito fácil!... Não foi muito fácil... não estava à espera! Pronto, mas foi mesmo assim.

E neste momento como se sente?

Estou, estou... estou confiante, estou expetante, mas posso dizer que os primeiros dias foram difíceis, foram mesmo um marco. Foram difíceis, foram angustiantes mas isto acho que a Isabel já ouviu a outras educadoras, não sei se ouviu se não, mas não estava à espera... mas também penso "porque é que eu não estava à espera?..." se eu nunca estive em creche? Que é isso de não estar à espera?... Eu tenho de estar à espera!! Mas foi... o último mês em que eu estive na minha sala foi recheado de lágrimas, foi uma tristeza, parecia que era o último... tipo o último adeus. Foi uma coisa tão estranha!...

Já passou algum tempo...

Sim, sim, mas ainda não me sinto de todo na creche. Mas também me sinto muito pouco lá em baixo no Jardim de Infância. Olhe, presentemente não me sinto a pertencer nem a um lado nem a outro. Aqui o trabalho é muito exigente e necessito ainda de mais tempo para me sentir que pertença mesmo a este espaço, a esta equipa, embora todas me tivessem recebido muito, muito bem. Mas não é fácil... para além disso eu nunca fui preparada para a creche, nem formação, nem... mas também digo a mim mesma: "Mas o que é que estás à espera, então uma educadora não tem que estar preparada para trabalhar em todas as valências?" Mas depois na prática, na prática não é bem assim, há diferenças, temos mesmo que nos inteirar, temos que estar por dentro de tudo porque eles dependem mesmo de nós em tudo, mas tudo mesmo. Parece que não há grandes diferenças, mas depois quando cá estamos todos os dias, elas aparecem, e sim, sim há diferenças na relação que temos com as crianças, na forma como falamos com elas, temos que estar mais atentas, mais disponíveis, mais afetivas, uma relação mais... mais... não sei como dizer..., também há diferenças na forma como lhes pegamos, temos que ser mais cuidadosas... também na forma como nos preocupamos, é mais intenso, é tudo muito, muito intenso e também imediato, não podemos adiar,, estou sempre mais ansiosa, temos que registar tudo, se fez có-có, se comeu, se dormiu... e mesmo com os pais, fico mais preocupada, será que está tudo bem, será que enviei tudo, será que foi como eles gostam ser... eles na creche estão sempre mais vigilantes, às vezes parecem uns inspetores, esquecem-se que não temos um, temos trinta. Também penso que talvez seja por eu ainda

me sentir muito insegura se calhar para o ano já não penso assim. Não é fácil, ainda penso no JI!

... está dividida?

Estou muito dividida, se me perguntassem "queres voltar neste momento para o Jardim de Infância?..." dizia que não, dizia redondamente que não, mas...

Porquê?

Porque eu estou a gostar!

(risos)

...porque eu estou até estou a gostar, só que há muita insatisfação, parece que não faço nada bem feito, parece que não sei fazer, esta insegurança. Olhe vou-lhe dar exemplos muito práticos; selecionar livros para contar uma história... no primeiro dia em que eu contei uma história aqui na creche, achei que eu estava a ser... imaginem parece que eu estou a fazer um exame! Será que eu sei contar uma história?? Aqueles serezinhos tão pequenos metiam-me medo! Sério, estou a ser sincera! Eu achava que... parece que estava em estágio outra vez, estava sob observação e achava que não chegava a eles, porque a reação deles não era assim... não era espontânea... eles ouviram, bem, primeiro não me ligaram nenhuma, viraram-me as costas, hoje já é menos não é... mas viravam-me as costas, eu mandava-os sentar e eles não me ligavam nenhuma! Completamente desautorizada! Não tinha autoridade nenhuma no grupo! Eles não queriam saber de mim para nada, eles queriam ir à "vidinha" deles... e eu "vamos sentar!", qual sentar? eles viravam-me as costas! Eu primeiro que captasse a atenção para se sentarem... meu Deus eu nunca me senti assim, só no primeiro dia em que tive de contar uma história depois de ser educadora é que eu senti estes nervos! Mas agora já não me sinto um pouquinho melhor, já tenho mais segurança, mas há momentos em que me sinto muito perdida ainda. Às vezes no momento de transição, o mudar de sala, o saber se é adequado ou não? Sinto-me um bocadinho perdida. Posso dizer que não é uma tarefa fácil, mas é muito importante estar disponível, colocarmo-nos junto das crianças para fazê-las crescer e a vida acontecer. E depois é assim, têm que ser tratadas de igual modo todas as crianças, venham elas mal cheirosas, bem cheirosas, sujas, limpas, com piolhos, sem piolhos, pois nesse aspeto é como no jardim de infância, não é verdade. Temos mesmo que as respeitar, são pessoas, são mais pequeninos, sim é verdade, mas são pessoas. Às vezes penso que o problema não está nas crianças, mas nos adultos, e a dificuldade se calhar está mais nos adultos, bem não pretendo ir por aí.

Há uma coisa que ainda lhe vou perguntar... e relativamente ao choro?

Pois, pois... muito difícil, o choro também me angustia, também contribui para a tal insatisfação. O choro na creche é uma coisa muito complicada, parece que quando um começa se pega aos outros e às tantas está tudo a chorar e depois: "Como é que eu os acalmo?" Nos primeiros meses foi muito complicado, não sabia acalmá-los, punha a chucha, tirava a chucha... mas eles depois choravam e deitavam a chucha fora. Foram... são momentos difíceis, é complicado, é também um aspeto muito diferente do JI. É nestes momentos que a tal relação que tenho vindo a falar, uma relação forte, confiante... é muito importante, se essa relação existir entre o adulto e a criança tudo é mais fácil, tem que ser uma relação empática, mas também muito física porque o toque é muito importante para os acalmar.

Foi difícil lidar com isso?

Foi, especialmente com as famílias. Tranquilizar as famílias foi muito complicado, claro que a Alice tomou mais conta dessa parte, já tinha experiência e eu depois tinha medo de interferir! Tinha medo de interferir porque não sabia se era certo! Então ficava sempre na retaguarda, deixava que fosse sempre primeiro a Alice. Depois via como é que ela fazia, com as famílias, principalmente com as famílias, porque com os meninos eu pegava-os ao colo, dava-lhes beijinhos, acalmava-os, distraia-os... levava-os à janela... não era fácil, mas pronto tenho conseguido. Agora com as famílias, os telefonemas das famílias, o perguntarem "está bem?... esteve muito tempo a chorar?..." pronto, eu falava-lhes a verdade porque acho que tem de ser, só que se calhar era uma verdade a noventa e cinco por cento, eu tinha ali um bocadinho aquela dor! Se calhar se chorassem cinco minutos eu dizia que era só três!

Eu estou a questioná-la porque uma das características que as educadoras de creche me têm referido também é precisamente isso, é o saber lidar com o choro, que é completamente diferente do Jardim de Infância

Choram em bloco. É. O choro é em bloco, lá no JI é mais um caso, dois... três. Agora aqui é mesmo em bloco, mas aqui muita coisa é em bloco, é difícil. Facilita muito a adaptação ser gradual, ajudou muito, ajudou mas por momentos eu também senti que quando uns estavam calados vinham outros e estragavam tudo. Temos que ser bastante flexíveis na rotina, bem temos que ser sempre, mas no período de adaptação a flexibilidade tem que ser ainda maior. Cada um vem com o seu ritmo e temos que ir a pouco e pouco, tentando que ele se adapte aos amiguinhos, aos adultos, ao espaço, aos horários, às regras. Claro que imagine ter trinta a entrarem todos no mesmo dia era impossível, não conseguíamos. Mas depois também tivemos algumas crianças que desistiram e depois vieram outras adaptar-se e isso também... estivemos ali naquele impasse naqueles dois meses bem complicados. Os primeiros dois meses serão sempre muito complicados, o período de adaptação talvez seja o período mais difícil em creche.

As crianças não entram todas no mesmo período? Como é feita a adaptação?

A adaptação foi gradual, foi planificado com as famílias, foi combinado com as famílias, as crianças nunca vêm todas ao mesmo tempo, no mesmo dia, para podermos dar uma atenção mais individualizada, mas não só à criança, também aos pais, porque eles precisam bastante, ficam muito ansiosos, ficam até desconfiados, mas de qualquer forma... depois as resistências de algumas crianças... veio um bocadinho criar aquele impasse, mas pronto agora já há muito menos choro já praticamente não se ouvem a não ser que haja alguma questão entre eles, algum conflito. Mas foi complicado, é muito mais difícil a adaptação, eu sempre me custou a adaptação, a adaptação para mim foi sempre um período muito terrível mesmo lá no Jardim de Infância, para as crianças mas especialmente para as famílias. As famílias... pronto eu ficava muito triste quando as famílias saíam daqui... tipo... "não sei se me estás a dizer a verdade..." parece que se lia nos olhos delas e no fundo é compreensível, confiam-nos os seus pedacinhos e não nos conhecem, mas é, no fundo os pais ficam muito inseguros, mais exigentes! A exigência talvez passa por aí, pela insegurança, percebo agora o porquê de ser exigente - porque as crianças não falam, não contam e os pais precisam de tirar o máximo de nós para ver se estamos mesmo a ser sinceras, se foi mesmo assim que aconteceu. Depois também temos o outro lado, nós também temos que tirar o máximo deles porque as crianças não falam, eles acabam por ser mensageiros, são eles que nos têm que passar toda a informação. Bem mas nós temos que dar a conhecer o nosso papel, a nossa intervenção para que eles percebam que é diferente, eles são pais e nós somos educadoras, temos objetivos para trabalhar com os filhos.

E considera que as vossas famílias percebem o trabalho que vocês fazem?

Eu acho que sim, numa forma geral eu sinto isso, sinto que nos reconhecem... ainda há uma ou outra pessoa que... pronto que às vezes vemos, mas se calhar às vezes pode ser só uma expressão, não ser a realidade. Não sinto aquela desconfiança que sentia no início, aquelas expectativas que nós tínhamos não sinto, mas eu também nunca tinha vivido uma adaptação na creche, quando vivi foi há muitos anos e já não me recordo desses pormenores. Depois também há uma coisa muito importante, logo no primeiro encontro, quando é feita a entrevista, há uma grande preocupação em dar a conhecer o que se faz, como fazemos as coisinhas, porque é que fazemos assim, portanto o que é que isso contribui para o desenvolvimento das crianças. Mostra-se a creche, chama-se a atenção para os placards, que devem lê-los todos os dias, explica-se que é aí que nós registamos muita informação sobre as crianças... Penso que neste primeiro encontro vão mais tranquilos, a Alice não deixa que fiquem com dúvidas e depois também é um grande passo para começarem a perceber o que é que verdadeiramente fazemos. De qualquer forma deixo essa parte para a Alice, tenho algum receio e fico a pensar que não reconhecem a importância do meu trabalho e eu ainda não me sinto segura para mudar a forma de eles pensarem, talvez ainda não esteja convicta do meu papel. Mas tento, tento passar a mensagem de que a creche já não é um lugar para deixar as crianças enquanto os pais trabalham.

E sente que o facto de estar aqui na creche, a imagem que têm de si é a imagem da educadora Carla, a educadora que anteriormente exercia funções no contexto de jardim de infância?

Eu acho que sim. Mas temos que ser nós a fazer com que nos reconheçam, cabe-nos a nós fomentar e alimentar isso, portanto seja qual for o contexto, a profissional é a mesma, tem que ser valorizada enquanto tal. Talvez aqui, como fazemos todas o mesmo, talvez ... não sei, talvez não sejamos tão reconhecidas como educadoras... penso que já me estou a contradizer, porque eu às vezes sinto-me valorizada, sou sincera, mas por vezes não é bem assim. Bem... mas continuamos a ouvir aquelas conversas: “Para limpar o rabo aos meninos precisam de estudar tanto? Mas precisam de tirar um curso? Precisam de fazer formação para quê? Dar de comer, tomar conta...?” Tudo isto ainda se continua a ouvir, isso é bem verdade. Portanto não é nada fácil, afirmo que não é fácil desempenhar este papel, principalmente quando tenho tanta gente à minha volta que não compreende o que faço e que às vezes até eu tenho essa dificuldade. Não é fácil... sei que tenho que valorizar todos os cuidados, sei que todos os momentos aqui na creche são importantes, que em todas as atividades temos que articular os cuidados e a educação, mas... não é fácil. Teria que haver aqui algum trabalho para que o nosso trabalho fosse mais visível, mas primeiro teria que passar pelo governo, pelos ministérios e depois também aqui, aqui nas instituições.

E a nível salarial? Vocês aqui como é rotativo é precisamente a mesma coisa?...

Não somos penalizadas nesse sentido não.

Mas tem conhecimento...

Tenho, tenho. E que o tempo de serviço não é reconhecido.

Não. E que há uma tabela para as educadores de creche e outras para as de jardim de Infância?... Aqui o tratamento é igual.

Isso é uma mais valia que nós temos. Por que é assim, em muitos colégios, tenho conhecimento que há as educadoras de primeira e educadoras de segunda. Não ganham o mesmo, as que estão na creche ganham muito menos, nunca passam pelo jardim de infância e aí o trabalho não é valorizado. Aqui não é assim, mas... bem... entre colegas... nem todas aceitam bem a vinda para aqui para a creche.

E que também acaba por vos ajudar enquanto pessoas e...

As pessoas se calhar não se sentem preparadas para vir para a creche... nunca me questioneei sobre isso mas depois pensei "mas porquê?..." tive em estágio em creche, mas isso foi um estágio que fazia parte para o meu currículo tinha de fazer o estágio em creche... se bem que a creche não funcionasse assim, eu fiquei numa sala com uma educadora logicamente, se eu me estava a formar, como uma auxiliar e era uma salinha com meninos de ano e meio/dois anos, eram quinze crianças e era uma salinha pequenina e não tinha estas... os registos não eram tão árduos como são hoje, não eram tão exigentes, era diferente, não eram tão exigentes, neste momento acho que sim, com o modelo da segurança social andamos aqui sempre num corrupio, tudo tem que ser feito de acordo com o manual. Não é fácil. A Alice diz que temos que ir adaptando e é isso mesmo que fazemos, vamos fazendo... e vamos adaptando. Mas temos que conversar muito, discutir muito, olhe nessas tais reuniões semanais, mas temos conseguido.

Como é que vocês fazem os registos das observações?

Nós temos um tempo para isso, nós estamos disponíveis, portanto enquanto os meninos dormem nós temos esse tempo, fazemos a nossa hora de pausa da uma às duas e depois começamos a trabalhar novamente aqui neste gabinete e trabalhamos sobre os processos das crianças e...

E fazem-no em parceria?

Sim, sim, cada uma na sua secretária mas aconselhamo-nos muito uma com a outra nesse sentido. É importante partilhar porque há coisas que eu não conheço e há coisas que a Alice também me pergunta se já reparei ou não... e...

Considera que é uma boa forma de funcionar?

Sim, eu já tive uma perceção um bocado negativa desta forma de funcionar se bem que ainda haja muita coisa para melhorar, há momentos em que os grupos se sentem muito grandes quando se faz a concentração do grande grupo se torna muito extenso, acho que há coisas que quanto a mim ainda se podia modificar mas é uma questão de... mas o funcionamento assim em espaço aberto, eu vejo que neste edifício... também era possível doutra forma, mas eu acho muito mais válido assim, porque no fundo isto é a casa deles. É uma aproximação ao lar das crianças, não é? Tem os compartimentos, tem as salinhas onde dormem, que alguns meninos até diziam... temos um aqui que até diz que é o quatinho "vou para o quatinho..." é sinal que se sente em casa, é bom isso! Acho que faz todo o sentido aqui.

Vou-lhe fazer uma última pergunta, aquilo que é hoje como Educadora, aproxima-se daquilo que pensava vir a ser e fazer quando iniciou a sua atividade profissional?

Como profissional?... aquilo que eu sou hoje?... É assim, eu nunca me "desenhei", as coisas foram acontecendo e eu fui aperfeiçoando... fui errando... fui pensando, fui ouvindo, fui refletindo... eu não tenho assim um desenho para uma Educadora. Acho que cada Educadora é um ser único, com bases sólidas, conhecimentos, mas eu não vejo um desenho para uma Educadora. Eu costumo dizer, eu antes de ser educadora sou uma

pessoa, com qualidades, com defeitos, não sou perfeita... mas também sei assumir os meus erros, tenho os meus momentos de angústia como todos os seres humanos têm, esquecendo agora o ser Educadora. Qualquer ser humano tem dias mais altos, tem dias mais baixos, mas temos que conseguir ser superiores para suportar as adversidades que às vezes nos impedem de avançar um bocadinho mais. Mas considero que estou à altura, que não sou uma má educadora, sou responsável, posso não ter muito conhecimento, ter dificuldades, mas procuro, pesquiso... tento sempre fazer o meu melhor e a imagem que tenho é positiva.

Não tenho mais nada para perguntar. Quer acrescentar alguma coisa?

Basicamente não, acho que estou a crescer, continuo a crescer!.

E vai ter aqui mais um ano e meio para continuar a crescer, não é?

De tamanho fiquei por aqui (risos) mas acho que sim eles ensinam-nos imenso.

Eles quem?

Eles crianças, não são só os livros que nos ensinam, os livros complementam, mas eu vejo um bocadinho... acho que é no terreno que nós progredimos e avançamos!

Não tenho mais nada para perguntar. Quer acrescentar mais alguma informação?

Não, não.

Foi muito bom. Muito obrigada Carla. Após a transcrição da entrevista devolvo o texto para a Carla ter a oportunidade de verificar se está de acordo com o que referiu e, caso se justifique, proceder a algumas alterações.

Entrevista individual - Educadora Patrícia

Data: 10 de abril de 2013

Local: Creche para a Infância III

Duração: 40 min.

Patrícia, vamos dar início à nossa conversa. Agradeço, desde já, ter-se disponibilizado para participar no estudo. Gostava que me contasse como é que aconteceu tornar-se educadora?

Eu sou a irmã mais velha de seis irmãos. E acho que desde que sou miúda acabei por fazer, por ajudar um bocadinho a minha mãe em casa e acabei por sentir que gostava bastante de crianças. Quando acabei o 12º entrei para Santarém, Administração Pública. Tive lá um ano só que, não dava... entrei agora para Santarém, só tive lá um ano, passei para o segundo ano, mas realmente vi que não era aquilo que eu queria fazer.

Mas porquê?

... porque não me encaixava. Eram muitas matemáticas, muitas economias... estar fechada numa sala, estar bem vestido, acho que não me imaginava assim, no meu dia a dia e... pronto e acabei por investir por outro curso, que era o de educação de infância. Fui trabalhar nas férias para pagar o curso, porque no Piaget pagava 250,00€ por mês. Desisti do curso de Administração Pública em Santarém, juntei um dinheirinho no verão e comecei outro curso, no ano a seguir, no Piaget. Acho que comecei a fazer aquilo que sei fazer melhor, que é tratar dos outros! Estar atenta aos outros (sorri) não sei!... a explicação é essa! (risos). É isso mesmo, procuro centrar-me no cuidado, é aquilo que mais gosto de fazer que é tratar dos outros, tento ajudar as famílias a observar os seus filhos, procuro estar disponível para eles

Tem quantos anos de serviço?

Seis, vou fazer sete.

E como é que foram estes anos? Quais foram os seus contextos? Qual o seu percurso?

Estou há quase seis em creche e um em jardim de infância, por isso... Iniciei em creche, nas salas lá em baixo.

Este é o seu único contexto?...

É, é.

Iniciou aqui em creche e depois fez uma interrupção?

Fiz uma interrupção, porque tive de licença de maternidade e antes tive gravidez de risco, tive um ano em casa...tive que me ausentar.

Depois quando regressou?...

Foi na creche outra vez, sim.

Então tem a experiência de jardim de infância e de creche....

Sim, mas é pouco em jardim de infância... fiz só um ano! Fiz um ano completo em jardim de infância, depois no ano a seguir era para continuar em jardim de infância, mas tive que interromper.

E estagiou em jardim de infância?

Estagiei em jardim de infância. Nunca fiz estágio em creche, foi a primeira realidade que eu tive foi quando iniciei cá. Não foi muito fácil, (risos) , na formação inicial nunca se falou em creche e... bem... eu tinha sido mãe também há 4 meses, por isso quando iniciei no berçário, na sala azul, foi a primeira realidade, pronto já tinha alguma coisa, tinha sido mãe há quatro meses, não era de todo estranho, bebês e fraldas, todas estas coisas que envolvem trabalhar na valência de creche, de qualquer forma foi uma aprendizagem violenta (risos), mas acho que foi bem conseguida ao longo destes seis anos, mas o primeiro embate não é fácil.

Mas porque é que não é fácil, o que é que sentiu?

Não é fácil porque as crianças são muito pequenas, temos que dar muito apoio às famílias e aos pais e se nós próprias não estivermos bem seguros daquilo que é o nosso trabalho em creche, acho que isso passa para qualquer pessoa e principalmente o que nós fazemos aqui em creche é trabalhar com os pais! e para os pais! e pronto, e as crianças pequeninas exigem muita atenção, muita dedicação, muito empenho, muita observação, muita relação e é difícil o primeiro embate de creche!

Refere que existem grandes diferenças, mas em que aspetos?

Acho que é mais trabalhoso a nível físico, na creche é mais exigente, é mais cansativo a nível mental, porque é muito choro muitas birras e a principal diferença acho que é trabalhar com as famílias. Muitas das famílias quando chegam à creche com os seus filhos, esta é a primeira realidade, o primeiro contato que têm com um espaço deste tipo. Muitas vezes é o primeiro filho, é a primeira realidade que têm e naquele momento têm que aprender a confiar na primeira cara que lhes aparece à frente! E nós, também se passa um pouco... também não os conhecemos, temos que perceber que pessoas são, se podemos confiar, porque às vezes temos alguns dissabores, às vezes as coisas complicam-se e surgem muitos conflitos e para que isso não aconteça, temos mesmo que começar uma boa relação para confiarmos. No jardim de infância as crianças já falam, já contam o que se passa, enquanto que aqui os bebês não dão feedback em casa, portanto os pais por eles nada sabem. E isto tem que ser feito pelo educador, tem que ser o educador a passar toda a informação, temos que trabalhar principalmente com os pais! Temos que chegar aos pais, e é no bem mais precioso deles, não é? Por isso não é fácil! Exige muito e é um trabalho que tem que ser feito todos os dias porque mesmo que a relação esteja construída depressa se desmorona, às vezes basta qualquer coisinha para tudo se perder, porque como eu disse trata-se dos filhos, do bem mais precioso. No jardim de infância já não é bem assim, a criança já conta e os pais já conseguem perceber muita coisa. Aqui... têm mesmo que confiar em nós. Não é fácil nem para nós, nem para eles. E é trabalhar com as crianças pequeninas, que exigem muito de nós! Porque são pequeninas, não são autónomas, não são independentes. É preciso um adulto estar constantemente a preparar... para apoiá-las, para as iniciar no contexto de vida e... e é difícil! É muito desgastante, saio daqui muito cansada. É tudo muito exigente, os pais... bem, por vezes não é nada fácil chegar a ele.

Como organiza a sua prática pedagógica para chegar aos pais?

Ui!! (risos) como é que eu faço... Não sei, acho que eu toco um bocadinho no calcanhar deles, toco mesmo, no início do ano. Porque se eu não 'apertar' com eles logo no início, acabo por perder as famílias depois, ao longo do tempo. Acho que se nós agarramos as famílias logo no início, conversarmos muito com elas, se estivermos presentes; porque eles têm muitas dúvidas, eles chegam todos os dias com dúvidas, com ansiedades, com receios... com... todas as situações que acontecem no início de vida da criança, temos que ser nós a dar-lhes apoio! E se o adulto não tiver esse apoio pessoal, essa formação pessoal... como é que se faz?...

Que tipo de estratégias é que utiliza para estar sempre a fazer esse tipo de trabalho? Porque é contínuo, pelo que me parece.

Sim. O que eu faço é tentar envolver as famílias na vida dos filhos, desde o berçário e depois continuar até onde eu os levar. Peço a colaboração no desenvolvimento de projetos vários, como sendo o caso do projeto de leitura em família, da alimentação, preocupo-me que eles se interessem pelo desenvolvimento dos filhos e por isso tento estabelecer ligações no dia a dia. Mas é pedir a colaboração deles em trabalhos. Pequenas tarefas que nós vamos fazendo... do projeto pedagógico. Por exemplo, este ano fizemos o projeto pedagógico sobre a alimentação, no dia da alimentação fui pedir aos pais para fazerem um trabalhinho em casa, como é que era a alimentação dos filhos. No dia da mãe dispomos de algumas atividades para os pais virem ver o que nós fazemos aqui com bebés pequeninos. E depois é o dia a dia, falar muito com eles! É tentar passar a eles o que é o trabalho em creche, como é que é passado, porque eles não fazem trabalhos! Não aparece nas paredes! Também temos o caderninho, esse caderninho acompanha as crianças diariamente e que faz a ligação entre os dois contextos, onde registamos os recados, pois alguns pais deixam as crianças muito cedo e nem sempre nos vemos e assim fica garantido que a informação passa, que vamos ler ou que eles leem.

É o produto que não existe?

É o produto que não existe e tem de ser passado de outra forma, para que as famílias percebam que a creche não funciona só para mudar uma fralda, só para passar o tempo! A creche funciona para que as crianças façam aprendizagens e claro, também para apoiar as famílias. Não é só mudar uma fralda, não é só deixar a criança na creche para ela brincar, há competências que têm de ser feitas e têm que ser feitas em articulação com a família; sem a família a gente não faz nada, todos saem a ganhar, acho que pode ser uma grande mais-valia para os pais, para o crescimento das crianças e também para nós educadoras porque são oportunidades para darmos a conhecer o que fazemos, è também para o nosso trabalho ser reconhecido, ser valorizado, porque a gente já sabe, a imagem que passa é que aqui pouco se faz, os bebés nada fazem e não é verdade. Os bebés já fazem muito, mas claro de acordo com a sua idade, de acordo com o seu desenvolvimento. O problema é que muitas vezes quando se pensa nos bebés, é naquelas coisinhas pequeninas muito dependentes... É verdade, mas já sabem fazer muitas coisas e nós estamos cá para os ajudar e eu acho que as pessoas não pensam bem assim, as famílias... Agora estou com os bebés e depois gostava de ao acompanhar. A Direção disse-me que vou acompanhá-los, pelo menos até aos três anos. Acho que é importante, haver um adulto de referência, depois acho que nem sempre se justifica, nem sempre é bom. Mesmo para nós, educadores, há famílias que depois de algum tempo, acabamos por... eles precisam de ver outras coisas. Acho que não é bom, acho que precisam de mudar. Tanto nós, mudarmos de crianças, mudarmos de grupo e eles também devem ver outra realidade.

Mas de qualquer forma, se os pudesse acompanhar entre os três e os quatro anos não gostava?

Depende (risos), não sei, eu já tive essa experiência de acompanhar um grupo, de dar continuidade ao trabalho ao longo dos anos, penso que só assim se consegue construir uma verdadeira relação de parceria, de colaboração, às vezes anda-se um passo para a frente e dois para trás. Mas olhe, acompanhei um grupo de berçário até aos quatro anos e meio e... . Algumas pessoas... naquele ano acho que deixei o trabalho a meio e... e não gostei, tive que interromper, levei-os até tanto, criei ali muita cumplicidade, muito trabalho! Porque os pais não gostavam só de mim, eu acho que eles vêm o trabalho, quando era para criticar eles criticavam, tinha aí mães educadoras que às vezes me questionavam: "Mas porque é que tu fizeste assim?" Não gostam de mim, gostam do que aparece. E eu faço questão que eles percebem, porque é que aparece! Mostro-lhes a sala, faço com que eles entrem na sala, vejam o refeitório, mostro-lhes a comida, mostro-lhes filmes, mostro-lhes fotografias, acho que é o que se tem que fazer!

E está satisfeita com o que tem vindo a ser feito?

Eu estou! Estou satisfeita com o meu trabalho, às vezes não consigo é fazer mais e também de ter mais conhecimentos para fazer cada vez melhor. Tem sido um grande esforço, não tive preparação para estar aqui na creche. Mas também lhe digo - Somos lutadoras, se estamos a fazer o que gostamos, não podemos baixar os braços, temos que procurar saber sempre mais. Já foi tempo em que não nos consideravam, agora temos que ser nós a fazê-lo, a lutar para que nos vejam como profissionais e que sabemos o que estamos a fazer. Eu luto, procuro sempre fazer melhor, não tive preparação para a creche, mas não posso deixar de fazer um bom trabalho.

Onde adquiriu os seus conhecimentos?

Olhe, uma coisa muito boa que esta instituição nos proporciona, é que sempre que eu preciso de ir a alguma formação deixam ir, principalmente no Piaget, mas também noutros sítios. Faço todos os anos, a diretora diz deixa-me ir (risos). E acho que é muito bom e acabamos por sair um bocadinho do nosso contexto diário para ir ver o que se passa noutros sítios, noutras realidades. Acho que isso é bom e durante também os fins-de-semana tento procurar fazer outras coisas, ver outras coisas, fazer ações de formação, mesmo que seja a pagar por mim, que eu não me importo. Também vou observando a outras colegas e também procuro conversar com colegas fora daqui, partilhar experiências, isso é muito bom, acaba por ser uma boa forma de melhorar a minha ação.

Costuma ir?

Costumo.

Tem feito o quê?

Agora fiz uma de língua gestual, iniciação. E gostei (risos). Foi no sindicato dos professores.

Tem feito alguma formação para intervir neste contexto?

Tenho procurado, mas não há muita coisa. Mas o que me faz falta é trocar ideias, trocar experiências. Faz falta porque nós estamos tão envolvidos diariamente aqui que se não investirmos em nós próprios, na nossa profissão, nem que seja ao fim-de-semana, não me importo nada. Eu costumo dizer que se nós tivéssemos que vir para aqui ao sábado fazer formação, eu não me importava, porque acho que faz muita falta. A gente não se pode habituar a ficar parado. Porque se nos habituarmos a ficar parados... depois não

conseguimos fazer um trabalho com mais qualidade. Temos que ter cuidado, é muito importante não cometermos erros, temos que fazer com que tudo o que propomos às crianças, esteja adequado, não podemos andar a antecipar certas etapas e claro que para isso temos que ter conhecimento. Temos que respeitar a individualidade de cada uma.

Quais têm sido para si os momentos mais significativos no seu desenvolvimento profissional?

Olhe tenho vindo a gostar muito das reuniões que tenho feito aqui com os pais. Têm sido um marco para mim, tenho sido muito reconhecida e isso faz com que eu invista cada vez mais. Acho que se sente esse trabalho que nós fazemos, não sou só eu, a X é uma excelente funcionária, é uma excelente auxiliar e se eu não tivesse uma auxiliar como a X na sala, ela é o meu pilar ali no berçário. Mas principalmente se eu não tivesse a X, o meu trabalho não tinha sido bem conseguido. Anteriormente estava tudo muito a cargo da auxiliar, também não tinha tempo para mais porque só com a outra sala já estava preenchida. Mas não pode ser lá porque não é obrigatória uma educadora no berçário não é que não tenhamos que fazer um bom trabalho e a parte educativa tem que estar presente. A auxiliar, bem, ela é o meu pilar no berçário, se não fosse ela claro que não conseguia fazer tudo o que faço. Entre as duas, tentamos ajudar-nos uma à outra, porque sabe Isabel, no berçário é um trabalho muito cansativo, temos mesmo que dividir tarefas, é muito desgastante, quer fisicamente, quer emocionalmente e depois com os da outra sala, eu não consigo fazer tudo. E o que eu faço também com a X, é não fazer com que ela mude só fraldas. As auxiliares não servem só para isso; servem para quando a educadora não está, também conseguem dar uma boa resposta. 'Chegar-se à frente' quando é preciso; fazer um bocadinho daquilo que eu faço, também. E se eu puder ajudar no trabalho dela, porque é um trabalho muito cansativo, o das auxiliares, principalmente naquela sala, que é constantemente agarrar nas crianças e mudar fraldas!... Nós fazemos mesmo um trabalho de equipa. Procuo ajudar a auxiliar, porque se a auxiliar não se sentir apoiada e valorizada, o meu trabalho também não faz sentido. E eu não consigo chegar lá. E eu acho que este ano foi muito bem conseguido porque valorizei o trabalho. Por isso são as reuniões e o trabalho que tenho vindo a fazer em equipa, isso são dois grandes aspetos que me têm feito crescer. Nós também temos essa responsabilidade que é sermos um pouco o modelo e ela é uma boa auxiliar, é uma boa profissional. Também tenho aprendido muito com ela. Ela se tivesse oportunidade para isso, acho que se ela estudasse era ótimo, porque ela é uma excelente pessoa, preocupa-se em dar carinho aos miúdos, se eles estão bem ao nível... Apresentável, quando entregue às famílias... preocupa-se com os recados que se manda para casa, se é preciso mais alguma coisa... se não é... É excelente! (risos). É com ela que eu também me tenho vindo a desenvolver, tenho que fazer um maior investimento para passar a elas, tenho que fazer as minhas pesquisas... fazemos uma boa equipa. Claro, não tem qualificação, às vezes isso... bem é um bocadinho mais difícil para o meu trabalho porque ela nem sempre percebe o que é importante fazer com os bebés, para ela o importante é mesmo atender às necessidades básicas. Desde que tenham comido bem, dormido bem e o rabinho limpinho, tudo está bem. Dá muitos mimos, é muito afetiva mas...o papel que faz é de uma avozinha. Os pais dizem mesmo que é a avozinha dos filhos deles. Mas no berçário acabamos por nos complementar, eu procuro dar intencionalidade a tudo o que é feito, procuro que toda a parte educativa esteja presente... depois ela... ela procura criar um bom ambiente, que os bebés estejam bem, procura passar todo o lado maternal. Claro que se verifica que valoriza somente o atendimento das necessidades básicas dos bebés e eu vou sempre contribuindo para que se consiga criar um bem-estar e fazer com que ela vá mais além, que contribua para que os bebés façam aprendizagens nesses mesmos momentos dos

cuidados. É muito bom, complementamo-nos... Os pais como referi gostam imenso dela, então não me compete estar a exigir mais, invisto um pouco mais na sala dos meninos de um e dois anos. É que aqui no berçário os meninos não fazem, portanto o produto não existe e tem que ser passado lá para fora de outra forma, não é? Então acabo por ter que tirar muitas fotografias, muitos filmes para os pais perceberem o que se faz. Aqui no berçário... bem... tenho aqui um papel de retaguarda, tento fazer o meu melhor e acabo por me virar e investir mais na sala de 1 / 2 anos. Sinto-me um pouco pressionada, sabe ... temos que mostrar trabalho e no berçário não é fácil, então tenho que me virar mais para os pais mais velhinhos e aí já consigo apresentar os tais trabalhinhos que os pais tanto valorizam e que a Diretora pretende que a gente faça... estamos num particular, não é verdade? Aqui ... aqui isso é muito importante. E depois tenho que ter tudo em ordem, as planificações, os registos, as avaliações, tem que estar tudo feito a tempo e horas. Mas tenho conseguido, tenho indo dando conta do recado. Claro que eu não deixo de me guiar pelos meus princípios, faço o qb. Apresento, sim senhora, mas depois deixo-os explorar, dou-lhes tempo para brincar, para interagirem..., converso muito com eles, procuro que façam as aprendizagens na interação com tudo o que os rodeia... porque reconheço que tem que ser assim, não faço por eles, isso não! Nem, pensar. Estou sempre a dizer que eles já são capazes, temos mesmo é que lhes dar tempo e depois, claro está, temos mesmo é que os ajudar. E isso é que é importante, as coisas que fazem pela primeira vez, estarmos lá para ajudar... e valorizar isso, por isso é que eu no berçário filmo muito e tiro muitas fotografias, foi a forma que arranjei para mostrar aos pais, olhe para substituir os trabalhos, eles não fazem. Assim, tenho sempre forma de lhes fazer chegar informação e serve para conversarmos e aí sempre posso passar a mensagem do que é importante fazer com os filhos e claro está, também ficam por dentro do que fazemos e de como é importante terem cá os filhos. É uma boa oportunidade de dar a conhecer como a creche não é só para deixarem cá os filhos enquanto vão trabalhar, que somos profissionais e que contribuimos para o desenvolvimento dos seus filhos. Não é verdade?

Pensa que se passa o mesmo com as colegas que estão a desempenhar funções no jardim de infância? Considera que há diferenças?

Eu acho que há, eu acho que sempre achei. Acho que estar na creche é preciso gostar, é preciso haver uma dedicação que acaba por às vezes por as colegas de jardim de infância não fazerem... não fazerem bem!

Mas porquê?

Porque é aquilo que eu digo; estar na creche é muito cansativo. Nem toda a gente gosta... é muito choro, é mudar a fralda. É chegar às famílias. Porque o feedback não chega... o nosso tem que ser feito por nós. O do jardim de infância passa pelas crianças, ou seja, se os pais ouvirem o feedback das crianças está tudo bem. No berçário, na sala de 1 ano e na sala dos dois; enquanto eles não começam a mandar o feedback para casa, tem de ser feito por nós. E isso é um trabalho acrescido! E depois para conseguirmos ir ao encontro das necessidades das crianças e também dos seus interesses exige muito de nós, não falam, exige muita atenção, muita observação... e também temos que estar muito presentes, muito carinho, muita relação... isso é muito cansativo, temos que dar muito de nós. E fisicamente, meu deus, há dias que saio daqui de rastos, muito colo, muito colo...

Sinalize os aspetos mais positivos e os menos positivos da sua intervenção

Ah... o choro é um estado do grupo que influencia o próprio adulto e também o cansaço físico, exige mais a nível físico. Depois é também ... somos menos valorizadas.

Porquê?

Porque lá está... se nós não soubermos passar o nosso trabalho... o que é que andamos aqui a fazer em creche? Porque é que é importante estes três anos de creche? A gente fazer uma boa base. E o que é que eles têm de fazer até entrar no grupo de jardim de infância. Lá está! Temos ainda que fazer mais! É passar, passar... o que nós fazemos aos pais... valorizar para que eles percebem o que é que nós estamos aqui a fazer! Porque no jardim de infância parece-nos tudo mais fácil, eu sei que não é, porque eu também já lá estive. As coisas são feitas de maneira diferente, mas aparecem também de outra maneira diferente. As crianças produzem e aqui não. Temos que ser nós a mostrar que os bebés fazem aprendizagens, que aqui não é só cuidar... cuidamos, claro que cuidamos, mas é mesmo isso, quando estamos nesses momento... é nesses momentos que conseguimos fazer com que as crianças façam as suas aprendizagens e vai tudo pela relação, pelo afeto, por muita conversa com elas... temos que as escutar, têm muito para dizer, claro que para conseguirmos temos mesmo que estar para elas, com tempo, brincar muito... Às vezes não é fácil, pois há muitas exigências... tem que se mostrar, tem que se mostrar... mas elas não fazem trabalhos... por isso é que eu uso e abuso dos filmes, das fotografias... Olhe mas eu nem sei onde vou buscar tanta força e também conhecimentos...

O facto de ter sido mãe ajudou?

Ajudou. Acho que me coloco muitas vezes do lado dos pais. Quando eles me chegam aqui a dizer: "Eu esqueci-me das fraldas,... esqueci-me dos babetes, eu ando tão cansado"! E eu digo: "Ai compreendo perfeitamente, eu também faço o mesmo, mas olhe, eu amanhã preciso mesmo das coisas" (risos). Eu acho que eles têm de sentir que nós não somos aqui o bicho papão", estamos cá para ajudá-los e também somos mães, que às vezes eles também se esquecem que quando nós estamos a dar algum recado... nós também erramos e às vezes eles pensam que nós como mães corre sempre tudo muito bem porque já somos educadoras... já fazemos isto o dia todo, por isso em casa, então deve ser excelente! Mentira! Não é nada! Casa de ferreiros espeto de pau, não é? Damos muito aqui e quando chegamos a casa às vezes os nossos ficam um bocadinho para trás. Mas sim, o ter sido mãe ajudou bastante, principalmente para compreender os pais e para intervir junto da criança de forma mais segura e confiante.

Então o que é que é mais difícil para si?

Aqui, em termos de... às vezes é... não sei... Eu acho que tenho conseguido fazer algumas coisas na creche. E eu acho que o facto de eu trabalhar com as famílias acima de tudo... elas dão-me essa recompensa, mesmo que às vezes outras pessoas não me deem, não me interessa, eu sei que quando passarem por mim vão ver outra coisa, outra forma de trabalhar e então vão ver que sou profissional e que na minha prática há ali mais qualquer coisa, que não estou cá só a trocar fraldas, a dar de comer, a limpar...

Planifica momentos conjuntos com as famílias para partilha de informação? Ou realiza somente contatos mais individuais?

Faço das duas formas, normalmente costumo planear 3 reuniões por ano. Depois, todos os dias, procuro estar muito presente no acolhimento, mas muitas vêm muito cedo. Mas no dia a dia procuro falar muito com elas, para as conhecer e também para responsabilizar os pais e ajudá-los. É também no final do dia muito importante, bem... no final do dia também podemos passar a informação se passou bem o dia, como é que se alimentou, se dormiu, se chorou ou não. A Diretora também exige que a gente passe toda a informação e mais alguma, nas reuniões. E eu preocupo-me em dar as filmagens, eu acho que o que realmente eles precisam é de ver! Se eles não virem, acabam por não perceberem o que

se passa aqui. E eu faço questão de fazer filmagens pequeninas porque a maior parte das crianças chegam ao acolhimento e vêm buscá-las ao final do dia. A maior parte das vezes nem sou eu que as entrego. Por isso, nos momentos das reuniões é quando tenho a maioria dos pais, acho que tenho a oportunidade de realmente lhes dar alguma coisa! Se eles virem, se eles sentirem que os filhos deles estão bem e o que é que estão a fazer... não é só o bem! É, o que é que eles estão aqui a fazer, afinal! Quais são as aprendizagens que eles estão aqui a fazer. Acho que é bom.

Portanto, as reuniões são mais uma oportunidade para reforçar o trabalho que faz com as crianças, certo?

E... quanto marco uma reunião, que normalmente, como disse, fazemos três por ano, no início, mais ao menos a meio e depois no final. A primeira é para darmos a conhecer o que vamos fazer, e é aí que começo logo a pressionar, "Então vem?", quando me dizem: "Ai, não posso", eu digo logo: "Pode, pode! Arranje uma maneira porque o que eu tenho para lhe dizer é importante para você ouvir." E não fico pelo não. Eu ando ali agarrada ao calcanhar deles, porque é importante... se não acabo por perdê-los. Até hoje ainda não deixei ninguém para trás, mas sinto que depois fico bem comigo própria; fui até onde podia. Se eu não puder mais voltar para trás e pronto, não faço mais.

Mais tarde irei pedir autorização para estar presente na vossa reunião, logo no início do ano letivo, portanto quando realizar a primeira...

Sim, sim, claro, será muito bem vinda.

Isabel, eu tenho que referir que tudo o que faço ... bem isto não é só o meu trabalho... é toda uma equipa, porque todo o trabalho que se faz na creche é um trabalho difícil e penso que só em equipa é que se consegue. Se a gente não criar uma relação, não conseguimos fazer nada! Tudo isto nos muda, mas estas mudanças são muito boas porque chegámos ao final do ano letivo, mesmo sendo um ano letivo cansativo, não é? Porque estas duas salas, para mim são as salas mais difíceis; berçário e sala dum ano; tenho que fazer aqui um trabalho de ping-pong, de um lado para o outro... apesar de não ser obrigatório uma educadora na sala do berçário, eu tenho que lá estar! Eu tenho que apresentar trabalho! Eu tenho que explicar aos pais o que é que é feito no berçário e acho que consegui, com a ajuda das minhas colegas, fazer aqui mesmo um "bolo" bem feito. E ainda é pequenino, gostava de ter feito mais, mas acho que é um bolo bem feito e isso recompensa no final do ano letivo. Acho que o meu trabalho foi bem feito, foi bem passado e é bom. E como já disse tenho aqui uma boa equipa. A auxiliar no berçário é uma pessoa muito humana, é uma excelente pessoa, preocupa-se em dar carinho aos miúdos, se estão apresentáveis quando entregue às famílias, preocupa-se com os recados que se manda para casa... É excelente! Mas para conseguir todo este entendimento teve que haver aqui um grande trabalho, para isso, precisamos de nos conhecer bem, e fazer com que as pessoas tenham um entendimento claro das linhas orientadoras do trabalho da instituição. Sabemos que é particular, que temos que fazer um grande trabalho para as famílias, com as famílias, mas, lá está... as crianças são a nossa prioridade, temos os nossos objetivos, então todas temos que saber quais são e colaborar para que a gente os consiga atingir. É por isso que eu digo que todos os dias tenho que contribuir para a construção desta casa, ela vai-se construindo todos os dias, temos que construir, temos que estar todas de acordo e colaborar para melhorar o nosso trabalho, só assim é que conseguimos, com todas... só assim é que eu vou conseguindo fazer um bom trabalho, porque considero que é graças a este conjunto de pessoas. Acabamos por nos entender... partilhámos, pensamos... e temos vindo a fazer com que esta instituição dê uma boa resposta às crianças e às famílias.

Como é que vocês se organizam enquanto equipa? Têm tempos definidos para planear, para partilhar?

É assim, para organizar as reuniões, a reunião é preparada por mim, eu antes de passar para os pais e de passar para a direção, porque nós temos que mostrar à direção e à coordenação; eu mostro às auxiliares também, para elas poderem dar de alguma forma, o feedback delas, pode haver ali alguma coisa que eu me esteja a esquecer. E tenho a sorte, nestas duas auxiliares que já estão cá há muito tempo, em que eu não preciso de andar a dizer o que é preciso fazer, elas já sabem. E tendo estas duas pessoas com tão boa formação, o meu trabalho acaba por... a nível do planeamento eu dou sempre ouvidos... recolho as opiniões e depois sou eu que faço os planos, temos que ter sempre expostos os planos semanais, exigem...

Esse planeamento é feito com as colegas das outras salas de creche?

Acabamos por ter todas os mesmos princípios, mas depois, nestas duas salas em concreto, acaba-se por distanciar pela sala dela, porque é a sala dos dois, três anos. O berçário e a sala dum ano, já não há muita coisa ali a ver, acabamos por nos cingir um bocadinho mais a estas duas salas e ela, cinge-se mais à dela. Trabalham mais em equipa...

Como é que organiza a sua intervenção? Parte de um modelo pedagógico?

Sim sim, é o currículo High/Scope, que nós trabalhamos desde a altura em que entrei para cá. Eu sigo o modelo, portanto doi na altura em que estava a ser implementado e que gosto bastante. Tivemos formação na Escola Raíz, no Restelo, que nos está a apoiar, para podermos implementar o modelo pedagógico High/Scope mesmo a sério aqui no na creche, com todas as adaptações necessárias para o próximo ano letivo. Mas amanhã é que vamos ter reunião, no final do dia, todas, para ver o que é que ainda se pode fazer mais. Como é que agora vamos implementar o modelo, portanto temos o modelo, para o ano vamos implementá-lo mesmo a sério. Vamos implementar em todas as salas de creche e jardim de infância, mas de uma forma correta, com todos os seus princípios, por isso é que vamos no início e no final do ano às formações.

E qual é a sua opinião?

Eu gosto do modelo. Acho que é uma aprendizagem ativa, dar importância às relações que se estabelece com as crianças, o trabalho com a família, o planear! O organizar as coisas atempadamente. Em creche o currículo High/Scope às vezes acaba por não ser bem concretizado, não sei, vamos ver o que para aí vem da sala dos dois anos, para ver se eu consigo realmente implementá-lo da forma que está. Vamos ver, porque lá está, é uma sala que se tem de mudar as fraldas, aprender a comer, há muitas aprendizagens também. Às vezes acabamos por querer fazer tudo ao mesmo tempo e eu não gosto de fazer tudo ao mesmo tempo.

Já têm tudo definido?

Nós fomos lá ver o trabalho. Fomos lá ver o trabalho de jardim de infância, tivemos a ver as salas, tivemos a ver as salas de jardim de infância e de creche, e eu acho que para o próximo ano letivo deve haver aí algumas novidades, porque a ideia é nós implementarmos mesmo a sério o modelo High/Scope, tendo em conta as orientações da J... agora esqueci-me do sobrenome dela, que é a senhora que faz a implementação do currículo em Portugal. Possivelmente depois virá cá, sim. É bom vir alguém cá, ver também para termos outra opinião, outra orientação.

Patrícia, vou voltar às reuniões de equipa, pois acabamos por não dar continuidade

Pois, pois foi... Olhe é assim, a creche e o jardim de infância, quem coordena é a M. e fazemos reuniões... Temos reuniões com toda a gente e é aí que definimos os projetos... Quer a diretora, quer a coordenadora estão sempre muito presentes e claro exigem. O problema às vezes é que se exige muito planeamento, muitos registos, muitos registos e como eu já disse aqui nestas duas salas há muito trabalho, os bebés exigem muito de nós e acabo por não ter muito tempo para tudo o que é exigido. Mas de qualquer forma é bom que estejam por dentro de tudo. Olhe a diretora acaba muitas vezes por fazer o acolhimento da sala de um ano, está ali muito próxima do berçário. Ela acaba por ser uma colega, acaba por ser isso! Às vezes há diretoras que muitas vezes nem formação têm para serem diretoras numa escola, e neste caso, ela está a tirar formação e é recetiva, às vezes, às nossas preocupações. Às vezes a gente chega, podemos não ser ouvidas à primeira, mas pronto, com jeitinho a gente vai lá. O que nem sempre dá! Aliás, eu fui fazer a formação e a A. deixou-me ir com ela, fizemos as duas a formação e em muitos lados às vezes a gente não consegue sair do nosso local de trabalho. Por isso temos que valorizar estas coisas! Nem todas as diretoras estão disponíveis para deixar os funcionários sair. E eu tenho conseguido fazer isso. De há seis anos para cá, cada vez que preciso de ir a uma formação, ela deixa-me ir e paga (risos) o que é bom!

É uma forma também de se sentir valorizada enquanto profissional.
É!

Patrícia quer acrescentar mais alguma coisa?

Não. Acho que não. Não sei se ajudei?

Claro que ajudou. Foi uma boa conversa. Só tenho a agradecer-lhe, foi muito bom. Muito obrigada pela sua disponibilidade. Vou transcrever e depois devolvo para a Patrícia verificar se está tudo de acordo com o que disse e se pretende fazer alterações.

Entrevista individual - Educadora Maria

Data: 20 de maio de 2013

Local: Creche para a Infância III

Duração: 60 min.

Maria, em primeiro lugar, agradeço a sua disponibilidade para, mais uma vez, participar nos meus trabalhos de investigação. Vamos recordar o seu tempo de trabalho...

Eu tenho vinte e três de educadora mas já trabalho com crianças há vinte e sete porque os quatro anos de curso, na altura eram quatro anos incluindo o ano zero, nessa altura existia, fiz estágio direto desde o primeiro ano, fui obrigada a fazer. A minha escola assim o exigia. Eu não tinha uns pais para me pagarem a mensalidade do curso, o que é que teve de suceder? Tive que arranjar estágio a tempo inteiro para ser compensada monetariamente. E qual era a compensação? A compensação era pagarem-me a mensalidade do curso e a alimentação em troca do meu trabalho. Ou seja, o meu curso era às sextas-feiras de tarde e sábado todo o dia, era assim um bocado intenso, agora acho que a carga horária é dividida doutra forma, mas na altura era assim. E o que é que eu fazia? Para poder faltar à sexta-feira da parte da tarde, porque eu fazia o horário de oito horas tal e qual como qualquer outra colega! Embora fosse estagiária mas assumia tudo como se fosse já... mesmo no primeiro ano fiquei logo responsável, não sozinha não é... com uma educadora que já trabalhava lá há mais anos, mas a Educadora não estava o dia todo e depois comecei a assumir algumas responsabilidades logo assim no primeiro ano, que eu não estava à espera. Mas pronto a "coisa" até não correu mal, eu era muito novita...

Não esteja preocupada porque quando transcrever a entrevista passo-lhe a transcrição. A Maria lê tudo e caso pretenda retirar alguma informação ou acrescentar está à vontade para o fazer. Reforço que o seu nome e o da instituição serão fictícios.

Sim, sim,,, já tinha dito. A Isabel faça as perguntas diretas daquilo que pretende mesmo saber, para eu não estar aqui a divagar.

A ideia é podermos conversar sobre o seu percurso, como se tornou educadora, conversar sobre a sua prática pedagógica...

Bem... educadora... sempre foi o que eu queria ser, ainda outro dia estava a falar acerca disso com o meu marido e estava-lha a dizer, engraçado, pois hoje acho engraçado, que a minha ideia era ajudar as crianças desfavorecidas, ou seja, na altura e estamos a falar há vinte e tal anos atrás, as crianças com problemas, as crianças especiais, as crianças com necessidades específicas, na altura eram tratadas como os deficientes e havia uma outra instituição, mas muito desconhecido e digamos que era um assunto tabu, digamos que não havia assim grande abertura em parte nenhuma, para que essas crianças fossem integradas, nem tão pouco se pensava nisso! Achava-se que isso até nem era bom, que não era a melhor forma das formas de tratar essas crianças... e pronto.

E depois no fim do curso...

É assim, eu gostava tanto, tanto de poder ajudar, porque lá está, como eu achava que essas crianças tinham muito pouca ajuda, eu queria, pensava que eu sozinha, conseguia ser eu a dar uma grande ajuda a essas crianças. Então foi com essa finalidade que eu fui para educadora. Depois no primeiro ano trabalhei no ensino regular. Fui para um colégio, até porque eu trabalhava, antes de ser educadora eu já trabalhava, porque a partir do 9º ano eu comecei a estudar à noite, no liceu, chamava-se o liceu, para poder ter recursos para as minhas coisas, para poder tirar a carta, porque lá está, como eu sou filha de pais de nível económico muito baixo, sempre tive de ter uma atitude de ser eu a avançar para tudo e tudo. E entretanto, eu lembro-me perfeitamente que andava a terminar o liceu e trabalhava (trabalhava de dia e estudava à noite) e então nos intervalos da escola estudava para a carta de condução. E passei, toda contente, aos dezoito anos já tinha carta. Mas tudo com o meu esforço, com o meu trabalho. Mas isto para dizer que no segundo ano eu "bati o pé" e tanto eu queria experimentar o ensino especial que no segundo ano passei por três instituições de ensino especial; uma como voluntária, no X da Costa da Caparica, que eu não sei se isso ainda existe ou não, mas eram instituições só para crianças com necessidades específicas, na altura fiquei com uma visão muito "mazinha", depois no mesmo ano letivo e já a contar para estágio fiz metade do ano na C, e outros seis meses na R. que era uma instituição que havia lá próxima mas de cariz completamente diferente, porque a C. era semi estatal, uma IPSS e o outro era particular. E então fiquei com uma visão do ensino especial muito diferente daquela que eu imaginava e muito triste, porque eu pensava "isto não pode ser que aconteça no nosso país, numa altura destas", ou seja, eu já tinha um ideal daquilo que se calhar acontece nos dias de hoje com essas crianças, mas na altura estava longe, estava muito longe ainda disso acontecer.

Mas isso foi enquanto estagiária?

Enquanto estagiária.

E enquanto educadora?

Enquanto educadora não. O que aconteceu foi ter crianças integradas no meu grupo. Tive. Tive muitas vezes, muitas vezes mesmo.

E em creche?

E em creche também. Tive uma com síndrome Down, uma criança que me chegou cá com dezasseis mesitos, por acaso até estive com ela mais tempo do que pensava. Tive um autista, em creche.

E a sua vinda para o contexto de creche, há quantos anos está a exercer em creche?

Há sete, este é o sétimo ano letivo.

Por opção?

Um pouco por opção. Ah...eu estou aqui este é o décimo terceiro.

Nesta instituição?

Nesta instituição. E passei pelas valências todas, excluindo o ATL, mas passei pelas salas todas e o que aconteceu foi que tive alguns problemas a nível de saúde, em que tive de fazer umas intervenções cirúrgicas assim quase seguidas, três, com espaços de um ano, um ano e meio entre cada uma delas. Acontece que depois fiquei, na altura o Jardim de Infância a mim fazia-me, para mim era um bocadinho stressante as extra curriculares, sentia-me stressada com todas as atividades extracurriculares no jardim de infância, porque não é como funciona agora, porque agora também devido ao problema do nosso

país, os pais já não colocam tanto as crianças nas extra curriculares. Mas a mim o que me fazia muita impressão nessa altura, era por exemplo a determinada altura, iam três para a dança, quatro para a ginástica, cinco para o inglês, não sei quantos para a natação e eu virava-me e o trabalho de sala onde é que ele está? E eu isso era muito difícil para mim, muito difícil gerir. Era muito difícil para mim gerir, porque eu sempre gostei de trabalhar com objetivos bem traçados, bem delineados, com propostas e depois... bem depois as exigências ao nível da instituição. Agora já não se verifica tanto, além de haver menos atividades, algumas também já são mais à tarde... porque aquilo que eu sentia realmente, talvez outras colegas também o sentissem era que não conseguia fazer o trabalho de sala, o trabalho da educadora, o trabalho de desenvolvimento, das aprendizagens e de tudo o resto não é?

Não havia continuidade? É isso que quer dizer?

Era muito complicado! Era interrompido e depois... pois não havia continuidade.

Em creche não sente essa dificuldade?

Na creche não há, não há extra curriculares. É só a partir dos três anos e então eu achei que era uma opção para mim. Não era tão stressante, porque uma das coisas que contribuiu para os meus problemas de saúde foi o stress. Foi, eu fiz uma úlcera perfurada no estômago, fui operada de urgência, fui daqui para lá e depois a partir daí foram outras coisas. E teve a ver com o stress que o sistema nervoso alterou e fez com que...

Maria, mas muitas vezes as educadoras referem que em creche o trabalho é stressante, que há muito choro...

Ah, choro sempre houve, claro. O que eu sinto é que as coisas inverteram um bocadinho os papéis. Quando eu estava no Jardim de Infância parecia que a creche era um pouquinho mais calma. Ou seja, o choro sempre existiu, essa parte sempre existiu, mas talvez a exigência tenha aumentado. Porque se achava que a creche, erradamente, erradamente, concordo, que praticamente era... eles comem e dormem e brincam um bocadinho e é umas historinhas e umas cantiguinhas e pronto.

E era essa a ideia que a Maria tinha?

Não, já não era essa a ideia que eu tinha, muito embora também não fosse a ideia da exigência que é agora.

A que tipo de exigência se refere?

Ao nível de currículo por exemplo. Ao nível do currículo porque é assim, eu nunca imaginava que nós tivéssemos de cumprir uma rotina, eu não estou a dizer que acho errado, atenção! Não quero dizer com isto que acho eu errado, pelo contrário ... vai ao encontro daquilo que eu acredito... Mas nunca imaginava que nós tivéssemos de cumprir uma rotina, que embora possa ser flexível e que possa ser ajustada e reestruturada quando é necessário, mas não imaginava que isso pudesse acontecer em creche. E muito menos em salas de berçário dum ano. Nunca pensei que isso pudesse acontecer. E muitas vezes eu dou comigo e depois outra coisa, em relação aos perfis de desenvolvimento individual, aqui há uns anos atrás também, isto tudo também teve uma evolução, não é? Aqui há uns anos atrás nós optávamos por aquelas folhitas, tipo com umas cruzitas... e agora tenho que cumprir, tenho que seguir o COR, tenho que seguir tudo o que está definido no modelo e não é fácil, não é fácil.

Mas está-se a referir ao modelo pedagógico que a instituição segue?

Estou a referir a tudo, à instituição e à segurança social por que temos os perfis todos, e é tanta papelada, tanta papelada que acabo por não ter tempo para o que é importante, que são as crianças

Como é que organiza a sua intervenção?

Nós temos no nosso currículo, temos o COR que tem diversos itens. Tudo está ligado ao modelo High/Scope. Temos uma grelha com itens para cada faixa etária e depois nós temos, lá está, aqueles objetivos traçados e ao longo do ano vamos fazendo registos de observações de tudo o que se vai passando ao longo do dia, durante a nossa rotina que já está estipulada e depois vamos com esses registos das observações que fizemos, vamos ver o que é que a criança já consegue, não consegue, o que é que nós temos que ajudar mais ou menos, onde é que vamos, para conseguir atingir os tais objetivos que são delineados para aquela faixa etária. E aquilo que nós nos propusemos fazer e aquilo que é suposto acontecer.

E a Maria não estava habituada, não foi preparada...

Isso foi evoluindo. Não. Não fui preparada também e isso foi evoluindo e à medida que foi evoluindo foi ficando cada vez mais complexo para nós. Mais trabalhoso, mais exigente a nível de, pronto, porque é assim, eu quando falo em exigência, digo porque é muito complicado nós afastarmo-nos destas salas em creche, nós afastarmo-nos das crianças. Com as crianças pequenas tudo é diferente, temos que dar mais atenção, temos que estar sempre presente. Nós estarmos um tempo fora da sala, nós termos um tempo para nós refletirmos, para nós fazermos registos, para nós escrevermos, para estarmos ao computador. Essa foi outra coisa que não constou do meu curso. Portanto, eu falo nisto há vinte e sete anos atrás. Eu não tive qualquer formação a nível informático e teve que ser por mim própria a aprender tudo e tudo e tudo aquilo que eu sei hoje.

Maria e vocês têm um tempo para fazerem esse tipo de registos?

Fica estipulado, fica logo estipulado quando é estabelecido o nosso horário e tudo isso. Só que muitas das vezes nós não conseguimos cumprir porque, eu por mim falo, às vezes, há colegas que conseguem melhor que eu, isso é uma questão também de gestão e orientação e organização, da própria pessoa. Talvez eu tenha um pouquinho mais essa dificuldade. E custa-me estar, por exemplo, se ouvir crianças a chorar e estiver a escrever, não consigo concentrar-me, não consigo, pronto, não consigo ouvir as crianças a chorar e a necessitarem da minha presença e eu estar ali dedicada aos registos e a todos os documentos. São muitos documentos, é muita papelada. Podem ser muito importantes mas... , sabe, para mim em primeiro lugar estão sempre as crianças. Pronto, não consigo. Acabo por levar coisas para casa que não devia... mas... uma coisa é certa, fazer coisas em computador e trabalhar na sala é impensável, tenho mesmo é que dar atenção às crianças. Não dá mesmo, mas também o tempo que nós temos estipulado para isso poderá ser ao longo das oito horas, que nós sempre trabalhamos oito horas! Essa é outra grande dificuldade, trabalhar oito horas com crianças e bebés... Temos muitas crianças, são muitas crianças, dependem de nós praticamente para tudo e já se sabe quanto menores são as crianças mais complicado para os adultos.

Entra a que horas Maria?

Entro às oito e meia.

E sai a que horas?

Saio às cinco e meia. Tenho uma hora de almoço... Muitas das vezes sinto, sinto que quando chego ao final da manhã, quando vou almoçar, parece que já tenho um dia todo de trabalho em cima de mim. Aqui na creche é tudo muito intenso, acho que posso dizer assim... as relações com as crianças, com as famílias são permanentes. À tarde é sempre mais difícil, é sempre mais complicado, fico logo esgotada de manhã e também porque as crianças ficam mais impacientes, porque elas também passam aqui muito tempo, tenho crianças que às 7,30h já cá estão e, normalmente, são as últimas a sair, chegam a sair às 19/19, 30h. Mas também às vezes penso que seja pela idade e pelos anos de serviço que eu já tenho, atribuo um pouquinho a isso. É difícil, são muitas exigências, muita coisa para fazer... é muito, muito cansativo. E depois, bem depois é a questão do expositor, aí o expositor é uma dor de cabeça... tudo está relacionado com o facto de estarmos numa instituição particular e temos que mostrar trabalho, não é? Como nestas idades ainda não temos muito para mostrar porque as crianças ainda produzem pouco, não é como no jardim de infância, às vezes temos que inventar, sermos criativas porque somos pressionadas pela direção, sabe, nunca nos podemos esquecer que é um privado e, quanto mais fizermos, quanto mais dermos a conhecer, quanto mais... pronto, valem-se muito da imagem e também temos que trabalhar para isso e dá muito, muito trabalho.

E não se poderiam apoiar enquanto equipa?

Como é que nós estipulávamos isso... até porque em cada sala a pessoa sente talvez o mesmo que eu sinto, que tem aquelas coisas para fazer da sua sala e que dificilmente é capaz de "dar a mão" para auxiliar a sala do lado, por exemplo. Não quer dizer... porque nós temos espaços comuns, o recreio.... há dias mais difíceis, há dias menos difíceis, mas algumas vezes até conseguimos, outras vezes, pronto é um pouquinho mais difícil. Acabamos por estar todas muito sobrecarregadas e como eu disse acabamos por levar muito trabalho para casa porque aqui não o conseguimos fazer. Temos que fazer as coisas a tempo, e acabo por levar para casa e isso faz com que vá tirar tempo à minha família. Claro que podia ser tudo mais fácil, se fizéssemos em conjunto, podíamos fazer, estamos as duas na creche, se reuníssemos com alguma regularidade podíamos apoiar-nos uma na outra. Bem, mas depois eu não ... sinto que não tenho muitas competências... sinto que preciso de outros conhecimentos... olhe acabo por ficar um pouco desamparada, porque muitas das decisões podiam ser tomadas a duas e acabo por fazê-lo sozinha.

Na sua formação inicial foi preparada para intervir em creche?

Não. No início senti-me muito insegura, até porque eu já passei por diversas reformulações, diversas formas de trabalhar, trabalhei noutras instituições, nesta é o décimo terceiro ano, tive...

Também no contexto de creche?

Sim, também estive noutra instituição mas a creche não era tão organizada como é aqui, havia apenas uma salinha de creche e heterogénea só a partir dum aninho. Não era igual, mas eu cheguei a trabalhar também em creche, noutra instituição, só que noutros moldes... uns dois ou três anos, não mais.

Porque é que diz que é tão organizada?

Aqui? Eu sinto que é, eu sinto que é organizada.

Mas em que aspeto?

Em vários aspetos, porque é assim, as faixas etárias já não são como eram antigamente, um aninho, dois aninhos, três aninhos... não é por aí, porque também a entrada no básico acaba por nos "obrigar" a funcionar doutra forma. No jardim de infância eu cheguei a trabalhar também assim, a sala dos três anos, a sala dos quatro anos... a sala da prá; agora são grupos heterogéneos. Lá está, as coisas evoluíram, as coisas progrediram. Agora na creche, os meninos passam do berçário para a outra sala mais ou menos com um aninho mas não é estanque, não quer dizer que seja no dia em que fazem um aninho que passam para a outra salinha, é um bocado incerto, porque por exemplo tenho um menino que passou agora para a sala azul e só faz um ano no final do mês, mas também poderá haver casos, que já se passou noutros anos que eu estive naquelas salas, que já se passou comigo, crianças que já tinham um ano e um mês e ainda se mantinham no berçário.

Quem é que toma essa decisão, da passagem?

A equipa, as pessoas que estão a maior parte do tempo com as crianças. E a Diretora, também em conversações com os pais, nós também temos sempre o parecer e damos sempre a conhecer aos pais essa situação, porque eles fazem-me sempre essa pergunta "ah quando é que o meu filho passa? Qual a idade em que tem de passar?" porque sempre que entra uma criança de novo para o berçário é essa a questão. Os pais depois, quer queiramos quer não, eles crescem mas os pais acham sempre que eles são bebés e às vezes faz-lhes um bocadinho de confusão "ai ainda é tão pequenino e já vai passar para aquela salinha..." e porque há sempre um ou outro mais crescidinho que já come e tem aqueles gestos mais bruscos, tem aquelas brincadeiras assim mais impulsivas e pronto. Os pais também evoluíram (risos)!

Evoluíram como? Quer explicitar?

No aspeto geral evoluíram bastante, acho que sim, evoluíram em alguns aspetos, alguns aspetos muito sinceramente, porque eu não sou menina de colégio, esse é um progresso que eu acho que sim. Hoje em dia é impensável uma criança não andar no colégio e na minha idade, na altura chamava-se a escola primária, o primeiro ano do básico agora e só andavam nos colégios as pessoas com muitas posses. Mas andavam sempre, não era só no básico, acabavam por andar sempre.

Como é que estabelecem a relação com as famílias?

No princípio temos que construir, porque os primeiros contatos nem sempre são fáceis, há de tudo... temos logo no início de conseguir que haja confiança porque eu percebo, nem é para eles, nem para nós, ninguém se conhece e eu sou mãe, sei o que é chegar aqui e deixar os nossos filhos. Sinto que os pais são cada vez mais inseguros e talvez seja porque trabalham mais horas em horários que não são fixos, ou seja, não é aquele horário das nove às cinco. Muitas das vezes horários alargados, horários por turnos, aos fins-de-semana e aos feriados também porque estão nas grandes superfícies a trabalhar. Trabalhos inseguros... e então acabam por nos procurar, somos os apoios imediatos

Pedem-lhe ajuda? Sobre o quê?

Quase tudo. Nós somos aqui um bocadinho de tudo que eles querem saber, principalmente quando é o primeiro filho. Têm muitas inseguranças e têm muitas dúvidas e muito embora haja no seu meio familiar alguém que já tivesse também filhos, ou as próprias mães ou os avós, mas eles acham sempre que nós temos um leque de saberes que talvez os possam auxiliar.

Sente-se capacitada para apoiar as famílias?

É aí que começam as minhas inseguranças também. Essa é a minha grande dificuldade, talvez eu aqui dentro seja a pessoa que tem mais dificuldade a esse nível. Por vezes sinto que não tenho conhecimentos suficientes, sabe Isabel o meu curso foi muito prático, a acabo por sentir uma grande falta de base teórica, eu o que tenho, isso sim é experiência e então acabo por ter como base a experiência. Eu com esta idade ainda muito tenho que fazer, muito tenho que aprender, muitas ações de formação tenho que fazer para conseguir mais conhecimento.

Porquê?

Porque precisamente a minha formação já tem muitos anos e já estou desatualizadíssima. Se tivesse feito o complemento, mas não deu, na altura não deu não se proporcionou... faria falta, é muito importante o educador estar atualizado, seria bom ter mais conhecimentos, poder saber mais sobre o desenvolvimento das crianças e como atuar, ajudá-las a crescer. Claro que é muito importante a minha experiência, mas em muitas situações necessito de ter mais conhecimento, na equipa sou a menos qualificada e gostava de poder participar em mais espaços formativos. Gostava mesmo de voltar à escola, aprender mais sobre as etapas do desenvolvimento, sobre o currículo, avaliação... era para também poder confrontar com a minha prática e para poder fazer melhor. Mas as condições nem sempre são as melhores, não se proporcionou e acabo por ter que fazer um maior esforço para acompanhar as colegas e muitas vezes acabo por me basear naquilo que já fiz em anos anteriores.

Então e como é que faz, se sente isso como é que faz?

Olhe Isabel no princípio fazia uma coisa que foi muito importante, era estar sempre com muita atenção e depois tentava captar todos os sinais que as pessoas me iam dando, por forma a interpretar aqueles sinais da melhor forma. Depois sempre fiz pesquisas em casa, sempre fui procurando encontrar suporte para o que estava a fazer, para me sentir mais segura, mais reconhecida e para evitar alguns erros. Sempre tive a preocupação de aproveitar tudo, vou aproveitando todas as formações que são oferecidas e que eu tenho possibilidade de ir. Que eu tenho possibilidade, lá está... porque há muitas que eu gostaria de ir e não consigo; umas pela questão horária, porque não consigo, porque uma grande parte das formações são em horário laboral. E a outra questão, é a questão monetária também, são caras, algumas são caras devido à distância, não são aqui perto e já se tem dado o caso de serem dum dia para o outro, ou seja, não se trata só do preço da inscrição mas depois a comida, a dormida, os transportes, encarece muito.

O que é que tem feito ultimamente a nível formativo?

Não muita coisa! Sou uma pessoa que não gosta de baixar os braços e então eu tenho aproveitado imenso aquilo que é concedido a nível da instituição, mas não chega e às vezes ando muito angustiada e ansiosa, porque receio que a todo o momento seja confrontada com alguma questão que não saiba responder.

O que é que lhe tem sido concedido?

Foram feitas várias formações para reestruturação do projeto curricular, que já foi reestruturado assim umas quantas vezes. Temos tido formação a esse nível porque é onde todas vão, eu tenho aproveitado imenso. Olho eu procuro reter tudo, tudo, tenho mesmo que aproveitar quando vou a alguma formação e costumo dizer: “Se eu pudesse ter quatro orelhas e quatro olhos para absorver ainda mais... eu gostava!” Por exemplo, a nível informático, esse é o meu calcanhar de Aquiles e depois a direção pressiona, temos que fazer, temos que saber... é tudo muito exigente, muito trabalho fora de horas. Olhe tudo

isso tem sido uma sobrecarga de trabalho para mim. Olhe tenho sido eu própria, tem sido em casa, porque é assim são muitas horas, eu cheguei a uma altura, aqui há uns anos atrás, às vezes rio-me de mim própria, que eu estava a fazer o Perfil de Desenvolvimento Individual e sem querer apaguei aquilo tudo, tudo o que tinha escrito e me tinha dado um trabalho imenso e eu estava tão contente que já estava aquilo tudo feitinho e eu, ignorante claro, ignorante foi mesmo o termo e fiz tudo de novo! E como destas coisas eu fiz muitas, ainda hoje eu sinto que há aqui colegas que têm muita facilidade em lidar com a parte de informática e que eu... Isto de termos que expor tudo, divulgar tudo... é que não é fácil e isso tudo tem influenciado muito a minha pessoa, sabe Isabel eu posso dizer que tudo isso tem contribuído muito para as minhas inseguranças e fragilidades. É isso que eu sinto.

Considera que esses conhecimentos são muito importante?

Para nós é, porque praticamente utilizamos em quase tudo.

Mas a Maria tem, com certeza, outras capacidades e...

Sim, porque a experiência também me diz qualquer coisa! Claro! A forma como eu chego às famílias, a forma como abordo os problemas sejam eles quais forem, com as colegas... a própria forma de me dirigir às crianças, que eu sinto que nos primeiros anos qualquer pessoa tem imaturidade nesse sentido, porque não são os livros, não é a parte teórica que nos vai dizer "olha, não podes dizer a uma criança que ela é feia porque está a chorar". Isto é uma força de expressão... Porque no início a gente quase que fala como mãe...

O ter sido mãe ajudou-a no exercício da sua função enquanto educadora?

Trouxe um bocadinho mais de experiência, talvez... sim, mas eu já era educadora antes de ser mãe.

E considera que foi uma profissional diferente?

Em determinados aspetos, a sensibilidade em certas coisas, nós ficamos com ela um bocadinho mais apurada sim. A parte sentimental, sei lá... por exemplo isto é um exemplo prático e muito comum; a criança chora, na creche a criança chora, claro é a forma de ela transmitir aquilo que quer que seja; nós identificamos os choros, os vários choros, "para quê, porquê?" e antes, eu acho que antes não era tão fácil. Às vezes até podemos pensar "Ai, é chorona, ai aquela criança é muito chorona!" Às vezes eu pensava "ai não, não é assim"... É importante ter presente que o choro... o choro é a forma da criança se expressar, a criança não fala e muitas das vezes é a sua maneira de expressar um sentimento, qualquer que seja o seu sentimento. Se for dois ou três a chorar ao mesmo tempo, mas lá está, com a minha idade e com os anos de serviço que eu já tenho.

A profissional que é hoje aproxima-se daquilo que pensava vir a ser?

Eu sinto-me realizada em muita coisa, eu sinto que apesar de eu ser só uma, sinto que tenho contribuído da melhor forma em coisas boas. Continuo a gostar muito das crianças, a gostar de me relacionar com elas, e penso que está relacionado com a exigência em saber atuar com cada uma delas, pelas suas diferentes formas de ser, cada uma é diferente da outra e nós como profissionais temos que saber lidar com cada uma delas, sabermos apoiá-las... continuo, ao fim destes anos todos, com a mesma paixão pelas crianças, com a mesma vontade em apoiá-las no seu crescimento.

E aquilo que idealizava, aquilo que pensava vir a ser?

É assim, há coisas... o nosso sonho é sempre ir mais além, nós... eu quando terminei o curso, eu pensava que ia mudar o mundo, não é? Para mim, "ai agora!!" Que eu estava cheinha de vontade em pôr em prática aquelas coisas todas, tinha andado ali a absorver, a absorver, a absorver... por isso é que eu digo, a pessoa quando é novita cai um bocadinho às vezes em certos exageros em determinadas coisas. Não era por vontade própria, era por imaturidade, por falta de conhecimento, a falta de experiência faz-nos ser assim!

Quais os momentos que considera que formam mais formativos no seu percurso profissional?

Diversas coisas, é assim, eu gostei nos primeiros anos como estagiária de ter uma educadora ao meu lado, porque senti que realmente era uma pessoa com grande saber e eu pensava nessa altura "eu agora sou estagiária, mas um dia eu vou ser como ela!" para mim era uma pessoa... ainda hoje, ainda hoje eu recordo a primeira educadora com quem eu estive a trabalhar no meu estágio. E tenho ensinamentos, guardo frases que ela me disse e ensinamentos que ela me passou e principalmente valores, que eu presentemente acho que é tão importante passar, tão importante! Isso é que eu acho que é uma coisa que se perdeu, que se foi perdendo, que o progresso esteve mal nesse aspeto e que é uma pena, porque há valores muito importantes que eu acho que deveriam continuar a prevalecer... Depois também não posso deixar de referir que é muito importante quando estamos juntas a planear o trabalho, isso para mim é muito formativo, tento ouvir as colegas, as suas experiências, principalmente quando estamos todas, as auxiliares não participam nas reuniões de planeamento mensal, aí estamos nós educadoras, a coordenadora e a diretora. E também quando vamos à Escola Raízes ver as experiências deles para depois fazermos aqui, esses são momentos muito formativos.

E outros aspetos, outras pessoas que foram marcantes?

Sei lá, as próprias Diretoras, porque por exemplo aqui a Diretora ainda não está completamente formada na parte da educação, mas tive outra Diretora noutra instituição que era educadora e me passou, transmitiu-me muitas coisas que eu guardo também. E as formações, as formações que eu tenho, têm sido proveitosas, eu tento "tirar" o máximo, eu às vezes até penso "se calhar eu sou a pessoa que mais gosta e que mais vive..." eu se pudesse ter quatro orelhas... e quatro olhos e... nesse tipo de ocasiões, eu tinha, gostava!! Que era para absorver ainda mais, para conseguir captar ainda mais! Porque é muito importante para mim, eu sinto muito essa falta. Até porque a imagem do educador em creche... Eu preciso de me sentir confiante para conseguir explicar o que verdadeiramente faço e porquê, como é importante e em que é que contribui para o desenvolvimento das crianças.. Ainda há umas pessoas que têm aquela ideia errada que a creche é um mal necessário. E também que basta gostar de crianças, ser uma pessoa paciente, educada... e muito carinhosa, muito afetuosa, dar muito amor que é algo que as pessoas consideram muito importante. Também terá que ter alguma habilidadezinha com as mãos para fazer coisas bonitas... ter vocação para tomar conta de meninos, saber mudar a fralda, limpar bem os rabinhos, dar de comer, cantar umas cançõezinhas... Embora eu ache, bem... acho que essas ideias já começam a ficar um pouco desanuviadas, digamos, já temos menos pessoas a pensarem assim. E nós como técnicas, como profissionais é que nos cabe desmistificar esse mito, ao fim e ao cabo não é mito, é a realidade, passou-se... mas compete-nos a nós, quando transmitimos aos pais aquilo que fazemos, quando passamos para fora! Porque lá está, antigamente a creche como não aparecia na parede, hoje nós colocamos o que fazemos, o que os meninos dizem..., não aparecia do que os meninos faziam, não se percebia bem o trabalho que era feito e no fundo dão muito

trabalho, muito trabalho! E nós hoje em dia temos outros meios, por isso é que o computador nos deixa assim!

Está a referir-se às famílias?

A ideia é que os pais percebam que a creche não é só umas cantiguinhas, comer e dormir e brincar um bocadinho e já está! Não. Eu quero mesmo que os pais percebam que há muitas outras coisas que nós fazemos aqui durante o dia, além disso. Não quer dizer que isso não seja importante...eu friso isso nas reuniões, os cuidados básicos não deixam de ser importantes e nesta idade são mesmo muito importantes também. Um bocadinho mais que nas outras, porque nas outras eles são mais autónomos, aqui dependem mais do adulto. De qualquer das maneiras, as fotografias... nós temos uma página na internet aqui da instituição onde eu faço mensalmente um apanhado daquilo que é feito na sala, nos diversos momentos do dia e depois ponho as fotografias no power point e mando para a página para os pais todos poderem ver. Todos os meses eles têm a curiosidade de ver o que é que aconteceu. Muito embora a gente já consiga transmitir nas paredes do corredor, mas lá está, baseamo-nos muito nas fotografias, nos registos de atividades, chamamos-lhes "tempo disto, tempo daquilo, tempo do outro...", para os pais irem familiarizando-se com os nomes dos tempos de rotina e para que também consigam perceber o que é feito naquele tempo de rotina, o que é que é suposto fazer-se. E depois nós através dos registos escritos que também pomos cá fora, porque por exemplo, nós conseguimos pôr o planeamento, alguma informação sobre a nossa organização, também colocamos lá, às vezes, textos que possam ajudar os pais a esclarecer algumas dúvidas e claro, as conquistas dos pequeninos, algumas aquisições de competências que eles vão fazendo ao longo dos dias e das semanas e dos meses! E umas gracinhas que eles vão fazendo! E temos cá fora, arranjamos uma forma engraçada de termos individualizado a forma de cada um transmitir isso para os pais. Pronto, uma gracinha de cada um e os pais chegam ali "olha hoje fez isto, olha que engraçado já consegue...". Preocupo-me que eles participem e passar a ideia de que eles são capazes, são bebés, são crianças pequeninas, mas conseguem fazer... claro, à medida do seu desenvolvimento... e isso é que é importante que a gente saiba isso mesmo, não podemos estar a exigir demais e depois dar-lhes muita atenção, conversar muito com eles... É muito importante passar tudo isto aos pais... Temos que os implicar no desenvolvimento de projetos vários, como sendo o caso do projeto de leitura em família, da alimentação... bem eu preocupo-me que eles se interessem pelo desenvolvimento dos filhos e por isso tento estabelecer ligações no dia a dia. Eu acho que nós com isto temos que "puxar a brasa à nossa sardinha", como se costuma dizer! Os pais não são educadores como nós, técnicos, profissionais, não. Os pais têm as profissões deles e cabe-lhes a eles, ser pais, já o são, mas cabe-lhes a eles perceberem que nós aqui fazemos a outra parte, é isso que nós queremos transmitir! Há bocado quando me estava a falar se os pais... aquele tal progresso que eu falei, nem sempre foi muito positivo, porque lá está, o facto de eles passarem menos tempo com os filhos e mesmo aqueles que até conseguem passar mais algum tempo, os pais hoje em dia também se sentem muito cansados porque trabalham mais horas, talvez a nível profissional se calhar também têm de assumir papéis mais ativos ou mais pró-ativos, não é?... E depois há outro aspeto, não sei se já referi, mas porque temos pais muito jovens e procuram em nós muito apoio, temos que estar disponíveis e também termos conhecimentos para lhes podermos passar sobre o desenvolvimento dos filhos e eu aí aproveito muito para lhes passar a ideia que têm que tirar todos os dias um bocadinho para brincarem com os filhos, são pequeninos, muito bem... mas precisam muito de atenção, precisam que conversem muito com eles e apoiá-los nos seus progressos... é nesse aspeto que eu acho que podemos ser diferentes, claro, sim senhora, expor para verem o que fizeram os filhos, mas estas

conversas... é importante termos tempo para elas, termos disposição, isso é que eu acho que é importante. Mas muitas das vezes quando eles chegam eu já estou exausta, já não tenho disposição... E eu acho que a creche também tem que ser isso, não é? Acabamos também para... olhe, com a nossa experiência, com os nosso saber estamos a ajudá-los a poderem ser melhores pais, estamos a ajudá-los com a educação dos seus filhos. Olhe Isabel eu procuro, eu procuro que no meu trabalho, nem sei bem como dizer... olhe o meu trabalho centra-se no cuidado, centra-se naquilo que mais gosto de fazer que é tratar dos outros, tenta ajudar as famílias a observar os seus filhos, procuro estar disponível para eles. Mas nem todas querem vir para aqui, algumas colegas não querem vir para aqui, só se forem obrigadas, o que eu acho que é uma pena porque toda esta continuidade é bom para todos, para as crianças, para as famílias e para nós como educadoras. Nós precisamos mesmo que os pais estejam connosco, então nestas idades, que eles são tão pequeninos, nestas idades se não tivermos as famílias por perto, sem a troca de todas as informações é impossível fazer um bom trabalho e depois quem sai sempre a perder são as crianças.

E considera que esse papel é o mesmo na creche e no jardim de infância?

Olhe com as crianças a questão da autonomia é muito importante, porque nós tentamos preparar as crianças em creche, porque estes anos que eles passam pela creche... quando chegam ao último ano de creche já é suposto nós estarmos a fazer aquilo que nós chamamos a ponte, que é o jardim de infância. E a esse nível nós já temos preparado as crianças ao nível da autonomia que é o principal fator, com o que nós mais nos preocupamos, Para quê? Para que depois as colegas consigam passar na sua prática, na sua intencionalidade do dia a dia o restante e que não estejam ainda a fazer o trabalho que já deveria ter sido feito na creche. Supostamente, pronto isso às vezes também é um pouquinho flexível; nem sempre se consegue da melhor maneira, nem todas as crianças vão preparadas para tudo, não, nada disso. Mas o que difere basicamente é isso mesmo, porque as crianças autonomamente já têm outro nível, não é?... Gostava ainda de referir que a educadora em creche tem que ter formação em muitas áreas específicas e também acho que tem que se ter outra sensibilidade, outra forma de estar, outra maneira de ver, outra maneira de pensar em relação à creche. As colegas com os cursos mais recentes, acho que elas já veem com outra sensibilidade, com outra forma de estar, com outra maneira de ver, com outra maneira de pensar em relação à creche. E talvez já não sintam tanto, porque antigamente raro era a educadora que gostava de trabalhar em creche. Até nem gostava muito de aceitar, porque achava que o trabalho dela não ia ficar à vista, "ninguém vai perceber que eu sou educadora de infância", era assim, antigamente era um bocadinho assim.

E agora é diferente?

É. É assim, um bocadinho... porque lá está, nós já conseguimos transmitir mais um bocadito. Já conseguimos passar outra imagem, mas tem que ser com esforço, tem que ser com algum esforço. Mesmo assim ainda há algumas pessoas a pensar "... acha que eles vão fazer isso?... Ai ele é tão pequerrucho, ai nem pensar!.... Ai o meu filho fez isto?", mesmo até ao nível dos pais.

O educador quando está na valência de creche tem que ter atitudes diferentes? É isso que está a dizer?

Sim. Nós educadores, temos que ter uma sensibilidade apuradíssima, assim ao nível de todos os sentidos, ouvido, visão... para poder também perceber, porque em creche trabalha-se muito através dos sentidos, não é? É através dos cinco sentidos que tudo começa, que tudo se percebe, que tudo se vai fazendo e aprendendo e nós também se não

tivermos isso bastante apurado, se calhar essa sensibilidade passa-nos assim um bocadinho ao lado e isso é uma aprendizagem que se vai fazendo. Nós temos que utilizar os mesmos meios que qualquer educadora utiliza também no jardim de infância, nomeadamente a parte informática, a parte de escrita, a parte de transmitir e conversar com os pais; o poder socorrer uma criança, isso em qualquer lugar acontece. Mas na creche é diferente, pois com os bebés, eles não fala, não é? Temos que perceber... por isso é que eu dizia que é muito importante estar atenta, observar muito, conhecê-los muito bem, para que se consiga fazer tudo em função do que eles precisam. No jardim de infância eles já falam, e acaba por ser diferente. Como não fiz formação para estar aqui na creche, eu sou obrigada a pesquisar... a andar sempre muito informada, nós não podemos dar-nos ao luxo de andarmos muito desatualizadas, "a coisa muda", porque o que eu lhes quero transmitir não pode ser coisas de há três ou quatro anos atrás, tem que ser de agora. E muito pensando no futuro, nós quando terminamos o mini projeto, podemos dizer acerca do ambiente nós temos que perceber porquê; então porque é que vamos trabalhar isto com as crianças tão pequerruchas... o ambiente! Então, porque é uma preocupação e porque nós prevemos que daqui a uns anos poderá estar "assim, assim e assim..." nestes termos. Mas se nós fizermos qualquer coisa já, se intervirmos já, se calhar não vai chegar a esse ponto...

Que conhecimentos considera que são importantes para o seu exercício profissional?

Qualquer educadora deverá ler muito, basicamente lê muito e tentar andar bastante atualizada em quase tudo. Em quase tudo praticamente, tentar atualizar-se o mais possível, ao nível de leitura, das pesquisas... eu digo sinceramente, passa-se uma, duas horas em temas às vezes em nada de concreto mas lá está, para eu também conseguir alargar os meus horizontes.

Quais os objetivos e as finalidades que orientam a sua ação?

Temos o nosso modelo, que é muito interessante, que se baseia na criança, ela é o centro, que aprende pela ação, fazendo, agindo... A criança tem de ser ela própria a explorar, a manusear, a experimentar. A criança tem que ver, tem que experimentar, tem que provar... tudo aquilo que nós fazemos no nosso dia a dia. Tem que passar por aí e em creche muito pelos sentidos. Mas depois não é só isso, a aprendizagem ativa não nos diz só isso, diz-nos também que há uma rotina bastante organizada que tem de ser transmitida, que convém passar. É importante para as crianças que tenham essa rotina para sentirem estabilidade, para sentirem confiança. São muito pequerruchas, não sabem ler, não sabem escrever; então como é que nós lhes vamos transmitir coisas acerca do tempo? Vamos tentar através da rotina, sabe elas precisam "o que é que vem a seguir?" é para estarem mais calminhas, mais confiantes. Há também uma rotina bastante organizada e nessa rotina então passam diversos tempos que eu acho que contemplam todas as necessidades e interesses de cada faixa etária. Então é a partir daí que nós depois, embora nós tenhamos também o Projeto Educativo da instituição. Porque nós temos o Educativo e o da sala, o Projeto Pedagógico. E o que é o Pedagógico? É precisamente adequar e adaptar, fazer o intercâmbio de tudo isto, de todas estas coisas, é aí que definimos o currículo, onde então os interesses e as necessidades. Sabe eu com este modelo sinto-me mais segura, veio dar-me mais segurança ao meu trabalho com as crianças, veio dar sentido a muitas coisas que faço e também a conseguir mostrar aos pais o trabalho, fica tudo mais organizado e acaba por ser mais fácil. O problema é serem tão rigorosos, podíamos fazer tudo, mas sem esta exigência de tanta planificação, diariamente, semanalmente, mensalmente, meu Deus, tantos, tantos, tantos registos... isso é que é desgastante e é em tudo isso que me sinto

muito pouco apoiada, as colegas dificilmente são capazes de dar uma mãozinha. Bem mas já referi isso não é? Passemos à frente...

Muito bem, então diga-me o que privilegia na sua intervenção com as crianças? O que é que para si é prioritário?

Primeiro adquirir a sua confiança e há aquele afirmar da vinculação do adulto com a criança, da criança com o adulto; por isso é que existe a adaptação dos primeiros tempos do início do ano letivo. Primeiro tem que passar por aí, enquanto isso não for adquirido, essa confiança... por exemplo, a criança quando não se sente segura não lhe conseguimos transmitir regras, não conseguimos fazer pedidos... não conseguimos transmitir outro tipo de aprendizagens. É o primeiro passo para depois partir para o resto, os miminhos... os sentimentos. E tentar perceber também cada criança para depois partirmos para o todo. Valorizo muito a relação, os afetos. É a relação com as crianças, isso é o mais importante. Valorizá-las, fazer com que elas se sintam felizes e façam aprendizagens, que eu consiga proporcionar isso. Depois, por outro lado, também é transmitir que como educadora não é só estar aqui e tomar conta.

E o que é mais difícil para si?

Às vezes o mais difícil é a organização, não é fácil... planejar diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente... não é fácil... e depois dar a conhecer, expor, arquivar... estamos muito preenchidas, o tempo não dá para isso tudo, acabo por fazer muita coisa em casa.

Não se apoiam na equipa para ultrapassar essas dificuldades?

Sim, por isso é que vou conseguindo ultrapassar muita coisa, por que se não era muito mais complicado. E eu tenho muita tendência a chamar a mim tudo. Muitas das vezes... é claro que as pessoas que cá estão também já não são novas e conhecem bem a rotina e sabem bem onde deverão estar e o que andam a fazer, isso já está interiorizado também mas de qualquer das formas cada ano é um ano, cada grupo é um grupo, mas o que me custa mais gerir a maior parte das vezes é o número de crianças, outras vezes é tentar conseguir cumprir, embora eu já tenha dito, a rotina aqui nestas duas salas é flexível, não é rigorosa nem se consegue falar de rigor nestas idades, não se consegue mesmo, pode ser reestruturada; pode e deve! E tem mesmo que ser várias vezes ao longo do ano reestruturada, reorganizada, repensada, etc. Mas de qualquer das formas, nós como educadoras gostamos de conseguir transmitir a parte profissional, a parte do nosso trabalho e gostamos de transmitir essa parte enquanto técnicas, enquanto profissionais e não só aquela parte que qualquer pessoa consegue fazer. Porque nós sentimos muito das vezes, eu sinto isso, é que eu consigo perfeitamente se me faltar um dia a auxiliar, eu consigo perfeitamente fazer o trabalho da auxiliar e o meu, mas se for ao contrário, a auxiliar consegue fazer o dela, mas o meu já não consegue.

E em relação à diretora, verifico que está sempre muito presente, como é que sente isso?

Algumas vezes é benéfico, outras nem tanto, porque muitas das vezes "o (des)contexto" (não sei se a palavra existe), (risos) o estar lá, fora do contexto, leva-nos a interpretar aquilo que vimos de uma forma errada e acontece algumas vezes.

Mas apoia?

Sim, lá está... essa é a parte boa, porque muitas das coisas que não passam por nós e que não têm de passar e que são analisadas e se ela cá não estivesse teria que haver alguém... não sei, supostamente seria mais um acréscimo para nós a ter que fazer essa parte.

Tenho conhecimento que a diretora encontra-se num processo de formação académica na área da educação é vantajoso para vocês?

É, é... consegue perceber aquilo que nós estamos a falar, aliás todos estes estereótipos que costumamos usar como qualquer profissional, só de os ouvirmos ao longo dos anos já vão ficando, já vamos compreendendo, até porque o ouvir também é didático, eu considero. E acho que antes mesmo de ela estar a fazer formação, ela já tinha algum conhecimento, já conseguiu ao longo dos anos adquirir algum conhecimento, também não são tão poucos quanto isso... E depois junto das famílias...

O que quer dizer?

Bem dá-nos mais segurança. Até porque se calhar algumas vezes se ela não estivesse cá, havia coisas que descambavam, é mesmo a palavra.

Acaba por ser mais um elemento na equipa, é isso?

Sim. E depois é uma pessoa que está, como eu costumo dizer, "em sala" está ali no meio destas duas salas que por acaso é onde eu estou a trabalhar este ano e acaba também por se aperceber... para já também conhece os tempos de rotina e sabe bem aquilo que se está, ou deverá estar a passar-se e a fazer-se em cada uma das salas e isso também é bom.

Também tem desvantagens?

A questão é essa mesmo, que era aquilo que tinha dito que é o estar fora de contexto às vezes não ajuda. Não perceber o "porquê de se chegar até ali", às vezes não ajuda. Por exemplo, uma situação em que estamos noutra espaço, no refeitório ou no recreio e chegar lá e insistir numa determinada situação, às vezes sem conseguir perceber o que se passou para trás, o porquê das nossas atitudes ou o porquê da criança estar "assim, assim e assim", pronto é só isso. Muitas das vezes, tanto quer ajudar, tanto quer ajudar, que acaba por essa ajuda não ser benéfica.

Considera que há um bom trabalho de equipa?

Eu acho que em termos gerais, há, muito sinceramente e tem-se vindo a trabalhar nisso ao longo dos anos e tem vindo a melhorar. Muito embora... lá está, cada ano é um ano, cada grupo é um grupo, as salas embora sejam sempre as mesmas, mas às vezes há situações pontuais que têm de ser geridas e depois as mudanças de alguns elementos também. Quando surgem elementos novos há que fazer ajustes, há que tentar fazer perceber a essa pessoa como se funciona para essa pessoa também se integrar na equipa e seguir.

Recordo-me que a Maria referiu quando recolhi informação para o estudo exploratório que um dos grandes problemas era que não havia trabalho em equipa. Presentemente, melhorou?

Bem... é assim, isso não está completamente ultrapassado mas é como lhe digo, ainda há coisas que por vezes se não forem lembradas, se não forem sendo vistas dia a dia, semana a semana, quando elas acontecem, se não forem conversadas, descambam! Mas tentamos ajudar-nos umas às outras, tentamos apoiar-nos e também partilhar experiências. Tenta-se... eu acho que todas temos consciência de como isso é importante,

agora nem sempre é fácil, não temos tempo para isso, não há o tal tempo para estarmos juntas. Eu acredito mesmo nisso, se fizermos as coisas em conjunto é mais fácil, mas... nem sempre se consegue. Porque tinha que haver, não é? Pode ser todas as semanas, todos os meses... sei lá... não chega só quando vamos fazer as formações sobre o modelo, não isso só não chega

Muito bem, quer acrescentar mais alguma coisa Maria?

Para já não, parece-me que já falei muito, não sei é se ajudei...

Claro que sim! Resta-me agradecer a sua colaboração. Muito obrigada! Vou transcrever e depois devolvo para a Maria verificar se está tudo bem e se pretende fazer algumas alterações.

Apêndice 8 – Exemplo de registo das conversas de explicitação das reuniões de pais

Conversa de explicitação - Reunião de Pais

Educadoras de Infância: Alice e Carla

Data: 19 de outubro de 2013

Local: Centro para a Infância II

Duração: 40m

Começo por agradecer a vossa disponibilidade para conversarmos um pouco sobre a reunião de pais... Qual o vosso balanço?

Alice – Bem posso já dizer que eu acho que foi consideravelmente positivo em relação às expectativas que tínhamos, foi bastante positivo, superou.

Porquê?

Alice - Porque este ano andávamos um bocadinho a meio gás com esta história do grupo não estar completo, uns desistiam, outros entravam e crianças como eu disse, que até nem as conhecemos, houve de facto esta confusão toda até termos o grupo por inteiro. Por outro lado, andávamos angustiadas com alguma insatisfação das famílias, sentíamos, parecia que no dia a dia não estávamos a conseguir dar uma boa resposta. Porque na nossa dinâmica não é fácil a adaptação, se há umas famílias que até compreendem que isto faz parte do processo, portanto irem entrando gradualmente, há outras que nos questionam mais e que não compreendem ou não querem compreender. E pensámos seriamente, de facto, como é que isto iria correr?! Até que ponto iam aderir à reunião? Até que ponto estavam insatisfeitas? Se de facto íamos ter assim esta presença e uma presença de forma positiva dos pais. No final eu senti-me e acho que a Carla, estou a falar um bocado por mim por causa dos anos que já cá estou. Em relação aos outros anos isto não me acontecia, sabia sempre com o que contava, sabia do envolvimento das famílias e desta vez eu estava um bocadinho..., não tão segura.

Apreensiva!

Alice – Estava mesmo apreensiva! Como é que isto vai ser! Não sei, tinha aqui uma série de pais que nos primeiros contatos fizeram-me sentir insegura, senti que eram muito exigentes, colocaram muitas questões e depois também me senti que não era bem isto que queriam, os filhos vêm para a creche porque precisam de ir trabalhar e não porque é importante eles virem para aprenderem, para se desenvolverem porque estão aqui pessoas qualificadas. Nem sei se nos reconhecem dessa forma. Depois, surpreendeu-me, foi muito positivo, de facto se calhar estava mais na minha cabeça todos aqueles receios. do que propriamente naquilo que era verdade. Mas andava! Andava um bocadinho preocupada desta vez, talvez por este "meio gás", depois havia um dia que chegava e havia uma colega que "olha, a mãe não sei quê, queixou-se disto", havia assim uma série de situações que me estava a deixar muito desconfortável, não estava habituada. E detesto queixas! Eu gosto que as coisas corram bem. E isto para mim estava-me a deixar muito asfixiada, às vezes a Carla dizia "Ai, este ano que eu vim para a creche, estás a sentir isto!" Eu andava muito desconfortável com isto. E dizia-lhe "Oh Carla, não tem nada a ver, até porque de ano para ano os pais são diferentes, têm outro tipo de exigências". E estes de facto são exigentes, esquecem-se que aqui não é como lá em casa, aqui temos 30 e só somos seis e há determinadas horas que estamos muito poucas e depois pensam que é tudo como eles

querem, mas aqui à regras e claro que são para todos. Agraram-se a pormenores, às vezes as chatices são por coisas insignificantes... mas... acabam por fazer com que a gente fique inquieta, stressada e chega a criar mal estar, mesmo aqui entre nós, na equipa.

Carla - Cheguei a pensar que a situação se devesse ao facto de existirem dois elementos novos e as pessoas não estarem tão descansadas, sentirem que não estávamos à altura do desempenho; mas por outro lado falando com a Alice percebi que não. Percebi que realmente o grupo de pais era praticamente todo novo, portanto também não sabiam que eu estava de novo. Estava expectante relativamente a esta reunião, sim, pensei que tomasse outro rumo. Os pais ficaram tranquilos, acho que gostaram, é muito importante sentir que os pais estão tranquilos, dá-nos confiança, sentimos que vamos conseguir, ficamos confiantes

Alice - Pois. Estávamos um bocadinho com algum receio e isto porque este ano temos um caso complicado... é um casal que nunca nos escondeu que é contra a creche, não gosta de creche, não acredita na creche. E nada do que a creche possa fazer lhes agrada. Mas não têm outra opção senão tê-los na creche, então é alguém que diariamente só tenta procurar coisas negativas ou menos positivas e acaba por criar um clima negativo, faz com que a equipa fique inquieta, receosa, com medo que alguma coisa não esteja bem. Temos que trabalhar para fazer com que eles acreditem nos benefícios da creche.

E como é que vocês tiveram conhecimento dessa posição?

Alice - Porque a senhora foi muito aberta, disse-me logo!

Na entrevista que fizeram, inicial?

Alice - Sim, sim. Porque ela diz "eu não gostei da creche, só gostei do jardim de infância na minha infância e detesto creche!" Portanto... Ela só estava aqui porque não tinha mesmo outra alternativa. Porque ocorreu um problema com a ama. E diariamente tudo quanto o que se fazia ela estava sempre com ar... sempre descontente... pronto no fundo são situações de stress que se calhar nos levaram a achar que se calhar as coisas não iam correr tão bem, não sei. Mas foi a primeira vez que me senti assim, isso é verdade. Nunca tinha sentido isto!

De uma forma simples e objetiva sinalizem três aspetos positivos e três aspetos menos positivos.

Alice - Três aspetos positivos: o número de presenças, estiveram muitos pais presentes na reunião, acho que é sempre positivo, é sinal que eles, que eles de facto querem-nos ouvir, querem saber coisas, querem-se aproximar de nós. Isso para mim foi um aspeto muito positivo... mesmo independente de como ia correr, só o fato de ter as presenças, isso para mim, eu aí senti-me logo confortável.

Eu pareceu-me que só não houve a presença de três crianças, não foi?

Alice - Sete.

De sete?

Alice - Sim, mas dos quais tínhamos conhecimento, porque havia datas cruzadas. De sete não, neste caso seis, porque uma, a criança ainda não tinha chegado a vir à creche. Mas todos os que faltaram tinham de facto dito os motivos porque não iam estar presentes na reunião, portanto respeitaram, foram corretos, educados. E como eu estava a dizer, só o facto de eu ver chegar, começar a ver chegar tantas pessoas... e dada a noite chuvosa que

com aquele tempo dá vontade de ficar em casa e de ir à reunião às 9 horas da noite, a uma sexta-feira, para mim, só isso me deixou logo calma para a reunião, aquela tensão que eu tinha... parece que fiquei logo menos tensa, parece que já estava a sentir-me reconhecida... bem se vieram é sinal de reconhecimento não é? É porque consideram que vão ser tratadas coisas importantes, coisas relativas aos seus filhos.

E porquê a uma sexta-feira às 9 da noite?

Alice - Porque é que fazemos reunião a uma sexta?

E às nove da noite?

Alice - porque é quando eu os consigo ter... a presença mesmo deles estão mais disponíveis.

É?...

Alice - É uma coisa que nós já fazemos há anos neste colégio. Quando vim para cá trabalhar já era assim. É uma prática que eu acho que existe desde que há esta instituição.

E que conseguem...

Alice - Já fizemos noutras horários, foi um insucesso, foi um grande insucesso quando apostamos noutras horas. Tentamos ajustar o horário de forma a conseguir que os pais possam participar, portanto tentamos que estejam mais disponíveis

Carla - despachar os filhos... Só um convívio assim no final do dia, uma reunião com este carácter funciona melhor à noite. Penso que é uma boa estratégia. Eu tenho a experiência da escola da minha filha e há poucas presenças, as reuniões são às cinco, seis da tarde, se calhar há dez pais que representam um grupo de vinte e sete, vinte e seis crianças e...

Alice - Outro aspeto que eu acho que é positivo, já que são três aspetos. Acho que aquela forma de acolher, brincar um bocadinho com eles, antes de, é sempre muito saudável. Fazer um jogo, é o tal quebra gelo que funciona muito bem. E quase todas as reuniões a gente tenta inventar qualquer coisa que, para quem chega se sintam bem, portanto os pais novos e para quem já está de anos anteriores também comece ali a sentir-se...

Carla - é um ambiente de descontração.

Alice - a criar confiança, criar um ambiente de descontração para podermos realmente partilhar coisas. Eu acho que é sempre importante.

Carla - É um jogo interessante. E também quanto a mim, um aspeto muito válido da reunião foi também o esclarecimento às famílias, não é? pronto, a passagem de informações que são tão úteis para eles e nós também temos o feedback, mas o facto dos pais das crianças que já tinham frequentado o ano anterior darem o testemunho de como foi a adaptação dos seus filhos achei que foi bem, pronto, teve uma grande receptividade perante as famílias! Acho que foi interessante, eu pelo menos achei que sim. Tranquilizou e segurizou muito mais as famílias novas, as que estão pela primeira vez, na voz dos pais teve outro peso que não na nossa, se fossemos nós a ter aquele discurso. Achei muito interessante e acho que há que continuar.

Alice - aquela partilha de... fez mais sentido. Penso que também como aspeto positivo foi o jogo inicial, as pessoas foram chegando e não ficaram há espera, entraram logo no jogo, partiram à descoberta... Seria complicado estarem à espera uns dos outros sem fazer nada, é das piores coisas que pode acontecer é nós sentirmos que alguns pais são pontuais, e

que há sempre quem não é. E depois é injusto àquela hora termos de estar à espera dos outros e... normalmente é uma estratégia que eu tenho sempre em conta "o que é que fazemos naquele momento ..." e assim, ninguém espera por ninguém, entram logo em ação e acaba por descontraír, criar boa disposição.

A reunião iniciou passados dez minutos da hora marcada, mas houve pais que estava a horas... foram pontuais

Carla - exatamente, tínhamos pessoas aqui à porta.

E todos entraram no jogo, todos estavam procurando, muito envolvidos, conversando, observando... e já agora, o que é que tinha aquele rolinho?

Alice - Ai, espere aí, eu tenho aqui guardado (risos). Pode ver, está aqui. Tem a ver com algumas coisas do dia a dia. Algumas práticas... que são necessárias. São recadinhos, informação que queremos que os pais tenham. Foi uma estratégia encontrada para passar informação, algumas regras... Foi uma estratégia encontrada para passar informação, algumas regras... que muitas das vezes nós falamos hoje, amanhã... e nem sempre são cumpridas, acabam por ser esquecidas e assim ficam escritas e como é através de um jogo, acabamos por não ser tão... tão diretivas

Eu naquele dia já não tive oportunidade de perguntar, mas espirei e primeiro pareceu-me isso mesmo, que eram umas indicações de conduta, não é? Foram dadas de uma forma simpática, porque primeiro pensei que fossem uns mimos dos filhos...

Carla - mimos eram os bolos.

Foi uma forma simpática de dar uns recadinhos, algumas regras...

Carla - Exato, não ficava muito bem.

Querem sinalizar mais algum aspeto positivo? E aspetos menos positivos, acham que houve?

Alice - É assim, para ser muito sincera, eu não acho que tivesse acontecido, ... porque mesmo quem não veio à reunião, justificou, e fez questão depois de reunir comigo, eu ainda recebi famílias... portanto antes da reunião fiz atendimentos individuais com quem não pode vir à reunião e passei a informação, claro que não conviveram e a informação foi dada de uma forma muito sumária, é completamente diferente porque esta reunião estava planeada para estarmos todos.

Era isso que eu ia perguntar, como é que vocês depois fazem?

Carla - Há sempre oportunidade de conversar para quem não veio à reunião. Ou conversamos quando vêm trazer ou buscar os filhos ou marcar para um atendimento, procuramos que ninguém fique prejudicado.

Fazem atendimento individual, como é que passam a informação?

Alice - Exatamente. Faço atendimento individual porque as pessoas pediram. Também já fiz algumas vezes um resumo mais ou menos daquilo que aconteceu e depois enviamos. E também temos o jornalinho da creche que é mensal e lá informamos sobre os acontecimentos e por exemplo, este mês vai também a notícia da reunião. Mas como houve logo pais a pedirem, eu até andei a enviar o filmezinho, eu agora até tenho que guardar aquilo noutra formato para enviar, que ninguém consegue abrir. Vou ter que

voltar a guardar para enviar, porque as pessoas de facto ficaram interessadas mesmo quem não esteve presente.

Com o filme pretenderam dar a conhecer o quotidiano...

Carla - Ao enviarmos o filme com a rotina acaba por no fundo estar cá, não estando. Procuramos que percebam o trabalho que fazemos. O filme é uma boa estratégia para passar a mensagem às famílias de que na creche tudo o que se faz é educativo, que através de todas as tarefas e atividades estamos a contribuir para o desenvolvimento das crianças. O nosso papel ainda está muito ligado ao papel de mãe, de mulher.

Alice – Penso que dando a conhecer, sempre vamos atenuando algumas dificuldades pois o que acontece é que muitas vezes não somos bem compreendidas, a informação nem sempre passa da mesma forma. Temos famílias com diferentes culturas, temos pais de outros países e isso contribui para que, por vezes, se acentuem algumas dificuldades na comunicação, nem sempre somos compreendidas, o que exige algum trabalho extra, na procura de diferentes formas de ação, para os envolver no trabalho que realizamos. Há uma coisa muito importante, eu pelo menos quando penso nas reuniões, ou quando penso em momentos para estar com os pais, eu penso sempre "eu como mãe o que é que eu gostaria" e eu tenho sempre um bocadinho esse ponto de partida "o que é que eu gostaria de..." e é a tal coisa "essa mosquinha" que vai sempre perseguindo-nos porque nunca vemos tudo dos nossos filhos. Então acho, tento sempre pensar em alguma coisa que possa satisfazer esse lado, porque nós somos curiosos com isso. Nós sabemos que os nossos filhos connosco estão duma maneira, fora de nós têm outro tipo de comportamentos, outro tipo de interações, "como é que será?... como é que ele faz, será que é assim, qual é o dia a dia?..." Eu acho que essa estratégia também é boa para os pais perceberem o lado educativo da creche, que isso é um problema, muitos ainda vêm a creche como um local onde só se cuida, comem bem, dormem, o rabinho está seco.... e pouco mais. Eu acho que cada vez mais nós educadores que vimos para a creche temos de realçar o trabalho que se faz aqui, todo o trabalho educativo e somos nós que temos de defender essa questão, porque esta instituição sempre "encostou" as pessoas mais antigas e com menos formação à creche. Acabava por ser um contexto onde estavam as pessoas menos qualificadas, menos ativas, já com muito tempo de casa...portanto não valorizava a creche nem quem cá trabalhava. E hoje, que eu estou aqui pelo quarto ano, ainda hoje eu falava isso com ela, eu sinto muito orgulho de ter chegado à creche e ter mudado coisas; não quer dizer que já esteja tudo bem! Mas sentia que o educador faz falta, eu sinto que fiz coisas mais positivas outras ainda não consegui, a pessoa não chega a todo o lado, mas mostrei que ser educador na creche há diferença e temos de mostrar essa diferença. E muitas vezes é nas reuniões "Ah, como é que está o..." - "Ah muito bem, comeu tudo..." Isto não chega! Não satisfaz! Nas reuniões nós temos de mostrar que vamos mais além que isso. Que a creche não é só isso. Tentamos sempre passar informação sobre os nossos objetivos educativos, o respeitar cada criança. E eu penso que consegui fazer isso, mudar isso, portanto junto da própria direção, penso que consegui que a creche fosse valorizada.

Carla - E eles nesta faixa etária verbalizam muito pouco, então é muito importante a imagem e o diálogo e isso temos que ser nós, adultos a passar, porque eles não verbalizam o que fazem aqui. Enquanto que no jardim de Infância eles já contam o que fizeram, aqui ainda estão muito no início. Claro que os mais velhinhos acabam por contar, aqui não verbalizam e tem de ser a imagem e tem de ser mesmo o contato informal com as famílias, senão não chegamos lá, "não entramos dentro de casa".

O grande objetivo foi proporcionar um momento para que todos se conhecessem e...

Alice - sim, porque as crianças já falam contam coisas e isso vê-se, os pais sabem nomes dos amiguinhos...

Foi também um momento de desinibição, das pessoas se aproximarem! E depois pelo que eu depreendi foi também um momento para desmontarem um pouco as questões da adaptação e darem a conhecer o que é que se faz ao longo do dia, a rotina estou certa?

Alice e Carla - Sim, é.

E o espaço onde decorreu a reunião, consideram que foi o ideal?

Alice - O espaço sim, mas as cadeiras... começaram a levantar-se daquelas cadeirinhas, eram muito desconfortáveis, são as cadeirinhas onde os filhos se sentam. O espaço? Aqui? Bem... por um lado é verdade que as cadeiras são desconfortáveis, mas não pensamos noutra espaço, porque este é o espaço dos filhos deles, e esta brincadeira aqui de andarem no espaço dos filhos deles, também é importante. Agora, não temos mobiliário adequado, não não temos, mas lá está... é importante os pais estarem no espaço onde os filhos passam o dia, onde brincam exploram os materiais, onde passam o dia.

Alice - Depois por exemplo, houve um ano em que eu achei muita piada, por causa do incómodo das cadeiras, houve pais que puxaram os colchões, sentaram-se no chão! Pronto, fizemos doutra forma! Para a próxima, podemos fazer um convite giro; vêm de fato de treino e eles não sabem o que vai acontecer. Podemos fazer um movimento com eles.

Carla - Até mesmo nós as seis, perguntamos umas às outras, como é que correu, como é que não correu! Porque uma pessoa não tem a noção...

E comentários dos pais relativamente à reunião, vocês recolhem-nos como? têm registos?

Alice - Normalmente recolho a opinião dos pais somente na última reunião de pais, nestas eles vão comentando, mas a ultima sim, aliás eu dou uma folhinha para eles registarem o que gostaram, o que menos gostaram, sugestões... (acho que a Carla lá em baixo também fazia isso)...

Carla - Também, também.

Alice - onde eles registam tudo. Coisas positivas, o que é que eles acharem que nós tínhamos para lhes dar, e eles escrevem. Mas se calhar também podíamos pedir nestas reuniões, se calhar os registos seriam interessantes. Eu acho que isso é uma mais-valia, pode dar-nos mais informação sobre as necessidades, as opiniões dos pais.

As estratégias das reuniões são as mesmas em todas?

Alice - Não, não é à semelhança. A segunda reunião aqui é sempre prática...

Carla - É mais lúdica, não é?...

Alice - nós tentamos, por exemplo, o ano passado como eles iam participar no desfile de carnaval, os pais vieram fazer os fatos. Nessa segunda reunião, coincidia mais ou menos, eu estou a falar das reuniões do segundo trimestre. No outro ano precisávamos de fantoches, eles gostam muito de fantoches e então fizemos um atelier onde os pais construíram fantoches. Portanto, aproveitamos sempre o que nos faz falta aqui na creche, do que precisamos e tentamos que os pais façam um atelier, essa dos fantoches foi muito gira...

Acaba por ser um encontro!

Alice – Sim, é um encontro. É um encontro na mesma... Mas também há espaço para dúvidas, conversamos muito, é muito informal. Normalmente na segunda reunião aproveita-se um bocadinho para pincelar, pincelar alguns temas, quero dizer passar alguma informação, mesmo a questão daquelas crianças por exemplo vão iniciar o desfralde, porque depois com a chegada da primavera em que eles estão naquela idade de começar a tirar as fraldas, falar um bocadinho sobre isso. Por acaso nos anos anteriores tenho tido sempre ou uma enfermeira ou psicólogas que também dão ali um reforçozinho que é esta angústia dos pais e aí pincelamos um bocadinho esse tema porque uns porque já o fizeram, o controle, outros vão iniciar e também é giro as experiências serem partilhadas, "como é que foi? como é que não foi?", pronto. Mas não é propriamente o tema principal da reunião, não é esse, mas como vem naquela altura do ano aproveitamos para dar mais alguma informação...

E depois na terceira reunião?

Alice - Na terceira reunião é mesmo a reunião final, é para dar a conhecer tudo o que fizemos, há um filme com tudo desde o início do ano até ao fim. Temos a entrega dos portefólios, cada um vê de facto, também, a evolução dos filhos, eu acho que a Isabel chegou a ver aqueles portfólios, e depois há mesmo uma avaliação dos pais sobre o ano, o que foi positivo, o que não foi; ideias daquilo que acham que nós podemos modificar... as sugestões. Fazem um balanço, bem fazemos em conjunto. E aí sim, é sempre uma reunião mais alongada. E até mais formal, porque aí estamos de facto a avaliar um ano de trabalho; também falamos um bocadinho sobre a transição para o Jardim de infância. Porque há pais em que isso é uma angústia; porque acham que aqui isto é uma "casinha de bonecas" que os protege, isto em termos do espaço, não é? Estão num edifício à parte... Então há uma grande angústia o ir lá para baixo "e depois os mais velhos!... e depois isto, e depois aquilo" e então acaba por ser também uma forma de os tranquilizar. Bem não é fácil, não é tarefa fácil, esta relação, esta partilha tem mesmo que ser diária, há necessidade de um trabalho continuado, ultrapassar divergências, ultrapassar conflitos... construir parcerias e para isso o educador tem que estar disponível, tem que haver um diálogo permanente e diário com as famílias, no jardim de infância também, claro, mas aqui... aqui é mais exigente... é um trabalho exigente aqui na creche e tem mesmo que ser um trabalho com as famílias, temos mesmo que as ter do nosso lado. É muito importante mudar mentalidades e fazer com que a imagem social da educadora seja mais favorável e que passem a identificar a educadora como uma profissional que tem funções docentes e não maternas. Mas para que isso aconteça as educadoras têm que acreditar no valor do seu trabalho, que estão a contribuir verdadeiramente para as aprendizagens das crianças, que têm um papel importante no seu desenvolvimento. Penso que quando as educadoras conseguirem fazer tudo isso, de certeza que tudo melhorará. Temos mesmo que acreditar que somos uma peça importante, que temos que partilhar o que fazemos e estarmos dispostas a aprender com os outros, e essa aprendizagem pode ser feita com todos, também com os pais, com as crianças, com as colegas, deve ser assim ao longo de

toda a vida, em todos os lugares por onde a gente anda, por onde a gente trabalha e com todas as pessoas.

Não tenho mais nada a perguntar. E vocês, querem acrescentar alguma coisa?

Alice e Carla - Não, não!

Agradeço muito a vossa disponibilidade.

Apêndice 9 - Protocolo entrevista coletiva (*focus group*)

Entrevista Coletiva (Focus Group)

Data: 21 de janeiro de 2017

Local: Centro de dia – instalações adjacentes ao Centro para a Infância I

Duração: 1 h e 15 min.

Educadoras de Infância: Sara, Tina, Alice e Maria

Em primeiro lugar quero agradecer a vossa disponibilidade para colaborarem, mais uma vez, nesta investigação. Sem a vossa participação não poderia dar continuidade ao estudo. Quero apresentar-vos, não se conhecem, não é verdade? A Sara e a Tina, que pertencem a este centro onde estamos a realizar a nossa entrevista, e estas duas colegas são a Alice e a Maria. Estão a faltar duas colegas, já não se encontram a desempenham funções nas mesmas instituições, que é a Carla, que integrava a equipa da Alice e a Patrícia que integrava a equipa da Maria.

Então vamos lá começar a nossa conversa a cinco.

Após a leitura do texto que vos passei há uns dias, que corresponde, como informei, ao capítulo da análise e interpretação de todos os dados recolhidos até ao momento, nomeadamente das observações do dia tipo e das reuniões de pais, das conversas informais que tivemos, das entrevistas, e face ao tempo que já passou, que, de certeza, vos trouxe outras experiências e vivências, pretendo saber se se revêm ou não no que leram e se confirmam tudo o que está escrito. Caso sintam necessidade de explicar, acrescentar ou realçar alguma ideia, algum aspeto, estejam à vontade. Se tiverem novas perspetivas sobre determinado assunto, agradeço que as apresentem. O que se pretende é que estejamos à vontade e que consigamos conversar tranquilamente

Todas disseram que sim, riram-se e fez-se silêncio

Para começar, já que parece que está tudo com vergonha, não é?

Risos

Vou retomar a conversa que tivemos à pouco no carro, eu a Maria e a Alice. Vínhamos conversando sobre o quotidiano das instituições, que não estava fácil, sentiam-se cansadas e a Maria comentava: “Meu deus está difícil, principalmente nas questões dos horários”.

Maria – Pois...neste momento é assim, eu estou num privado e nos não somos substituídas quando nos ausentamos por algum motivo e neste momento temos uma colega que se magoou, torceu um pé e foi para o seguro e nós não sabíamos se era uma semana, se eram duas, se eram três... já lá vão três e ainda vai ser a próxima. Não sabemos se fica por ai, se vai continuar ou não. Tudo isto implicou que a equipa teve que se unir, unir esforços para completar o horário que era feito por quatro e que está a ser feito por três neste momento, o que quer dizer que eu neste momento como educadora estou a ter um horário do género, 9:30 com uma hora de almoço e saio às sete da tarde.

Maria, penso que vem confirmar e realçar um aspeto que tinha focado no texto que vos distribui, que corresponde à análise e interpretação da informação que já tinha recolhido, que se prende com a dificuldade em substituir as faltas das colegas e como

esse facto se relaciona com o desgaste físico e psíquico que tem vindo a sentir ao longo da sua carreira.

Maria - Trabalho oito horas no direto, não tenho horas não letivas, aproveitamos para fazer documentos, para escrever algum documento que seja necessário, algum registo... lá está nas horas de dormitório, que às vezes dá, outras vezes não, depende e só assim se consegue, ou levamos para casa para fazer à noite, depois das oito horas de trabalho que temos aqui com as crianças, ou então fazemos nos fins-de-semana, sempre a tirar tempo às nossas famílias.

Cada vez mais porque nós temos tudo a nosso cargo, é a segurança social que nos dá as instruções as indicações, portanto o projeto da Qualidade e continuamos a ter de fazer aqueles relatórios trimestrais, aquelas grelhas, PID, aquelas coisas de iniciação, as fichas de acolhimento inicial, diário e semanal, pronto tudo isso... Com este sistema aumentou o volume do nosso trabalho. Temos os relatórios mensais nos caderninhos das crianças, isso já é uma exigência por parte da direção, entre outras coisas e lá está, levamos sempre muito trabalho para casa. O comentário perentório da nossa diretora é que diz não são as únicas porque cada vez mais as colegas que estão no público também fazem a mesma queixa que de facto ao nível do ensino foi esta diferença que se verificou e com o evoluir dos tempos foi isso que aconteceu e também elas levam muita coisa para casa. Continuam, Diretora e Coordenadora, a exigir-nos prazos de entrega de documentos escritos como resumos mensais para colocar no portefólio de cada criança, com descrição de pormenores em relação aos desenvolvimentos de cada criança, relatório trimestral para a Segurança Social, entrega de PID, os ditos relatórios individuais de desenvolvimento, duas vezes por ano para os pais. Tudo isto sem horário não letivo... claro que tem que ficar muito trabalho para casa, é praticamente tudo.

Sara e Tina, sei que tal situação não se verifica na vossa instituição, mas querem comentar?

Sara - Nós não temos, felizmente, uma situação destas. Nós nesse aspeto somos privilegiadas porque temos uma equipa alargada digamos, nós temos uma educadora em cada uma das salas de creche não é, assim como no jardim de infância e temos duas auxiliares o que acontece aqui, portanto isto é muito bom, o que acontece no nosso caso é que também surgem muitas questões ao nível das faltas ou doenças ou colegas que se magoam e isto nas diferentes salas. O que é que acontece, vai mexer sempre na dinâmica de qualquer uma das salas, porque depois, tem de ser uma colega, por exemplo, da minha sala para ir ajudar na sala do lado porque a outra colega fica...

Tina - Porque está estruturado de uma forma e depois tem de se dar a volta à situação.

Sara - Temos que nos estar sempre ali a articular um bocadinho para poder apoiar.

Mas quando tal acontece, traz implicações para a qualidade do vosso trabalho, pois a Tina referiu, na entrevista anterior ou nas conversas informais, já não me recordo, que quando à ausências de colegas, esse facto traz implicações no aumento de horas de trabalho com o grupo de crianças e ficam com menos disponibilidade para o trabalho de equipa, para a partilha... A Tina dizia que não conseguiam...

Tina – Registrar, planear, planificar, avaliar e que... depois não conseguimos.

Portanto, esse é um dos aspetos em que se reveem no texto?

Todas – Sim. Sim...

Então e há outros aspetos que querem explicitar/reforçar? Há algum aspeto em que já não se reveem?

Sara - É assim, eu ao ler o texto eu revi-me perfeitamente em tudo, até porque gostei muito de ler, mesmo muito, foi o recordar... é a minha prática que está ali., sou eu mesma. No entanto, houve algumas alterações, nós tivemos uma reestruturação em termos de equipa, ou seja, não havia... não havia rotatividade dos educadores de infância de creche e, neste momento já fazem isso. O que é que aconteceu, nós eramos uma equipa muito coesa, trabalhávamos há catorze anos com uma identidade muito solidificada, portanto trabalhávamos como equipa, apesar de ter saído só a Tina da equipa, na minha perspetiva, foi o bastante para que do ponto de vista da dinâmica se perdesse um bocadinho, principalmente nos momentos de partilha, de construção conjunta, tudo era pensado em conjunto, falávamos... como eu disse na outra entrevista, era tudo na base do informal, mas funcionávamos, crescíamos em conjunto e agora... É a minha perspetiva, porque a colega que foi para creche também já estava há uma série de anos no jardim de infância portanto, apropriar-se da entidade da creche, das características, que eu defendo que são específicas, que são diferentes, levou o seu tempo não é? E isso também, em relação a mim, me levou um bocadinho a um desgaste, desde que a equipa mudou. Não que eu tivesse um papel fundamental no apoio à equipa que veio de novo mas perdi as minhas referências, os apoios... perdi as minhas referências, os apoios... e sinto que estou estagnada, que não cresço, que não desenvolvo... Valorizo muito o aprender com o Outro e isso agora... parece que já não existe.

Tina - O conforto que já existia desses anos todos e deixou de...

Sara - O conforto que já existia, exatamente, é aquela questão das mudanças que acaba sempre por abalar um bocadinho essa estrutura.

Porque esta era uma equipa de referência, como está mencionado no texto, era a equipa que sustentava o crescimento profissional, muitos dos saberes foram construídos na equipa...

Sara - E depois, deixa-me dizer-te uma coisa Isabel, que isto foi significativo para mim também na diferença em relação há realidade de hoje. Nós funcionávamos de uma determinada maneira e a partir da altura que começámos a trabalhar na questão do sistema Gestão de Qualidade, portanto e andamos aqui há uns anos a experimentar as coisas, e isto de alguma forma descambou... O investimento da nossa parte ultimamente tem sido muito maior, porque nós, de certa forma, enquanto nos pudemos desviar, fomos fazendo à nossa maneira... mas depois as exigências foram sendo cada vez maiores, e tivemos mesmo que nos debruçar sobre o manual e... não tem sido fácil. Nos estávamos a trabalhar digamos assim muito sérias, a ver se eu me consigo explicar, tínhamos um modelo, tínhamos uma forma de trabalhar e de nos entendermos..., já sabíamos com o que é que contávamos, estávamos num campo seguro e agora vem esta coisa então é uma coisa nova e nessa altura ainda a Tina estava comigo e está a R que ainda está hoje a trabalhar nas grelhas porque não queríamos adotar o Manual da Qualidade, portanto fomos contruir aqui umas coisas novas por exemplo nós trabalhávamos, e ainda continuamos a trabalhar ainda nos identificamos com o modelo da abordagem High/Scope e então é assim, vamos agarrar naquelas grelhas de manual; se nós já trabalhamos com a abordagem então porque não criar aqui um modelo que tem os princípios da abordagem High/Scope? Então tivemos a trabalhar nisso tudo, mas depois aquilo é muita coisa, e depois arranjar grupos, é muito trabalho e ainda hoje nós andamos às aranhas, a fazer e a desfazer, a fazer e a desfazer, portanto, e isto lá está... traz-nos

uma grande ansiedade, um grande desgaste, sinto-me completamente desgastada, aparece o desgaste, principalmente quando já não nos identificamos tanto com a equipa

Maria - Como eu a compreendo.

Sara - Exige um grupo mais coeso, coisa que agora nos falta e era agora que mais precisávamos, estamos a enfrentar uma grande dificuldade que é a implementação do Sistema de Gestão da Qualidade e nós aqui sempre funcionamos em conjunto e sempre que tínhamos que fazer algo, fazíamos em grupo, todas sentíamos que era mais fácil. Estamos todas agora ali é quase como se estivéssemos todas em formação novamente

E isso não é bom? Não sentem que continuam a crescer em conjunto?

Sara – Seria bom se a equipa fosse a mesma, como eu disse já nos entendíamos, agora é um pouco diferente, há menos coesão e isso reflete-se em tudo, mesmo a nível pessoal, venho com menos vontade, eu que era uma pessoa que estava sempre com vontade de fazer coisas novas, agora não é bem assim. O crescimento já não se dá de igual forma, é como se estivéssemos em formação como disse, mas somos obrigadas, temos que fazer aquilo e, claro que isso, nos desmotiva, não sinto vontade de fazer... Depois isso traduz-se também no trabalho com as crianças, acabamos por entrar na rotina, não tenho energia para as tais coisas novas, as tais coisas criativas que estava sempre a fazer, sempre a pensar como fazer diferente. A equipa é mesmo muito importante... já estou por tudo, vamos ver o que acontece, vamos ver para onde me mandam...

A Sara está na eminência de sair da creche?

Sara - Pronto, eu neste momento não sei, não depende de... Se for pelas últimas indicações que tivemos em reuniões anteriores e aquilo que foi falado é que, efetivamente, os educadores mudariam e na altura eu sugeri que por exemplo o educador em creche nunca fizesse menos de um ciclo de seis anos, porquê... porque um educador que comece numa sala de primeiro berçário, faz um ciclo de dois, três anos é acaba por ser só um primeiro contacto que tem com a realidade de creches e para mim faz mais sentido se a pessoa voltar a uma sala de primeiro berçário, voltar a uma sala de um dois anos para consolidar também um bocadinho os seu saberes, as suas experiências. Neste momento, eu estou na sala dos dois, três anos, portanto não sei o que me vai acontecer.

Pois lá vai a Sara “subir para jardim de infância”, como referiu na outra entrevista...

Sara - Subir porque o jardim de infância está no primeiro piso, nós creche estamos cá em baixo, o jardim de infância é no primeiro piso, e depois tem a ver precisamente com a subida de escalões, bem é mesmo subir em tudo. Eu não sei, eu não sei, tenho mais ou menos uma noção, eu não sou muito conhecedora das questões legais nem de contratos, sou sincera, falem-me de tudo o que tem a ver com pedagogia, nas questões legais não.

Penso que a Alice se deparou com uma situação idêntica. Quer explicitar Alice?

Alice - Eu fui para a creche e o que estava pensado as pessoas ficarem na creche eram três anos. Nós não temos salas divididas por idade, funcionamos em espaço aberto. Fui pedindo para ficar, porque me apaixonei por creche, pedi para ficar e fiquei quatro anos, pedi para ficar e fiquei cinco e, no quinto ano, fui logo avisada que era o último ano porque o meu vencimento não permitia continuar a exercer funções em creche e tinha de vir para o jardim de infância, porque o pré-escolar é que é financiado pelo ministério e o meu vencimento estava a ser um peso para a instituição. Já tenho muito tempo de serviço,

sou uma das educadoras mais antigas da casa, eu estava no penúltimo escalão na altura, atualmente estou no último escalão e isso faria com que a instituição tivesse grandes encargos. A segurança social não comparticipa, logo a creche não recebe qualquer tipo de subsídio, quem comparticipa é o Ministério da Educação, o Ministério da Segurança Social não atribui subsídio nenhum e vejam bem, as educadoras com mais anos de serviço, como é o meu caso, acabam por dar prejuízo, não é? Se a creche não é subsidiada e se eu ganho mais, sou uma pessoa que, no entendimento da direção, não interessa estar na creche, tem que ir para o jardim de infancia, pois aí já há subsídio, pertence ao Ministério da Educação e já me podem pagar mais. Claro que eu perguntei: “Então quer dizer, a partir de agora encostasse à creche todas as pessoas acabadinhas de formar, já não podemos ter pessoal com mais anos?” E aí responderam-me: “Tem de ser sempre com pessoas com vencimentos mais baixos”. Portanto a aposta em profissionais de qualidade deixa de existir e passa-se a colocar profissionais que ganhem o menos possível, sem experiência nenhuma, acabadinhas de formar, inexperientes... Esse foi um dos critérios pelo qual eu tive, de facto, de sair da creche e ir trabalhar para o jardim de infancia... É lamentável porque eu continuo a dizer que a minha experiencia de cinco anos em creche foi muito boa, aprendi imenso até porque tinha feito o complemento com especialização em primeira infância e não tinha estado em primeira infância. Foi uma descoberta e acho que o texto..., quando li o que a Isabel escreveu com base em todas as nossas conversas, as entrevistas...eu reví-me imenso naquilo que li porque eu acho que esgravatei tudo e mais alguma coisa. Senti-me muito bem ao ler o texto, todos aqueles pormenores, foi tudo muito bem captado. Sinto a minha autoestima aumentar, sinto-me valorizada enquanto pessoa e também enquanto profissional. Foi muito bom, gostei muito! Meu Deus o que é isto... não é onde não há uma sala onde somos seis duas educadores quatro auxiliares, mas que foi giríssimo, principalmente construir a minha identidade enquanto educadora. Porque há muito aquele lado das auxiliares mais antigas que dizem: “Elas estudaram, mas não percebem nada disto, nós é que sabemos, nós é que andamos cá há muito tempo” e deparando-me muitas vezes com esta afirmação, eu fui muito teimosa nisso, mas muito teimosa, se calhar um bocadinho demais, mas foi uma guerra que eu abri comigo mesmo, não fiz guerra com as colegas. Procurei mostrar o nosso valor e porque é que é necessário um educador em creche. Nós enquanto educadoras temos que saber mostrar a diferença entre educadoras e auxiliares, mesmo a fazer as mesmas coisas, sim fazemos, mas de forma diferente. No dia a dia eu tinha que mostrar que era diferente a minha forma de fazer e, para mostrar, eu também tinha de o saber fazer de forma diferente. Tive que arranhar muito, ler muito, chateei muito a Isabel, é verdade, mas foi uma construção muito gira e, principalmente, acho que cresci como pessoa. Entristece um bocadinho perceber que, sim senhor foi um grande reconhecimento a nível da direção do trabalho que foi feito, mas depois isso não é válido para se manter os educadores no contexto... tive que sair e acabam por ir para lá pessoas que nem sempre são boas profissionais, mas porque ganham menos e isso é bom para a instituição. Considero que a creche é o cartão-de-visita para as famílias, portanto é o primeiro contacto e se a coisa for muito boa, se tudo correr bem, as crianças vão continuar e irão frequentar o jardim de infancia, se ... bem se não houver um serviço de qualidade é lógico que as famílias abandonam a instituição.

Sara - Há uma continuidade.

Alice - Há uma continuidade, se chegarmos à creche eu tiver um filho pequenino e não gosto do serviço, eu não vou arriscar mais, não é? Portanto há aqui uma controvérsia quer dizer... as direções não pensam ainda muito nesse aspeto que é importante, que é importante ter bons profissionais em creche, eu acho que em creche e hoje que eu tenho

trinta e quatro anos de casa, eu continuo a acreditar que em creche eu tinha de ser melhor ainda do que em jardim de infância...

Porque?

Alice - Porque em creche é diferente, há que saber ler, perceber aquilo que não é dito, que não é falado, que não é entendido aos olhos de muita gente. Porque tem que haver uma sensibilidade e uma leitura de comportamentos não-verbais, de afetos com a equipa, com as crianças, com as famílias, onde nós temos de ter um saber muito mais apurado e uma sensibilidade para percebermos o que não conseguimos ler. É mais cansativo? Sim, muito mais, mas traz-nos outras compensações, o trabalho de creche preenche-nos mais, estamos sempre de corpo inteiro, com todos os sentidos muito à flor da pele, é como eu tinha dito na outra entrevista, é tornar visível o invisível, pois muitas das atividades que as crianças realizam não se traduzem em produtos.

Sara - Ler uma expressão, um sorriso...

Alice - O que a criança não nos diz, o que as famílias não nos dizem ou o que a equipa não nos diz, nós temos de estar como já disse, com todos os sentidos muito à flor da pele porque é assim, são situações em que nós somos... em que conseguimos construir um trabalho com qualidade, porque não é a trabalhar com eu digo: “Aí eu agora quero mostrar que sou boa educadora”. Não é isso, é que todos temos que nos abrimos uns aos outros e é muito importante essa abertura, portanto eu acho que como pessoa, a capacidade tinha que ser maior do que no jardim de infância, porque no jardim de infância há muita forma de a gente ler competências dos profissionais e as pessoas chegam ao jardim de infância e facilmente dizem que ela é educadora e que ela não é, em creche não é assim. Em creche há sobreposição de papéis, na creche todas fazemos o mesmo, não é? Mudamos fraldas, damos de comer... e os pais, muitas vezes, não percebem a diferença, não nos reconhecem como docentes, para eles todas fazemos o mesmo. Penso que cabe a nós Educadores darmos a conhecer a nossa função, temos um papel muito importante que é demonstrar a importância e a necessidade de estar um educador na creche. Em creche todas podemos ser iguais ou não, e daí que eu acho que é essa a grande luta que os educadores têm de fazer e não é achar que são os outros que tem de os valorizar... como eu achei de início e depois aprendi, não eu não posso esperar que os outros me valorizem, se eu não dou valor ao que faço, se eu não trabalho para que o meu trabalho tenha esse valor e foi quando me confrontava, porque naquela instituição nós temos de trabalhar sempre com outra educadora, e nesse caso, quando foi de facto esta entrevista eu trabalhava com uma educadora que achava ridículo mudar fraldas, ela dizia: “Aí que vergonha, agora estou a mudar fraldas, vejam bem, ao que eu cheguei”. É que ela achava que o papel dela era desvalorizado, socialmente, pela família, ela às vezes referia que a família dizia: “Então andaste a estudar tantos anos para isto”. Aquilo irritou-me de tal maneira que eu acho que ainda mais eu tentei... ainda mais eu investi, eu lia, lia, pesquisava, procurava e aprendi muito, e conseguia mesmo fazer as mesmas coisas de forma diferente, lá está intencionalizava, cuidava, pois cuidava, mas ao mesmo tempo educava, sabia muito bem porque fazia aquilo e daquela maneira e não de outra.

Sara - Deu mais força...

Alice - É, é, é ... deu me mais força para tudo. Eu dizia para mim: “Então mas o que é isto, se eu tenho de mostrar à equipa e às auxiliares que muitas vezes por estarem há muitos anos acham que sabem tudo e quem são elas que só porque estudaram vêm cá nos ensinar, como se não chegasse ainda tenho uma colega com a qual também tenho que ter este trabalho”. Quer dizer foi ali um... e foi engraçado que eu no texto, neste texto escrito

pela Isabel, eu consegui ver aquele turbilhão todo, que eu acho que me apanho, eu acho que a Isabel me apanhou mesmo naquela altura em que eu andava ali... a tentar... por tudo, como eu digo, bem clarinho, que se percebesse tudo. Porque, vejamos... tantas especificidades que temos na nossa intervenção, e depois tudo se repete, estamos na presença de tantas rotinas que se repetem a todo o momento e que nem sempre são compreendidas e valorizadas por muitos elementos da nossa sociedade e, como acabei de referir, até pelos elementos da própria equipa

Sara - Aqui a nossa realidade é um bocadinho... tem esta questão da diferença salarial, mas é um bocadinho diferente porque...

Alice - Mas nós não tínhamos diferença salarial, nós na creche ganhamos o mesmo.

Sara - Pronto, mas neste não pode se manter...

Alice - Pois, mas se eu continuasse tinham de me pagar...

Sara - Pronto, mas nós aqui não, nós aqui temos uma tabela, que é a tabela correspondente à creche, contrato coletivo de trabalho, portanto era a tabela que é a tabela da creche e depois há a tabela que é a tabela de jardim de infância. Neste momento, estou no topo da tabela da creche, mas se eu tiver em jardim de infância..., eu sinceramente não sei, se eu tivesse cá há alguns anos eu estava... bem não sei, como já disse eu nestas coisas... tudo me passa ao lado

A Tina fez aqui a passagem da creche para o jardim de infância, ganha o mesmo?

Tina - Ganho o mesmo.

Tina está muito caladinha, tem participado muito pouco na conversa, diga-me revê-se no que está escrito no texto?

Tina - Revejo-me

Quer salientar algum assunto? Também pode acrescentar...

Tina - Sim, revejo-me muito em tudo, nos princípios que abordamos, naquilo que acredito e pronto... Como foi aqui já referido trabalhei catorze anos em creche, antes de fazer esta mudança e revejo-me em tudo o que escreveu e também naquilo que foi dito até agora, com muita, muita saudade...

(Tina começou a chorar...)

Maria- Tocou na ferida.

Tina, então que é isso? Está emocionada...

Tina - Estou muito emocionada, por isso é que eu estava caladinha...

Maria - A creche tem este efeito, sem dúvida

Tina - O trabalho de creche é muito de nós, é muito afetivo, é uma entrega muito grande, não quer dizer que no jardim de infância também não seja, também o é, pelo menos, falando por mim, também damos muito de nós, com outras exigências, com outras condicionantes também e exigências das famílias, exigências de parcerias, de muito trabalho em equipa, exigências a nível do ministério, daquilo que nós temos que concretizar. Não é um trabalho fácil, mas é um trabalho muito compensador em termos de relação, de afetos... deixa muita saudade, muita, muita saudade...

Tina – Marca-me muito, quer dizer, catorze anos, e foi o principio da minha identidade... porque o estágio que eu fiz antes de iniciar o meu percurso profissional... peço desculpa por estar emocionada, não tem...

(Risos por parte de todas)

Alice - Isto é da creche, nós percebemos.

Tina - Mas pronto, não consigo falar disto sem me emocionar e pensar no percurso que já fiz. Portanto, ao iniciar o meu percurso profissional, eu tinha como antecedente um estágio muito rico em creche e que me apaixonou completamente, como a colega estava a dizer, por esta valência desde o início e depois, tendo oportunidade de iniciar o meu percurso profissional em creche e estar durante catorze a trabalhar em creche fez-me manter um vínculo muito forte com esta valência. e o meu crescimento enquanto educadora foi feito numa base de trabalho em equipa, com muito diálogo, muitos momentos informais de troca com toda as pessoas à minha volta... com as colegas, com a coordenação, com as crianças com as famílias.... Sinto é que, para que isso aconteça, tem que haver um tempo para que se estabeleça uma relação de confiança, só assim é que se consegue o tal conforto que falei e estarmos à vontade para partilhar e tirarmos partido de tudo e melhorarmos o trabalho que fazemos. Mas tenho que reforçar que esta valência, esta valência de creche ... o meu crescimento enquanto educadora foi todo feito nesta base de trabalho em equipa, mas em creche, do trabalho dos afetos, das... o trabalho de estar com os meninos no chão, de descobrir as primeiras coisas com eles, do primeiro berçário e acompanhando, as primeiras palavrinhas, pronto tudo aquilo para mim é uma riqueza, um crescimento, não só como profissional, mas também como pessoa, tornar-me mais humana e tudo isso fazia-me vir trabalhar com uma satisfação enorme. E pronto, também venho agora no jardim de infancia, mas, como eu disse há pouco, com desafios e com exigências diferentes, também com, como é que posso fazer... não é o reconhecimento diferente da minha parte, não, não é! Mas em termos das crianças em si, dos grupos que nós vamos tendo, vamos tendo outro tipo também de feedback do nosso trabalho, daquilo que fazemos, como é que isso influencia os comportamentos dos meninos, como é que nós nos revemos nos grupos que nós temos. É um trabalho mais visível, mais produtos...

Sente que o seu trabalho é mais reconhecido?

Tina - O reconhecimento do trabalho em jardim de infância é um bocadinho diferente, diria talvez maior, exatamente pelas questões das exigências que são feitas ao trabalho de jardim de infancia, que muitas vezes não são feitas ao trabalho de creche. Por causas destas questões que a colega levantou, porque ninguém ou muito poucas pessoas consideram necessário esse trabalho todo, não é? “Para quê tirar um curso só para mudar as fraudas?” como dizia há pouco a colega ou para tomar conta de meninos. E é, efetivamente, importante que o trabalho de educador seja definido e tem de ser mostrado o valor desse trabalho, não é? E em jardim de infância...

Sara - É disto que eu tenho um bocado de receio quando tiver que ir para o jardim de infância, é que esta exigência, eu percebo quando a Tina me fala nesta exigência e que está a falar nesta visibilidade que eu acho que tem muito a ver com a parte já muito próxima da escolarização, dos trabalhos que são feitos e que são expostos e que... e da questão dos conteúdos muito bem trabalhados para um futuro sucesso escolar e aqui as famílias e o... eu penso... não estou lá, mas penso, às vezes passa um bocadinho por aqui, portanto, já se percebe que há a preocupação do pré-escolar, pronto... É tudo muito antecipado e o meu receio na mudança é isto, é como é que eu me vou rever neste

contexto? Como é que eu vou... vou ter que ter aqui um trabalho muito grande no dia em que isto aconteça que é, aquele brincar espontâneo em que eu estou sentada com eles e se estou ali a perceber se estou a trabalhar conteúdos matemáticos ou se estou a trabalhar conteúdos...

E acham que tudo isso é exigido? Por quem? Pela direção, pelos pais, pelas famílias?

Sara - De uma forma geral por todos Isabel.

Por todos?!

Tina - De uma forma geral por todos, até pelos pares.

Alice - Eu quando voltei ao jardim de infância a pressão que eu tive foi dos pares. Eu pensei que quando tive cinco anos em creche e na altura sabia que ia descer e para mim, isto para mim é sempre qualquer coisa que eu penso, é bom afastar, eu agora tenho tantos anos de jardim de infância, agora chego lá e vai ser assim... aquelas expectativas que nós criamos, agora vou ser diferente do que era há cinco anos atrás porque a creche, isto pode parecer estranho, mas, como pessoa, ajudou-me imenso, eu acho que construí identidade pessoal e profissional, a creche ajudou-me muito. Portanto neste arranhar todo, nessa luta que eu já referi, eu ganhei muito, ganhei como pessoa, ganhei porque sou mais calma, enfrento as situações de forma mais tranquila, não ferve em pouca água, ganhei... é verdade, porque isto tem muito a ver com os temperamentos. Eu achava que não tinha perfil para trabalhar em creche, eu era uma pessoa tão mexida, tão ativa, tão isto, tão aquilo, e que jamais me identificava. A creche de facto veio-me ajudar, nós conseguimos também ter esse lado e descobrimos isso dentro de nós e é tão bom, é tão agradável e é tão bom conseguirmos intervir, agir, estar, mas sem stress, a pensa que amanhã é Natal e Carnaval e Dia do Pai e da Mãe e que eu tenho de ter trabalhos académicos feitos...

Como dizia a Sara, valorizar o brincar...

Alice - Aquele lado lúdico é o que nos enriquece.

Tina - Exatamente, lado lúdico enriquece-nos. É o aproveitar momentos que as crianças nos proporcionam, na creche é isso mesmo, vamos aproveitando todos os momentos para proporcionar aprendizagem, de forma tranquila, a brincar... É que nós, com as ditas exigências no jardim de infância temos que fazer isto, temos de fazer aquilo, temos de fazer o outro... deixamos passar os momentos mais importantes, a espontaneidade das crianças e isso é tão importante e na creche o educador sabe, consegue aproveitar. Sabe onde é que eu noto muito isso? Nós há muitos anos, recebemos duas estagiárias, todos os anos recebemos uma, duas estagiárias na sua formação. As alunas quando chegam há sala e quando começam a fazer as primeiras observações e depois querem começar a experimentar não é? E depois questionam assim: "Tina, eu queria começar a fazer umas atividadezinhas, o que é que achas que eu posso fazer?" E eu digo; "Não sei, tu é que sabes. Pensa, vê, pesquisa e tenta definir algumas coisas que queiras experimentar, que queiras fazer". Elas planificam, orientam-se, trazem propostas, experimentam, avaliamos a seguir, tudo muito bem, na altura em que eu não tenho planificação e não tenho nem planificação para a área dos jogos, nem para a área das artes, nem para a área... para nenhuma área e que elas ficam meio desorientadas, a esfregar as mãos e não sabem o que fazer e depois nós conversamos sobre isso. Dizem: "Aí eu senti-me tão perdida" e eu perguntava: "Porquê? Olha os meninos estavam a fazer tanta coisa, olha os meninos estavam na área dos jogos a fazer isto assim e assim, precisavam de um apoio naquele jogo que é um bocadinho complicado mas que o adulto se tiver lá, eles conseguem até fazer o jogo completo, não desistem porque a criança se tiver perante o desafio, se não

tiver às vezes ali uma ajudinha desiste, guarda aquele, vai buscar outro, na área das construções estava uma construção espetacular, olha fizeram uma coisa incrível reparaste?” E elas respondem: “Aí não, não reparei”. E eu continuava: “Na área da casinha, a gente pode interagir, fazer parte da brincadeira, envolver-nos na brincadeira das crianças, quer dizer... na área da biblioteca, podemos estar a contar a história, podemos estar a ouvir a história que a criança está a contar”. Estamos sempre a fazer observação, estamos sempre a observar a criança, a desafia-la a novas competências, nós não precisamos de estar agarrados a uma planificação para que as coisas aconteçam e isto muitas vezes é difícil para nós fazermos passar aos outros, quer... neste caso estou a falar do exemplo das alunas, mas posso estar a falar dos pais, posso estar a falar de colegas, posso estar a falar... enfim, de uma direção, a quem nós temos que... às vezes, não é o nosso caso, nesse nosso caso nós temos essa facilidade...

Sara - A direção não intervêm muito nas questões pedagógicas, da prática.

Tina - No jardim de infancia é diferente, está sempre presente a preocupação do pré-escolar e mesmo em termos das famílias, no jardim de infância exigem-nos e perguntam “Aí o meu filho ainda não consegue fazer o nome? O meu filho ainda não consegue dizer qual é aquela letra? Não consegue ver aquele número?”

Sara - O outro menino já consegue, o primo ou o irmão que com esta idade já fazia; comparação...

Tina - E nós estamos no jardim de infância, e na creche não temos estas questões, temos outras, questionam-nos outras coisas, mais em termos se calhar de afetos...

Sara - Mais dos cuidados, mas também mais das aprendizagens, que há muito aquela questão de, não era suposto, ele já deveria dizer umas palavras, ainda não diz nada ou pronto e nós tentamos desconstruir estas ideias não é, mas é diferente.

Maria - “Porque é que no placar está ali aquele boneco? O meu filho não veio neste dia? Porque é que o meu filho não fez e aquele menino fez? E porque é que...”

Sara - Essa é outra questão, exatamente, exatamente. E nós conseguimos...

Maria - Vamos fazer um esforço para ele chegar mais cedo e a mãe diz: “Mas este é o momento que eu tenho com o meu filho, porque eu estou a fazer tudo, mas eu saio muito tarde do trabalho e só tenho este bocadinho de manhã para estar com o meu filho” e nós ficamos sem resposta.

Tina - Exatamente, exatamente

Alice – As famílias estão sempre a referir que cada vez necessitam de trabalhar mais horas, que necessitam de se dedicarem mais ao trabalho e claro que isso depois acaba por se refletir no fraco envolvimento aqui connosco porque regressam muito cansados e sem disposição para nada.

Maria - Sim, sim.

Alice – Quero ainda referir que no jardim de infância as pessoas acham sempre que têm as ditas metas, temos de fazer isto e isto e isto, que tudo é assim e o brincar e o observar a brincadeira natural e espontânea e de iniciativa própria da criança passa ao lado, não é valorizado... a pessoa sente-se perdida porquê? Não programou nada para fazer, não definiu nada, que é essa a característica da creche, sabermos construir a partir do que observamos e do que sabemos e conhecemos sobre a criança, daí sabermos sempre o que

vamos fazer porque a criança nos ajuda a saber o que vamos fazer também. Não é que o jardim de infância não nos dê isso, só que as pessoas já não estão programadas dessa maneira, não valorizam o momento e na creche o momento, a espontaneidade é, ou deve ser, muito valorizada. Na creche damos uma atenção particular a cada criança, há mais espaço e tempo para cada criança, mais relação, mais afeto... no jardim de infância é muito difícil fazer isso, portanto dar atenção a cada criança, É tudo realizado mais em grande grupo ou pequenos grupos; são muitas crianças e talvez seja a questão do corpo, não há tanto contacto físico, a relação é outra, não é tão próxima... mesmo com as famílias, a relação também não é tão próxima, precisamos mesmo de estar em sintonia, são as famílias que nos dão a informação que precisamos para agir com cada criança, elas não falam, então temos mesmo que nos relacionar no dia a dia, quer quando chegam, logo pela manhã, quer quando regressam, pois quando chegam é a família que fala, quando regressam somos nós, foi connosco que a criança passou o dia.

Tina - Exatamente.

Alice - No jardim de infância os educadores, e por isso é que eu acho que foi muito importante e se calhar para si também sair da creche para o jardim de infância e não do jardim de infância para a creche. Há uma diferença, eu quando sai do jardim de infância para a creche, cheguei lá e também senti isso; “Aí agora, tantos anos no jardim de infância”, quando vim para o jardim de infância acho que vim muito mais serena e vim a desvalorizar e tentar combater também isso dos bonecos todos iguais, dos não sei quê tudo igual de... porque acho que a creche nos ajuda, essencialmente isto, a conhecer muito individualmente, a estar com cada um e chegamos ao jardim de infância e esse bichinho vai com a gente, eu sinto isso, não sei... não sei se é verdade se não. Eu sinto isso, sinto que eu não valorizo tanto o por no placar o não sei quantos bonecos, ou não sei quantas casinhas, ou não sei quantos...

Não valoriza tanto o produto, certo?

Tina - Exatamente.

Alice - Mesmo sabendo que a exigência dos pares é essa. Eu disse há bocado que sentia isso, que ouvia das colegas: “Então ainda não puseste aí nada?”, tanto que eu estive quinze dias de baixa, cheguei à sala e tinha os placares todos cheios de trabalhos de inverno. Parece-me que devem ter pensado: “Vamos aproveitar que ela está de baixa e vamos encher isto”. Quase como quem diz: “Ela trabalha pouco e é isto que demonstra trabalho” ou “Aí... vês trabalhamos muito”. Não pode ser! Esta forma de intervir está muito incorreta...

Sara - Sim, sim, sem dúvida porque efetivamente é aquilo que... Nós na creche não se passa isso, isso não é evidenciado. Eu costumo... aliás se visitarem a nossa creche, por acaso penso que tenho um trabalhito que fiz há pouco tempo, mas normalmente nos meus placares estão meia dúzia de trabalhos, experiências que foram realizadas há relativamente pouco tempo, normalmente um texto que pesquisei só de partilha para quem quiser ler, para quem passar, famílias, colegas e pouco mais e faço uma coisa que para mim se tornou importante nesta questão de partilhar aquilo que fazemos em creche, que é o registo fotográfico. Nós sabemos que é uma pequenina parte daquilo que aconteceu, não é? Mas aquela pequenina parte do acontecimento, sustentado com um pequeno texto vai pôr muitas vezes as pessoas a pensar: “Afinal aqui aconteceu alguma coisa”

Maria - Nós ainda temos uma coisa além disso, nós já fazíamos esse registo fotográfico, eu estou em creche há dez anos e já vimos a fazer esse registo talvez há já alguns oito

pelo menos, depois o que é que aconteceu este ano de novidade foi criarmos um grupo secreto no facebook para cada sala.

Sara - Nós também temos. Nós só este ano é que o fizemos.

Maria - Claro que tivemos de pedir permissão e tudo isso, desse grupo secreto faz parte, portanto a educadora da sala e a auxiliar, para além dos pais aderirem, a diretora a coordenadora, a terapeuta da fala e a psicóloga que têm acesso aos grupos todos, estes quatro elementos têm acesso aos grupos todos e depois cada educadora e cada auxiliar têm algo da sua sala. O que é que aí nós podemos colocar? Além das fotografias, uns pequenos videozinhos, umas partilhas de novidades e agora este fim de semana está frio, não podemos ir ao parque, não podemos então vamos lá fazer um bolo, ou fazer umas bolachinhas de aveia, uma receita que vimos numa revista, um artigo interessante vamos lá refletir sobre este artigo porque não? Depois no natal, e houve um espetáculo vamos lá levar as nossas crianças ao espetáculo porque é engraçado e vem uma avó que diz assim “Olhe eu sei costurar, sei bordar...”.

Maria, essa página é “alimentada” quando? Em que momentos do dia?

Maria - Quando nós quisermos.

Tina - Não, não, em casa.

É no tempo letivo?

Maria - É durante o tempo letivo, nós fotografamos, nós fazemos o vídeo e pelo telefone automaticamente enviamos.

Tina - É que eu fazia em casa...

Sara - Eu também fazia.

Maria - Mas o que é que nos obriga? A ter um telemóvel xpto.

Então e a direção... a instituição não fornece o telemóvel xpto?

Maria - A mim não me forneceu o telemóvel xpto. Eu ainda estou para o adquirir, ainda não o adquiri. Mas tenho o computador da instituição comigo, o portátil, que eu ligo e desligo quando eu quero e eu disse à Diretora: “Não, eu não tenho um telemóvel assim. Mas eu não vou deixar de fazer porque as outras colegas têm um telemóvel e eu não”. E então tenho o computador portátil da instituição sempre comigo, sempre na sala.

A Maria, aquando da recolha de toda a informação, apresentava como sendo um grande problema o não dominar as tecnologias e a direção exigia, exigia e exigia e referiu que levava para casa para fazer todo esse trabalho extra e que o realizava com muitas dificuldades, já ultrapassou esse obstáculo?

Maria - Já ultrapassei.

Muito bem.

Maria - Era um foço muito fundo, era um fosso de grandes inseguranças e fragilidades ao nível dos conhecimentos informáticos e neste momento essa insegurança e essa instabilidade está ultrapassada porque eu, com o meu esforço pessoal e com o meu empenhamento, as minhas horas não letivas lá está, tirei horas à minha família, muitas mesmo, continuo a tirar, mas investi porque eu estava a perceber que eu estava a ficar passada para trás por tudo e todos porque eu não tinha conhecimentos tecnológicos, eu

não tinha conhecimentos informáticos, eu não tinha... não fez parte da minha formação inicial, eu não fiz formação complementar, eu não me atualizei nesse sentido e estava a sentir isso e então eu disse; “Não, não vou baixar os braços, eu vou à luta” e foi assim que aconteceu. Somos confrontadas diariamente com situações muito difíceis, quer com as crianças, com as famílias, com a coordenação, a direção... e temos mesmo que contar com a colaboração da equipa que está à nossa volta e assim tem sido, com muito diálogo... Estive ausente durante 10 meses, estive de baixa e deu para refletir sobre a prática diária, as dinâmicas a aplicar, a intencionalidade na ação educativa e, sobretudo, sobre a minha forma de estar para que o excesso de fadiga não se volte a apoderar de mim. Estive bastante fatigada, foi complicado, eram muitas exigências e eu não estava a conseguir gerir tudo. Com esta pausa, rapidamente concluí que tinha que aprender a ser resiliente, a conseguir vencer os obstáculos, não ceder à pressão e conseguir rapidamente recompor-me. Esta tem sido a minha luta recente e estou a conseguir. Para isso tenho contado com a colaboração da equipa que mudou...mudou para muito melhor e tenho vindo a apoiar-me na equipa, em todos os seus elementos, nos seus conhecimentos, nas suas experiências e isso tem contribuído para me sentir mais confiante, a partilha tem contribuído para o meu crescimento. Tenho consciência que se não estivesse a ser tão apoiada pela equipa não conseguiria ultrapassar todo este desgaste. Foi um grande desgaste... desgaste físico, intelectual, emocional foi aumentando de dia para dia. Mas... neste momento estou satisfeita, no entanto ainda voltando ao aspeto da creche eu tenho uma situação diferente de todas vós, eu estou num privado e passei do jardim para a creche por motivos de saúde, por vontade própria e o que é que acontece, acharam que realmente o meu perfil é adequado ali. No entanto, eu ainda não fiz questão de mudar para a creche, mas talvez se o fizesse não me iriam deixar porque continuam a achar, isto por parte da direção, bem como da coordenação, que para ir para o jardim de infância há que ter mais conhecimentos e mais atualizados, mais renovados, tudo, tudo, tudo e eu como não fiz o complemento, não tenho licenciatura, sou menos qualificada logo... tenho que ficar na creche. Aqui já não é só a nível tecnológico, de tecnologias, é de tudo e mais alguma coisa que consideram que a Maria se calhar já não tem, já não consegue... pensam elas... porque a Maria até consegue, mas não sei se irei ter oportunidade desta mudança e estou com esse problema, e estou revoltada. Tenho outra luta neste momento: eu quero o meu tempo contado, como estou na creche o tempo não tem sido contado, vou exigir e vou bater o pé e vou tentar porque é assim que tem que ser. Mesmo que eu queira sair dali e concorrer, como a Isabel disse, este ano vai haver concursos eu não tenho hipóteses porque acabo por ter que concorrer com muito pouco tempo, todo este tempo na creche não está contado. É muito injusto... é uma desvalorização do nosso trabalho e lá está, para ir para o jardim de infância querem pessoas com mais conhecimentos, com tudo atualizado e então para creche não é preciso? É um trabalho menor? Bem... de qualquer modo tenho outra coisa aqui a acrescentar que é uma mudança também a meu favor, é que a diretora tirou o curso de educadora de infância há pouco tempo isso mudou muito, mudou muito, o leque foi assim aberto e a abertura do que se faz, da atitude, da forma como se vê, a sensibilidade é muito diferente também foi avó há pouco tempo o que lhe fez muito bem e foi muito bom, tem uma criança próxima, chegada que frequenta, é verdade e isso mexeu ali com muita, muita coisa e foi bom, foi muito bom para nós porque lá está aí já...

As exigências ao nível da produção diminuíram?

Tina – Sim, nesse aspeto mudou um bocadinho... O que era bonito é que era bom e procurava marcar a diferença por aí, portanto procurava transmitir para fora os trabalhos, muitos e tinham que ser bonitos... A diferença porque nós somos um privado e num

instante qualquer pai ou mãe por cinco euros passa para outra instituição o seu filho, se nós não primarmos pela diferença e quem faz essa diferença somos nós, mas atenção não é de qualquer maneira, tem de ser uma diferença visível e para que essa diferença seja visível vamos lá pôr nos placares, vamos lá fazer bonito, vamos lá mostrar que sabemos... era assim que tudo se passava, estávamos muito limitadas, muito mesmo, havia uma grande pressão e foi tudo isso que contribuiu para a minha grande fadiga... Presentemente está um pouquinho melhor, não deixa de ser necessário mostrar, tanto que o fazemos pelo facebook, mas não me sinto tão pressionada... Talvez se deva mais a mim, não sei... se calhar continua a exigência, mas talvez eu a sinta de outra forma...

De outra forma como, quer explicitar Maria?

Sinto que cada vez mais sou um elemento da equipa, o que não acontecia anteriormente, mas tem sido com o meu esforço. Neste momento sinto que sou um elemento do qual, as colegas mais próximas, tomam como exemplo, acerca de organização, tomada de decisões e dinamismo, o que não acontecia anteriormente. Tentei renovar-me enquanto estive de baixa e sinto que sou outra pessoa, porque eu acredito mesmo que podemos aprender muito com os outros, quer com as nossas colegas, quer com as famílias e também com as crianças, nós tanto damos como recebemos e claro, assim, estamos sempre a aprender e só pode ser assim porque temos que nos apoiar uns nos outros para enfrentarmos tantas mudanças, quer cá dentro, nas nossas instituições, quer lá fora, no mundo, que está sempre a mudar, sempre coisas novas a aparecer. Com as colegas procuro ter conversas de apoio, ânimo, motivação e entusiasmo. Essa tem sido a forma que encontrei para transmitir para as colegas que só assim podemos conseguir ser uma equipa. Percebo que esta foi a forma que encontrei também para a minha defesa pessoal e de facto resulta. Sinto que sou mais reconhecida. Mas a equipa de creche também está diferente, agora faz parte uma colega com mestrado, terminou recentemente e trouxe informação, conhecimentos e partilha connosco e tudo isso contribui para que todas cresçam, para que todas se sintam a desenvolver... A nossa coordenadora pedagógica também tem tido um papel importante para que tudo tenha vindo a evoluir de forma mais positiva. Procura estar atualizada e alerta as colegas mais antigas, como eu, para que estejam presentes em ações de formação e para que acompanhem o evoluir da nossa educação em Portugal.

Isabel ainda quero acrescentar mais uma coisinha, que é relativamente ao modelo High/Scope, que penso que já está um bocadinho para segundo plano, nós já não estamos a seguir com tanto rigor como era no início. Nós estamos a verificar de que é que me serve eu ter uma grelha para eu seguir quando eu sou contra completamente, como é que eu posso empenhar-me se não concordo com o que estou a fazer, não é? Quando não é isto que é pretendido e quando nós queremos fazer um portefólio que foi por a nossa autoria com que iniciamos este ano em creche e que eu estou a adorar e porquê? Porque queremos fazer a ponte com o jardim de infancia. Queremos iniciar isto tudo já desde o zero, que não é do zero, é a partir dos quatro meses, vá digamos. Queremos já começar neste início para quando chegar ao jardim de infancia, muito embora em outros moldes porque nunca existe a participação ativa das crianças, porque lá está a falta de comunicação oral, mas lá está a tal sensibilidade para nós captarmos um sorriso, uma atitude, um gesto, um choro diferente, um som... um som que sai, tudo isso e nós percebemos o que é que está ali latente, o que é que está ali por trás disso, o que é... vamos fotografar, vamos registar este momento, temos o nosso caderninho de registo, eu tenho esse caderninho de registos, eu faço os meus registos, lá está a abordagem High/Scope “Registar, analisar, refletir, avaliar” já dizia isso, mas lá está...

Maria, não percebi, está a dizer que anteriormente não era valorizado?

Maria – Não, era... era é noutra dinâmica Isabel, era noutra dinâmica. Eu agora vejo as coisas de outra forma e vejo que isso é muito mais importante e é assim não é registar qualquer coisa, não é chegar ali e hoje apetece-me registar, deixa cá ver olha aquele já rebola, já rebola, foi ao chichi, fez chichi... não... então... olha hoje não fez, não, não é isso! Lá está... é o tal aproveitamento do estar a brincar e vamos lá ver o que é que ele vai fazer, é aproveitar o momento e valorizá-lo. Anteriormente era mesmo só para mostrar, tinha que mostrar fosse o que fosse. A tal cena da casinha, nós podemos ensinar muitas coisas e todas nós sabemos isso não é? Há muitas coisas quando estão numa casinha a brincar e não, e não se expressão oralmente, eles já põem os pratos em fila, já os empilha, já os arrumam no sítio certo, nós temos os sítios etiquetados, eles já sabem com imagem, já sabem onde fico o quê, chega à hora de arrumar, é hora de arrumar eles já sabem arrumar ali são os bonecos, ali são os carrinhos, ali... porquê? Porque têm imagens, porque têm fotografia. Escolhem a área? Escolhem. Como? Com fotografia, temos a fotografia da área, esta é a área pronto queres ir brincar? Quero ir para esta. Mas porquê? Como é que nós sabemos que é aí, não foi ele que nos disse que quer ir para ali, não diz, não sabe falar. Aqui está a fotografia, estão aqui todas, qual é que queres, escolhe uma? Esta. Ora, todas estas pormenores, estas coisinhas que... só que isto leva o seu tempo e...

Sara - Nós não trabalhamos o modelo High/Scope na sua essência, tanto que quando fui ao Ser Bebê e fiz a comunicação, fiz questão de dizer que era uma abordagem da própria abordagem, portanto era uma adaptação da própria abordagem porque nós também, nomeadamente na questão das planificações... há sempre um momento em que estamos ali todos, todos aqueles que queremos estar não é porque se há uma criança que não quer estar a ouvir e quer estar ao canto da sala, está ao canto da sala, sendo que eu depois irei lá mais tarde ter com ela mas há aquele momento em que estamos, em que ouvimos a história, que cantamos, que... com os sinais que me vão dando vou percebendo se já estão no limite, se já estão cansados, se já chega ou se continuam ou se não. Quando vejo que já estão cansados, então vamos partir para outra e eles vão para onde querem, eles sabem depois é o meu acompanhamento e o acompanhamento das minhas colegas junto dos sítios onde eles estão e é aí que percebemos quais são os interesses e que descobertas é que eles estão a fazer.

Maria - Lá está é o que eu dizia, não tem de ser uma república das bananas, com certeza que eles também gostam de orientação e haverá momentos em que as sugestões de educadora também são muito boas

Sara - Exatamente, exatamente...

Maria - e são sustentadas e têm que existir porque se não também eles ficam um bocadinho perdidos a determinada altura porque não conseguem perceber... porque se nós deixamos tudo assim para eles descobrirem, fazerem e acontecerem. O problema é que lá está, chega a frustração muito rapidamente porque o tempo de concentração e atenção é abaixo de zero como eu costumo dizer. Penso que é tudo, não sei...

Gostava de voltar à relação com as famílias, há uma referencia nos dados recolhidos em que se reportam às famílias como “porta voz” das crianças, alguém quer reforçar esta ideia? Temos duas colegas que foram para o jardim de infância, até que ponto é que isto também se passa dessa forma, há diferenças? Ainda relativamente às famílias, também é feita a referência “Parecem que têm ciúmes de nós”, querem acrescentar, salientar...

Alice - É mais no contexto de creche.

Maria – Chamam-nos mamã.

Alice - Vá lá o ciúme, quando dizem o ciúme eu acho que fui eu que abordei esse assunto e quando, por exemplo, para a mãe ela gosta sem perceber, mas a mãe gosta que o filho ou a filha fique a chorar, penso que ela sente que é sinal do amor dele por si e se ele fica muito bem quem vai amuada é a mãe porque parece-me que fica a pensar: “Olha já me tirou ali o lugar”. Não é que ela não queira que o filho fique bem com a educadora mas ela, ao mesmo tempo quer que ela seja especial e só sente que é especial se ele chorar um bocadinho e é isso, ela vai triste porque ele chorou, mas vai feliz porque ele precisa de mim... Isto em creche é muito visível não sei se as colegas sentem o mesmo... mas...

Maria – É... é natural

Sara - Eu sempre senti, não é uma situação comum a todas as mães, mas pontualmente em creche isto é muito visível. Não sei se será o ciúme, mas será...até porque estamos lá, estamos lá, como nós que ficamos com eles... e as mães sentem, sentem... já me dividi, já fica tão bem consigo que eu nem..., mas este já fica tão bem consigo não é propriamente ainda bem, não é bem isso, é ali um misto de sentimentos. É como disse a colega, se por um lado é bom que fique bem connosco, por outro... bem ele já não chora? Então, como é? E ficam mesmo divididos...

Relativamente às famílias querem acrescentar mais alguma coisa?

Tina - Eu continuo a rever-me no que disse

Sara - Eu também, eu também...

Maria – Posso só reforçar que em relação às famílias principalmente os pais mais jovens referir a questão dos horários e do tempo útil que passam com os filhos ser muito pouco, cada vez têm menos tempo útil para estar com os filhos, vê-se cada vez mais eles transportarem os filhos para os avós, para um familiar mais próximo porque não têm tempo para eles, estão sempre a dizer que não têm tempo para se envolverem nos projetos da creche, as crianças muitas chegam muito cedo e vão para casa muito tarde. Temos crianças que logo ao abrir da creche já cá estão e regressam a casa quando encerramos. Muitas crianças estão aqui 12 horas e claro, os pais quando chegam vêm cansadíssimos, não têm mesmo tempo para conversar... não têm tempo para participar seja no que for. Lá está os horários de trabalho preenchem-nos e depois lá está como têm aqueles bocadinhos ou folga ou o tempo de turno para ficarem, alguns aproveitam para descansar e tempo com os filhos cada vez é menos. Tudo isso contribui para que os comportamentos das crianças... faz com elas sejam cada vez mais instáveis, eu sinto isso em creche os comportamentos um bocadinho mais instáveis porque não há aquela organização, agora vou para casa da avô, agora vou para casa da tia, agora vou para casa da mãe, agora vou para casa do pai. São as separações dos pais também muito, não há grupo nenhum que não tenha dois ou três pais um para cada lado, é a mãe para um lado, o pai para o outro ou famílias já reconstruídas, segundas famílias são os teus filhos, são os meus e são os nossos. e acabamos... nós, nós profissionais ficamos ali no meio... muitas vezes sem estratégias para conseguir comunicar... nunca sabemos se estão com o pai, se com a mãe, se com os avós e depois entre eles também não comunicam e, claro que essa situação sobra para nós, dificulta-nos imenso o trabalho. Muito disso acontece hoje em dia e contribui para esta instabilidade nas crianças e depois esperam de nós essa acalmia, a tal deem-me lá regras ao meu filho que ele em casa não as tem e eu não consigo. Nesse aspeto está muito complicado, vou dar um exemplo, tenho lá uma menina de um aninho, uma

menina de um aninho eu já não sei o que hei-de fazer, é birras a toda a hora, comigo é uma coisa...

Sara - Eu quando no outro dia falava um bocadinho contigo Isabel, quando falava sobre o cansaço entre outros aspetos, estou particularmente cansada, mas é todo um conjunto de coisas, mas também muito a ver com o cansaço deste trabalho constante também com as famílias que nos exigem diariamente uma resposta que muitas vezes eles próprios por N situações não a conseguem dar aos seus filhos e depois sobra para nós... não estou a culpabilizar a família, não é isso, mas por N razões, eles não conseguem...

Maria - Não conseguem, não são profissionais, nós é que temos o saber, nós é que temos de saber como agir, como transmitir e ensinar-lhes aos próprios pais o que vão fazer

Sara – pois, pois... e eu, eu, presentemente, sinto-me muito cansada, parece-me que estou sem capacidade para gerir tudo isso. Penso que é nestes aspetos que me falta a tal equipa, porque nós tínhamos o suporte umas das outras e tudo se tornava mais fácil, não sei... É que não é fácil... Parece que querem transferir para nós o que lhes compete, eles é que são os pais... e toda esta situação é muito desgastante... Temos mesmo que fazer um maior investimento para enfrentar a tarefa cada vez mais difícil de trabalhar com as famílias.

Alice - Exatamente e depois... que depois às tantas as coisas misturam-se com que direito é que eu estou a interferir, não me posso substituir, não devo, isso compete aos pais...

Tina - A interferir... porque há uma linha que separa. Porque nós, eu pelo menos sinto e sentia quando estava em creche e sinto também em jardim de infancia esta barreira que mesmo havendo uma proximidade grande com a família porque, efetivamente...

Maria - Sim, há um filtro

Tina - e eu tive a experiencia de ter acompanhado crianças desde a sala de primeiro berçário até à altura de entrar para o primeiro ciclo portanto são seis anos da vida da criança praticamente e notei uma grande diferença de proximidade com essas famílias efetivamente pelo tempo que acompanhei as crianças mas quando nós advertimos para alguma situação: “Olhe comece a pensar...”, parece que as famílias se sentem um bocadinho acusadas de algum erro, não é? E ficam desconfortáveis, o que é normal. E depois na creche os papéis confundem-se um pouco, temos aquela relação muito próxima, entendida por muitas famílias como maternal, mas penso que isso gera alguma confusão nas famílias...

Maria - E alguns aceitam, outros não deixam invadir a sua privacidade porque pensam que é isso mesmo que estamos a invadir a sua privacidade e estamos a querer sobrepor-nos.

Tina - Exatamente, é um bocadinho aquela sensação de que, sim senhora educadora, mas espere lá porque a partir daí para cá já sou eu quem mando, não é?

Maria – Exatamente... É um compromisso diário...

Sara - E depois, cada vez mais temos, ao nível dos cuidados as crianças, independente da hora que... nós não temos um horário de limite de chegada, portanto eu também vou alertando para que haja uma consistência na rotina da criança, vou alertando para a importância dessa coerência, porque tanto trazem a criança às sete e meia da manhã como no dia seguinte, se for preciso, vem ao meio dia... mas, independente, da hora a que a criança chega, muitas das vezes ainda vem com a fralda da noite, cheia de xixi e a muda

é feita na creche, o pequeno-almoço faz-se na creche... é tudo, não assumem nada e isto para nós é muito desgastante, é a tudo isto que me refiro quando digo que estou muito cansada, são todas estas coisas... é tudo para ser feito aqui...

Maria - E só não é o pijama porque... calma.

(Risos por parte de todas)

Sara - E já foi, o pijama já foi não é, também, vem o banho... quando há as questões que nós achamos um bocadinho já ali quase a entrar na negligência pronto..., mas isso são fatores pontuais que não podemos generalizar. Eu, por exemplo, tenho um caso particular, precisamente pela proximidade que eu tinha com a família de um bebé que neste momento já tem uns dois anos e então esta criança que no primeiro berçário a mãe na altura dizia: “Eu não lhe consigo cortar as unhas e não sei quê, consegues-me fazer isso?”

Maria – Oh, N vezes, N... o prato do dia.

Sara - e eu: “ok”, pontualmente naquela situação fiz... Hoje em dia, o menino já é crescido não é? já tem dois anos, o menino em situações de conflito a primeira coisa que faz é deitar as mãos à cara e marca todas as outras crianças, porque as unhas estão grandes, e no outro dia diz: “Mas a Sara não cortou?”

Já era uma obrigação.

Maria - E outra coisa, gostam muito da alimentação, de todo o tratamento de tudo o resto, mas por exemplo o dia que a criança de noite por acaso tem uma má disposição a primeira coisa que perguntam é: “O que é que foi a comida no colégio?” Nunca põem em causa se foi alguma coisa que comeu em casa, isso não, é sempre o que é que foi a comida no colégio.

Alice – Bem... passa-se o mesmo comigo, claro ... com algumas famílias tinha... bem... tinha e tenho, porque no jardim de infancia passa-se o mesmo, a grande dificuldade em passar e recolher informação, já para não falar na participação em alguns projetos porque muitas vezes para passar uma simples informação, como por exemplo só isto: “Necessitam de colocar uma muda de roupa na mochila, o ... sujou-se e ainda não repuseram a muda de roupa”, bem, nem imaginam o que tenho que fazer, eu escrevo no caderninho, eu escrevo no placard, eu envio mensagem... E tudo isto porquê? Porque não falam entre eles, não falam e depois vem o pai buscar, vem a mãe, vem a avó... e a criança ao longo da semana fica em não sei quantas casas diferentes...ninguém lê as mensagens... é difícil, muito difícil. Mas agora vou só contar uma situação, uma situação... uma situação particular porque acho que é engraçado isto das famílias e às vezes a forma como a gente age, eu costumo dizer também tem de se saber brincar com as famílias e com a brincadeira eu consigo, às vezes, ter mais sucesso porque a brincar, a brincar as coisas vão, vamos conseguindo dizer o que queremos. Eu tinha uma situação de um pai que trabalha diariamente de fato, portanto vinha sempre entregar o filho vestido com fato... bem... entrou de férias e além da hora da entrega ter mudado como dizia a colega, ia mais tarde, mas tudo bem,, bem...ele ia de chinelo, de calção levar a filha, e ela chorou, e o Pai disse: “Alice eu não percebo, todos os dias fica bem e hoje não quer ficar está a chorar” e eu disse: “Não percebe?!”, “Não, não sei o que é que se passa, mas passou-se aqui alguma coisa ontem?”, portanto teria de se ter passado alguma coisa ontem para que a criança não querer ficar. Eu disse: “Não, ontem não, mas hoje passou-se uma coisa olhe, ela está a ver o pai de chinelo, está a ver o pai de calção e está a pensar assim, olha o malandro vai se divertir e veio-me por aqui”. Bem... o senhor ficou a olhar para mim, meio envergonhado e disse: “Aí, sabe... é que eu estou de férias, mas acha que ela

também sabe disso?”. No dia a seguir, o senhor estava de férias, mas foi de fato e diz-me assim: “Eu tenho ali a roupa para ir para a praia”.

(Risos por partes de todas)

Tina - Aí não posso, são estas coisas que me fazem imensa confusão.

Alice - Mas a brincar eu tive que lhe dizer não tinha acontecido nada no dia anterior, o que tinha acontecido é que ele deixou de estar de fato como todos os dias à mesma hora para a ir levar de fato e naquele dia estava de chinelos, portanto obviamente ela percebeu que o pai não ia para o trabalho. E estas brincadeiras às vezes são importantes e que a gente consegue lá chegar... consegue passar a mensagem. Mas penso que na creche tudo isto é ainda mais difícil, os papéis sobrepõem-se... não sei...

Maria - Sim, concordo, penso que são mais abusadores... e depois estes pais jovens, muitas vezes sem as famílias por perto, ficam desamparados... muitas vezes com o primeiro filho também vêm em nós um amparo, acabamos por ser um recurso.

Querem acrescentar mais alguma ideia?

Maria - Não, não... talvez acrescentar que estes momentos para mim foram muito bons. Quando li o texto revi a minha prática, levou-me a reviver todos aqueles anos, com coisas boas e com muitas coisas menos boas, mas que foram todas essas coisas, todas essas situações, pessoas, adultos e crianças que contribuíram para a pessoa que sou hoje, e também para a Educadora

Sara - A conversa já foi longa

Tina – Não, não quero acrescentar nada

Alice - Penso que está tudo, como disse, foi muito bom ler o texto, revejo-me em tudo, muito bom. São momentos como estes que nos fazem crescer. Ao participar na sua investigação... ao ler o texto, rever-me em tudo, em toda a minha prática, todos as conquistas que fiz, foram muitas, enfrentei muitos desafios... e agora aqui, nesta entrevista, nesta partilha... foi muito bom, senti-me verdadeiramente a crescer. Mais uma vez obrigada!

Então se não querem acrescentar mais nada, resta-me agradecer, mais uma vez, a vossa disponibilidade. Muito obrigada!

Alice – Obrigada nós, por estes momentos que nos fazem crescer. Foi muito, muito bom!

Maria – Sim, bons momentos, é disto que eu falo, é disto que estou a precisar. Muito obrigada!

Já conhecem o procedimento, vou transcrever e depois devolvo para todas verificarem se está tudo de acordo com o que conversamos e se querem proceder a algumas alterações

Apêndice 10 - Exemplo das grelhas de análise de conteúdo da informação recolhida

Centro para a Infância I
Grelha de Análise - Educadoras de Infância Sara e Tina
Domínios e estratégias de intervenção profissional

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de sentido	
			Sara	Tina
O agir com a equipa	Estratégias de funcionamento	Planear, intervir, avaliar	<p>- O Projeto é construído em equipa porque nós vamos trabalhando informalmente (E1)</p> <p>- ainda não conseguimos alcançar, que é nivelar o nosso trabalho enquanto equipa (E1)</p> <p>- Nós temos um bom trabalho de equipa do ponto de vista relacional, temos uma equipa jovem na creche, em que o Educador é um elemento de referência (E1)</p> <p>- observa e partilha com a sua equipa as conquistas (Obs. Dia Tipo, Sara).</p> <p>- em equipa, conversamos, refletimos sobre a forma como devemos organizar o nosso dia (E1)</p> <p>- equipa de educadoras da instituição reúne, pelo menos uma vez no ano, de forma mais formal, para definir, em conjunto, as linhas condutoras da intervenção para o ano em questão (EE)</p> <p>- à medida que a data da reunião se aproxima vou ouvindo as colegas e assim vou dando corpo a algumas ideias e depois, entre todas decidimos como fazer e tudo é organizado em equipa (CE)</p>	<p>- Há alturas que também temos mais oportunidades de partilhar, há outras alturas que não temos tanta facilidade de o fazer (E1)</p> <p>- Nas reuniões de sala normalmente eu costumo fazer uma avaliação do trabalho que foi feito até à altura e propomos novos desafios a partir daquele momento, "Queremos alcançar isto e isto a partir daqui." (E1)</p> <p>- temos uma Direção que valoriza bastante estes momentos e essas partilhas, mas por vezes, no dia a dia não conseguimos, não conseguimos os tempos (E1)</p> <p>- reunir para planear de uma forma, mais organizada, [...] com um tempo estabelecido para que se possa fazer uma verdadeira reflexão, para estarmos mais focadas, para não ser tudo no ar... para não sermos interrompidas pelas crianças, para podermos pensar mesmo sobre tudo (E1)</p> <p>- planear em conjunto e partilharmos a nossa prática, ajudamos a crescer, a melhorar o nosso trabalho (c. inf)</p>

		<p>Coerência nas atitudes/comportamentos</p>	<p>- manter uma equipa motivada e disponível para colaborar não é fácil, exige muito de nós, temos que ter tudo bem definido, bem organizado para que todas se entendam e saibam o que é para fazer (C. inf.)</p> <p>- existe nesta equipa uma relação muito saudável neste aspeto (E1)</p> <p>- Falta-nos a formalidade das questões, isso falta (E1)</p> <p>- Devíamos lançar-nos sobre determinadas temáticas, falta-nos essa parte, devíamos... é assim, temos vontade e no início do ano vem tudo cheio de "garra", mas depois passa (E1)</p> <p>- tenho pessoas a trabalhar aqui, que, embora sem formação, são muito válidas e têm-me ajudado a pensar e claro para além de todas as colegas porque temos uma boa equipa na instituição (C. inf.).</p> <p>- estar todas em sintonia, sempre em conjunto, nunca de costas voltadas (C. inf.)</p> <p>- falta a formalidade das questões [...]temos vontade e, no início do ano vem tudo cheio de "garra", mas depois passa (E1)</p> <p>- Crescemos em conjunto, procuramos criar consensos e reforçar competências na equipa (EE)</p> <p>- nem sempre se consegue agradar a todos porque para já somos muitas e depois somos pessoas muito diferentes com percursos de vida diferentes, com formações diferentes e isso influencia as profissionais que somos (EE)</p>	<p>- É a questão da organização do trabalho no sentido de "haver tempos para" não que a Direção nos coíba nesse sentido, de todo, até acho que temos uma Direção que valoriza bastante estes momentos e essas partilhas, mas por vezes nós no dia a dia não conseguimos, não conseguimos os tempos, efetivamente (E1)</p> <p>- sentimos efetivamente essa necessidade de nos juntarmos mais, de partilharmos mais, de conhecermos melhor o trabalho uma das outras (E1)</p> <p>- depois no dia a dia, o trabalho é muito absorvente e nós, pelo menos eu funciono assim, em primeiro lugar está sempre o grupo e se eu vou prejudicar o grupo para ir fazer uma partilha com colegas, eu se calhar penso duas vezes (E1)</p> <p>- Eu às vezes penso que vamos deixando correr... "ah, a gente tem que fazer!", mas o tempo vai passando e acabamos por não concretizar as coisas (E1).</p> <p>- necessidade de nos juntarmos mais, de partilharmos mais, de conhecermos melhor o trabalho uma das outras (E1)</p>
--	--	--	---	---

Centro para a Infância II
Grelha de Análise - Educadoras de Infância Alice e Carla
Domínios e estratégias de intervenção profissional

Categoria	Subcategori a	Unidades de sentido	
		Alice	Carla
O agir com a família	Expetativas, perceções, sentimentos, ações relacionadas com a interação com as famílias	<p>- a creche tem que ter muita, muita parceria com a família, eles são muito pequenos (E1)</p> <p>- é importante saber se esta criança passou bem a noite, se teve alguma coisa... porque qualquer sinal que ela nos dê, nós vamos perceber "bem, hoje ele é capaz de estar assim porque não dormiu bem, teve uma febre..." (E1)</p> <p>- [a adaptação] é o momento que é fundamental também para conseguirmos criar relações de confiança com as famílias (E1).</p>	<p>- De qualquer forma considero que aqui na creche temos que ter uma maior relação com a família, mais coesa, mais estreita, um contato permanente, diário, porque precisamos mesmo de trocar informação diariamente, seja verbalmente, seja por escrito (E1)</p> <p>- temos que dar a conhecer o nosso papel, a nossa intervenção para que eles percebam que é diferente, eles são pais e nós somos educadoras, temos objetivos para trabalhar com os filhos (E1)</p> <p>- acabam por ser mensageiros, são eles que nos têm que passar toda a informação (E1)</p> <p>- é uma mãe muito engraçada, até parece que tem ciúmes de nós, a filhota é muito meiguinha e agarra-se muito a nós, às vezes até quer ficar mais tempo e a mãe fica um pouco... nem sei bem, parece mesmo que não fica satisfeita (C. inf.).</p> <p>- Se calhar é daquelas mães que fica incomodada porque muitas vezes somos nós que vimos primeiro as coisas como por exemplo dizer determinadas palavras, fazer a primeira vez xixi na sanita... (C. inf.).</p> <p>- Estava expectante relativamente a esta reunião, sim, pensei que tomasse outro rumo. Os pais ficaram tranquilos, acho que gostaram, é muito importante sentir que os pais estão tranquilos, dá-nos confiança, sentimos que vamos conseguir, ficamos confiantes (CE – Reunião de Pais).</p>

	<p>Medidas para favorecer a interação com as famílias</p>	<p>- Se está na hora de começarmos com uma introdução dos alimentos, é bom que se faça nos dois sítios, é bom que os pais e os educadores consigam discutir estratégias para que a criança se desenvolva de forma harmoniosa, porque senão não faz sentido uma série de coisas, não é? (E1)</p> <p>- <i>jornalinho mensal: informamos sobre os acontecimentos relevantes do mês (o que fizemos com as crianças e também com os adultos, por exemplo este mês vai também a notícia da reunião)</i> (CE – reunião de pais)</p> <p>- <i>portefólios das crianças: instrumentos com informação sobre as aprendizagens e desenvolvimento de cada criança. Colocamos lá trabalhos realizados pelas crianças, fotografias e eu faço texto a comentar as fotografias... é um documento onde se dá mesmo conta do que a criança fez, do que foi conseguindo fazer... das suas conquistas... e também das suas dificuldades</i> (CE – reunião de pais)</p> <p>- <i>placard de registos de recados</i> (E1)</p> <p>- <i>partir desse momento, do primeiro encontro tento criar empatia... criar relação porque a relação é a base, é um dos aspetos que mais valorizo na creche, a relação é a base, é algo muito específico do trabalho em creche, é a base de tudo, é quase como a construção de uma casa e a relação é a base, são os alicerces para que confiem em nós... que sintam que os seus filhos estão em segurança, que somos boas profissionais</i> (E1)</p> <p>- <i>Precisamos de ter muita informação sobre as crianças, precisamos conseguir o máximo de informação para as conhecermos para podermos promover desenvolvimento</i> (E1)</p> <p>- <i>É muito importante esta troca de informação, é a primeira interação, o primeiro contato e é aqui que começamos a conhecer-nos, a procurar entendermo-nos para conseguir</i></p>	<p>- <i>placard das conquistas individuais, onde se expõe o que as crianças fizeram, o que já conseguem fazer, colocamos fotografias, trabalhos...</i> (E1)</p>
--	---	--	---

		<p><i>proporcionar o melhor para as crianças e também para as famílias e também para nós, para a equipa (E1)</i></p> <p>- [reunião de pais] <i>Estava mesmo apreensiva! Como é que isto vai ser! Não sei, tinha aqui uma série de pais que nos primeiros contatos fizeram-me sentir insegura (CE – Reunião de Pais).</i></p> <p>- [reunião de pais] <i>Agarram-se a pormenores, às vezes as chatices são por coisas insignificantes... mas... acabam por fazer com que a gente fique inquieta, stressada e chega a criar mal estar, mesmo aqui entre nós, na equipa. (CE - Reunião de Pais)</i></p>	
--	--	---	--

Centro para a Infância III

Grelha de Análise - Educadoras de Infância Maria e Patrícia

Domínios e estratégias de intervenção profissional

Categoria	Subcategoria	Unidades de sentido	
		Maria	Patrícia
Dificuldades/ Constrangimentos	Tipo	<p>- [...] são muitas horas de trabalho com crianças tão pequeninas, que exigem muito do adulto, precisam muito de nós, quer a nível emocional, quer físico. Choram muito, querem muita atenção, o trabalho tem que ser individualizado e... bem não é fácil, por vezes precisávamos de uma paragem a meio do dia para arranjar novas forças para o período da tarde (E1)</p> <p>- [...] deslocar o grupo de crianças para o refeitório que fica no piso inferior e elas ainda são muito pequeninas, precisam de subir e descer escadas (C. inf.)</p> <p>- nunca pensei que me fossem exigir tanto, temos que fazer tudo igual ao que se faz no jardim de infância, são as planificações, os registos, a avaliação... e claro, sabendo nós que na creche o desgaste físico é grande. Eles são pequeninos, damos muito colinho, bem são oito horas, só uma de almoço, é muito, é uma grande obra [...] Tenho dias que no final da manhã parece que já tenho um dia de trabalho (E1)</p> <p>- fico logo esgotada de manhã e também porque as crianças ficam mais impacientes, porque elas também passam aqui muito tempo, tenho crianças que às 7,30h já cá estão e, normalmente, são as últimas a sair, chegam a sair às 19/19, 30h (E1)</p> <p>- [exigência ao nível da documentação, sente-se pressionada e deixa de ter disponibilidade para as crianças] [...] no horário fica logo estipulado quais as tarefas que temos que fazer, mas eu não</p>	<p>- Oito horas de trabalho com crianças é demasiado, é muito, saímos completamente exaustas (C.inf.).</p> <p>- Embora a instituição disponibilize uma hora de componente não letiva, é raro eu conseguir ausentar-me das salas (berçário e sala de 1 ano), a não ser em alturas específicas como preparação de reuniões de pais e avaliações (C. inf.)</p> <p>- gostaria de estar só com a responsabilidade só de uma sala, era muito menos cansativo, tinha tempo para fazer mais registos, que faço poucos (E1)</p> <p>- [...] isto não é para ninguém, nem é para os bebés daquela sala nem desta e olhe que estas precisam de muita, muita atenção, a estas não lhes posso dar a atenção devida e precisam de muitos estímulo, estão numa idade diferente, ali eles dormem mais tempo (C.inf.)</p> <p>- exige muita disponibilidade, exige muito estar, mas estar mesmo, não podemos cá estar só fisicamente, temos que estar cá com tudo a funcionar muito bem, para ver, ouvir, olhar, sentir... por isso é que dizemos que é tão cansativo estar aqui (C. inf.)</p> <p>- não tem qualificação [a auxiliar] [...] [o que, por vezes, dificulta] o meu trabalho porque ela nem sempre percebe o que é importante fazer com os bebés, para ela o importante é mesmo atender às necessidades básicas (E1)</p>

	<p><i>consigo, claro que isso é uma questão de gestão e orientação e organização da própria pessoa. Talvez eu tenha um pouquinho mais essa dificuldade (E1)</i></p> <p><i>- se ouvir crianças a chorar e estiver a escrever, não consigo concentrar-me, não consigo, pronto, não consigo ouvir as crianças a chorar e a necessitarem da minha presença e eu estar ali dedicada aos registos e a todos os documentos (E1)</i></p> <p><i>- uma coisa é certa fazer coisas em computador e trabalhar na sala é impensável, tenho mesmo é que dar atenção às crianças (E1)</i></p> <p><i>- tudo está relacionado com o facto de estarmos numa instituição particular e temos que mostrar trabalho, não é? [...] porque somos pressionadas pela direção, sabe, nunca nos podemos esquecer que é um privado e, quanto mais fizermos, quanto mais dermos a conhecer, quanto mais... pronto, valem-se muito da imagem e também temos que trabalhar para isso e dá muito, muito trabalho (E1)</i></p> <p><i>- [conhecimentos a nível informático e essa área é outro] calcanhar de Aquiles e depois a direção pressiona, temos que fazer, temos que saber... é tudo muito exigente, muito trabalho fora de horas (E1)</i></p> <p><i>- exigência de tanta planificação, diariamente, semanalmente, mensalmente, meu Deus, tantos, tantos, tantos registos... isso é que é desgastante e é em tudo isso que me sinto muito pouco apoiada, as colegas dificilmente são capazes de dar uma mãozinha (E1)</i></p> <p><i>- Essa é a minha grande dificuldade, talvez eu aqui dentro seja a pessoa que tem mais dificuldade a esse nível [...] a minha formação já tem muitos anos e já estou desatualizadíssima (E1)</i></p> <p><i>- a exigência é muita, muita [...] a nível do currículo [...] os perfis de desenvolvimento individual [...] aqui há uns anos atrás nós</i></p>	<p><i>- estava tudo muito a cargo da auxiliar, também não tinha tempo para mais porque só com a outra sala já estava preenchida (E1)</i></p> <p><i>- [...]no berçário é um trabalho muito cansativo [...] é muito desgastante, quer fisicamente, quer emocionalmente e depois com os da outra sala, eu não consigo fazer tudo (E1)</i></p> <p><i>- [...]tenho que fazer aqui um trabalho de ping-pong, de um lado para o outro, apesar de não ser obrigatório uma educadora na sala do berçário eu tenho que lá estar! Eu tenho que apresentar trabalho! Eu tenho que explicar aos pais o que é que é feito no berçário e acho que consegui, com a ajuda das minhas colegas, acho que consegui fazer um “bolo” bem feito (E1)</i></p> <p><i>- É muito desgastante, saio daqui muito cansada. É tudo muito exigente, os pais... bem, por vezes não é nada fácil chegar a eles.... (E1)</i></p>
--	--	---

		<i>optávamos por aquelas folhitas, tipo com umas cruzitas e agora tenho que cumprir, tenho que seguir o COR, tenho que seguir tudo o que está definido no modelo não é fácil, não é nada fácil (E1)</i>	
Recursos mobilizados para as superar	<ul style="list-style-type: none"> - [...] sempre que possível, no início ou no final do ano letivo, realizamos formação para estarmos completamente por dentro do modelo e podermos aplicá-lo nas diferentes dimensões, na organização do espaço, do tempo, nas interações e também na avaliação (E1). - Como nestas idades ainda não temos muito para mostrar porque as crianças ainda produzem pouco, não é como no jardim de infância, às vezes temos que inventar, sermos criativas (E1) - temos que criar, inventar... temos que apresentar alguma coisa aos pais, para colocar na parede ou na página e temos que estar sempre a renovar (C. inf.) - estamos as duas na creche, se reuníssemos com alguma regularidade podíamos apoiar-nos uma na outra (E1) - os sinais que as pessoas me iam dando, por forma a interpretar aqueles sinais da melhor forma [para melhorar a intervenção] [...] encontrar suporte para o que estava a fazer, para me sentir mais segura, mais reconhecida e para evitar alguns erros (E1) 	<ul style="list-style-type: none"> - Aproveito a sesta das crianças para realizar as planificações e fazer registos (poucos) (C. inf.) - invisto um pouco mais na sala dos meninos de um e dois anos. É que aqui no berçário os meninos não fazem, portanto o produto não existe e tem que ser passado lá para fora de outra forma, não é? Então acabo por ter que tirar muitas fotografias, muitos filmes para os pais perceberem o que se faz (E1) - [High/Scope] implementar em todas as salas de creche e jardim de infância, mas de uma forma correta, com todos os seus princípios, por isso é que vamos no início e no final do ano às formações (E1) - se não fossem elas [auxiliares] eu não fazia nem metade, graças a elas vou conseguindo fazer todo o trabalho. Eu também tento apoiá-las, damos muito bem e aqui só assim porque senão era impensável (C. inf.) - temos que estar todas de acordo e colaborar para melhorar o nosso trabalho, só assim é que conseguimos, com todas (E1) - seguir o grupo, dar continuidade ao trabalho ao longo dos anos, só assim se consegue construir uma verdadeira relação de parceria, de colaboração [com as famílias] (E1) - [observação colegas com mais tempo de serviço], como forma de melhorar a minha ação (E1) 	

<p>Aspetos gratificantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>contínuo, ao fim destes anos todos, com a mesma paixão pelas crianças, com a mesma vontade em apoiá-las no seu crescimento</i> (E1) - <i>[High/Scope] veio dar mais segurança ao meu trabalho com as crianças, veio dar sentido a muitas coisas que faço e também a conseguir mostrar aos pais o trabalho, fica tudo mais organizado e acaba por ser mais fácil</i> (E1) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>tenha uma auxiliar muito boa pessoa, é uma excelente profissional, com muitos anos de experiência e isso dá-me confiança, fico mais descansada</i> (E1) - <i>[...] ela é o meu pilar no berçário [...] tentamos ajudar-nos uma à outra [...]</i> (E1) - <i>[a auxiliar é] uma pessoa muito humana, é uma excelente pessoa, preocupa-se em dar carinho aos miúdos, se estão apresentáveis quando entregue às famílias, preocupa-se com os recados que se manda para casa... É excelente!</i> (E1) - <i>apoiada pela diretora que não representa só a direção, ela acaba por muitas vezes fazer o acolhimento da sala de 1 ano, está ali muito próxima do berçário. Ela é uma colega, acaba por ser isso!</i> (E1) - <i>temos vindo a fazer com que esta instituição dê uma boa resposta às crianças e às famílias</i> (E1) - <i>[famílias] elas dão-me essa recompensa, mesmo que às vezes outras pessoas não me deem, não me interessa, eu sei que quando passarem por mim vão ver outra coisa, outra forma de trabalhar e então vão ver que sou profissional e que na minha prática há ali mais qualquer coisa</i> (E1)
<p>Expetativas futuras</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>ainda muito tenho que fazer, muito tenho que aprender, muitas ações de formação tenho que fazer para conseguir mais conhecimento</i> (E1) - <i>participar em mais espaços formativos</i> (E1) - <i>voltar à escola, aprender mais sobre as etapas do desenvolvimento, sobre o currículo, avaliação... era para também poder confrontar com a minha prática e para poder fazer melhor</i> (E1) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>não podemos baixar os braços, temos que procurar saber sempre mais [formação]</i> (E1) - <i>implementar o modelo pedagógico High/Scope, mesmo a sério, aqui na creche, com todas as adaptações necessárias para o próximo ano letivo</i> (E1)